

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

P.º ANTÓNIO VIEIRA

OBRAS ESCOLHIDAS

PREFÁCIOS E NOTAS
DE ANTÓNIO SÉRGIO
E HERNÂNI CIDADE

VOLUME VIII

HISTÓRIA DO FUTURO (I)



Livraria Sá da Costa
Editora LISBOA

P.º António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses Autores estrangeiros

A venda :

SA DE MIRANDA — Obras completas, 2 volumes
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, selecção
JOAO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUIS DE SOUSA — Anais de D. João III, 2 volumes
HOMERO — Odisseia, 2 volumes
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, selecção
M.** DE SEVIGNE — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, 2 volumes
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, 4 volumes
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, selecção
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, selecção
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, selecção
FILINTO ELÍSIO — Poesias, selecção
LA BRUYERE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, selecção
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, selecção
GIL VICENTE — Obras Completas, 6 volumes
BOCAGE — Poesias, selecção
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Iliada, 3 volumes
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, selecção
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOAO DE BARROS — Décadas, selecção, 4 volumes
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, 3 volumes
CANCIONEIRO DA AJUDA — volume I
CAMOES — Obras Completas, 5 volumes
FREI LUIS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos
Mártires, 3 volumes
DIOGO DO COUTO — Décadas, 2 volumes
HOMERO — Poemtos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL —
volume I
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar —
5 volumes
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, 2 volumes
P.** ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — volumes I a VIII

A seguir :

P.** ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — volume IX

Cada volume 25\$00 — Tiragem especial de 100 ou 200
exemplares, numerados e rubricados, 90\$00

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

P.º António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

com prefácios e notas de

António Sérgio
e Hernâni Cidade

VOLUME VIII

HISTÓRIA DO FUTURO (I)

UNIVERSIDAD DE MURCIA



1560923

299405

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102

LISBOA

Desta obra tiraram-se 200 exemplares
em papel Leorne, da Companhia do Pa-
pel do Prado, numerados e rubricados.

Todos os exemplares são autenticados
com a rubrica dos editores

PROPRIEDADE DA
LIVRARIA SA DA COSTA — EDITORA

1953

Composto e impresso na
GRAFICA SANTELMO
Rua S. Bernardo, 84
LISBOA

PREFÁCIO

A História do Futuro que se publica neste volume e no que se lhe há-de seguir, contém o que sob tal título pela primeira vez saiu a lume em 1718 e em 2.ª edição em 1855, e ainda a parte que João Lúcio de Azevedo lhe acrescentou, extraída do processo inquisitorial de Vieira, que se guarda no Arquivo Nacional, e dada à publicidade no Boletim da Academia das Ciências, Ano XII, fascículo I, 1918. É, infelizmente, obra fragmentária, que não consta o Autor tenha levado a cabo. A parte inserta neste volume, que é a das edições de 1718 e 1855, não passa de longo prólogo da obra planeada, como o mostra o próprio sub-título: Livro ante-primeiro, prolegómeno a toda a História do Futuro, em que se declara o fim e se provam os fundamentos dela, matéria, verdade e utilidades da História do Futuro.

A parte publicada por Lúcio de Azevedo é apenas a inicial elaboração do plano que Vieira concebera e que o leitor pode em re-

sumo ver na pág. 19 do presente volume e ainda pormenorizadamente articulado, talvez por mão alheia, no volume que a este sucederá.

António Vieira teve nos estímulos das circunstâncias, nos incidentes do dia a dia, os excitantes principais da sua obra. O sermão, a carta, o projecto de ocasião, quero dizer — a peça de elaboração rápida para ocorrer ao imediato e ao incidental a que o homem de acção é atento, acode-lhe de pronto ao bico da pena, dextra e ágil; e como se multiplicavam numa vida que se expandiu para além dos limites normais do espaço e do tempo, formam hoje biblioteca singularmente rica e variada. Mas as duas obras que mais meditou, aquelas que ele próprio, comparando-as com as restantes que lhe saíram da pena, considerava palácios altíssimos, ao lado de choupanas, ou sejam a História do Futuro e a Clavis Prophetarum, essas, se bem durante longo tempo, na primeira sobretudo, tivesse trabalhado, jamais logrou completá-las...

Foi em 1649 que Vieira começou a escrever a História do Futuro — aquilo que é propriamente a História do Futuro, que não o presente Prolegómeno. Assim o mostra a página

inicial, escrita por seu próprio punho, e existente entre os papéis que o Santo Ofício lhe guardou. Aí se lê:

JESUS, MARIA, JOSÉ

Cap. I.^o

Começando a tratar do Quinto Império do Mundo (grande assunto deste nosso pequeno trabalho) para que procedamos com a distinção e clareza tão necessária em toda a história, e muito mais neste género, a primeira cousa que se oferece para averiguar e saber é que impérios tenham sido ou hajam de ser os outros...

Na folha imediata, sem que a primeira esteja completa, já se inicia o

Cap. 2.^o

Correndo os anos 2020 [emendado para 1860] da criação do Mundo, 1415 [emendado para 3800] antes do presente 1649 [emendado para 1664] com que isto escrevemos...

Parte para o Brasil em fins de 1652 e eis que, no isolamento dos grandes sertões, na vastidão da plaga amazónica, por onde se

desdobrava com o fervor que o seu temperamento punha em tudo, a sua experiência de missionário, quase apenas ouvindo, de vozes humanas inteligíveis, as que dos profetas bíblicos lhe rumorejavam na memória pronta e fácil, o pensamento do utópista desprende asas audaciosas. O Quinto Império em que se consumasse o reinado de Cristo na terra desenha-se-lhe no espírito com a nitidez de todas as suas ideias. Surge-lhe dos simbólicos versículos bíblicos de Isaías e Daniel, tanto como das vagas trovas de Bandarra, mas apoia-o o seu conhecimento da morosidade na obra da cristianização universal, em desacordo com o geral conceito da omnipotência e bondade divinas.

No volume anterior — Vieira perante a Inquisição — já vimos como o grande dialecta tirava de tal experiência os argumentos mais humanos. Discorrer como outros discorrem e seguir o que eles seguem, quanto às possibilidades da universal evangelização do Mundo, ele o faria «se estudara só dentro das grandes da cela e arrimado à banca a folhear os intérpretes de S. Tomás e Escoto. Mas conhecendo com o conhecimento experimental as razões e dificuldades que se podem ler na mesma experiência e de nenhum modo se

acham nos livros, esta é a causa por que, na opinião corrente deste discurso, tenho para mim que a conversão do Mundo e pregação universal do Evangelho há-de ser obra especial da Omnipotência e Providência Divinas».

Só um grande milagre como o seria a união dum único ceptro a um báculo único, implicando a vitória sobre o Turco, a submissão do Judeu contumaz, o reaparecimento das Dez Tribos, tornaria possível, com a facilitação pela espada, destruindo obstáculos, da acção persuasiva da palavra, a rápida consmação do Reinado de Cristo no Mundo.

Eis a convicção em que a sua alma se abrasa, e por que sofre e se bate. Bate-se contra a dialéctica dos inquisidores, tanto como contra a debilidade da sua carne doente, tanto como contra as ironias desmoralizadoras do tempo, que vai correndo sem lhe realizar o que tão confiadamente esperava do prazo fixo — o ano de 1666...

Em 1659 envia de Camutá, no Brasil, ao Bispo do Japão, P.^o André Fernandes, seu companheiro em religião, o escrito famigerando — Esperanças de Portugal — que publicámos no volume Vieira perante a Inquisição. Era uma primeira faúlha do cérebro que a utopia magnífica pusera em incandescência.

Ali tentava provar como as profecias do Bandarra, autorizadas pela realidade em tantos pormenores, o haviam de ser na parte que dizia respeito ao Quinto Império e seu governo por D. João IV, ressuscitado. Era à certeza expressa nesse escrito que a obra que tinha em mente e o abrangeria havia de conferir mais sólida fundamentação teológica.

A circunstância de tal escrito haver sido denunciado à Inquisição haveria feito recuar a outro que não tivesse a sua pugnacidade. Vieira, porém, é antes estimulado à elaboração da obra reveladora, em cuja larga e decisiva projecção em toda a Igreja Católica ele punha toda a desmedida confiança que o leitor surpreendeu no citado volume desta coleção, a pág. 85: «Comunicando a várias pessoas as mais doutas da sua religião, portugueses, espanhóis, italianos e franceses, todos aprovaram o dito assunto (*da «História do Futuro»*) e os fundamentos dele, posto que reconheceram que ao princípio haviam de ter alguma contradição, como o tiveram sempre todas as cousas novas e grandes, ainda aquelas que depois foram definidas de Fé [...] E houve entre as pessoas doutas quem se ofereceu a escrever e compor o dito livro ou livros, vistas as indisposições e ocupações

dele, suplicante, se ele o quisesse consentir e dar e apontar os textos e fundamentos de que tinha feito estudo ; e alguns houve que, considerando a grandeza e importância de muitas das ditas matérias e a utilidade que do conhecimento delas se pode seguir à universal Igreja e conversão de muitas almas de ateus, gentios, judeus e de todo o género de herejes, julgou e disse que eram merecedoras as ditas matérias de que na Igreja se fizesse um concílio para maior qualificação delas».

Assim escrevia ao Conselho Geral da Inquisição, em 1665. Fora expulso do Brasil, ele como os seus companheiros, chegando a Lisboa em Novembro de 1661, todos capitulados, sob a pesada carga das acusações dos colonos. Em Junho do ano seguinte, pelo golpe de estado que põe termo à regência da rainha D. Luísa, passa o governo às mãos dos seus inimigos, e logo ele é afastado da Corte, primeiro para o Porto, depois para o sertão frigidíssimo de Coimbra. A Inquisição, que de longa data o espiava, não tardou a tê-lo sob sua alcada, primeiro com residência fixa entre os Jesuítas, ou no Colégio de Coimbra ou na casa de campo da Companhia, chamada Vila Franca, nas margens do Mondego, depois nos próprios cárceres do Santo Ofício. Entretanto,

sob a vexação dos interrogatórios, mais penosos, decerto, do que as purgas e sangrias a que os médicos lhe sujeitavam o corpo doente de empaludado, com hemoptises frequentes, a bela utopia não se dissipava. Em 1663, vésperas do Natal, escreve a D. Rodrigo de Meneses:

«Não me fale V. S.^a em sermões, porque estas regras e as que remeti no correio passado, são o maior excesso a que me tem dado lugar o sangue, dor e fraqueza ou total desmaio do peito; mas ainda neste estado, quando o espírito se sente com algum alento, o que discorre e vai ditando é sobre aquela obra de que últimamente falei a V. S.^a, a qual está muito adiante e é necessário adiantar-se, para que os sucessos não cheguem primeiro».

É esta convicção que lhe dá as forças que o alentam para a resistência física e moral. Com os destinos do Catolicismo e do Mundo está ligado o seu próprio destino — e a sua vitória, ideológica e pessoal. Ao mesmo D. Rodrigo, em 14 de Janeiro de 1644, escreve em outra carta:

«Pelo afecto com que V. S.^a tem falado na minha restituição, beijo a mão a V. S.^a muitas vezes, mas com o mesmo peço a V. S.^a me deixe V. S.^a estar assim, até que Deus

queira. Não quero ressuscitar como Lázaro, senão com a ressurreição universal do género humano; porque tenho por certo que há-de ser muito certo o nosso dia de juízo, com muita glória de Portugal e de El-Rei, que Deus guarde. Na demonstração deste assunto vou trabalhando quanto me permite o frio e a fraqueza, e está muito adiante aquela obra a que por conselho e mandado de V. S.^a tinha lá dado princípio. A livraria deste Colégio tem tesouros de que se tiram antiguidades de muito preço; mas a seu tempo me valerei também dos livros e documentos que V. S.^a naquela ocasião for servido comunicar-me. Ao presente me eram mui necessárias as profecias do Beato Amadeu e a relação de um livro que dizem ter fechado na mão, com uma inscrição notável acerca do tempo em que se há-de abrir. Também tenho notícia de um expositor do «Apocalipse», chamado Serafino de Razis, que não posso descobrir por esta parte, e estimaria muito que V. S.^a encomendasse a alguma pessoa curiosa fizesse diligência por ele; e com aviso de que o há, darei ordem a que me possa vir com toda a segurança»...

Da longa transcrição fixemos, além das referências à formação lendária em cuja fé o

amigo é comungante, aquela firme confiança na breve ressurreição própria com a ressurreição geral. Seria mais alto e retumbante o seu triunfo, maior a humilhação dos inimigos que lhe vexavam a pessoa, amesquinhando-lhe a grandiosa convicção.

Noutra carta ao mesmo correligionário da sua utopia, escrita em Março de 1664, torna a falar-lhe do Beato Amadeu, acerca de cujo misterioso livro o amigo lhe teria dado justificações; alude a Fr. Gil, ao P.^o João de Vasconcelos, o autor da obra Restauração de Portugal prodigiosa, tecida de todo o maravilhoso de que a imaginação ingénua e o cálculo patriótico tinhão envolvido a recuperação da independência, mas a tudo sobrelevam em significado estas poucas linhas:

«Por cá não há cousa digna de relação mais que haver-se hoje dado princípio às mesas na sala dos nossos estudos, onde o mestre, que é o P.^o Francisco Guedes, tomou por problema dos futuros contingentes se havia de vir ou não El-rei D. Sebastião. E depois de o disputar com aplausos por uma e outra parte, resolveu que o verdadeiro encoberto profetizado é El-Rei, que Deus guarde, D. Afonso VI».

E acrescenta, não sem certa mistura de prá-

lico interesse imediato à convicção que lhe deformava as realidades circundantes:

«Por sinal que, para eu o crer e confessar assim, não foi necessário nenhum dos argumentos que ouvi, porque, depois que observei as felicidades de S. M. e a providência tão particular com que assiste o Céu a todas as suas acções, estou inteiramente persuadido a isso».

Mas porque prevê lhe notem contradição nas atitudes perante o pobre monarca, em cujo valor pessoal já mostrara não ter confiança, acrescenta:

«Nem se poderá dizer por mim que mudei de opinião depois que me vi ao remo, porque este meu desterro nunca o tive por galé; antes, se não fora sujeito às inclemências do tempo, o tivera por paraíso da terra. Se aquela obra chegar a merecer este nome, será uma grande prova, e pode ser que admirável, disso que digo».

É muito difícil, na verdade, saber em que grau em Vieira, nestes complexos momentos de interferências psicológicas, o áulico apto como poucos a manejar a lisonja, normal no tempo, o ironista subtil, o oportunista interessado pela sua libertação se misturaram na contraditória psique deste homem capaz de

firmeza nas atitudes essenciais. É verdade que Afonso VI se revestia da majestade régia, então com poder de fascinação que hoje ainda se deixa adivinhar, e também é certo que as vitórias militares e a feliz política de Castelo Melhor deveriam fazer reflectir no Rei o prestígio do Estado assim servido. Mas a tal prestígio, não o esqueçamos, juntava-se o que lhe advinha da inteira posse do cofre das graças, entre as quais a que poderia restituir a liberdade ao episotólogo, ansioso dela... Depois, Vieira esperava do ano, prestes a chegar, de 1666 o imenso e espetaculoso milagre. Escrevendo em 1664, comprehende-se não se fechasse completamente à hipótese de que Deus preferisse, para o cumprimento da promessa grandiosa, valorizar a D. Afonso VI, vivo, a ressuscitar a D. João IV, morto há tanto.

Porque ele não duvida, nem por um momento, de que o grande milagre que revolucionará o Mundo está para breve! «Por agora quisera ver se posso levar a cabo esta obra, que, para que seja obra, é necessário saia a tempo ou antes de tempo» (28-IV-1664). Para a acabar «escarro vermelho [e] o encubro, só porque os médicos me não tirem a pena das mãos» (23-II-1665). Anela que Deus lhe dê saúde para a empresa de a publi-

car. E «se a der este ano e nos princípios do que vem, ainda virá a tempo» (11-VIII-1666).

Entretanto, do papel começara a correr um retalho por ele dado, e muito provavelmente fora ter às mãos do próprio Rei: Diz, na verdade, ao Marquês de Gouveia, que procurou prevenir este inconveniente na recomendação do segredo, mas é dificultoso pôr leis a quem as dá». O próprio Vieira escolhera o texto — «os capítulos mais capazes, por sua matéria, da aceitação de Sua Majestade, ainda que a obra toda vem a ser sua, mas as outras partes dela necessitam de fé e para esta bastam os olhos» (23-III-1665).

Teria resultado da leitura decreto ao Secretário do Estado para que o Padre Provincial assistisse a Vieira com tudo o que lhe fosse necessário para a continuação e breve conclusão da obra? Assim, pelo menos, lho fizeram crer — e ele o diz em carta de 8-V-65 a D. Teodósio de Melo — mas em momento em que, prostrado na cama pela doença, que o não largava, lhe parecia que Deus havia decretado outra coisa...

Afinal, em P.º Vieira apenas era mais viva a psicose colectiva em que a sua utopia encontrou motivo e ambiente. Insisto no que escrevi da pág. XII a XVI do Prefácio do

volume citado (Obras Várias, IV): Vieira não fazia mais, nestas congeminações, do que emprestar, com o calor do seu temperamento ardente, a nítida claridade do seu espírito ao vago sonho a que continuava presa a alma da grei. Patenteia-o esta mesma curiosidade pelos seus escritos proféticos. Os amigos a quem escreve, e entre eles o próprio Bispo do Japão a quem enviou Esperanças de Portugal; o P.^o João de Vasconcelos e os leitores da sua Restauração de Portugal prodigiosa; o P.^o Francisco Guedes e os alunos que com ele discutiham, entre os futuros contingentes, se havia de vir D. Sebastião — e os outros professores e alunos que estes deixam adivinhar; os milhares de pessoas cultas que dão fé aos prodígios e prognósticos que o leitor pode conhecer através das Cartas de Vieira, indicados no seu índice analítico — um dos quais o dragão de um côvado de comprido, com duas asas, vomitado em Guimarães por um doente e que o médico do jesuíta, Sanfins, lhe afirmava ter visto pintado e com certidão de médico jurada ao pé; e (porque não é muito diferente o clima espiritual das duas nações peninsulares, com apreensões e temores comuns, se bem com ansiedades opostas) juntando ainda a todo este doentio frémito

espiritual os matemáticos que em Castela resolvem que o cometa que em Fevereiro de 65 fulgiu no céu peninsular era em tudo semelhante ao de El-Rei D. Sebastião, e que assim como aquele prognosticou a sujeição de Portugal a Filipe II, assim este a Filipe IV, (Carta de 26-II-65), tudo isto dá evidência ao significado colectivo do profetismo de Vieira. O Céu em ambos os países peninsulares estava muito perto da terra, interessado pelos destinos desta, porque neles se realizavam designios seus. Interrogavam-se os profetas maiores e menores, os bíblicos e os de casa; interrogavam-se os astros, com seriedade e aparato quase científicos, segundo regras que na Península foram codificadas, justificadas em livros lidos e acatados, que circularam e se publicaram até muito dentro do século XVIII; interpretavam-se prodígios e prognósticos que se multiplicavam em termos que tornavam o milagre e o maravilhoso comum e quotidiana forma de intervenção dos poderes transcendentes nas misérias humanas.

A lucidez de Vieira não o defende deste clima, antes lho aviva, justificando-lho. Refere-se Vossler ao realismo fantástico que é um dos elementos da cultura no seu Século de Ouro em Espanha. A expressão, felicíssima,

é aplicável ao Portugal seiscentista e ao mais alto representante de seu génio. Realismo e fantasia casados no mais harmonioso coníbrio, e ora cada um deles exercendo-se no mundo que lhe era próprio, ora ambos em íntima convergência aplicados a um existir em que os caminhos trilhados na terra seguiam rumos que se julgavam marcados pela vontade do Céu.

O grande jesuíta sente muito concretamente como os juízos mais lógicos e ajustados às realidades do mundo em que vivemos podem ser desmentidos pelas determinações do Alto. Percorra o leitor o presente volume da pág. 78 à pág. 88 e verá, confrontando o seu conteúdo com o do Papel Forte (Vid. Obras Várias I), como é o seu próprio discorrer sobre a realidade da situação, quando conselheiro de D. João IV, que ele julga inane e desmentido pela intervenção divina, ao justificar como teólogo a História do Futuro. E se a experiência do passado assim mostrava o erro dos que, esquecidos dos imprevistos que a Providência vai inserindo na lógica da vida, baseiam previsões sobre a possibilidade humana e a normalidade histórica, como não conceder toda a liberdade e crédito ao discurso que assenta sobre o que a profecia sagrada anuncia de

tal intervenção? Num mundo assim accionado e dirigido por forças e intenções que nos transcendem, só há uma base para juízos de alguma certeza — a constituída pela revelação de tais intenções e forças. De aí resulta que a História do Futuro que Vieira sobre tal base vai tentar, lhe seja mais segura que a História do Passado, recolhida pela falível memória e ordenada pelo falibilíssimo discurso dos homens — e é o que Vieira nos diz a págs. 135-138.

A lógica destes conceitos é imanente ao providencialismo em que Vieira comunga com os seus contemporâneos. A diferença entre o jesuíta e eles está apenas em que, por mais vivo ardor de convicções, por mais forte veemência de temperamento, ele a todos excede no poder intelectual e passional que lhe tornava nítido, dinâmico, decisivo o que em espíritos menos ricos e fortes é vago, estático, hesitante. Pode dizer-se que Vieira acomete as objecções que a norma da realidade concreta opõe às deduções da lógica abstracta, com a mesma confiança álacre e rompente com que, na selva amazónica, afronta os perigos de toda a ordem; com que, nos púlpitos do Brasil ou de Lisboa, desafia os prevaricadores ou os adversários; com que, na própria Mesa do

Santo Ofício, provoca a dialéctica dos Inquisidores. O utopista tinha frequentemente no homem de acção a sua hipóstase, quando não o seu colaborador. Um ao outro se apoiam e suscitam.

Consciente deste seu ultrapassar dos limites estabelecidos, receoso de que lhe censurem a audácia de, na interpretação das Escrituras, ir além dos Doutores e Santos Padres, Vieira escreve páginas que lembram a Querelle des Anciens et des Modernes. Perrault e Fontenelle não encontraram mais sólidas razões nem com mais brilho as exprimiram, para demonstrar que a cultura actual só deve imitar da antiga a tendência por virtude da qual esta ultrapassou a que a precedera.

«Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele. Pigmeus nos conhecemos em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas Escrituras. Eles sem nós veriam muito mais do que nós podemos ver sem eles ; mas nós, como vivemos depois deles, e sobre eles, por benefício do tempo, vemos hoje o que eles viram, e um pouco mais. O último degrau da escada não é maior que os outros ; antes pode ser menor ; mas basta ser o último para que dele se possa

alcançar o que de outros se não alcança» (Pág. 140). E ainda:

«É porventura o saber e dizer património só da Antiguidade e morgado como o de Isaac, que, dada a bênção a Jacob, não fica outra para Esaú? São os Antigos como os cântaros de Sareftana (comparação de Ruperto) que depois de cheios, parou a fonte milagrosa e não correu mais óleo? Houve neste grande oceano de ciências alguma nau Vitória que desse volta a todo o mar? ou algum Gama que, passado o cabo de Boa Esperança, a tirasse de todos os outros de novos descobrimentos? E se depois deste famoso círculo do Universo, ainda ficaram mares e terras incógnitas que prometem novas empresas e novos argonautas, que será na esfera da sabedoria e da verdade, cuja infinita circunferência só a pode alcançar? O que é imenso e compreender O que é infinito? Se depois dos antiquíssimos tiveram que descobrir os menos antigos e depois dos que já não eram os primeiros, tiveram que inventar mais os segundos, porque não quererão os adoradores ou aduladores da Antiguidade que, ainda depois de tanto dito, haja mais que dizer, e depois de tanto escrito, haja mais que escrever, e depois de tanto estudo

e sabido, haja mais que estudar e saber?» (Pág. 170).

Em coincidência com um conceito de Bossuet, proclama modernos e de ciência moderna os Doutores da infância, puerícia e adolescência da Igreja, e como os mais velhos e de ciência mais antiga, os da idade maior e mais proactiva dela. Porque a Igreja não se compõe das paredes mortas, senão dos membros vivos, nem foi crescendo dos nossos anos para os primeiros, senão dos primeiros para os nossos. E seria não só contra a ordem da natureza, senão contra a decência da mesma idade, que não fosse mais sábia a Igreja nos maiores anos, de que tinha sido nos menores» (Pág. 189).

Por prerrogativa dos tempos, que não por privilégio dos entendimentos, afirma Vieira a possibilidade de melhor em seu tempo serem interpretadas as Escrituras. Entre estas prerrogativas figuram as trazidas pelos Descobrimentos portugueses. E as páginas em que Vieira se lhes refere são das que mais podem interessar pelo que nos dizem dele e dos escritores que cita, entre quantos intérpretes e comentaristas bíblicos se referem à obra da expansão ultramarina, em que «os Portugueses foram com a espada aonde Santo Agos-

tinho (por negar a existência dos antípodas) não chegou com o entendimento» (pág. 205).

Não faltam, na verdade, neste livro páginas que se lêem com interesse superior ao que pode suscitar a congeminación da utopia. É percorrer todas as que nos dão aspectos da situação de Portugal durante as lutas da Restauração. E por exemplo: «Os pais, que antes davam os filhos para as guerras de Flandres, de Itália, de Catalunha e navegação das Índias de Castela, onde os perdiam para sempre, querem antes dá-los para as fronteiras de Portugal, onde os vêem, os assistem e os têm consigo [...] os povos não se cansam com os subsídios e contribuições, porque sabem quanto maiores e mais pesadas são as que se pagam em Castela para os conquistar do que eles em Portugal para se defendarem [...] as Conquistas, membros tão remotos e tão vastos deste corpo político de Portugal, ainda que do coração recebem os espíritos que os animam, é tanta a cópia de alimento e tão abundante que eles mesmos com suas riquezas lhe subministram, que não só tem suficiente matéria para formar os espíritos que com os membros mais distantes reparte, mas lhe sobaja com que se sustentar a si e a todo o cor-

po. E a verdade dessa experiência se tem provado com mais sensíveis efeitos depois da paz universal das mesmas Conquistas, as quais em igual liberalidade e interesse remetem hoje ao Reino toda aquela substância que o calor da guerra própria lhes consumia ; com que se acha Portugal mais rico e abundante que nunca das utilíssimas drogas dos seus comércios» (Pág. 82).

Já observámos noutro lugar (no I vol. de Obras Várias, pág. 67) que Vieira nesta afirmação é confirmado pelo estudo que o Dr. Jaime Cortesão especialmente consagrhou a esta matéria, no ensaio — A Economia da Restauração. Como um dos factores desta prosperidade foi a frota mercantil da Companhia de Comércio, que à sua iniciativa se deveu, porque é que o grande orador, que não costumava deixar os créditos em mãos alheias, desta feita se lhe não refere? Talvez porque a ordenação do seu discurso o determinasse a apagar os nomes dos meros instrumentos, para mais salientar o poder da Causa que os manejava. O discorrer dos homens, qual fora o seu no Papel forte, tinha formulado juízos e feito previsões que a Providência havia desmentido. Era a ela que sobre tudo cumpria dar relevo, e o utópista Vieira

dá-lho, ao mesmo tempo que o realista, que com aquele coabita no mesmo corpo, vai apon-
tando as razões que explicariam a possibili-
dade da resistência portuguesa sem interven-
ção de protecção divina.

**

O 2.º volume da História do Futuro que se seguirá ao presente, já dissemos que é da obra projectada uma parte fragmentária. Tê-lo-ia P.º Vieira completado em seu retiro da quinta do Tanque, em que morreu, na Baia, a 18 de Julho de 1697? Não apareceu no espólio literário, de que o reitor do Colégio, P.º João António Andreoni, fez o arrolamento, arreca-
dando-o, como precioso tesouro, em duas arcas com fechadura dupla, de que ele tinha uma chave e outra o Provincial. Este rol, enviado ao Geral, foi publicado por Sommer-
vogel em sua Bibliothèque Générale de la Compagnie de Jesus (Tomo VIII, col. 653 e seg.).

Nenhum desses MSS. há notícia de ter sido encontrado no Arquivo da Companhia, em Roma, talvez porque rigorosamente se obedeceu à ordem régia que os fez vir para Portugal, deles porventura tomando conta o Santo Ofício. Nada, porém, de certeza se pode afir-

mar. O que se sabe é que pelo menos a *Clavis Prophetarum* ficou em Portugal, onde por mandado do Inquisidor Geral, D. Nuno da Cunha, foi examinada pelo jesuíta italiano Carlos António Casnedi, futuro Provincial, que sobre ela escreveu o relatório que a resume e no seguinte volume se publica em Apêndice.

E a História do Futuro, pode admitir-se que tenha vindo para Portugal com a *Clavis Prophetarum*, pois, embora dada à estampa apenas em 1718, já desde 1709 que tinha licença da Censura inquisitorial para ser publicada; foi o Desembargo do Paço, a que, todavia, fora em 1710 presente o relatório do Censor, que demorou a autorização, não se sabe porquê.

Saiu o livro com o *Laus Deo*, que lhe dá aparência de completo. Erro do editor ou copista, que o não leu com atenção. Já Lúcio de Azevedo observou que há no livro, a pág. 133, a promessa de falar de profetas canónicos e não canónicos, das profecias que andavam no vulgo, entre as quais certamente as de Bandarra, e não chega a cumprir-la. Também se anunciam a pág. 102 para o capítulo LX as profecias respeitantes à Restauração, e o livro não passa do cap. XII.

Que relação terá a Carta ao Bispo do Japão, que se publica no volume desta Colecção — Vieira perante a Inquisição — com a História do Futuro ?

A resposta é a que resulta do próprio assunto do documento, que transparece do título com que ele é publicado : Esperanças de Portugal; Quinto Império do Mundo. O título por que a História do Futuro é incluída no rol publicado por Sommevogel é: Historia de Futuro Tempore seu de Quinto Mundi Imperio, in Spem Regni Lusitani, scripta idiomate lusitano, sed nondum absoluta. A organização do livro, conforme se vê do Plano que se publica no volume que se seguirá, é: História do Futuro ; Esperança de Portugal ; Quinto Império do Mundo. O arrolador Andreoni deve ter feito no título esta ligeira alteração, mas sem por ela ocultar a substância que lhe corresponde. Assim, Esperanças de Portugal que a Carta ao Bispo do Japão procura justificar, seriam adaptadas a carta na canoa onde Vieira diz que as ia escrevendo, mas elaboradas no seu cubículo com toda a ponderação, como uma das partes do livro projectado e de que esperava, como já sabemos, a mais larga projecção e alcance.

Da Clavis Prophetarum, que Vieira considerava o seu melhor livro, publicamos no 2.º volume da História do Futuro o suficiente para dele se fazer uma ideia. O autor declarava perante o Santo Ofício em Coimbra, em 1663, que havia 18 anos que andava compondo essa obra, mas, como era seu costume, de memória, raramente fazendo alguns apontamentos.

Nas condições em que foi dado, perde este informe boa parte do seu valor, sabido como no mesmo interrogatório nada declarou sobre a História do Futuro, que já vimos, todavia, constituir por então a sua grande preocupação de escritor. Tinha falado dela na sua Petição ao Conselho Geral (Vid. Obras Várias, IV) pág. 81.

Só em Carta de 22 de Outubro de 1672, escrita de Roma a D. Rodrigo de Meneses, Vieira volta a falar do livro: «Tenho em grande altura um livro latino intitulado o Quinto Império ou Império Consumado de Cristo, que vem a ser a Clavis Prophetarum; e ninguém o lê sem admiração e sem o julgar por importantíssimo à inteligência das escrituras proféticas».

Por esta altura está Vieira empenhado em

sacudir de si a má fama que lhe teria ficado de sua condenação pelo Santo Ofício e espera receber do Inquisidor Geral, D. Pedro de Lencastre, Duque de Aveiro, mercê com isso relacionada. Compreende-se, pois, que a convicção de que «muitas das proposições que lhe impuseram não são suas e de que ainda assim, vistas umas e outras pelas pessoas mais doutras de Roma, todas concordam em que nenhuma é merecedora de censura teológica, porque umas são de fé, outras certas e as demais, quando menos, prováveis, e se admiram todas do modo com que foi tratado por juízes portugueses e condenado um assunto de suma glória da Igreja e de Portugal», não haja sido sem estímulo na elaboração do livro em que estabelece os fundamentos teológicos da utopia obsidiante.

Volta, contudo, para Lisboa sem levar o livro a cabo. Mas o assunto continua a ocupá-lo, permanentemente sensível a quanto de longe ou de perto lhe toque. Assim, em 1679, em carta para Ribeiro de Macedo, informa ter-lhe chegado às mãos um papel impresso, cujo título é: *Compendium ideae et totius operis elaborati ab A. R. P. Fr. Gundisalvo Tenorio Peruano, Ordinis S. Francisci, et filio conventus Limae, digniorique P. Provinciae Duo-*

decim Apostolorum. «O assunto — acrescenta — simboliza em parte o da minha Clavis Prophetarum, se bem os textos que alega não são os mais forçosos, e vem a concluir que a conversão universal do Mundo será quando se definir o dogma da Imaculada Conceição».

O livro do peruano, que ele crê apenas fundado na interpretação que a sua devoção imaginosa atribuía a alegorias bíblicas, era mais uma razão de persistir na vontade de acabar o seu, tanto mais que a Inquisição espanhola tinha àquele permitido a publicidade.

Mas há mais. Em carta de 23-IV-79 para o mesmo Ribeiro de Macedo, comungante, como tantos outros, nas suas quimeras e que então se encontrava nosso ministro em Madrid, confronta o procedimento da Inquisição para com ele, Vieira, com o procedimento que a Inquisição em Espanha tinha tomado com o P.º Tenório, (o peruano atrás citado) que se lhe assemelhava em pensamentos e trabalhos, e estranha que à Madre Agreda, mística confidente de Filipe IV, que admitia a segunda vinda de Cristo em presença visível e permanente, se lhe não reprovasse a opinião, e fosse censurada a sua, que apenas a admitia em espírito. Como não teimar e persistir na ela-

boração da Clavis Prophetarum, que tudo esclareceria sobre mais sólido fundamento?

Vai para o Brasil. Decorrem os anos, debilitam-se-lhe as forças, e o livro por acabar! E todavia nele não deixa de trabalhar. Faltam-lhe poucos meses para 80 anos — declara em carta a Sebastião de Matos e Sousa, secretário do Duque de Cadaval — sente a necessidade de todo se entregar a Deus, mas, «porque o melhor estado em que a morte pode tomar aos religiosos é o da obediência», continua a aplicar-se aos «apontamentos do que nunca fiz conta de imprimir.

O nunca é evidentemente excessivo, mas é probabilíssimo que, no estado em que o livro se encontra — ainda o de apontamentos? — se lhe vá desvanecendo a esperança de o poder publicar. Por isso em carta ao P.^o António Maria Bonucci, o jesuíta italiano da Província portuguesa do Brasil, mais tarde, por ordem dos Superiores, colaborador de Vieira e tradutor para a sua língua da série de sermões consagrados a S. Francisco Xavier —, lhe faz este apelo: «Oh! quanto eu estimava pôr o assunto do meu livro nas mãos de V. Rev.^{ma} e que ele tivera a honra de sair em nome de V. Rev.^{ma} e não no meu, pois já estou quase incapaz de lhe pôr a última mão»!

Igual solicitação faz a outro companheiro na Ordem, o P.^o Valentim Estancel, um tcheco, de Olmütz, na Morávia, lente de Matemática em Lisboa e nesse tempo em Pernambuco. É este mesmo que nos informa: «Eu sempre fui amigo do P.^o António Vieira, a ponto de ele me escrever duas vezes para o Colégio de Pernambuco, a pedir-me quisesse eu ir para o Colégio da Baía, onde o Padre então morava, e ajudá-lo a compor a obra que intitulou *Clavis Prophetarum*, e se Deus o chamasse a outra vida, antes de lhe pôr a conclusão, a publicasse em meu nome. Não pude condescender com os desejos de Vieira». (Artigo do P.^o Francisco Rodrigues — O Padre António Vieira, conclusões e aplausos, in — Revista de História, tomo XI).

Em 22 de Julho de 1695 — a dois anos da morte — na mesma carta em que dá conta dos achaques da sua velhice — mais uma queda por uma escada, desta feita com ferida na cabeça e ambas as mãos estropoadas — lembrando o *Omnia fert aetas, animum quoque*, ainda se refere à obra, de que não apenas se ocupa obrigado com duas obediências, uma real e outra da religião, pois entende que «é vontade de Deus que a morte o ache com esta

obra de tanto serviço seu, ao menos no pensamento e na voz, já que não pode ser nas mãos»...

Na verdade, só com o pensamento e a voz se pode ocupar do palácio altíssimo, de que se lamenta terem-no em tempos forçado a abandonar a fábrica, para erguer as choupanas que são os discursos vulgares que até agora se imprimiram». (Carta de 27-VI-96).
A doença progride, ao ponto de ter de abandonar pelo Colégio da Baía a quinta do Tanque, nos subúrbios desta cidade, que tão propícia lhe havia sido à repousada revisão dos seus sermões. Continua, ainda assim, aplicado àquela fábrica, mas bem se comprehende que, prostrado na cama por diversas repetições de erisipela, pela prostatite, quase cego, impossibilitado de consultar livros e papéis com os próprios olhos, de escrever pela própria mão, o livro ficasse quase reduzido aos apontamentos de que ele fala e chegasse às mãos de quem o examinou sumamente desordenado e muito confuso, mutilado e imperfeito.

Assim o declara o P.^o Carlos António Casnedi, bom latinista e homem comprehensivo, a quem o Inquisidor Geral, Cardeal Nuno da Cunha, podia confiar o encargo de o examinar e fazer de tal exame o relatório que publi-

camos, pois não comprometeria a obra de glorificação iniciada.

Como chegou às mãos do italiano? Por ordem régia que mandasse vir para Lisboa o espólio do grande pregador, ou, a aceitar a tradição recolhida na Baía no século XVIII e referida por Lúcio de Azevedo, por apreensão de dois caixotes que o continham, feito no porto de Lisboa por dois familiares do Santo Ofício, ao qual um religioso da Companhia, do Colégio baiano, denunciou que o Geral tinha dado ordem de que tudo se enviasse para Roma?

Não se pode saber. De qualquer maneira, é aquele Inquisidor Geral que em 1709, ano em que entra no exercício das suas funções, promove o exame da obra, e não teria ido até a ordem da sua publicação, porque o autor a não deixara em condições de ver a luz.

Todavia, existem no Arquivo Nacional e em outros arquivos e bibliotecas conventuais apógrafos que no-la apresentam ordenada segundo o leitor pode verificar através do seu Índice, que damos no Apêndice. Preferimos, contudo, a esses arranjos, evidentemente espúrios, dar ideia da obra tentada através do relatório de Casnedi. É ele o resumo dum

pensamento que não pode deixar de nos interessar, como elemento autêntico da complexa e rica personalidade com que vimos convivendo.

**

Este elemento, importa que o confessemos, nada nos traz de novo, mas aviva os víncos do Autor da História do Futuro, ou, mais directamente, apresenta-no-lo fundamentando com nova erudição o que já estava arquitectado sobre idêntica base de certeza: — o interesse de Deus pela obra da redenção do Homem, a verdade integral da Revelação por que tal interesse sobretudo se exprime.

Não me foi dado conhecer o livro do frade peruano a que Vieira se refere, para poder concluir se é a seu propósito que, logo a seguir ao passo em que o menciona, fala dos quase iluminados (alumbados, na designação espanhola) cuja heresia escandalizava os contemporâneos, pelo abuso da oração mental que lhes punha a imaginação em delírio criador de monstruosidades. Vieira está longe do abuso que repreende. As suas congeminções são objectivas, na medida em que o são as provas escriturárias sobre que as concebe e

desenvolve. Mas o audacioso esforço dialéctico da sua construção exegética igualmente levava a quimeras, em análogo anseio de, como aqueles a quem repreende, subir aonde Deus nos não levanta. Era, na verdade, o equivalente da oração mental, este isolar-se das possibilidades humanas e esquecer-se das normas da história, na adesão literal aos textos Sagrados...

**

Não faltam problemas em torno desta obra, pois abundam as cópias tiradas ainda nos princípios do século XIX, em número de que nos dá conta o tradutor do resumo de Casnedi, segundo o leitor o poderá verificar na Nota do Editor por que, no II volume da nossa História do Futuro, se inicia o Apêndice. Já circulavam antes de o Inquisidor Geral Nuno da Cunha encarregar Casnedi do exame do original, pois é de 1699 o exemplar existente no Arquivo Nacional com o número 1.357. E como o autor havia deixado o livro por acabar e sem a última demão os fragmentos que ficaram, comprehende-se não houvesse cuidado na fiel reprodução da forma, mesmo quando não faltassem escrúpulos que evitassem modificações na substância.

Os dois exemplares do Arquivo Nacional (n.^{os} 1.031-3 e 1.357) tanto como o da Biblioteca da Ajuda (44-12-3 a 5), tanto como os da Biblioteca Nacional, tomo II e VI das Maqui-nações do P.^o António Vieira (2.674 e 2.678) têm ordenação e acabamento que os distan-ciam do Ms. que o P.^o Casnedi descreveu e resumiu. No rápido exame a que me foi pos-sível proceder, não notei entre eles diferenças. O arquétipo, se o não é um deles, deve ter sido modificado na substância como na forma, não sendo fácil distinguir o que seja autênti-camente de Vieira do que possa constituir al-teração porventura do P.^o António Maria Bo-nucci, o jesuíta seu colaborador e tradutor, a quem já sabemos ele pediu aceitasse em suas mãos o assunto do livro que não podia acabar e o publicasse com seu nome.

João Lúcio de Azevedo, no estudo publi-cado pela Academia das Ciências de Lisboa, no seu Boletim da Classe de Letras, vol. XIII, 1918-1919, intitulado Notícia Bibliográfica sobre a «Clavis Prophetarum» do Padre An-tónio Vieira, alude a um outro enigma biblio-gráfico, constituído pelo «escrito — Clavis Prophetarum, De Regno Christi in terris con-summato, até agora por todos julgado autênti-camente dele (Vieira)». Refere-se ao escrito

que o leitor pode ler ou no códice 238 do Arquivo Nacional ou naqueles mesmos volumes das Maquinações do P.^o António Vieira, todo elaborado, na verdade, em forma breve de Compêndio, às vezes com capítulos exclusivamente, ou quase, constituídos por citações bíblicas.

De passo digamos que a designação de capítulos não é a usada pelo autor, pois todo o livro se divide em secções e sub-secções, o que importa mais uma diferença a distanciá-lo dos apógrafos de Clavis Prophetarum existentes nos arquivos que percorri.

Em que consiste o enigma a que se refere Lúcio de Azevedo?

Em saber se se trata ou não de um verdadeiro Compêndio da Clavis Prophetarum, como tem sido considerado, e, a acreditar no que diz o autor anónimo da Crisis Paradoxa, desde o tempo em que, por 1700, ele foi lido por padres do Colégio dos Jesuítas da Baía.

O livro a que acabo de me referir tem o título — Crisis Paradoxa super Tractatu insignis P. Antoni Vieyrae, Lusitani, Societatis Jesu, de Regno Christi in terris consummato, vel de opere illo magno universalis spei scopo, CLAVIS PROPHETARUM nuncupato: cum criticis reflectionibus atque illustrationibus

super omnibus et singulis ipsius operis ac tractatus, materiis et assertionibus. Auctore quodam lusitano anonymo qui eam a quibusdam allegationibus in publicam utilitatem segregavit CICIC CCXLXLVIII.

Diz Barbosa Machado que foi Fr. Inácio de Santa Teresa, depois Bispo do Algarve e Arcebispo de Goa, quem deu publicidade a esta obra, o que lhe não evitou ser perseguida pelo Santo Ofício, que em 1752 fez queimar pela Inquisição de Goa quinze exemplares. (Seja dito de passo que não escrupulizou em poupar o seu o Inquisidor Geral D. José Maria de Melo, que foi confessor da Rainha D. Maria I. Possui-o hoje, e não sei se já no tempo em que Lúcio de Azevedo em balde o procurou, a Biblioteca Nacional).

O livro é uma minuciosa análise, feita secção por secção, sub-secção por sub-secção, do Compendium a que me referi.

Declara o autor ter copiado na Baía o Ms., ali verificando a existência de dois exemplares, um deles proveniente dos herdeiros do médico judeu de nome Monforte, a quem Vieira o teria oferecido, e outro, mais extenso, precedido de prefácio que o indicava como Compêndio da Clavis Prophetarum.

O comentador tem escrúpulos críticos. Põe

o problema das diferenças que possa haver entre tais manuscritos e a grande obra que seria a *Clavis Prophetarum*. Discute o caso com os jesuítas baianos e supõe que elas existam, saltem partialiter, quanto à forma, que não quanto à substância. Pelo que toca a esta, está ele informado pelo P.º Manuel Sampaio, ex-jesuítia, que em Roma fora dos familiares do Cardeal Sousa, de que a obra de Vieira constava de um primeiro tratado de quiditate, ou seja da definição de profecia, suas divisões, sinais pelos quais se pode discernir entre as verdadeiras e as falsas, e de um segundo, acerca da consumação do Reino de Cristo na terra, abrangendo este um ou dois volumes. Confirma-o nesta hipótese a referência que o Arcebispo de Cangranor faz a dois livros, na censura inserta em 1698 no XII volume dos Sermões de Vieira — entusiástico elogio da obra vieiriana, sobretudo da parte que com o jesuítia ele julga palácios ao lado das choupanas que são os seus sermões. A mais livros se lhe referiam os jesuítas baianos — 4 ou 6 — componentes da *Clavis Prophetarum*, e ele não repele a hipótese, pois entende que podem integrar a grandiosa obra os escritos em português, de substância fundamentalmente a mesma — Esperanças de Portugal — Quinto

Império do Mundo, a História do Futuro e o Prolegómeno que a procede e é o que publicamos neste volume. Está, pois, o comentador persuadido de que o escrito a que faz sua Crisis Paradoxa é compêndio de um dos tratados que constituem a obra, uma das tábuas do políptico inacabado, e Lúcio de Azevedo põe esta convicção como enigma bibliográfico. A verdade, porém, é que o jesuíta anônimo autor de tal escrito explica em termos que me parece desfazerem tal enigma, a origem do seu trabalho, que só por outros, que não por ele, foi considerado Compêndio da obra vieiriana.

Conta ele que na sua missão, longe da Baía, vivamente interessado pela obra celeberrima e de grande expectação de P.º Vieira, de que lhe chegavam referências elogiosas, caiu-lhe por acaso sob os olhos o XX cap. do Apocalipse, e logo lhe acudiu a suspeita de que nele se encontrava a Chave dos Profetas. Então, colacionando vários textos do único livro que tinha à mão — a Bíblia — a suspeita converteu-se-lhe em opinião. Por cartas a três membros conspícuos da Ordem, que tinham lido a obra famigerada, pôde saber da coincidência entre o sentir do autor da Clavis Prophetarum e o seu próprio. Não havia entre ambos dis-

crepância! Quando, chamado por doença da missão ao Colégio, pôde consultar intérpretes e outros autores e encher de mais erudição a sua obrinha, ao mostrá-la aos companheiros de quem já tinha recebido informações, pôde ouvir deles a designação que o trabalho lhes merecia — Compêndio da Clavis Prophetarum.

Não teria o compilador lido, na verdade, a obra de que tanto a sua se aproximava? O seu comentador não o crê, e nós também o podemos pôr em justificadíssima dúvida. Mas bastava a intenção de o autor se inculcar como tendo de Vieira apenas indirectamente recebido a sugestão da obra, sem que jamais da sua mais conhecesse do que o nome, para se obrigar a fazer coisa diferente de um Compendio. O que é chamado o Compendium já se deixa ver que organizará de modo diferente uma substância que pode ser fundamentalmente idêntica, mas que se apresentará com plano através do qual o da obra original se não poderá facilmente adivinhar — e assim se dissolve o enigma de que fala o ilustre biógrafo do jesuíta.

Relevemos do comentador anónimo o motivo da sua adesão ao pensamento vieiriano:

crê, como o grande jesuíta, na consumação do Reinado de Cristo na Terra. Para efectivar tal Reinado, espiritual e temporalmente, Cristo surgirá uma segunda vez, e por mil anos, segundo a conta do Apocalipse, excrecerá na Terra, e em plenitude, o seu poder.

A esta convicção chegara Vieira — lembra o comentador — em sua discussão, em Amsterdão, com o célebre rabino Manassés ben Israel. Convencera-o Vieira de que o Messias anunciado pelos Profetas já tinha vindo e iniciado, pela pregação do Evangelho, o seu Reinado na Terra. Manassés, porém, que não era menos forte em dialéctica, persuadira por seu turno Vieira de que o Messias tornaria ainda, para consumar o que não estava mais do que incoado. Se o Catolicismo aceitasse esta doutrina, que tanto favorecia a grande esperança judaica na vinda do seu Prometido, e sua própria restituição à pátria perdida, seria vencida a costumaz resistência dos filhos de Israel e era um largo passo no processo da inteira conversão do Mundo!

Já vimos como Vieira acarinhava esta ideia, em Obras Várias (II), pág. LXII. O anotador entende que será a principal vantagem da divulgação da Clavis Prophetarum este abrir de uma perspectiva onde cabe a espe-

rança a que a gente hebraica inamovivelmente se sentia agarrada. Sobretudo se, ainda em conformidade com os votos de Vieira, se fizessem aos Judeus concessões análogas às que a Igreja practica ainda hoje com os cismáticos gregos e antigamente praticara com os hispanos que seguiam o rito moçárabe. Ele refere as esperanças que o grande jesuíta confiava à conciliação assim tentada e alude às promessas com que sobre isso o assegurava, em 1669, um judeu converso da cidade de Alicante, em nome da sinagoga de Oran...

Se bem recusemos aceitar o resultado da discussão entre o jesuíta e o rabino, não duvidemos desta confiança de Vieira na eficiência da sua exegese bíblica e da sua mensagem a um tempo religiosa e social. E lembrando a exegese, a que acima aludimos, que na necessidade da conversão dos incontáveis pagãos espalhados pelo Ultramar encontrava o melhor apoio à sua convicção da futura unidade político-religiosa do Mundo, concluamos que a esplendorosa utopia radicava pelo menos tanto na comovida humanidade do seu coração, como no providencialismo, a um tempo ingênuo e audacioso, do seu espírito.

Os MSS. que foram utilizados para o Apêndice do volume seguinte, são os n.^{os} 1.735 e 1.741 do Fundo Geral da Biblioteca Nacional. Obedecendo a publicação de um e outro ao propósito de formos nas mãos do leitor um documento mais para o conhecimento de Vieira, não se hesitou em introduzir nesta coleção prosa em latim e em português que está longe da pureza clássica. Saberá relevá-lo o leitor que compreenda quanto por eles se facilita mais íntima convivência com a singular personalidade que estudamos.

Também houve necessidade de recorrer a outro, para a correcção do texto do presente volume. É o códice do mesmo título existente no Arquivo Nacional, n.^o 238. Em mais de um ponto ele nos permitiu emendas preciosas, como o leitor atento o poderá verificar.

Notável, nesse códice, o lugar que se dá ao nome e trovas de Bandarra, completamente excluídos do exemplar utilizado pelo editor que publicou este livro em 1718, seguido pelo que em 1855 o reproduziu tal qual, e é o mesmo que, assim corrigido, trazemos agora a lume. Vieira estava mais do que reabilitado: exaltava-se-lhe a personalidade genial e na

obra não se lhe faziam reservas. É ver o modo como o Arcebispo de Cangranor, D. Diogo de Anunciação Justiniano, o elogia na censura que em 1698 faz ao volume XII dos seus Sermões, e é atentar no modo não menos caloroso com que, no volume XIV da mesma obra, embora com data anterior de um ano, o exalta o confrade o Reitor do Colégio da Baía, P.^o João António Andreone. Ambos aludem à Clavis Prophetarum — trabalho de cinquenta anos, dizem ambos — (1) em termos que não destoam dos de Casnedi. Sente-se que para todos, não há o mínimo desvio heterodoxo nessa audaciosa defesa da grande esperança, que o exegeta mostra emanar como uma aurora das profecias bíblicas, agora interpretadas — pensam — com mais penetrante luz. Vieira, calada a inveja perante a morte, surge, assim, coroado príncipe não apenas dos oradores, senão também dos intérpretes! Mas — est modus in rebus — para que a unanimidade fosse perfeita, era prudente raspar do livro-Palácio o nome, para alguns comprometedor, do sapateiro de Trancoso... Assim o pensou, certamente, o editor de 1718.

(1) Trinta anos, segundo o ms. de Casnedi.

Infelizmente, não teve ele as mesmas cautelas com a reprodução do texto. O leitor mais atento não pode fazer ideia das precauções necessárias a quem lho reproduz, sobretudo perante as citações. Vieira ou não cita, ou o faz contentando-se de indicar o autor do texto, sucedendo mais de uma vez que ou o nome vem estropeado ou trocado. Tertuliano aparece a corresponder-se com Santo Agostinho ... a um século de distância, porque se confundiu com ele Fortunaciano; e, noutro passo, é mesmo aquele trocado por S. Jerónimo! Como é indispensável reproduzir o texto com exacção, o leitor advinhará o esforço que custa o atingi-la e saberá relevar que uma ou outra vez a Corrigenda final mostre que ela só é possível por aproximações sucessivas...

Nestas correcções valeram-me mais de uma vez as bibliotecas da Brotéria e da Pontifícia Faculdade de Filosofia, de Braga. Por isso aqui deixo exarado os meus agradecimentos aos Rev.^{mos} P.^{es} Mário Martins e Diamantino Martins, pela pronta diligência com que me auxiliaram.

CAPÍTULO I

Declara-se a primeira parte do título desta **His-
tória**, e quão própria é da curiosidade
humana a sua matéria.

Nenhuma cousa se pode prometer à natureza humana mais conforme ao seu maior apetite, nem mais superior a toda a sua capacidade, que a notícia dos tempos e sucessos futuros; e isto é o que oferece 5 a Portugal, à Europa e ao Mundo esta nova e nunca vista história. As outras histórias contam as cousas passadas, esta promete dizer as que estão por vir; as outras trazem à memória aqueles sucessos públicos que viu o Mundo; esta intenta manifestar ao 10 Mundo aqueles segredos ocultos e escuríssimos que não chega a penetrar o entendimento. Levanta-se este assunto sobre toda a esfera da capacidade humana, porque Deus, que é a fonte de toda a sabedoria, posto que repartiu os tesouros dela tão liberalmente com os homens, e muito mais com o primeiro, sempre reservou para si a ciência dos futuros, 15 como regalia própria da divindade. Como Deus por natureza seja eterno, é excelência gloriosa, não tanto de sua sabedoria, quanto de sua eternidade, que todos os futuros lhe sejam presentes; o homem, filho do tempo, reparte com o mesmo a sua ciência ou a sua ignorância; do presente sabe pouco, do passado menos e do futuro nada.

A ciência dos futuros — disse Platão — é a que distingue os deuses dos homens, e daqui lhes veio sem dúvida aquele antiquíssimo apetite de serem como deuses. Aos primeiros homens, a quem Deus 5 tinha infundido todas as ciências, nenhuma lhes faltava senão a dos futuros, e esta lhes prometeu o Demónio com a divindade, quando lhes disse: *Eritis sicut Dii, scientes bonum et malum.* Mas ainda que experimentaram o engano, não perderam 10 o apetite. Esta foi a herança que nos ficou do Paraíso, este o fruto daquela árvore fatal, bem vedado e mal apetecido, mas por isso mais apetecido, porque vedado.

Como é inclinação natural no homem apetecer o 15 proibido e anelar ao negado, sempre o apetite e curiosidade humana está batendo às portas deste segredo, ignorando sem moléstia muitas cousas das que são, e afectando impaciente a ciência das que hão-de ser. Por este meio veio o Demónio a conseguir 20 que o homem lhe desse falsamente a divindade, que o mesmo demónio com igual falsidade lhe tinha prometido. E senão, pergunto: Quem foi o que introduziu no Mundo, sem algum medo, mas antes com aplauso, a adoração do Demónio? Quem fez que 25 fosse tão frequentado e consultado o ídolo de Apolo em Delfos? O de Júpiter em Babilónia? O de Juno em Cartago? O de Vénus no Egipto? O de Dafne em Antioquia? O de Orfeu em Lesbo? O de Fauno em Itália? O de Hércules em Espanha, e infinitos 30 outros em muitas partes? Não há dúvida que o desejo insaciável que os homens sempre tiveram de

8. Trad.: *Sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.* Génesis, III, 30.

5 saber os futuros, e a falsa opinião dos oráculos com que o Demónio respondia naquelas estátuas, foram os que todo este culto lhe granjearam, sendo certo que, se Deus, vindo ao Mundo, não emudecera (como emudeceu) os oráculos da Gentilidade, grande parte do que hoje é fé, fora ainda idolatria.
10 Tão mal sofreram os homens que Deus reservasse para si a ciência dos futuros, que chegaram a dar às pedras a divindade própria de Deus, só porque Deus fizera própria da divindade esta ciência: antes queriam uma estátua que lhes dissesse os futuros, que um Deus que lhos encobria.

15 Mas que direi das ciências ou ignorâncias das artes ou superstições que os homens inventaram desde a terra até o céu, levados deste apetite? Sobre os quatro elementos assentaram quatro artes de adivinhar os futuros, que tomaram os nomes dos seus próprios sujeitos: agromancia, que ensina a adivinhar pelas cousas da terra; a hidromancia, pelas da água; a aeromancia, pelas do ar, e a piro-mancia, pelas do fogo. Tão cegos seus autores no apetite vão daquela curiosidade, que, tendo-se perdido na terra os vestígios de tantas cousas passadas, cuidaram que na água, no ar e no fogo os podiam 20 achar das futuras.
25

30 No mesmo homem descobriram os homens dois livros sempre abertos e patentes, em que lessem ou soletrassem esta ciência. A fisiognomia, nas feições do rosto; a quiromancia, nas raias da mão. Em um mapa tão pequeno, tão plano e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os quiromantes não só linhas e caracteres distintos, senão montes levantados e divididos, e ali descrita a ordem e sucessão da vida e casos dela, os anos, as doenças

e os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades, e todos os outros futuros prósperos ou adversos; arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos.

5 Deixo a astrologia judiciária, tão celebrada no nascimento dos príncipes, em que os genetíacos, sobre o fundamento de uma só hora ou instante da vida, levantam ou figura ou testemunhos a todos os sucessos dela. Nem quero falar na triste e funesta
10 nicromancia, que, frequentando os cemitérios e sepulturas no mais escuro e secreto da noite, invoca com deprecações e conjuros as almas dos mortos, para saber os futuros dos vivos.

15 A este fim excogitaram tantos géneros de sortilépios, como se na contingência da sorte se houvesse de achar a certeza; a este fim observaram os sonhos, como se soubesse mais um homem dormindo do que sabia acordado; a este sentido consultavam as entranhas palpitantes dos animais, como se um bruto
20 morto pudesse ensinar a tantos homens vivos. Com o mesmo apetite pediam respostas às fontes, aos rios, aos bosques e às penhas; com o mesmo inquiriam os cantos e voos das aves, os mugidos dos animais, as folhas e movimentos das árvores; com
25 o mesmo interpretavam os números, os nomes e as letras, os dias e os fumos, as sombras e as cores, e não havia cousa tão baixa e tão miúda por onde os homens não imaginassesem que podiam alcançar aquele segredo que Deus não quis que eles soubessem. O ranger da porta, o estalar do vidro, o cintilar da candeia, o topar do pé, o sacudir dos sapatos, tudo notavam como avisos da Providência e temiam como presságios do futuro. Falo da cegueira e desatino dos tempos passados, por não

envergonhar a nobreza da nossa Fé com a superstição dos presentes.

Finalmente, a investigação deste tão apetecido segredo foi o estudo e disputa dos maiores e mais sinalados filósofos, de Sócrates, de Pitágoras, de Platão, de Aristóteles e do eloquente Túlio, nos livros mais sublimes e doutos de todas suas obras.

5 Esta era a teologia famosa dos Caldeus; este o grande mistério dos Egípcios; esta em Roma a religião dos áugures; esta em Judeia a seita dos Pitões e Aríolos; esta em Pérsia a ciência e profissão dos Magos; esta enfim, do Céu até o Inferno, o maior desvelo dos sábios e maior ânsia e tropeço dos ignorantes; uns injuriando o Céu, e dando trato às estrelas para que digam o que não podem; outros inquietando o Inferno (como dizia Samuel), e tentando os mesmos demónios, para que revelem o que não sabem. Tanto foi em todas as idades do Mundo, e tanto é hoje, na curiosidade humana, o apetite de 10 conhecer o futuro!

20 Mas o que mais que tudo encarece a tenacidade deste desejo, é considerar que, enganados tão porfiadamente os homens pela falsidade e mentira de todas estas artes e seus ministros, não tenha bastado nenhuma experiência, nem haja de bastar já para 25 mais os desenganar e apartar dele: *Genus hominum potentibus infidum, sperantibus fallax, quod in civitate nostra, et vetabitur semper et retinebitur*, disse Tácito. O mesmo Saul, que desterrou a Pitonisa, a

25-27. Trad.: *Um género de homens, desleal para com os poderosos, falaz para os que esperam, que na nossa cidade sempre será a um tempo proibido e conservado.* Tácito, *Neronis Historiarum Lib. I*, p. 343 da ed. de Antuérpia de 1581.

foi buscar e se serviu de sua má arte; e os mesmos que mais severamente negam o crédito às cousas prognosticadas, folgam de ouvir e saber que se prognosticam, sinal certo que não buscam os homens os futuros, porque os achem, senão que vão sempre 5 após eles, porque os amam.

Para satisfazer, pois, à maior ânsia deste apetite e para correr a cortina aos maiores e mais ocultos segredos deste mistério, pomos hoje no teatro do 10 Mundo esta nossa *História*, por isso chamada *do Futuro*. Não escrevemos com Berozo as antiguidades dos Assírios, nem com Xenofonte a dos Persas, nem com Heródoto as dos Egípcios, nem com Josefo a dos Hebreus, nem com Cúrcio a dos Macedónios, 15 nem com Tucídides a dos Gregos, nem com Lívio a dos Romanos, nem com os escritores portugueses as nossas; mas escrevemos sem autor o que nenhum deles escreveu nem pôde escrever. Eles escreveram histórias do passado para os futuros, nós escrevemos 20 a do futuro para os presentes. Impossível pintura parece antes dos originais retratar as cópias; mas isto é o que fará o pincel da nossa *História*.

Assim foram retratos de Cristo Abel, Isaac, José, David, antes do Verbo ser homem. O que ignorou 25 o mundo antigo, o que não conheceu o moderno e o que não alcança o presente, é o que se verá com admiração neste prodigioso mapa descrito: cousas e casos que ainda lhes falta muito para terem ser, quanto mais antiguidade.

30 A história mais antiga começa no princípio do Mundo; a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escrita. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do Mundo e acaba com o fim dele. Mede os tem-

pos vindouros antes de virem, conta os sucessos futuros antes de sucederem, e descreve feitos heróicos e famosos, antes de a fama os publicar e de serem feitos.

5 O tempo, como o Mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo,
10 onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa *História*, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitadores deste segundo hemisfério do tempo, que são os antípodas do passado. Oh que de cousas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento!

Aqueles historiadores que nomeámos e foram os mais célebres do Mundo, escreveram os impérios, as repúblicas, as leis, os conselhos, as resoluções, as conquistas, as batalhas, as vitórias, a grandeza, a opulência e felicidade, a mudança, a declinação, a ruína ou daquelas mesmas nações, ou de outras igualmente poderosas, que com elas contendiam. Nós também havemos de falar de reinos e de impérios, de exércitos e de vitórias, de ruínas de umas nações e exaltações de outras; mas de impérios não já fundados, senão que se hão-de fundar; de vitórias não já vencidas, mas que se hão-de vencer; de nações não já domadas e rendidas, senão que se hão-de 25 render e domar.

Hão-se de ler nesta *História*, para exaltação da Fé, para triunfo da Igreja, para glória de Cristo, para felicidade e paz universal do Mundo, altos conselhos, animosas resoluções, religiosas empresas,

heróicas façanhas, maravilhosas vitórias, portentosas conquistas, estranhas e espantosas mudanças de estados, de tempos, de gentes, de costumes, de governos, de leis; mas leis novas, governos novos, costumes novos, gentes novas, tempos novos, estados novos, conselhos e resoluções novas, empresas e façanhas novas, conquistas, vitórias, paz, triunfos e felicidades novas; e não só novas, porque são futuras, mas porque não terão semelhança com elas nem 5 numas das passadas. Ouvirá o Mundo o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará assombrado do que nunca imaginou. E se as histórias daqueles escritores, sendo de cousas menores antigas e passadas, se leram sempre com 10 gosto, e depois de sabidas se tornaram a ler sem fastio, confiança nos fica para esperar que não será ingrato aos leitores este nosso trabalho, e que será tão deleitosa ao gosto e ao juízo a *História do Futuro*, quanto é estranho ao papel o assunto e 15 nome dela.

Mas porque não cuide alguma curiosidade crítica que o nome do *futuro* não concorda nem se ajusta bem com o título de *história*, saiba que nos pareceu chamar assim a esta nossa escritura, porque, sendo 20 novo e inaudito o argumento dela, também lhe era devido nome novo e não ouvido.

Escreveu Moisés a história do princípio e criação do Mundo, ignorada até aquele tempo de quase todos os homens. E com que espírito a escreveu?

25 Respondem todos os Padres e Doutores que com espírito de profecia. Se já no Mundo houve um

31. A Lápide, in-*Encomium Sacrae Scripturæ — Commentaria in Pentateuchum*.

profeta do passado, porque não haverá um historiador do futuro? Os profetas não chamaram história às suas profecias, porque não guardam nelas estilo nem leis de histórias: não distinguem os tempos, não assinalam os lugares, não individuam as pessoas, não seguem a ordem dos casos e dos sucessos, e quando tudo isto viram e tudo disseram, é envolto em metáforas, disfarçado em figuras, escurecido com enigmas e contado ou cantado em frases próprias do espírito e estilo profético, mais acomodadas à majestade e admiração dos mistérios, que à notícia e inteligência deles.

Do profeta Isaías, que falou com maior ordem e maior clareza, disseram S. Jerónimo e Santo Agostinho que mais escrevera história que profecia. A sua profecia é o Evangelho fechado; o Evangelho é a sua profecia aberta. E porque nós, em tudo o que escrevemos, determinamos observar religiosa e pontualmente todas as leis da história, seguindo em estilo claro e que todos possam perceber, a ordem e sucessão das cousas, não nua e secamente, senão vestidas e acompanhadas das suas circunstâncias; e porque havemos de distinguir tempos e anos, sinalar províncias e cidades, nomear nações e ainda pessoas, (quando o sofrer a matéria), por isso, sem ambição nem injúria de ambos os nomes, chamamos a esta narração *História e História do Futuro*.

Sós e solitariamente entramos nela (mais ainda que Noé no meio do dilúvio) sem companheiro nem guia, sem estrela nem farol, sem exemplar nem

15. *Apud P. A Lápide in-Commentaria in Isaiam — Argumentum* (p. 33). Lá se diz que Isaías profetiza de tal modo acerca de Cristo e dos Cristãos, que não parece vaticinar o futuro, senão historiar o passado.

exemplo. O mar é imenso, as ondas confusas, as nuvens espessas, a noite escuríssima; mas esperamos no Pai dos lumes (a cuja glória e de seu Filho servimos), tirará a salvamento a frágil barquinha: ela 5 com maior ventura que Argos, e nós com maior ousadia que Tífis.

Antes de abrir as velas ao vento (oh façá Deus que não seja tempestade!), em lugar da benevolência que se costuma pedir aos leitores, só lhes quero pedir 10 justiça. É de direito natural que ninguém seja condenado sem ser ouvido; isto só deseja e pede a todos a nova *História do Futuro*, com palavras não suas, mas de S. Jerónimo: *Legant prius et postea despiciant*: «Leiam primeiro, e depois condenem» — assim 15 dizia aquele grande mestre da Igreja, defendendo a sua versão dos sagrados Livros, então perseguida e impugnada, hoje adorada e de fé.

CAPÍTULO II

Segunda parte do título desta **História**; convi-
dam-se os Portugueses à lição dela.

No capítulo passado falámos com todo o Mundo; neste só com Portugal. Naquele prometemos grandes 20 futuros ao desejo; neste asseguramos breves desejos

5-6. *Argos* era o nome da nau em que, segundo a Mitologia, se embarcou Jasão com seus companheiros, que do nome do navio se chamaram *Argonautas*, para a conquista do tosão de ouro, existente em Cólquida e proveniente do carneiro que transportara Frixos através dos ares. O piloto da nau tinha o nome de *Tífis*.

ao futuro. Nem todos os futuros são para desejar, porque há muitos futuros para temer. «Amanhã serás comigo», disse Samuel a Saul, o profeta ao rei, o morto ao vivo. Oh que temeroso futuro! Caiu Saul 5 desmaiado, e fora melhor cair em si que aos pés do Profeta. Mas era já a véspera do dia da morte; e quem busca o desengano tarde, não se desengana. Outros reis houve, que por não temer os futuros, quiseram antes ignorá-los.

10 ...*Cessant oracula Delphis,*
 Sed siluit postquam reges timuere futura,
 Et Superos vetuere loqui...

Disse sem murmuração o satírico que taparam os reis a boca aos deuses, e não queriam consultar os 15 oráculos, por não temer os futuros prósperos e adversos, os felizes e os infelizes. Todos fora felicidade antever, os felizes para a esperança e os infelizes para a cautela.

O maior serviço que pode fazer um vassalo ao rei, 20 é revelar-lhe os futuros; e se não há entre nós os vivos quem faça estas revelações, busque-se entre os sepultados, e achar-se-á. Saul achou a Samuel morto e Baltasar a Daniel vivo, porque um matava os pro-

3. O profeta Samuel, já morto, apareceu ao rei David, evocado pela Pitonisa, segundo o refere o I *Livro dos Reis*, XXVIII, 19.

13. Trad. dos versos: ...*Cessam os oráculos em Delfos,*
 mas fez-se silêncio, depois que os reis temeram os futuros
 e proibiram que os deuses falassem.

22. Vid. I *Livro dos Reis*, XXVIII, 11 e seg.

23. Vid. *Daniel*, V, 16.

fetas, outro premiava as profecias. Declarou Daniel a Baltasar a escritura fatal da parede, anunciou-lhe intrèpidamente que naquela mesma noite havia de perder a vida e o império. E que lhe importou a 5 Daniel esta tão triste interpretação? No mesmo ponto — diz o texto — mandou Baltasar que o vestissem de púrpura e que lhe dessem o anel real, e que fosse reconhecido por tetrarca de todo o império dos Assírios, que era fazê-lo um dos quatro supremos 10 ministros ou governadores da monarquia.

Só isto fez Baltasar nos instantes que lhe restaram de vida; e premiado assim o profeta, cumpriu-se a profecia e foi morto o rei, digno só por esta accão (se não foram as suas culpas sacrilégios) de que 15 Deus lhe perdoara a vida.

Se tanto vale o conhecimento de um futuro, ainda que tão infeliz; se tanto prémio se dá a uma profecia mortal e que tira impérios, que seria se os prometera?

20 Não faltou a este merecimento Dario Hidaspes, rei dos Persas e dos Medos. Sucedeu vitorioso este príncipe na coroa de Baltasar, e confirmou sempre a Daniel na mercê e lugar em que ele o tinha posto; porque assim como profetizou que havia de perder 25 o império o rei dos Assírios, ajuntou também que o havia de ganhar o dos Persas e Medos: *Divisum est regnum tuum et datum est Medis et Persis.*

1-4. Vid. nesta coleção *Obras várias*, I, nota da pág. 148.

10. Vid. *Daniel*, V, 29.

26-27. Trad.: *O teu reino se dividiu e foi dado aos Medos e aos Persas. Daniel*, V, 28.

Eu, Portugal, (com quem só falo agora) nem espero o teu agradecimento, nem temo a tua ingratidão. Porque, se me não contas com Daniel entre os vivos, eu me conto com Samuel entre os mortos; se 5 nas letras que interpreto achara desgraças (bem poderá ser que as tenhas), eu te dissera a má fortuna sem receio, assim como te digo a boa sem lisonja. Mas é tal a tua estrela (benignidade de Deus contigo deverá ser), que tudo o que leio de ti são grandezas, 10 tudo que descubro melhorias, tudo o que alcanço felicidades. Isto é o que deves esperar, e isto o que te espera; por isso em nome segundo e mais declarado chamo a esta mesma escritura *Esperanças de Portugal*, e este é o comento breve de toda a *História do Futuro*.

Mas vejo que o mesmo nome de *Esperanças de Portugal* lhe poderá com razão suspender o gosto, assustar o desejo e embaraçar os mesmos alvorocós em que o tenho metido com estas esperanças: *Spes quae differtur, affligit animam*, disse a Verdade divina e o sabe e sente bem a experiência e paciência humana: ainda que seja muito segura, muito firme e muito bem fundada a esperança, é um tormento desesperado o esperar.

Muito seguras eram, e tão seguras como a mesma palavra de Deus (que não pode mentir nem faltar), as promessas dos antigos Profetas; mas cansava-se tanto o desejo na paciência de esperar por elas, que vinham a ser fábula do vulgo em Jerusalém as esperanças das profecias. Assim conta esta queixa Isaías 30

19-20. Trad.: *A esperança que se dilata aflige a alma.*
Provérbios, XIII, 12.

no capítulo XXVIII, que pelas ruas e praças da corte se andavam cantando por riso as suas esperanças, e que a volta ou estribilho da cantiga era:

...expecta, reexpecta,

Expecta, reexpecta.

Modicum ibi,

Modicum ibi.

5

10 Esperavam, reesperavam e desesperavam aqueles homens, porque em muitas cousas das que lhes prometiam as profecias, primeiro se acabava a vida do que chegasse a esperança. Deixaram os pais em testamento as esperanças aos filhos, os filhos aos netos, e nem estes, sendo então as vidas mais compridas, chegavam a ver o cumprimento do que tão longamente tinham esperado. As esperanças da Terra de 15 Promissão deixou-as Abraão a Isaac, Isaac a Jacob e Jacob aos doze Patriarcas; mas todos eles morreram e foram sepultados no Egipto. A quem há-de cobrir a terra do Egipto, que lhe importam as esperanças da terra de Promissão? No cativeiro de Babilónia pregavam e prometiam os Profetas que Deus 20 havia de levantar mão do castigo e restituir o povo à sua antiga liberdade; e se lhes perguntavam quando, respondiam e afirmavam constantemente 25 que dariam a setenta anos.

4-7. Trad.:

Espera, torna a esperar,

Espera, torna a esperar.

Pouco vai nisso,

Pouco vai nisso.

20. Vid. *Jeremias*, XXIII, 10.

Boa esperança para um cativo, ainda que não fosse muito velho. De que me serve a esperança da liberdade, se primeiro se há-de acabar a vida? O mesmo podem arguir os que hoje vivem com estas 5 esperanças, que eu lhas prometo. Grandes são essas esperanças de Portugal; mas quando há-de ver Portugal essas esperanças?

Ponto é este que depois se há-de tratar muito de propósito, e em que a nossa *História* há-de empregar todo o quinto livro. Por agora só digo que me 10 não atrevera eu a prometer esperanças, se não foram esperanças breves. Deus na Lei Escrita, como notaram grandes autores, nunca prometeu o Céu expressamente, porque o que se não pode dar logo não se 15 há-de prometer. Prometer o Céu para ir esperar por ele ao Limbo, são promessas em que por então se dá o contrário do que se promete. Tais são as esperanças dilatadas. Se nelas se promete a vida, são morte; se nelas se promete o gosto, são tormento; se nelas 20 se promete o Paraíso, são Inferno.

O Limbo chamava-se Inferno; e porque? Porque era um lugar onde se esperava tantos anos pelo Paraíso. Não me tenha a minha Pátria por tão cruel, que lhe houvesse de prometer martírios com nome 25 de esperanças. Para se avaliar a esperança, há-se de medir o futuro, e não é este o futuro da minha *História*.

São Paulo, aquele filósofo do terceiro Céu, desafiando todas as criaturas, e entre elas os tempos,

28. Chama V. a S. Paulo filósofo do terceiro Céu, porque o Apóstolo, na sua II *Epistola aos Coríntios*, XII, 2-4, diz ter sido arrebatado ao terceiro Céu, ao Paraíso, onde ouviu os arcanos do Senhor.

dividiu os futuros em dois futuros: *Neque instantia, neque futura*. Um futuro que está longe e outro futuro que está perto; um futuro que há-de vir e outro futuro que já vem; um futuro que muito tempo 5 há-de ser futuro — *Neque futura* — e outro futuro que brevemente há-de ser presente: *Neque instantia*.

Este segundo futuro é o da minha *História*, e estas as breves e deleitosas esperanças que a Portugal ofereço. Esperanças que hão-de ver os que vivem, 10 ainda que não vivam muitos anos, mas viverão muitos anos os que as virem. *Lignum vitae, desiderium veniens*, disse no mesmo lugar alegado a mesma Verdade divina.

Assim como há esperanças que tardam, há esperanças que vêm. As esperanças que vêm são o pomo da árvore da vida: *Lignum vitae desiderium veniens*. A virtude maravilhosa daquele pomo era reparar e acrescentar a vida e remoçar aos que o comiam. As esperanças que tardam, tiram a vida; as esperanças que vêm, não só não tiram a vida, mas acrescentam os dias e os alentos dela: *Spes quae differtur, affligit animam. Lignum vitae, desiderium veniens*.

Que vida haverá em Portugal tão cansada, que idade tão decrepita, que à vista do cumprimento 25 destas esperanças, não torne atrás os anos para lograr tanto bem? Vivei, vivei, Portugueses, vós os que mereceis viver neste venturoso século! Esperai no Autor de tão estranhas promessas, que quem

1-2. Trad.: *Nem as coisas presentes, nem as futuras.*
Epistola aos Romanos, VIII, 38.

21-22. Trad.: *A esperança que se dilata aflige a alma.*
O desejo que se cumpre é árvore da vida. Provérbios, XIII, 12.

vos deu as esperanças, vos mostrará o cumprimento delas.

Não é privilégio este de qualquer profecia, mas daquelas profecias de que se compõe esta *História*.

5 Sim, porque são mais que profecias. Um profeta houve no Mundo mais que profeta, que foi o grande precursor de Cristo. E por que razão mereceu a singularidade deste nome S. João entre todos os profetas deste Mundo? Porque os outros profetas prometeram a Cristo futuro, mas não o viram, nem o mostraram presente; o Baptista prometeu o futuro com a voz, e mostrou o presente com o dedo — *Cecinit ad futurum, et adesse monstravit.*

Se houve um profeta que foi mais que profeta, 15 porque não haverá também algumas profecias que sejam mais que profecias? Assim espero eu que o sejam aquelas em que se fundam as minhas esperanças e que, se nos prometem as felicidades futuras, também as hão-de mostrar presentes. Agora as prometem com a voz, depois as mostrarão com o dedo.

Mas este grande assunto fique para seu lugar. Só digo que quando assim suceder, perderá esta nossa *História* gloriosamente o nome, e que deixará de ser *História do Futuro*, porque o será do presente.

25 Mas perguntar-me-á porventura alguma emulação estrangeira (que às naturais não respondo): se o império esperado, como se diz no mesmo título, é do Mundo, as esperanças porque não serão também do Mundo, senão só de Portugal? A razão (perdoe

7. Vid. *Ev. de S. Mateus*, XI, 9. Cristo neste passo refere-se a S. João Baptista.

13. Trad.: *Cantou ao futuro e mostrou que estava presente.*

o mesmo Mundo) é esta: porque a melhor parte dos venturosos futuros que se esperam, e a mais gloriosa deles, será não só própria da Nação portuguesa, senão única e singularmente sua. Portugal será o assunto, Portugal o centro, Portugal o teatro, Portugal o princípio e fim destas maravilhas; e os instrumentos prodigiosos delas os Portugueses.

Vê agora, ó Pátria minha, quão agradável te deve ser, e com quanto gosto deves aceitar a oferta que te faço desta nova *História*, e com que alvoroço e alegria pede a razão e amor natural que leias e consideres nela os seus e os teus futuros. O Grego lê com maior gosto as histórias de Grécia, o Romano as de Roma e o Bárbaro as da sua nação, porque lêem feitos seus e de seus antepassados. E Portugal que com novidade inaudita lerá nesta *História* os seus e os dos seus vindouros, com quanto maior gosto e contentamento, com quanto maior aplauso e alvoroço será razão que o faça?

Portentosas foram antigamente aquelas façanhas, ó Portugueses, com que descobristes novos mares e novas terras, e destes a conhecer o Mundo ao mesmo Mundo. Assim como líeis então aquelas vossas histórias, lede agora esta minha, que também é toda vossa. Vós descobristes ao Mundo o que ele era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo. Maior cabo, maior esperança, maior império.

Naqueles ditos tempos (mas menos ditosos que os futuros) nenhuma cousa se lia no Mundo senão as navegações e conquistas de Portugueses. Esta história era o silêncio de todas as histórias. Os inimigos liam nela suas ruínas, os émulos suas invejas

e só Portugal suas glórias. Tal é a *História*, Portugueses, que vos presento, e por isso na língua vossa. Se se há-de restituir o Mundo à sua primitiva inteireza e natural formosura, não se poderá consertar 5 um corpo tão grande, sem dor nem sentimento dos membros, que estão fora de seu lugar. Alguns gemidos se hão-de ouvir entre vossos aplausos, mas também estes fazem harmonia. Se são dos inimigos, para os inimigos será a dor, para os émulos a inveja, 10 para os amigos e companheiros o gosto e para vós então à glória, e, entretanto, as esperanças.

CAPÍTULO III

Terceira parte do título e divisão de toda a *História*.

O que encerra a terceira parte do título desta *História* só se pode declarar inteiramente com o discurso de toda ela, porque toda se emprega em provar a esperança dum novo império, ao qual, 15 pelas razões que se verão a seu tempo, chamamos quinto. Entretanto, para que a matéria de uma vez se comprehenda e saiba o leitor em suma o que lhe prometemos, porei brevemente aqui sua divisão.

20 Divide-se a *História do Futuro* em sete partes ou livros: no primeiro se mostra que há-de haver no Mundo um novo império; no segundo, que império há-de ser; no terceiro, suas grandezas e felicidades; no quarto, os meios por que se há-de introduzir; no 25 quinto, em que terra; no sexto, em que tempo; no sétimo, em que pessoa. Estas sete cousas são as que há-de examinar, resolver e provar a nova *História* que escrevemos do Quinto Império do Mundo.

Mas porque esta palavra *Mundo*, nos ambiciosos títulos dos impérios e imperadores, costuma ter maior estrondo na voz que verdade na significação, será bem que digamos neste lugar o que o título da 5 nossa *História* entende por *Mundo*.

Os Faraós do Egipto, e também os Ptolemeus que lhes sucederam, de tal maneira mediam a estreiteza de suas terras pela arrogância e inchação de seus vastos pensamentos, que, dominando sómente aquela 10 parte não grande da extrema África, que jaz entre os desertos de Numídia e os do Mar Vermelho, não duvidavam intitular-se *Josés do Mundo*. Essa foi a desigualdade do nome que puseram os Egípcios ao seu restaurador José: *Vocavit eum lingua ægyptiaca* 15 *Salvatorem Mundi*. Não lhe chamaram Salvador do Egipto, senão do Mundo, como se não houvera mais mundo que o Egipto. Imitavam a soberba de seu soberbo Nilo, que, quando sai ao mar, se espraia em sete bocas, como se foram sete rios, sendo um só rio; 20 assim era aquele império, e os demais chamados *do Mundo*, maiores sempre nas vozes que no corpo e grandeza.

Do império dos Assírios temos nas divinas letras uma provisão lançada no III capítulo do Profeta 25 Daniel e mandada expedir pelo grande Nabucodonosor, cujo exórdio é este: *Nabuchodonosor, rex omnibus populis, gentibus et linguis, qui habitant in universa terra*: «Nabucodonosor, rei, a todos os po-

12. Por *Josés do Mundo* entender-se-á salvadores do Mundo, sabido como foi este o apelido que em língua egípcia se deu a José. Na 1.^a e 2.^a ed. ocorre Izés.

14-15. Trad.: Chamou-lhe em língua egípcia Salvador do Mundo. *Génesis*, XLI, 45.

24. Nas eds. anteriores ocorre lançada aos três capítulos, o que deve ser erro.

vos, gentes e línguas, que habitam em todo o Mundo». E o mesmo Daniel (que é mais) falando a este rei e acomodando-se aos estilos da sua corte e aos títulos magníficos de sua grandeza, lhe diz assim 5 no mesmo capítulo: *Tu es rex qui magnificatus es et invaluisti, et magnitudo tua [...] pervenit usque ad Coelum, et potestas tua usque ad terminos universae terrae.* Contudo, se lançarmos os compassos às terras que obedeciam a Nabucodonosor, acharemos que 10 da Ásia então conhecida tinha uma boa parte, da África pouco, da Europa menos e do resto do Mundo nada. Mas bastavam estes três retalhos da terra para a soberba de Nabucodonosor revestir os títulos de seu império com o nome estrondoso de *todo o* 15 *Mundo*. Tão grande era a significação dos nomes, e tanto menos o que significavam!

Do império de Assuero (que era o dos Persas) diz o Texto Sagrado no primeiro capítulo da história de Ester, que se estendia da Índia até a Etiópia, obedecendo àquela coroa 127 províncias. Esta era a demarcação das terras e estes os limites do império, mas os títulos não tinham limite. Assim nos consta por um decreto de Dario, que se refere no VI capítulo de Daniel, por estas pomposas palavras, semelhantes em tudo às de Nabuco: *Tunc Darius rex scripsit omnibus populis et gentibus et linguis, qui habitant in universa terra: Pax vobis multiplicetur.*

5-8. Trad.: «...és tu, ó Rei, que tens sido engrandecido e te fizeste poderoso; e tua grandeza [...] chegou até o Céu e o teu poder até os termos de toda a terra. Daniel, IV, 19.

25-27. Trad.: Então o rei Dario escreveu a todos os povos, raças e línguas que habitavam em toda a terra: A paz se multiplique entre vós. Daniel, VI, 25.

E o mesmo Assuero por outro decreto, no cap. XIII de Ester, não duvidou firmar por sua própria mão, que tinha sujeito ao seu domínio o orbe universo: *Cum universum orbem meae ditioni subjugassem.*

5 De maneira que os reis persas, por serem senhores de 127 províncias, passaram provisões e decretos a todo o Mundo; mas quem desenrolasse o mapa do Mundo e pusesse sobre ele os pergaminhos destas provisões, veria facilmente que o Mundo, sem demais 10 siado encarecimento, é cento e vinte e sete vezes maior que o império persiano: tão pouco se proporcionava a geografia dos títulos com a medida dos impérios!

Que direi do império dos Românos? Os termos 15 que lhe sinalam seus escritores são as raias do Mundo:

*Orbem jam totum victor Romanus habebat,
Qua mare, qua terra, qua sidus currit utrumque,*

disse Petrônio; e Cícero, que professava mais verdade que os poetas: *Nulla gens est, quæ aut ita subacta sit ut vi non extet, aut ita domita ut quiescat, aut ita pacata ut victoria nostra imperioque lœte-*

4. No texto da 1.ª ed. cita-se, depois *subjugassem*, *Esth. XIII-2*, o que é um erro. É no cap. X — o último do livro de Ester — que ocorre, no versículo 1, o único passo que encontrei com o sentido da citação de Vieira: *Rex vero Assuerus omnem terram et cunctas maris insulas fecit tributarias.*

17-18. Trad.: *Já o vencedor romano possuía toda a terra; no mar e na terra, por onde passe o Sol, a Oriente e a Ocidente.* Petrônio, *Satyricon*, 119.

20-22. Trad.: *Não há povo que ou esteja de tal modo submetido que não resista pela força, ou que de tão domi-*

tur. Tal era a opinião que Roma tinha de sua grandeza e tal o estilo que guardava em seus edictos: ...exiit edictum à Cæsare Augusto ut describeretur universus orbis.

5 Mandou Augusto César matricular e alistar seu império, e dizia o edito: Aliste-se o Mundo. Mas se examinarmos este mundo romano até onde se estendia, acharemos que pelo oriente se fechava com o rio Tigres, pelo ocidente com o mar de Cádis, pelo 10 meio-dia com o Nilo e pelo setentrião com o Danúbio e Reno. Estes limites lhe prescreveu Cláudiano, ainda que lhe deu por margens os Orientes:

15 *Subdit Oceanum sceptris, et margine coeli
Clausit opes; quantum distant a Tigride Gades,
Inter se Tanais quantum Nilusque relinquunt.*

Deixo o Mogor, o China, o Tártaro e outros domínios bárbaros do nosso tempo, que com a mesma majestade de títulos se chamam imperadores do Mundo, seguindo a antiquíssima arrogância da Ásia, 20 em que o Mundo andou sempre atado aos títulos da monarquia.

O Mundo do nosso prometido império não é Mundo neste sentido: não prometo mundos, nem

nado se aquiete, ou a tal ponto apaziguado que se alegre com a nossa vitória e o nosso domínio.

3-4. Trad.: ...saiu um edicto de Augusto César para que fosse alistado todo o mundo. S. Lucas, II, 1.

13-15. Trad.: O Oceano submete-se aos ceptros e fecha o Império com a fronteira do Céu; quanto os Gaditanos distam do Tigre, tanto entre si se afastam o Tamisa e o Nilo. Cláudiano, Panegírico de Honório Augusto, vers. 43-45.

16. Mogor é o mesmo que Mongol.

impérios titulares, nomes tão alheios da modéstia como da verdade. Bem sei que o império de Alemanha (envelhecidas relíquias, e quase acabadas, do Romano) em muitos textos de um e outro direito se chama *império do Mundo*; mas também se sabe que os textos podem dar títulos, mas não impérios. No livro sétimo examinaremos os fundamentos deste direito; entretanto, ainda que liberalmente lho concedamos, é certo que os impérios e os reinos não os dá nem os defende a espada da justiça, senão a justiça da espada.

A Abraão prometeu Deus as terras da Palestina, mas conquistou-as a espada de Josué e defendeu-as a de seus sucessores. Estes são os instrumentos humanos de que se serve (ainda quando obra divinamente) a providência daquele supremo Senhor que o é do Mundo e dos exércitos. Os que querem o ruído e encher de algum modo o vazio destes grandes títulos, dizem que se entende por hipérbole ou exageração, e por aquela figura que os retóricos chamam *sinédoque*, em que se toma a parte pelo todo. O título desta *História* não fala por hipérboles nem sinédoques, não chama a um pigmeu gigante, nem a um braço homem. O Mundo de que falo é o Mundo, aquele Mundo, e naquele sentido em que disse S. João: ...*Mundus per ipsum factus est, et Mundus eum non cognovit*. O Mundo que Deus criou, o Mundo que o não conheceu, e o Mundo que o há-de conhecer. Quando o não conheceu, negou-

26-27. Trad.: ...o Mundo foi feito por Ele e o Mundo não O conheceu. S. João, I, 10.

-lhe o domínio; quando o conhecer, dar-lhe-á a posse: ... *universum terrarum orbem* — diz Ortélio — *veteres [...] in tres partes divisere: Africam, scilicet, Europam et Asiam, sed in inventa America, eam pro* 5 *quarta parte nostra ætas adjecit; quintamque expec-*
tit sub meridionali cardine jacentem: «O Mundo que
conheceram os Antigos se dividiu em três partes:
África, Europa, Ásia; depois que se descobriu a
10 América, acrescentou-lhe a nossa idade esta quarta
parte; espera-se agora a quinta, que é aquela terra
incógnita, mas já reconhecida, que chamamos Aus-
tral.»

Este foi o Mundo passado, e este é o Mundo
presente, e este será o Mundo futuro; e destes três
15 mundos unidos se formará (que assim o formou
Deus) um Mundo inteiro. Este é o sujeito da nossa
História, e este o império que prometemos do
Mundo. Tudo o que abraça o mar, tudo o que alu-
mia o Sol, tudo o que cobre e rodeia o Sol, será
20 sujeito a este Quinto Império; não por nome ou título
fantástico, como todos os que até agora se chama-
ram impérios do Mundo, senão por domínio e sujei-
ção verdadeira. Todos os reinos se unirão em um
25 ceptro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema
cabeça, todas as coroas se rematarão em uma só dia-
dema, e esta será a peanha da cruz de Cristo.

2-6. O texto que se segue à citação latina é a tra-
dução livre de Vieira que lhe corresponde. Vid. *Theatrum*
orbis terrarum, Abraão Ortélio, 1.ª página.

25. A palavra diadema no latim era neutra (*diadema*-
diadematis), mas também aparece com a forma feminina
diadema-diademæ, que pode justificar o feminino usado
por Vieira.

Resolveu Augusto com o senado pôr limites à grandeza do Império Romano. Duvida Tácito se foi filha esta resolução do receio ou da inveja: *Incertum metu, an per invidiam.* Temeu César (se foi receio) que um corpo tão enormemente grande não se pudesse animar com um só espírito, não se pudesse governar com uma só cabeça, não se pudesse defender com um só braço; ou não quis (se foi inveja) que viesse depois outro imperador mais venturoso, que trespassasse as balizas do que ele até então conquistara e fosse ou se chamasse maior que Augusto. Tal foi, dizem, o pensamento de Alexandre, o qual, vizinho à morte, repartiu em diferentes sucessores o seu império, para que nenhum lhe pudesse herdar o nome de Magno. Não é nem poderá ser assim no império do Mundo que prometemos; a paz lhe tirará o receio, a união lhe desfará a inveja, e Deus (que é fortuna sem inconstância) lhe conservará a grandeza.

Aqui acaba o título desta *História*, e mais claramente do que o dissemos agora o provaremos depois. Entretanto, se aos doutos ocorrem instâncias e aos escrupulosos dúvidas, damos por solução de todas a mão omnipotente: *Ut videant, sciant et recognitent, et intelligant pariter quia manus Domini fecit hoc...*

4. *Annalium Lib. I, cap. II.*

24-25. Trad.: *Para que vejam e saibam e considerem e entendam igualmente que a mão do Senhor fez isto... Isaías, XLI, 20.*

CAPÍTULO IV

Utilidades da **História do Futuro**

§ I

Se o fim desta escritura fora só a satisfação da curiosidade humana, e o gosto ou lisonja daquele apetite com que a impaciência do nosso desejo se adianta em querer saber as cousas futuras; e se as 5 esperanças que temos prometido foram só flores sem outro fruto mais que o alvoroço e alegria com que as felicidades grandes e próprias se costumam esperar, certamente eu suspendera logo a pena e a lançara 10 da mão, tendo este meu trabalho por inútil, imper-
tinente e ocioso, e por indigno não só de o comunicar ao Mundo, mas de gastar nele o tempo e o cuidado.

Mas se a história das cousas passadas (a que os sábios chamaram mestra da vida) tem esta e tantas 15 outras utilidades necessárias ao governo e bem comum do género humano e ao particular de todos os homens, e se como tal empregaram nela sua indús-
tria tantos sujeitos em ciência, engenho e juízo emi-
nentes, como foram os que em todos os tempos imor- 20 talizaram a memória deles com seus escritos; porque não será igualmente útil e proveitosa, e ainda com vantagem, esta nossa *História do Futuro*, quanto é mais poderosa e eficaz para mover os ânimos dos homens a esperança das cousas próprias, que a me- 25 mória das alheias?

Se em todos os Livros Sagrados contarmos os es-
critores de cousas passadas (como foram, na Lei da

Graça, os quatro Evangelistas, e na Escrita, Moisés, Josué, Samuel, Esdras e alguns outros, cujos nomes se não sabem com tão averiguada certeza), acharemos que são em muito maior número os que escreveram das futuras: diferença que de nenhum modo fizera Deus, que é o verdadeiro Autor de todas as Escrituras (sendo todas elas, como diz S. Paulo, escritas para nossa doutrina), se não fora igual e ainda maior a utilidade que podemos e devemos 5 tirar do conhecimento das cousas futuras, que da notícia das passadas. E verdadeiramente que se os bens da ciência se colhem e conhecem melhor pelos males da ignorância, achará facilmente quem discorrer pelos sucessos do Mundo, desde seu princípio até 10 15 hoje, que foram muito menos os danos em que caíram os homens por lhes faltar a notícia do passado, que aqueles que cegamente se precipitaram pela ignorância do futuro.

Em consequência desta verdade e em consideração das cousas que tenho disposto escrever, digo, leitor cristão, que todos aqueles fins que sabemos teve a Providência Divina em diversos tempos, lugares e nações para lhes revelar antecedentemente o sucesso das cousas que estavam por vir, concorrem 20 25 com particular influxo nesta nossa *História* e se acham juntos nela. Esta é não só a principal razão, mas a única e total, por que nos sujeitamos ao trabalho de tão molesto género de escritura, esperando que será grato e aceito a Deus, a quem só pretendemos servir; e entendendo que foram vontade, inspiração e ainda força suave da mesma Providência os impulsos que a isto (não sem alguma violência) nos levaram, para que estes secretos de seu oculto juízo e conselho se descobrissem e publicassem ao 30

Mundo e em todo ele produzissem proporcionadamente os efeitos de mudança, melhoria e reformação, a que são encaminhados e dirigidos. À mesma Majestade divina, humildemente prostrados diante de seu infinito acatamento, pedimos com todo o afecto de coração, agora que entramos na maior importância desta matéria, se sirva de nos comunicar aquela luz, graça e espírito que para negócio tão árduo nos é necessário, conhecendo e confessando que sem assistência deste soberano auxílio, nem nós saberemos explicar a outros o pouco que por mercê do Céu temos alcançado e conhecido, nem menos poderemos descobrir e alcançar ao diante o muito que nos resta por conhecer.

§ II

Primeira utilidade.

15 O primeiro motivo e mui principal por que Deus costuma revelar as cousas futuras (ou sejam benefícios ou castigos) muito tempo antes de sucederem, é para que conheçam clara e firmemente os homens, que todas vêm dispensadas por sua mão. Arma-se 20 assim a sabedoria eterna contra a natureza humana, sempre soberba, rebelde e ingrata, ou porque se não levante a maiores com os benefícios divinos, e se beije as mãos a si mesma, como dizia Job, ou porque não atribua a cousas naturais (e muito menos 25 ao caso) os efeitos que vêm sentenciados como cas-

22. ...a maiores (subentende-se) *cousas ou ambições...*

25. O mesmo que *acaso*.

tigo por sua justiça, ou ordenados para mais altos e ocultos fins por sua providência.

Foram mostradas a Faraó em sonhos as sete espi-gas gradas e as sete falidas, as sete vacas fracas e 5 as sete robustas, e logo ordenou a Providência di-vina que estivesse em Egipto um José (posto que vendido e desterrado), que lhe declarasse o mistério dos sete anos da fartura e sete de fome, para que 10 conhecesse o bárbaro que Deus, e não o seu adorado Nilo, era o autor da abundância e da esterilidade, e que a ele havia de agradecer no benefício dos sete anos o remédio dos catorze. Como na terra do Egipto não chove jamais e se regam e fertilizam os 15 campos com as inundações do rio Nilo, disse discre-tamente Plínio que só os Egípcios não olhavam para o céu, porque não esperavam de lá o sustento, como as outras nações.

Oh quantos cristãos há egípcios, que nem espe-rando, nem temendo, levantam os olhos ao Céu, e 20 em lugar de reverenciarem em todos os sucessos a primeira causa, só adoram as segundas! Por isso mostra Deus a Faraó, tantos anos antes, quais hão-de ser os da fome e quais os da fartura; para que 25 conheça a ignorante sabedoria do Egipto que os meios da conservação ou ruína dos reinos, a mão omnipotente de Deus é a que os distribui, quando são, pois só ele os pode determinar antes que sejam.

Quis a mesma Providência, como acima dizíamos, tirar o império a Baltasar e dá-lo a Dario; mas 30 apareceu primeiro a sentença escrita no paço de Ba-

5. Vid. *Ibid., ibid.*, 12.

8. Vid. *Génesis*, XLI, 1, 2, 3 e 4.

28. Vid. pág. 12.

bilónia, e houve logo um Daniel (também cativo e desterrado), que interpretasse ao rei os mistérios dela, para que Baltasar, que perdia o reino, conhecesse que o perdia, porque Deus lho tirava; e para
5 que Dario, que o havia de receber, entendesse que o recebia, porque Deus lho dava. Deus é o que dá e tira os reinos e os impérios, quando e a quem é servido. E não bastam, se Deus dispõe outra cousa,
10 nem as armas de Dario para os adquirir, nem o direito e herança de Baltasar para os conservar; por isso quer a mesma Providência Divina que as sentenças estejam escritas antes da execução, e que haja quem as interprete antes do sucesso.

Os futuros portentosos do Mundo e Portugal, de
15 que há-de tratar a nossa *História*, muitos anos há que estão sonhados como os de Faraó e escritos como os de Baltasar; mas não houve até agora nem José que interpretasse os sonhos, nem Daniel que construísse as escrituras; e isto é o que eu começo a
20 fazer (com a graça daquele Senhor que sempre se serve de instrumentos pequenos em cousas grandes), para que conheça o Mundo e Portugal, com os olhos sempre no Céu e em Deus, que tudo são efeitos de seu poder e conselhos da sua providência; e para
25 que não haja ignorância tão cega nem ambição tão presumida, que tire a Deus o que é de Deus, por dar a César o que não é de César, atribuindo à fortuna ou indústria humana o que se deve só à disposição divina.
30 Estilo foi este que sempre Deus usou com Portugal, receoso porventura de que uma nação tão amiga

3. Vid. *Daniel*, V, 5, 25, 28..

da honra e da glória lhe quisesse roubar a sua. Quem considerar o Reino de Portugal no tempo passado, no presente e no futuro, no passado o verá vencido, no presente ressuscitado e no futuro glorioso; e em todas estas três diferenças de tempos e estilos lhe revelou e mandou primeiro interpretar os favores e as mercês tão notáveis com que o determinava enobrecer: na primeira, fazendo-o, na segunda restituindo-o, na terceira, sublimando-o.

10 Antes do nascimento de Portugal, apareceu o mesmo Cristo a El-Rei (que ainda o não era) D. Afonso Henriques, e lhe revelou como era servido de o fazer rei, e a Portugal reino; a vitória que lhe havia de dar em batalha tão duvidosa e as armas de tanta
15 glória com que o queria singularizar entre todos os reinos do Mundo. E o embaixador e intérprete deste e de outros futuros, que depois se viram cumpridos, foi aquele velho, desconhecido e retirado do Mundo, o ermitão do campo de Ourique; para que conhecesse e não pudesse negar Portugal que devia a Deus a vitória e a coroa, e que era todo seu desde seu nascimento. Antes da sua ressurreição, que todos vimos também, foi revelado o sucesso dela com todas suas circunstâncias, não havendo quem ignorasse ou quem não tivesse lido que no ano de quarenta se havia de levantar em Portugal um rei novo, e que se havia de chamar João. E o intérprete deste futuro que parecia tão impossível, e de tantos outros
20
25

10-22. Vieira refere-se à lenda do aparecimento e promessas de Cristo a D. Afonso Henriques, na véspera da batalha de Ourique, referida por Fr. Bernardo de Brito, na *Crónica de Cister*, Liv. III, Cap. III. A revelação da sua ressurreição (*restauração*) é feita por Bandarra. (Vid. IV vol., I cap. das *Obras Várias*, desta colecção).

que logo se cumpriram e vão cumprindo, foi a nossa experiência, para que conhecesse outra vez Portugal que a Deus e não a outrem devia a restituição da coroa que havia sessenta anos lhe caíra da cabeça

5 ou lhe fora arrancada dela.

Antes das glórias de Portugal, que é o tempo futuro, e muitos centos e ainda milhares de anos antes (como depois mostraremos), também está prometido este terceiro e mais feliz estado do nosso Reino, e

10 prometidos juntamente os meios e instrumentos prodigiosos por onde há-de subir e ser levantado ao cume mais alto e sublime de toda a felicidade humana; e o intérprete deste último e glorioso estado de Portugal já tenho dito quem é, e quão indigno

15 de o ser, e por isso mui proporcionado (segundo o estilo de Deus) para tão grande e dificultosa empresa; para que até por esta circunstância conheçam os Portugueses que a mesma mão omnipotente que há vinte e quatro anos conserva e defende tão cons-

20 tante e vitoriosamente o Reino de Portugal, é a que há-de levantar e sublimar ao estado felicíssimo e glorioso que lhe está prometido.

Considerem agora os Portugueses, e leiam tudo o que daqui por diante formos escrevendo com este pressuposto e importantíssma advertência: que, se alguma cousa lhes poderia retardar o cumprimento destas promessas, seria só o esquecimento ou desconhecimento do soberano Autor delas, quando por nossa desgraça fôssemos tão injuriosamente ingratos

30 a Deus, que ou referíssemos os benefícios passados, ou esperássemos os futuros de outra mão que a sua.

Prometeu Deus de livrar os filhos de Israel do cativeiro do Egipto, como tinha jurado aos seus maiores, e de os levar e meter de posse da terra da

Promissão; e posto que todos viram o cumprimento da primeira promessa, conseguindo milagrosamente a liberdade, e sacudiram sem sangue nem golpe de espada a sujeição de tão poderoso domínio, sendo 5 contudo mais de seiscentos mil homens os que triunfaram de Faraó e passaram da outra parte do mar Vermelho, de todos eles não entraram na Terra da Promissão nem chegaram a lograr a felicidade e descanso da segunda promessa mais que Josué e Calef, 10 dois daqueles aventureiros que, escolhidos pelos Doze Tribos, foram diante a explorar a terra. Raro exemplo de severidade na misericórdia de Deus, mas bem merecido castigo; porque, se buscarmos no Texto Sagrado as causas deste desvio e dilação (a qual 15 durou quarenta anos inteiros, sendo a distância do caminho breve, e que se podia vencer em poucos dias) acharemos que foram três. Agora nos servem as duas, depois diremos a terceira.

A primeira causa foi atribuírem a liberdade do cativeiro a Moisés; assim o disseram no cap. XXXII: 20 *Moysi enim huic viro, qui nos eduxit de terra Ægypti, ignoramus quid acciderit.* A segunda, e ainda mais ignorante (sobre ímpia e blasfema), foi atribuírem a mesma liberdade ao ídolo que de seu 25 ouro tinham fundido no deserto. Assim o disseram também no mesmo capítulo e o apregoaram impiedosamente a altas vozes: *Hi sunt dii tui, Israel, qui te eduxerunt de terra Ægypti.*

21-22. Trad.: ...a Moisés, a esse varão que nos tirou da terra do Egipto, ignoramos o que terá acontecido. *Exodo*, XXXII, 1.

27-28. Trad.: Estes são, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egipto. *Ibid.*, *ibid.*, 4.

Basta, povo descortês, ingrato e blasfemo! Que Moisés e o vosso ídolo foram os que vos livraram do cativeiro do Egipto?! Por certo que o não disse assim Deus ao mesmo Moisés, quando lhe deu o ofício 5 e a vara, e o fez com tanta repugnância sua instrumento de seus poderes: *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto et clamorem ejus audivi; et sciens dolorem ejus, descendì ut liberem eum de manibus Ægyptiorum, et deducam de terra illa in terram bonam et spatiösam, in terram quæ fluit lacte et melle:* «Vi — diz Deus — a aflição do meu povo, e ouvi os seus clamores; e porque sei com quão justa razão se queixam, descii em pessoa a livrá-lo das mãos dos Egípcios e tirá-lo daquela terra para outra, que lhe hei-de dar, boa, espaçosa, abundante e cheia de todos os regalos e delícias». De maneira que quem tirou os filhos de Israel do Egipto foi Deus, e quem fez os portentos e maravilhas foi Deus, e quem abriu o Mar Vermelho e afogou nele Faraó e 20 seus exércitos foi Deus; e os que atribuem as obras de Deus e os benefícios (de que só a Ele se devem as graças) a Moisés e ao ídolo não merecem ter vida nem olhos para chegar a ver a Terra de Promissão; sendo muito justo e muito justificado castigo que 25 morram e acabem todos antes de chegar o prazo das felicidades, e que, pois tão ingrata e impiamente interpretaram o benefício da primeira promessa, sejam privados de gozar a segunda.

Eu não nego que em bom sentido se podia chamar 30 Moisés libertador do cativeiro, como também Deus

6-10. Vid. *Exodo*, III, 7 e 8. Vieira não traduz à letra, A última cláusula — *abundante*, etc. — é antes paráfrase que tradução. A tradução deveria ser: *que se derrama em leite e mel.*

pelo honrar lhe dava esse nome; mas nos homens que deviam dar a Deus toda a glória (pois toda era sua), referirem-se a Moisés, era descortesia; atribuírem-na ao ídolo, era blasfêmia, e não a darem a Deus toda, era ingratidão suma.

5 Já Deus, Portugueses, nos livrou do cativeiro, já por mercê de Deus triunfámos de Faraó e do poder de seus exércitos; já os vimos, não uma, mas muitas vezes, afogados no Mar Vermelho de seu próprio 10 sangue. Imos caminhando pelo deserto para a Terra da Promissão, e pode ser que estejamos já muito perto dela, e do último cumprimento das prometidas felicidades. Se há algum tão invejoso dos bens da Pátria e tão inimigo de si mesmo, que queira retardar 15 o curso de tão próspera e feliz jornada e acabar infelizmente, ainda antes de ver o fim desejado dela, negue a Deus o que é de Deus e atribua à liberdade as vitórias e o cumprimento das primeiras promessas que temos visto, ou a Moisés ou ao ídolo. Quem 20 refere a glória dos bons sucessos ao seu valor, à sua ciência militar, ao seu braço, ao seu talento, dá a glória de Deus ao ídolo; por isso se vos escrevem aqui essa mesma liberdade, essas mesmas vitórias e esses mesmos sucessos, assim os que já se viram, 25 como os que restam para se ver, tantos anos antes revelados por Deus. Para que conheça por nossa confissão todo o Mundo que são misericórdias suas e não obras do nosso poder; e para que nós, como efeitos da providência, da bondade e omnipotência 30 divina, a Deus só as refiramos todas, e a Deus só louvemos e dêmos as graças.

Os inimigos que mais temo a Portugal são soberba e ingratidão, vícios tão naturais da próspera fortuna, que, como filhos da víbora, juntamente nas-

cem dela e a corrompem. A humildade e agradecimento, a desconfiança de nós, a confiança em Deus e o zelo e desejo puríssimo de sua glória, dando-lha em tudo e por tudo, sempre são os meios seguros
5 que nos hão-de sustentar, levar e meter de posse daquelas segundas promessas. E este conhecimento tão grato a Deus, que aprendemos nas notícias de seus futuros, é o primeiro fruto e utilidade que da
10 lição desta nossa História se pode tirar, tão importan-temente para a vida como para a vista.

BREVE ADVERTÊNCIA AOS INCRÉDULOS

Mas antes que passemos às outras utilidades, que ficarão para os capítulos seguintes, justo será que fechemos este com a terceira causa do castigo que ponderávamos, a qual refere o Texto Sagrado no
15 cap. XIV dos *Números*, e pode ser de grande exemplo para outra casta de gente, que são os que a Escritura chama *filhos da desconfiança*.

Chegados os doze exploradores da Terra da Promissão, concordaram todos na largueza, bondade e
20 fertilidade da terra; mas excepto Josué e Calef, que facilitaram a conquista e animavam o povo a ela, os outros, conformemente, instavam que era impossível, assim pela fortaleza e sítio das cidades, como pela valentia, forças e corpulências dos homens,
25 que, comparados com os Hebreus (diziam eles) pareciam gigantes. Enfim, prevaleceu o número contra a razão (como as mais vezes sucede). Deliberou o povo eleger capitão e voltar-se com ele ao cativeiro do Egípto, não bastando a experiência de tantas vitórias passadas e de tantos sucessos e prodígios inauditos, e sobre tudo as promessas divinas tão repeti-

damente inculcadas, de que Deus os havia de meter de posse daquela terra, para crerem e confiarem que assim havia de ser.

5 Esta tão covarde incredulidade foi a última ou a última sem-razão com que acabou de se apurar a paciência divina. E resoluto Deus a não sofrer mais tal gente, nem os perdoar ou dissimular, como até ali tinha feito, resolveu que fosse executada neles a sentença de sua própria incredulidade; e pois 10 criam que Deus os não havia de meter de posse da Terra da Promissão, que nenhum deles entrasse nela nem a visse, e que todos morressem primeiro e fossem sepultados naquele deserto. Assim o disse e assim se executou.

15 As palavras da queixa de Deus e da sentença, foram estas: *Usquequo detrahet mihi populus iste? Quousque non credent mihi in omnibus signis, quae feci coram eis? [...] Vivo ego, ait Dominus, sicut locuti estis, audiente me, sic faciam vobis. In solitudine hac jacebunt cadavera vestra; [...] non intrabitis terram, super quam levavi manum meam, ut habitare vos facerem...*

20 Leiam e pesem bem estas palavras de Deus os incrédulos e desanimados (vícios ambos, não sei se de pouco, se de mau coração) e vejam o perigo em que os pode meter ou tem metido a sua incredulidade:

16-22. Trad.: Até quando murmurará de mim este povo? Por quanto tempo ainda me não acreditará, apesar de quanto prodígio faço diante dele? [...] Por minha vida — diz o Senhor — assim como vós o dissesseis, ouvindo-o eu, assim vo-lo hei-de fazer. Neste deserto ficarão estendidos os vossos cadáveres. [...] Não entrareis na terra sobre a qual eu ergui a minha mão (jurando) que vo-la faria habitar. Números, XIV, 28-30.

Sicut locuti estis, sic faciam vobis. Os que pela experiência do que têm visto crêem o que está prometido, vê-lo-ão, porque são dignos de o verem; os que não crêem, ou não querem crer, a sua mesma incredulidade 5 será a sua sentença: já que o não creram, não o verão. Diz Santo Agostinho (cujas excelentes palavras adiante citaremos) que, depois de cumprida uma parte das promessas, não crer que se hão-de cumprir as outras, é não só pertinácia de incredulidade 10 racional, senão crime de ingratidão grande contra o divino Autor dos mesmos benefícios; e a estes incrédulos e ingratos castiga justíssimamente sua Providência, com que não cheguem a ver nem gozar o que não querem crer de sua bondade: 15 *Quousque non credent mihi in omnibus signis, quae feci coram eis?*

Antes da experiência das primeiras maravilhas, alguma desculpa parece que podia ter a incredulidade na fraqueza do receio e desconfiança humana; 20 mas depois de cumpridas e vistas com os olhos tantas cousas, tão grandes, tão maravilhosas e tão raras, não crer ainda as que estão por vir, é rebeldia de ingratidão e dureza da incredulidade, merecedoras ambas de que Deus as castigue com se conformar com elas: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.*

Quem quiser saber (segundo o estilo ordinário da justiça e providência divina) se há-de chegar a ver as felicidades que debaixo de sua palavra aqui lhe prometemos, examine o seu coração e consulte a sua fé; do nosso próprio coração nos conta Deus a sentença e de nossas próprias palavras a forma: *Ex ore tuo te judico.* Aos que crêem, como ao Centu-

31-32. Trad.: *Pela tua boca te julgo.* S. Lucas, XIX, 22.

rião, diz Cristo: *Sicut credidisti, fiat tibi*. E aos que não crêem como os Israelitas do deserto, diz Deus: *Sicut locuti estis*. Quem crê que se hão-de cumprir aquelas tão felizes promessas, para ele será o vê-las e gozá-las: *Sicut creditisti, fiat tibi*. E quem não crê que se hão-de cumprir, será também para ele não gozá-las, nem vê-las. É lei da liberalidade de Deus pagar a fé com a vista, por isso havemos de ver no Céu os mistérios que vemos na Terra. E este 10 estilo que Deus costuma guardar na glória da outra vida, guarda também ordinariamente nas felicidades desta, quando as tem prometido: os que as crêem, terão vida para as verem; os que as não crerem, morrerão, para que as não vejam. Assim o sentenciou o mesmo Deus outra vez em semelhante caso 15 por boca do profeta Habacuc: *Ecce qui incredulus est, non erit recta anima ejus in semetipso, justus autem in fide sua vivet*. «O incrédulo — diz Deus — nem terá a vida segura; e ao que crê, a sua mesma 20 fé lhe conservará a vida.» Assim sucedeu, porque na guerra que Nabucodonosor fez a Jerusalém, os que creram aos profetas com el-rei Iōnias viveram; e os que não quiseram crer, com el-rei Sedecias pereceram. Quem não crê, desmerece a vista; e para que 25 não chegue a ver, tira-lhe Deus a vida. Olhem por si os incrédulos, e se não crêem que havemos de ver, creiam que não hão-de viver: *Si non credideritis, non permanebitis* — diz o profeta Isaías.

1. Trad.: ...Como creste, assim te seja feito. S. Mateus, VII, 13.

16-18. Trad.: *Eis que o que é incrédulo não terá em si próprio a alma recta, mas o justo viverá na sua fé.* Habacuc, II, 4.

27-28. Trad.: *Se não crerdes, não permanecereis.* Isaías, VII, 9.

CAPÍTULO V

Segunda utilidade.

A segunda utilidade desta *História*, e mais necessária aos tempos próximos e presentes, é a paciência, constância e consolação nos trabalhos, perigos e calamidades com que há-de ser aflito e purificado o Mundo, antes que chegue a esperada felicidade.

5 Quando o lavrador quer plantar de novo em mata brava, mete primeiro o machado, corta, derriba, queima, arranca, alimpa, cava, e depois planta e semeia. Quando o arquitecto quer fabricar de novo 10 sobre edifício velho e arruinado, também começa derribando, desfazendo, arrasando e arrancando até os fundamentos, e depois sobre o novo alicerce levanta nova traça e novo edifício. Assim o faz e fez 15 sempre o supremo Criador e Artífice do Mundo, quando quis plantar e edificar de novo. Assim o disse e mandou notificar a todo o Mundo pelo profeta Jeremias: *Ecce constitui te hodie super gentes et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipes, et ædifices, et plantes.*

20 Ó gentes, ó reis, ó reinos! Quanto arrancar, quanto destruir, quanto perder, quanto dissipar se verá em vossas terras, campos e cidades, antes que Deus vos replante e reedifique, e se veja restaurado o Universo! Maravilha é que há muitos anos está 25 prometida para esta última idade do Mundo por

17-19. Trad.: *Eis te constitui hoje em supremacia sobre os povos e sobre os reinos, para que desenraízes, destruas, consumas e dissipes, e para que edifiques e plantes.* Jeremias, I, 10.

aquele supremo Monarca, que tem por assento o trono de todo ele: *Et dixit qui sedebat in throno: Ecce nova facio omnia.* E porque ninguém o duvidasse como cousa tão nova e desusada, acrescenta 5 logo o Evangelista Profeta: *Hæc verba fidelissima sunt et vera.*

Se deste trabalho e castigo pode também caber alguma parte a Portugal, e se é ele um dos reinos da Cristandade que merece ser mui renovado e 10 reformado, o mesmo Portugal o examine, e ele mesmo, se se conhece, o julgue, lembrando-lhe que está escrito que o juízo e exemplo de Deus há-de começar por sua casa: *Judicium incipiet a domo Dei.* Mas, ou sejam para Portugal, ou para o resto do 15 Mundo, ou para todos (como é mais certo), nenhuma cousa poderão ter os homens de maior consolação, alívio, nem remédio para o sofrimento e constante firmeza de tão fortes calamidades, do que a lição e condição desta *História do Futuro*, não pelo que ela 20 tem de nossa, mas pelas escrituras originais de que foi tirada. Este é o fim, diz S. Paulo, e o fruto muito principal para que elas se escreveram: *Quæcumque scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt, ut per patientiam et consolationem Scripturarum spem 25 habeamus.*

2-3. Trad.: *Então o que estava sentado no trono, disse: — Eis que torno novas todas as coisas.* Apocalipse, XX, 10.

5-6. Trad.: *Estas palavras são muito fiéis e verdadeiras.* Ib., ib.

13. Trad.: *O juízo começará pela casa de Deus.*

22-25. Trad.: *Tudo quanto está escrito, para nosso ensino está escrito, para que, pela paciência e pela consolação das Escrituras tenhamos fé.* Epístola aos Romanos, XX, 4.

A lição das Escrituras, do conhecimento e fé das cousas futuras, é a que mais que tudo nos pode consolar nos trabalhos, porque a paciência tem a sua consolação na esperança, a esperança tem o seu fundamento na fé e a fé nas Escrituras.

Que maior trabalho ou perigo pode sobrevir a uma república, que ver-se cercada e combatida por todas as partes de poderosíssimos inimigos, só e desamparada, e sem amigo nem aliado que a socorra? Neste estado se viram muitas vezes no tempo de seu governo os Macabeus, de que Deus sempre os livrou com maravilhosas vitórias e assistências do Céu, pelas quais lhes não foi necessário valerem-se da confederação que naquele tempo tinham com os Romanos e Esparcíatas; e dando conta disso aos mesmos Esparcíatas, Jónatas, que então governava o povo, diz assim em uma epístola: *Nos, cum nullo horum indigeremus, habentes solatio sanctos libros, qui sunt in manibus nostris, maluimus mittere ad vos renovare fraternitatem et amicitiam:* «Mandamos renovar por este nosso embaixador (diz Jónatas) a antiga amizade e confederação» que convosco fizeram nossos maiores, não porque tenhamos necessidade dela e dos vossos socorros, posto que não nos faltam inimigos, guerras, opressões e trabalhos, mas temos sempre em nossas mãos os Livros Santos, em que lemos as promessas divinas, e com eles e com elas nos consolamos e animamos a resistir, pelejar e vencer, como temos vencido e vencemos a todos nossos inimigos.

18-20. Vid. I *Livro dos Macabeus*, XII, 9 e 10. Os Esparcíatas são os Macedónios.

No cap. VIII se verá que sem atrevimento ou demasiada confiança podemos chamar a esta nossa *História do Futuro* livro santo, se houver (como há-de haver primeiro) trabalhos, perigos, opressões, 5 tribulações, assolações, e todo o género de calamidades, misérias e açoutes, com que Deus costuma castigar, emender e domar a rebeldia dos corações humanos.

Para esta ocasião, e tão apertada sai a luz e se 10 oferece ao Mundo este livro santo, no qual acharão os aflitos alívio, os tristes consolação, os atribulados esperança, paciência, constância e fortaleza, tudo por meio da lição e fé das divinas promessas e 15 consolação dos felicíssimos fins a que todos estes trabalhos e tribulações pela providência do Altíssimo são ordenadas.

É cousa muito digna de notar, que nunca no povo de Israel concorreram tantos Profetas juntos como antes do cativeiro de Babilónia e no mesmo 20 cativeiro. Antes do cativeiro profetizaram por sua ordem Oseas, Isaías, Joel e Amos; no cativeiro profetizou Miqueas, Habacuc, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Sofonias. De maneira que, sendo só doze os Profetas canónicos, os dez deles tiveram por 25 assunto e matéria muito principal de todas suas profecias o cativeiro de Babilónia. Os quatro primeiros, que escreveram mais de seis anos antes daquele tempo, profetizaram que o povo por seus pecados havia de ir cativo, mas que por misericórdia de Deus 30 seria depois restituído à sua pátria. Os outros seis, que profetizaram no tempo do cativeiro, insistiram constantemente em que ele havia de ter fim, determinando sinaladamente o ano da liberdade.

A razão deste concurso tão extraordinário de Pro-

fetas e profecias (nunca antes, nem depois visto) foi porque nunca o povo e reino de Judá padeceu tão grande trabalho e calamidade como o cativeiro ou transmigração de Babilónia, sendo cativos, presos 5 e despojados de seus bens, arrancados da pátria e levados a terras de bárbaros, e lá oprimidos e tratados como escravos em duríssima servidão.

Ordenou pois a providência e misericórdia divina, que naquele tempo e estado tão calamitoso, houvesse 10 muitos Profetas e muitas profecias, uns que as tivessem escrito no tempo passado, e outros que as pregassem no presente, para que o povo não desmaiasse com o peso da aflição, e animado com a esperança da liberdade, pudesse com o trabalho do cativeiro. 15 O cativeiro e o tirano os oprimiam; os Profetas e as profecias os alentavam. Cantavam-se as profecias ao som das cadeias, e com a brandura deste som os ferros se tornavam menos duros e os corações mais fortes.

20 Foi mui particular neste caso entre todos os outros Profetas o zelo e diligência de Jeremias, porque, tendo ficado em Jerusalém, onde padeceu grandes trabalhos, prisões e perigos da vida por pregar e profetizar a verdade (pela qual finalmente morreu 25 apedrejado), no meio destas opressões e perigos próprios, não esquecido dos alheios, antes mui lembrado do que padeciam os desterrados de Babilónia, escreveu um livro das suas profecias, em que por termos muito claros e palavras de grande consolação 30 lhes anunciava a liberdade e o tempo dela, como se pode ver no cap. XXIX do mesmo Profeta. Levou este livro a Babilónia o Profeta Baruch, companheiro de Jeremias, leu-se em presença de El-Rei Iconias e pùblicamente de todo o povo, que com

ele vivia no cativeiro, e nota o mesmo Baruch que todos com grande alvoroço corriam ao livro. Assim o diz no primeiro capítulo da relação que fez desta jornada, e anda no Texto Sagrado junta com as 5 obras de Jeremias: *Et legit Baruch verba libri hujus ad aures Jechoniæ, filii Joachim, regis Juda, et ad aures universi populi venientis ad librum.*

Não sei se terá a mesma fortuna, e se será recebido e lido com o mesmo ânimo e afecto este nosso livro 10 da *História do Futuro*; mas sei que nos trabalhos, calamidades e aflições que há-de padecer o Mundo e pode ser cheguem também a Portugal, nem Portugal nem o Mundo poderá ter outro alívio nem outra consolação maior que a frequente lição e consideração deste livro e das profecias e promessas do futuro que nele se verão escritas. Ao menos não negará Portugal que, no tempo da sua Babilónia e 15 do cativeiro e opressões com que tantas vezes se viu tão maltratado e apertado, nenhuma outra apelação tinha a sua dor, nem outro alívio ou consolação a sua miséria, mais que a lição e interpretação das profecias, e a esperança da liberdade e do ano dela, e do termo e fim do cativeiro que nelas se lia.

Lia-se na carta e tradição de S. Bernardo que, 20 quando Deus alguma hora permitisse que o reino viesse a mãos e poder de rei estranho, não seria por espaço mais que de sessenta anos. Lia-se no juramento de El-Rei D. Afonso Henriques e na pro-

5-7. Trad.: *E leu Baruch as palavras deste livro aos ouvidos de Jeremias, filho de Joaquim, rei de Judá, e aos ouvidos de todo o povo que se aproximava do livro. Baruch, I, 3.*

5 messa do santo ermitão, que, na décima sexta geração atenuada, poria Deus os olhos de sua misericórdia no Reino. Lia-se nas célebres tradições de Gregório de Almeida no seu *Portugal Restaurado*, que o tempo desejado havia de chegar, e as esperanças dele se haviam de cumprir no ano sinalado de quarenta; e no concurso de todas estas profecias se consolava e animava Portugal a ir vivendo ou durando até ver o cumprimento delas.

10 Falando no mesmo cativeiro de Babilónia o mesmo profeta Isaías, e do alívio e consolação que com suas profecias haviam de ter em seus trabalhos aqueles cátivos, diz com igual brandura e eloquência estas notáveis palavras: *Spiritus Domini super me [...] ut mederer contritis corde et prædicarem captivis indulgentiam [...] ut prædicarem annum placabilem Domino [...] ut consolarem omnes lugentes [...] et darem eis coronam pro cinere, oleum gaudii pro luctu...* «Desceu sobre mim o Senhor, e 15 ungui-me com seu espírito, diz Isaías, para que como médico dos aflitos cátivos de Babilónia, curasse com o talento de minhas promessas e profecias, a tristeza e desmaio de seus corações». E de-

4. O livro a que Vieira se refere chama-se *Restauração de Portugal prodigiosa*, e não *Portugal Restaurado*, e o autor é o P.^o João de Vasconcelos, sob o pseudónimo de Dr. Gregório de Almeida.

14-19. Trad.: *O espírito do Senhor sobre mim [...] para sarar os contritos de coração e pregar a indulgência aos cátivos [...] para pregar o ano que pode aplacar o Senhor, para consolar todos os que choram, dar-lhes a coroa pelas cinzas, o óleo da alegria pelo luto. Isaías, LXI, 1, 2 e 3.*

clarando mais em particular os remédios cordiais que lhes aplicava, aponta nomeadamente dois, que mais parecem receitados para o nosso cativeiro que para o de Babilónia: o primeiro, era um ano de 5 indulgência e redenção, em que o cativeiro se havia de acabar: *Et prædicarem captivis indulgentiam, annum placabilem Domino;* o segundo, era uma coroa trocada pelas antigas cinzas, com que os lutos e tristezas passadas se convertessem em festas e alegrias: *Et darem eis coronam pro cinere, oleum gaudii pro luctu.*

Assim o liam os cativos de Babilónia nas suas profecias, e assim o líamos nós também nas nossas. E assim como eles não tinham outro remédio na sua 15 dor senão a esperança daquele desejado ano e a mudança daquela prometida coroa, assim nós, com os olhos longos no suspirado ano de quarenta e na esperada coroa do novo rei português, aliviávamos o peso do nosso jugo e consolávamos a pena do 20 nosso cativeiro. E pois este remédio das profecias foi tão presente e eficaz para os trabalhos passados, razão tenho eu (e razão sobre a experiência) para esperar e confirmar que o será também para os futuros.

25 Eu não prometo nem espero infortúnios a Portugal; mas ou sejam de Portugal, ou da Cristandade, ou do Mundo os que pode causar nele a necessidade ou a adversidade dos tempos, para todos lhes prometo este remédio: melhor é que sobejem os remédios à cautela, do que faltem à providência.

30 E porque não pareça que argumento só de casos e profecias de tempos antigos, sejam os casos e profecias próprias dos nossos tempos e escritas só para eles.

Ninguém ignora que as profecias do *Apocalipse* (e mais ainda as que estão por cumprir) são próprias dos tempos que hoje correm e hão-de parar no fim do Mundo. Assim o dizem Padres e expositores, 5 e nós o mostraremos em seu próprio lugar. Mas a que fim, pergunto, ordenou a Providência Divina que S. João tivesse aquelas revelações e escrevesse aquelas profecias?

É pergunta esta de que foi respondida Santa Brígida, como se lê no Livro VI de suas *Revelações*. Querendo Cristo, por particular favor, que a santa ouvisse a resposta da boca do mesmo Profeta, apareceu ali S. João e disse desta maneira: *Tu, Domine, inspirasti mihi mysteria ejus, et ego scripsi ad consolationem futurorum, ne fideles tui propter futuros casus everterentur*: «Vós, Senhor, me revelastes aqueles mistérios, e eu escrevi as profecias deles para consolação dos vindouros e para que os vossos fiéis com os casos futuros se não perturbassem», antes 20 confirmados com as mesmas profecias, estejam neles constantes.

Este é o fim (posto que não só este) por que Deus revela as cousas futuras, e por que os Profetas antigos, e o último de todos, que foi S. João, as escreveram: para que se veja quão justa e quão útil é, e quão conforme com a vontade e intento de Deus, a diligência com que eu me disponho, e o trabalho de escolher entre todas as profecias que pertencem a nossos tempos, e de as ajuntar, ordenar e tirar à 30 luz para o benefício público. E porque o fruto deste benefício se pode colher nas novidades que promete

13-16. Vid. *Revelationes Sanctæ Brigitæ*, Lib. VI, cap. 89.

este mesmo ano em que somos entrados, aplicando o remédio à ferida ou aos ameaços dela, digo assim com o profeta Amos: *Leo rugiet; quis non timebit?* *Dominus Deus locutus est quis non prophetabit?*

5 Está o leão bramindo? Sim, está; pois agora é o tempo de se ouvirem as profecias e de se saber e publicar o que Deus tem dito: *Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* Falem todos nas profecias e entendam-nas todos, pratiquem-nas todos,
10 que agora é o tempo.

Quando os bramidos do leão se ouvirem em suas caixas e trombetas, soe também em nossos ouvidos, por cima de todas elas, o trovão de nossas profecias. Assim lhes chamei, porque são voz do Céu: *Leo rugiet, quis non timebit?* «Quando bramir o leão, quem não tremerá?»

20 Responderão com razão os nossos soldados que não temerão aqueles que tantas vezes os têm vencido; que não temerá Portugal, que é o Sansão que tantas vezes o tem desqueixado; que não temerá Portugal, que é o Hércules que tantas vezes se tem vestido de seus despojos; que não temerá Portugal, que é o David que tantas vezes lhe tem tirado das garras os seus cordeiros. Esta é a resposta do valor,
25 e esta pode ser também a da arrogância, de que Deus se não agrada.

30 Não confie Portugal em si, porque se não ofenda Deus; confie só no mesmo Deus e em suas promessas, e pelejará seguro. Oh! que bem armados espe-rarão o leão na campanha os nossos soldados, se

3-4. Trad.: *O lião rugirá; quem não há-de temer? O Senhor Deus falou; quem não há-de profetizar?* Amos, III, 8.

tiverem nas mãos as armas e no coração as profecias! *Leo rugiet, quis non prophetabit?*

Estas são as trombetas do Céu, de cujo som tremem os muros de Jericó e a cuja bateria nenhuma 5 fortaleza resiste.

Mas se acaso (que pode ser) houver algum sucesso adverso (que também depois do milagre de Jericó houve nos campos de Hai), não perca Josué nem seus soldados o ânimo; recorram a Deus e a 10 suas promessas, que por isso nos tem prevenido com elas.

Costuma a Providência Divina começar suas maravilhas por efeitos contrários, ou para provar nossa fé, ou para mais exaltar sua omnipotência. Ele pode 15 mais que todos os poderes humanos, e só uma causa não pode, que é faltar ao que tem prometido. Deixou Cristo aos discípulos lutar com a tempestade na primeira vigia, na segunda não lhes acudiu, nem na terceira; e quando na quarta, depois de os atemorizar com fantasmas, os socorreu com sua presença, 20 ainda então os repreendeu de pouca confiança. Escureça-se a noite, brame o mar, rompa-se o céu, enfureçam-se os ventos, que Deus há-de acudir por sua palavra; seguro está o Reino em que ele e a 25 palavra de Deus correm o mesmo perigo.

3-4. Conta a *Bíblia* (Josué, Cap. VI), que a cidade de Jericó foi conquistada por Josué, tendo os seus muros aluído milagrosamente ao som das trombetas dos pouquíssimos atacantes.

25. Vid. S. Mateus, XIV, 25-31.

CAPÍTULO VI

Terceira utilidade.

Finalmente (e é a terceira e não menor utilidade desta *História*), lendo os príncipes da Cristandade, e mais particularmente aqueles que forem ou estão já escolhidos por Deus para instrumentos gloriosos de tão singulares maravilhas e maravilhosas felicidades, lendo, digo, no discurso da *História do Futuro*, as vitórias, os triunfos, as conquistas, os reinos, as coroas e o domínio e sujeição de nações tantas e tão dilatadas, que lhes estão prometidas, na fé e confiança das mesmas promessas se atreverão animosamente a empreendê-las, sendo certo que, medidas só as forças da potência humana, sem ter por fiador a palavra divina, nenhuma razão haveria no Mundo que se atrevesse a aconselhar, nem ainda temeridade que se arrojasse a empreender a desigualdade de tamanhas guerras e a desproporção de tão imensas conquistas. Mas as promessas e as disposições divinas, antecendentemente conhecidas na previsão do futuro, tudo facilitam e a tudo animam.

Para testemunho desta tão importante verdade e alento dos que a lerem, porei aqui um só exemplo de guerras, outro de conquistas, mas um e outro os maiores que até hoje se viram no Mundo.

Tinham vindo sobre o povo de Israel os exércitos dos Filisteus com trinta mil carros de guerra e tanta multidão de soldados, que não só compara a Escritura Sagrada o número deles com o da areia do mar,

senão com a areia muita: *...sicut arena, quæ est in littore maris, plurima.* Os Israelitas, reconhecendo sua desigualdade para resistir a tão superior e excessivo poder, diz o mesmo texto que se tinham escondido pelas brenhas, pelas montanhas, pelas covas, pelas grutas, pelas cisternas e por todos os outros lugares mais ocultos e secretos que sabe inventar o medo e a necessidade.

5 Neste estado de horror e miséria sai de noite o príncipe Jónatas, filho de el-rei Saul, trata de consultar a Deus por um modo de oráculo ou sorte, a que os Hebreus chamavam *Phurim*, pela qual a Providência divina naquele tempo costumava responder e significar os sucessos futuros; e encaminhando para os alojamentos do inimigo, disse assim ao seu pajem da lança, que só o acompanhava:

10 — Se quando formos sentidos do exército dos Filisteus, disserem as sentinelas: — Esperai por nós — é sinal que responde Deus que paremos, e que não convém acometer; mas se as sentinelas disserem: — 20 Vinde para cá — é sinal que responde Deus que acometamos, porque os tem entregues em nossas mãos, e que havemos de prevalecer contra eles.

15 Ajustados os sinais nesta forma, prosseguiram seu caminho, chegaram perto e foram sentidos. As sentinelas que deram fé dos dois vultos, falaram entre si, concordando em que eram hebreus dos que estavam metidos pelas covas; levantaram a voz e disseram para eles:

20 — Vinde cá, que temos certa cousa que vos dizer. Não foi necessário mais, para que Jónatas enten-

1-2 Trad.: *...assim como a muita areia que há na praia do mar.* I Liv. dos Reis, XIII, 5.

desse a resposta do divino oráculo, interpretando-a (como verdadeiramente era) conforme o sinal que tinha posto; e na fé e confiança desta profecia, tendo por sem dúvida que havia de vencer, avança animosamente às tendas dos Filisteus, começa ele e o companheiro a matar nos inimigos, toca-se arma, cresce a confusão, perturbam-se os arraiais, trava-se uma brava peleja dos mesmos Filisteus uns contra os outros, cuidando que eram os soldados de Saul. Fogem, atropelam-se, matam-se. Saem das covas os Israelitas, seguem os Filisteus fugitivos, e voltam carregados de despojos. Conhecem-se enfim com imortal glória de Jónatas os autores de tão estupenda façanha, bastando só dois homens armados da confiança de uma profecia, para porem em fuga o mais poderoso exército e alcançarem a mais desigual e prodigiosa vitória.

A maior e mais nobre conquista que até hoje se intentou e conseguiu no Mundo, foi a famosa de Alexandre Magno. O homem que a empreendeu era o maior capitão que criou a natureza, formou o valor, aperfeiçoou a arte e acompanhou a fortuna; mas se não fora ajudado da profecia, nem ele se atrevera ao que se atreveu, nem obrara e levara ao cabo o que obrou. Bem sei que no dia em que nasceu Alexandre, ardeu o famosíssimo templo de Diana Efesina, onde prognosticaram os Magos que naquele dia entrara no Mundo quem havia de ser o incêndio de toda Ásia.

5. Terras na 1.^a e 2.^a eds. Tendas no apógrafo 382 do Arquivo Nacional.

29. Vid. A Lápide, *in-Commentaria in Quatuor Prophetas Maiores — In Danielem*, Cap. II, vers. 30 § 12 (p. 953 da ed. de 1761).

Também sei que a quem desatasse o nó gordiano que Alexandre cortou com a espada, estava prometido pelos oráculos de Apolo Delfico o império de todo o Oriente; mas não chamo eu a isto profecias, nem assento considerações e verdades tão sérias sobre fundamentos de tão pouca subsistência, como são os vaticínios da Gentilidade.

5 Conta Josefo, no liv. XI de suas *Antiguidades*, que, entrando Alexandre em Jerusalém, saiu a o receber fora do templo o sumo sacerdote Jado, revestido dos ornamentos pontificiais, e que Alexandre, vendo-o, se lançara a seus pés e o adorara; e perguntado pela causa de tão desusada reverência, tão alheia de sua grandeza e majestade, respondeu 10 que ele não adorara aquele homem, senão nele a Deus, porque reconheceria que aquele era o hábito, o ornato e a representação em que Deus lhe tinha aparecido em Dio, cidade de Macedónia, e exortando-o a que empreendesse a conquista da Pérsia, que 15 naquele tempo meditava, lhe segurara a vitória.

20 As palavras de Alexandre (que é bem se veja a sua formalidade) são as seguintes:

— *Non hunc adoravi, sed Deum, cuius principa-*

1. *Górdio* (de onde vem *Gordiano*) era um rei lendário da Frigia, que por meio de um nó que se não sabia desatar, ligou o jugo à lança do arado com que estava lavrando, quando recebeu misterioso aviso da sua futura realeza, e que consagrou a Júpiter no dia em que subiu ao trono. A celebridade deste *nó górdio* ou *gordiano* — deriva da lenda, segundo a qual Alexandre Magno, sabendo que o oráculo prometera o império da Ásia a quem desatasse tal nó, desesperado por tal lhe não ser possível, o cortou com a espada.

22 Vid. Flávio Josefo — *De antiquitatibus Jadæorum*, Cap. XI (p. 47 da ed. de 1539).

tus sacerdotii functus est. Nam per somnium in hu-
 jus modi eum habitu conspexi, adhuc in Dio civitate
 Macedoniae constitutus. Dumque mecum cogitassen
 posse Asiam vincere, incitavit me ut nequaquam ne-
 5 gligerem, sed confidenter transirem. Nam per se
 ducturum meum exercitum dicebat, et Persarum
 traditum potentiam: ideoque neminem alium in
 tali stola videns, cum huc advertisset, habens vi-
 sionis et probationis nocturnæ memoriam, salutavi.
 10 [...] Exinde arbitror Divino iuvamine me directum
 Dariumque vixisse, virtutemque solvisse Persarum.
 Propterea et omnia quæ meo corde sperantur, pro-
 ventura confido.

No mesmo templo de Jerusalém, refere também
 15 Josefo que foram mostradas a Alexandre as profecias
 de Daniel, particularmente aquela do cap. VIII. Conta ali o profeta que viu dois animais do campo:
 um, o maioral das ovelhas, com dois cornos muito
 fortes; outro, o maioral das cabras, com um só corno
 20 entre os olhos (o qual depois de quebrado se dividiu em quatro), e que este segundo animal, correndo da parte do Ocidente contra o primeiro, sem
 pôr os pés na terra, o investira e derribara e metera
 debaixo dos pés.

25 Nestas duas figuras é certo que estava profetizado, na primeira, o império dos Persas e Medos (como explicou o anjo a Daniel), por isso tinha a testa dividida em dois cornos; na segunda, o império dos Gregos, que no princípio esteve unido em
 30 uma só pessoa, que foi Alexandre, e depois de sua morte se dividiu em quatro, que foram os quatro

13. Vid. A Lápide, in-Liber Sapientiæ Argumentum,
 § Jam ut proximius... (p. 539 da ed. de 1761).

reinos em que ele o repartiu entre seus capitães. Saiu pois Alexandre da parte ocidental, que é a Macedónia, e sem pôr os pés na terra, pela velocidade com que vencia e sujeitava tudo, investiu, derribou e meteu debaixo dos pés o império dos Persas e Medos, acabando de se cumprir a profecia na 5 última batalha do Tigranes, em que venceu e desbaratou de todo os exércitos de Dario e tomou ou se deixou saudar com o nome de Imperador da 10 Ásia.

Não parou aqui Alexandre; porque não pararam aqui as profecias de Daniel na visão dos quatro an- 15 mais referidos no cap. VII. O terceiro era Alexandre, significado no leopardo com quatro asas. Na visão da estátua de Nabuco, referida no cap. II, o terceiro dos metais, que era o bronze, significava também o império de Alexandre; e diz ali o Profeta que rei- 20 naria e se faria obedecer de todo o Mundo: *Et regnum tertium aliud æreum, quod imperabit universæ terræ.*

Em seguimento e confiança destas profecias, par- 25 tiu Alexandre vitorioso para a conquista que lhe restava do mundo oriental, o qual sujeitou e uniu todo ao seu império, passando o Tauro e o Cáucaso e chegando até os fins do Ganges e praias do mar Índico, que eram então os últimos da terra de onde Hércules e o padre Líbero os tinham colocado.

18-20. Trad.: *E um terceiro reino de bronze, que dominará a terra inteira. Daniel, 39. Vid. A Lápide, Ibid. Cap. II, p. 953.*

27. Hércules e Líbero (o mesmo que Baco ou Dió- nisos) são figuras mitológicas, a quem se atribui o terem penetrado na Ásia, o segundo à frente do exército com que a conquistou.

Mas foram ainda mais em número e grandeza as nações que venceu e sujeitou Alexandre com a fama mais que com a espada; porque, entrando da volta desta jornada em Babilónia, achou nela os embaixadores de África, de Cartago, Espanha, Gália, Itália, Sicília, Sardenha, as quais províncias, em obsequio e reconhecimento de sua potência, se lhe mandaram sujeitar e entregar espontâneamente, e entre elas os mesmos Romanos (nome já naquele tempo famoso no Mundo), como é autor Clitarco, referido e louvado por Plínio no liv. III da *História Natural*. Tudo certifica ainda com palavras maiores o mesmo Texto Sagrado no exórdio do I Liv. dos *Macabeus*, dizendo: ...*percussit Alexander [...] qui primus regnavit in Græcia, et Darium regem Persarum et Medorum, constituit et prælia multa et obtinuit omnium munitiones, et interfecit reges terræ, pertransiit usque ad fines terræ, et accepit spolia multitudinis gentium, et siluit terra in conspectu ejus.*

Porém o que mais admira nas conquistas e vitórias de Alexandre, é a desigualdade do poder e o limitado aparato de guerra com que entrou em tão imensa empresa; porque, como refere Plutarco e o prova com graves autores, saiu de Macedónia com

10-11. Vid. *Hist. Natur.*, III, Cap. V. Clitarco é citado como tendo escrito que Circeio, cidade italiana, mandara uma legação a Alexandre. *Como é autor...* entenda-se: *como informa*.

14-20. Trad. *Alexandre, que primeiro reinou na Grécia, bateu Dario, rei dos Persas e dos Medos, travou numerosos combates e obteve munições de todos, e abateu os reis da terra, penetrou até os confins da terra, aceitou espólios da multidão dos povos e a terra emudeceu à sua vista.* I Liv. dos *Macabeus*, I, 1-3.

menos de quarenta mil homens, bastimentos só para trinta dias, e com setenta talentos para estipêndios, que fazem da nossa moeda quarenta e dois mil cruzados.

5 Mas como Alexandre, antes de obrar todas estas maravilhas, com que mereceu o nome e se fez verdadeiramente *magno*, se tivesse visto a si mesmo melhor retratado nas profecias de Daniel, do que depois se viu nas estátuas de Lisipo nem nas pinturas de Apeles, não é muito que, animado e soprado do espírito das mesmas profecias e cheio da majestade delas, se atrevesse a tão árduas e difíctilosas empresas, das quais justamente se duvida (como pôs em questão Justino) se foi maior façanha o intentá-las, ou vencê-las.

E de aqui se pode desculpar (cousa que não soube nem pôde advertir nenhum dos historiadores de Alexandre, sendo tantos e tão excelentes), de aqui, digo, se pode desculpar aquela mais temeridade 20 que audácia (qualidade, posto que honrosa, indigna de um general prudente e muito mais de um rei, quando conquista o alheio e não defende o próprio), com que Alexandre empenhava sua pessoa e vida e se precipitava muitas vezes aos perigos por cousas 25 leves, sendo a confiança ou o seguro de todos estes arrojamentos, não o domínio que ele tivesse sobre a fortuna — *Quam solus omnium mortalium sub potestate habuit* — como com discrição gentilica disse

9-10. Lisipo foi um estatuário grego contemporâneo do pintor Apeles e seu émulo (século IV, a. de C.).

27-28. Trad.: *...a qual foi o único dos mortais que teve sob o seu poder.* Cúrcio, *De rebus Alexandri Magni*, Liv. X.

dele Cúrcio, mas a previsão e presciêcia de suas futuras vitórias e do império que lhe estava prometido, e havia necessariamente de conquistar, conforme as profecias de Daniel. E como tinha a vida 5 e as empresas firmadas por uma escritura de Deus ou por três escrituras, e ao mesmo Deus por fiador de sua palavra e promessas, fé era e não audácia, confiança e não temeridade empenhar-se Alexandre nos perigos para conseguir as empresas, e dar 10 exemplo de desprezo da vida a seus soldados para os animar às vitórias. Tanta parte teve a profecia nas acções deste grande capitão e no império deste grande monarca, o qual, se deve a Filipe o ser Alexandre, deve a Daniel o ser Magno!

15 Os exemplos que temos domésticos desta mesma utilidade, não são menos admiráveis que os estranhos, assim nas batalhas, como nas conquistas. Era tão inumerável a multidão de Sarracenos que debaixo das luas de Ismael, e dos outros quatro reis 20 mouros, inundaram os campos de Guadiana com intento de tomar Portugal naquele dia fatalíssimo, o primeiro de nossa maior fortuna, que justamente estavam temerosos os poucos portugueses, e seu valoroso príncipe duvidoso se aceitaria ou não a batalha; mas como o velho ermitão, intérprete da Divina 25 Providência, visto primeiro em sonhos e depois realmente ouvido e conhecido, lhe assegurou da parte de Deus a vitória, com aquelas tão expressas e animosas palavras — *Vinces, Alphonse, et non vincere* 30 — socorrido o animoso capitão e fortalecido o

29-30. Trad.: *Vencerás, Afonso, e não serás vencido*, palavras que, segundo a Crónica de Cister, de Fr. Bernardo de Brito, pronunciou perante D. Afonso Henriques,

pequeno exército com esta promessa do Céu, sem reparar em que era tão desigual o partido, que para cada lança cristã havia no campo cem mouros, resolveu intrépidamente dar a batalha.

5 Na manhã, pois, da mesma noite em que tinha recebido a profecia, acomete de frente a frente ao inimigo, sustenta quatro vezes o peso imenso de todo seu poder, rompe os esquadrões, desbarata o exército, mata, cativa, rende, despoja, triunfa; e 10 alcançada na mesma hora a vitória, e libertada a Pátria, pisa glorioso as cinco coroas mauritanas e põe na cabeça, já rei, a portuguesa.

Isto obraram as profecias daquela noite na guerra, mas ainda mostraram mais os poderes de 15 sua influência na conquista. Quem duvida que foram mais estendidas e gloriosas as conquistas dos Portugueses que as de Alexandre Magno na mesma Índia? Desta conquista de Alexandre disse o seu grande historiador ...*Oriente perdomito, aditoque 20 Oceano, quidquid mortalitas cupiebat, impleret.* «Domado o Oriente e navegado o Oceano, cumpriu e encheu Alexandre tudo o que cabia na mortalidade.» Que dissera, se vira as navegações dos Portugueses no mesmo Oceano e suas conquistas no mesmo 25 Oriente? Obrigação tinha em boa consequência de

na véspera da batalha de Ourique, o embaixador que em sonho Cristo lhe enviou. Esta fraude da historiografia alcobacense foi a base do sonho do V Império, que, com as profecias de Bandarra, encheu de confiança muitos portugueses durante os 60 anos de ocupação filipina e depois dela.

19. O historiador de Alexandre Magno a que Vieira alude é Cúrcio, citado por A Lápide, *in-Commentaria in Danielem Proph.*, Cap. II, vers. 39.

Ihes chamar imortais. Não chegaram os Portugueses só às ribeiras do Ganges, como Alexandre; mas passaram e penetraram adiante muito maior comprimento e terras do que há do mesmo Ganges a Makedónia, donde Alexandre tinha saído.

5 Não venceram só a Poro, rei da Índia, e seus exércitos; mas sujeitaram e fizeram tributárias mais coroas e mais reinos do que Poro tinha cidades. Não navegaram só o mar Índico ou Eritreu, que é um

10 seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior larguezza e profundidade, aonde ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indómito: o Atlântico, o Etiópico, o Pérsico, o Malabárico, e, sobre todos, o Sínico, tão temeroso

15 por seus tufões e tão infame por seus naufrágios. Que perigos não desprezaram? Que dificuldades não venceram? Que terras, que céus, que mares, que climas, que ventos, que tormentas, que promontórios não contrastaram? Que gentes feras e belicosas não

20 domaram? Que cidades e castelos fortes na terra? Que armadas poderosíssimas no mar não renderam? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não sofreram e suportaram, sem ceder, sem parar, sem

25 tornar atrás, insistindo sempre e indo avante, com mais pertinácia que com instância?

Mas não obraram todas estas proezas aqueles portugueses famosos por benefício só de seu valor, senão pela confiança e seguro de suas profecias. Sa-

10. Nas eds. de 1718 como na de Seabra, ocorre: ...braço do Oceano na sua maior larguezza... mas houve com certeza um salto, explicável porventura pela repetição da palavra *Oceano*. É do citado apógrafo do A. N., a nossa lição.

biam que tinha Cristo prometido a seu primeiro rei que os escolhera para argonautas apostólicos de seu Evangelho e para levarem seu nome e fundarem seu império entre gentes remotas e não conhecidas; 5 e esta fé os animava nos trabalhos; esta confiança os sustentava nos perigos; esta luz do futuro era o norte que os guiava; e esta esperança a âncora e amarra firme, que nas mais desfeitas tempestades os tinha seguros.

10 Maiores contrastes tiveram ainda as conquistas de Portugal na nossa terra que nas estranhas, e mais fortes guerras experimentaram nos naturais que resistência nos inimigos. Quem quiser ver com admiração a tormenta de contradições populares, e de todo 15 o Reino, que por espaço de dez anos padeceram os primeiros descobrimentos das conquistas, leia o grande cronista da Ásia, no IV cap. do I liv., e conhecerá quantas obrigações deve Portugal e o Mundo ao sofrimento, valor e constância do Infante 20 D. Henrique, filho de El-Rei D. João I, autor desta heróica empresa, o qual, como religiosíssimo princípio que era, e nela principalmente pretendia a glória de Deus, dilatação da Fé e conversão da Gentilidade, mereceu que o mesmo Deus com uma voz do 25 Céu o exortasse a levar por diante o começado, com promessa de seu favor e luz dos gloriosíssimos fins, que por meio de tão dura porfia se haviam de alcançar.

9. Vieira cita sobre estas promessas de Cristo a D. Afonso Henriques o livro a que se alude na pág. 47. Nele pode o leitor ver toda a floração lendária que precedeu e acompanhou o movimento restaurador de 1640. A literatura culta e popular que lhe diz respeito também a pode encontrar no livro *A Literatura autonomista sob os Filipes*, de Hernâni Cidade.

Assim se conta e escreve por fama e tradição daquele tempo. Com este oráculo divino mais fortalecido o espírito do Infante, não só pôde romper e abrir as portas tão cerradas do Oceano e deixá-las francas e patentes aos que depois vieram, vencidas as primeiras e maiores dificuldades, mas dar ânimo, valor, guia e esperança aos que, seguindo seu exemplo e empresa, a levaram ao cabo. Desta maneira o Infante D. Henrique, que será sempre de feliz memória, nos ganhou com sua constância as conquistas, conquistando-as primeiro em Portugal, do que fossem conquistadas na África, Ásia, América, e contrastando com igual fortaleza o indômito furor do segundo e quarto elemento (que são o mar e o fogo), que não pudera conseguir sem o socorro da luz do Céu, animado nas contradições e contrariedades presentes com o conhecimento e certeza dos sucessos futuros, para que até nesta parte deva Portugal as suas conquistas aos lumes e alentos da profecia.

Finalmente, esta última resolução que no ano de quarenta assombrou o Mundo, posto que muito a devamos à ousadia do nosso valor, muito mais a deve o nosso valor à confiança de nossos vaticínios. Que valor sesudo, prudente e bem aconselhado se havia de atrever a uma empresa tão cercada de dificuldades, como levantar-se contra o mais poderoso monarca do Mundo, e restituir-se à sua liberdade, e aclamar novo rei, não longe senão dentro de Espanha, um reino de grandeza tão desigual, sobre sessenta anos de cativo e despojado; sem armas, sem soldados, sem amigos, sem aliados, sem assistências, sem socorros, só e até de si mesmo dividido em tão distantes partes do Mundo? Mas como havia outros

tantos anos que a profecia estava dando braços aos corações, em que nunca se apagou o amor da Pátria, e a saudade do rei, e o zelo da liberdade, dizendo e publicando a todos que o desejado tempo dela havia de chegar no ano felicíssimo de quarenta, em que o novo rei seria levantado; a promessa que sempre a conservou nos corações, a levantou a seu tempo nas vozes, e ela foi a que deu o rei ao Reino, o Reino à Pátria, a Pátria aos Portugueses, e Portugal a si mesmo; e este seja entre todos o maior exemplo, assim das nossas guerras como das nossas conquistas, pois tudo o que tínhamos vencido e conquistado em quinhentos anos, alentados das promessas do Céu, o pudemos restaurar um dia.

15 E se tanto tem valido e importado a Portugal o conhecimento de seus futuros, em todos os casos maiores que podem acontecer a um reino; se debaixo desta fé nasceu, quando recebeu a coroa; se debaixo desta fé cresceu, quando lhe acrescentou as conquistas; se debaixo desta fé se restaurou, quando as restituiu a elas e se restituiu a si mesmo, oh! quanto mais necessário lhe será a Portugal, e quanto mais útil e importante esta mesma fé e conhecimento de seus futuros sucessos para aquelas empresas novas, 20 e muito maiores, que nos tempos que hão-de vir (ou que já vêm) o esperam! Não se poderá compreender a grandeza e capacidade desta importância, se não depois de lida toda a *História do Futuro*, na qual só se medirá bem a imensidão do objecto com 25 a desigualdade do instrumento.

30 Mas quem quiser desde logo fazer de algum modo a conjectura desta desproporção, tome os compassos a Portugal e ao Mundo, e pergunte-se a si mesmo se se atreve a igualar estes paralelos. É, porém, tão

poderoso contra todos os impossíveis o conhecimento e fé do que há-de ser representado no espelho das profecias, que nenhuma empresa pode haver tão desigual, nenhuma tão armada de perigos, nenhuma tão defendida de dificuldades, que debaixo do escudo desta confiança se não intente, se não avance, se não prossiga, se não vença. Da conquista espiritual do Mundo se pode fazer bom argumento para a temporal, pois é mais forte a guerra e mais dura resistência a dos entendimentos que a dos braços.

Quis Deus que a Igreja, que é o seu reino, fundada pelos Apóstolos, se estendesse por seus sucessores em todo o Mundo; e quais foram as armas com que Deus os fortaleceu para que não temessem ou duvidassem a empresa e se dispusessem animosamente a tão estranha conquista?

Advertiu com profundo juízo Primásio que fora o *Apocalipse* de S. João, porque, lendo os soldados evangélicos naquelas profecias quão largamente se havia de propagar a mesma Igreja e quão prodigiosas vitórias havia de alcançar a Fé contra todos os inimigos, este mesmo conhecimento os animava a quererem ser (como foram) os instrumentos gloriosos delas. Segurou-lhes Deus as vitórias, para que não duvidassem cometer as batalhas: *Post exortum autem Ecclesiae, quæ jam fuerat apostolorum prædicatione fundata, revelari oportuit —* diz Primásio — *qualiter esset latius propaganda, vel quali etiam*

25-28. Trad.: Depois do nascimento da Igreja, que fora fundada pela pregação dos Apóstolos, conveio que fosse revelado por que modo mais largamente devesse ser dilatada, e até mesmo com que feliz resultado, para que os pregadores, animados pela confiança do conhecimento

fine contenta, ut prædicatores veritatis, hujus cognitionis fidutia freti, indubitanter aggredentur pauci multos, inermes armatos, humiles superbos, infirmi nobiles, vivi tamen spiritualiter mortuos. Não se 5 pode dizer, nem mais certa, nem mais elegantemente, se exceptuarmos a desproporção de poucos a muitos, *pauci multos*. Em todas as outras considerações foi mais desigual esta empresa que as que eu prometo ou hei-de prometer; e se a esta se atreveram poucos 10 homens sem armas, sem estimação, sem nobreza, sem poder, contra tantos armados arrogantes, nobres e poderosos, só porque no conhecimento das profecias tinham segura a felicidade e fim da empresa, porque se não atreverão à mesma empresa, e 15 na confiança das mesmas profecias, aqueles em quem o poder se iguala com as armas, as armas se ilustram com a nobreza e a nobreza compete com a estimação e com a fama, ainda que sejam poucos contra muitos?

20 E digo na confiança das mesmas profecias, porque uma boa parte da nossa *História* (como veremos em seu lugar) são as do mesmo *Apocalipse*. Lerão os Portugueses, e todos os que lhes quiserem ser companheiros, este prodigioso livro do futuro, e 25 com ele embraçado em uma mão e a espada na outra, posta toda a confiança em Deus e em sua palavra, que conquista haverá que não empreendam, que dificuldades que não desprezem, que pe-

desta verdade, sem a minima hesitação, mesmo poucos, afrontassem os numerosos, inermes os armados, humildes os soberbos, obscuros os nobres, enfermos os poderosos, e em espírito os vivos aos mortos. Primasio, *Super Apocalipsim*, Cap. I, (in princip.).

rigos que não pisem, que impossíveis que não vençam?

Ao conhecimento antecedente dos futuros chamou discretamente S. Gregório *escudo fortíssimo da presciência*, em que todas as adversidades e golpes do Mundo *se sustentam, se reparam e se rebatem: Et nos tolerabilius mundi mala suscipimus, si contra hæc per præscientiæ clypeum munimur.* Que vem a ser esta nossa *História do Futuro*, senão escudo da presciência — *præscientiæ clypeum?* Armados com este escudo, que trabalhos, que perigos nos pode oferecer o mar, a terra e o Mundo, e que golpes nos pode atirar com todas as forças de seu poder, que não sustentemos nele com animosa constância? Quem haverá que debaixo deste escudo não empreenda as mais difíltas conquistas, nem aceite as mais arriscadas batalhas, e não vença e triunfe dos mais poderosos inimigos, se as empresas no mesmo escudo vão já resolutas, as batalhas vão já vencidas e os inimigos já triunfados?

Fingiu o príncipe dos poetas latinos, que pediu Vénus, mãe de Eneias, ao deus Vulcano lhe fabricasse umas armas divinas, com que entrasse armado na difíltissima conquista de Itália, com que vencesse os reis e sujeitasse as nações belicosíssimas que a dominavam, com que vitorioso fundasse naquelas terras o famosíssimo Império Romano, que

6-8. Trad.: *E nós mais tolerantemente aceitamos os males do Mundo, se contra eles somos munidos do escudo da presciência.* S. Gregório, *Homilia.*

21-27. O príncipe dos poetas latinos é Virgílio, e Vieira refere-se ao episódio da *Eneida* de que se extraem os versos que vêm adiante.

pelos fados lhe estava prometido. Forjou Vulcano as armas, e no escudo, que era a maior e principal peça delas, diz que abriu de subtilíssima escultura as histórias futuras das guerras e triunfos romanos, compondo e copiando os sucessos pelos oráculos e vaticínios dos profetas e pelas notícias próprias que tinha, como um dos deuses que era participante dos segredos do supremo Júpiter.

10 *...Clypei non enarrabile textum
Illic res Italas, romanorumque triumphos,
Haud vatum ignarus, venturique inscius ævi,
Fecerat igni potens: illic genus omne futuræ
Stirpis ab Ascanio, pugnataque ordine bella.*

(Virgílio, *Æneid.* 8.)

15 O ofício e obrigação dos poetas não é dizerem as cousas como foram, mas pintarem-nas como haviam de ser ou como era bem que fossem; e achou o mais levantado e judicioso espírito de quantos escreveram em estilo poético, que para vencer as mais dificultosas empresas, para conquistar as mais belicosas nações e para fundar o mais poderoso e dilatado império, nenhuma arma poderia haver mais forte, nem mais impenetrável, nem que mais enchesse de ânimo, confiança e valor o peito que fosse coberto e

9-13. Trad.: ...a contextura indescritível do escudo. Nele, o deus do fogo, não ignorante dos oráculos nem ignorante das futuras idades, havia representado as coisas itálicas e os triunfos dos Romanos; nele toda a geração da futura descendência de Ascânia e as guerras ordenadamente travadas. *Eneida*, VIII, 625-629.

defendido com ela, que um escudo formado por arte e sabedoria divina, no qual estivessem entalhados e descritos os mesmos sucessos futuros que se haviam de obrar naquela empresa. Assim armou o grande
5 poeta ao seu Eneias; e este mesmo escudo, não fabuloso, senão verdadeiro, e não fingidos depois de experimentados os sucessos, senão escritos antes de sucederem, é propriamente, e sem ficção, o que nesta *História do Futuro* ofereço, Portugueses, ao nosso
10 rei.

Dobrado de sete lâminas dizem que era aquele escudo; e também o da nossa *História*, para que em tudo lhe seja semelhante, é publicado em sete livros. Nele verão os capitães de Portugal, sem conselho,
15 o que hão-de resolver; sem batalha, o que hão-de vencer; e sem resistência, o que hão-de conquistar. Sobre tudo se verão nele a si mesmos e suas valerosas acções, como em espelho, para que, com estas cópias de morte-cor diante dos olhos, retratem por
20 elas vivamente os originais, antevendo o que hão-de obrar, para que o obrem, e o que hão-de ser, para que o sejam.

CAPÍTULO VII

Última utilidade.

Entre as utilidades próprias e dos amigos, não quero deixar de advertir por fim delas, que também a lição desta *História* pode ser igualmente útil e proveitosa aos inimigos, se, deixada a dissonância e escândalo deste nome, quiserem antes ser companheiros de nossas felicidades, que padecê-las do-

bradamente na dor e inveja dos émulos. Lerão aqui
nosso vizinhos e confinantes (que muito a pesar
meu sou forçado alguma vez a lhes chamar inimigos,
havendo tantas razões, ainda da mesma natureza,
5 para o não serem) lerão aqui com boa conjectura
as promessas e decretos divinos, provada a verdade
dos futuros com a experiência dos passados: e verão,
10 se quiserem abrir os olhos, um manifesto desengano
de sua profecia, conhecendo que na guerra que con-
tinuam contra Portugal, pelejam contra as disposi-
ções do supremo poder e combatem contra a firmeza
de sua palavra. Oh quantos danos, quantas despe-
sas, quantos trabalhos, quanto sangue e perda de
vidas, quantas lágrimas e opressão de naturais e
15 estrangeiros podia escusar Espanha, se, com os olhos
limpos de toda a paixão e afecto, quisesse ler esta
História do Futuro, e com tanto zelo e desejo de
acertar com os caminhos de seu maior bem, como
é o ânimo com que ele se escreve!

20 Não entre só nos conselhos de Estado a conve-
niência e reputação, o apetite e o ódio, a vingança,
o discurso militar e político; tenha também algum
dia lugar neles a Fé; suponha-se que Deus é o que
dá e tira os reinos, como e quando é servido; conhe-
25ça-se e examine-se a sua vontade pelos meios com
que ela se costuma declarar; e depois de averiguada
e conhecida, ceda-se e obedeça-se a Deus por con-
veniência, pois se lhe não pode resistir com força.

Bem pudera conhecer Espanha, voltando os olhos
30 ao passado, pela experiência, que Deus é o que
desuniu de sua sujeição a Portugal, e Deus o que o
sustenta desunido e o conserva vitorioso.

Quando se soube em Madrid do rei que tinham
aclamado os Portugueses no primeiro de Dezembro

do ano de 640, chamavam-lhe por zombaria *rei de um Inverno*, parecendo-lhes aos senhores Castelhanos, que não duraria a fantasia do nome mais que até a primeira Primavera, em que a fama só de suas 5 armas nos conquistasse. Mas são já passados vinte e cinco Invernos, em que inundações do Bétis e Guadiana não afogaram a Portugal, e vinte e quatro Primaveras, em que sabem muito bem os campos de uma e outra parte o sangue de que mais vezes 10 ficaram matizados.

15 Imaginou Espanha que na prisão do Infante D. Duarte atava as mãos a Portugal e lhe tirava a cabeça com que haviam de ser governados na guerra, e que com os muros de Milão tinha sitiado a Portugal. Morreu enfim (ou foi morto) aquele príncipe, e nem por isso desmaiou o Reino, antes se 20 armou de novo a justiça de sua causa com a sentença daquela inocência, e se endureceram e fortificaram mais os peitos com o horror e fealdade daquele exemplo.

25 Voltou-se todo o peso da guerra contra Saul; maquinou-se contra a vida de El-Rei Dom João por tantos meios e instrumentos (e algum deles sobre indecente sacrilégio); parecia-lhe a Castela que, faltando a Portugal aquela grande alma, seria fácil a suas águias empolgarem no cadáver do Reino. Faltou El-Rei D. João ao Reino, sobre ter faltado de antes seu primogénito Teodósio, príncipe de tantas virtudes, opinião e esperanças; mas viu o Mundo, 30 posto que o não quis ver Castela, que era o braço imortal o que defendia e conservava aos Portugueses. Sucedeu na menoridade do rei com tanta prudência e valor a regência da rainha-mãe, e à regência da rainha o governo felicíssimo de El-Rei D. Afonso,

que Deus guarde, monarca de tão conhecida fortuna, que parece a traz a soldo nos exércitos.

Fez Castela neste tempo os maiores esforços de seu poder, e para os poder fazer maiores, assim como 5 por esta causa tinha já concluído ou comprado, a preço da própria reputação, a paz de Holanda, ajustou também a de França. Desembaraçadas em toda a parte as suas armas, chamou os espíritos de todo o corpo da monarquia aos dois braços com que Castela cerca a Portugal. Viram-se juntas contra ele em 10 um exército Espanha, Alemanha, Itália, Flandres, com toda a flor militar, ciência e valor daquelas belicosas nações. Mas que resultas foram as desta tão estrondosa potência e dos progressos que com 15 ela se tinham ameaçado a nós e prometido a Europa?

Entrou a guerra dividida no ano de 62 por todas nossas províncias; em todas achou oposição igual e efeito superior. Uniu-se no ano seguinte com novo conselho o poder; acrescentou-se de gente de 20 cavalos, de cabos, de aparatos bélicos; escolheu-se para teatro daquela formidável campanha a província de Alentejo; começou a tragédia com prósperos e alegres passos, triunfando dos que não podiam resistir às armas castelhanas; mas o fim foi tão adverso, tão 25 lastimoso e verdadeiramente trágico, como viu com admiração o Mundo e chorará eternamente Castela. Perdeu a batalha, o exército e a reputação; deixou a Portugal a vitória, a fama, os despojos, e só levou (como sempre) o desengano.

30 Estes têm sido em vinte e cinco anos os efeitos do poder. Passemos aos da indústria.

Entendeu Castela que não podia conquistar a Portugal sem Portugal; tratou de inclinar à sua devoção os grandes e os menores. Na constância houve

diferença, mas nos efeitos nenhuma. O povo, cuja fortuna é inalterável, não padeceu alteração. Sendo tão livre e aberto em Portugal o mar como a terra, se não viu em tantos anos nenhum pastor que se 5 passasse a Castela com duas ovelhas, nenhum pescador menos venturoso que aos seus portos derrotasse uma barca.

Basta por exemplo ou desengano a famosa resolução do povo de Olivença, que com partido de 10 poder ficar inteiro com casas e fazendas, se não achou em todo ele um só homem de espírito tão humilde, que aceitasse a sujeição. Perderam todos a Pátria pela lealdade, triunfou Castela das paredes e Portugal dos corações. Não viu Roma semelhante 15 exemplo, e assim o celebrou um Jerónimo Petrucho, poeta romano, com este epitáfio:

*Victor uterque manet, victoria dividit orbem:
Alphonsus cives, saxa Philippus habet.*

Ainda deu muito a Castela em partir a vitória 20 pelo meio: o vencedor conquistou pedras, o vencido vassalos. De indústria se pudera perder a praça, só por lograr a fineza; e de indústria se pudera também não ganhar, só por não experimentar o desengano. Isto vence Castela, quando vence; e assim se 25 rende o povo de Portugal, quando se rende.

6. Por derrotasse entenda-se desviasse da rota habitual.

17-18. *Um e outro fica vitorioso, a vitória divide o orbe.* Afonso tem as cidades, Filipe as pedras. Girolamo Petrucci é um jesuíta italiano, contemporâneo de Vieira, decerto muito ligado a Portugal, visto que, segundo me informa o Sr. Dr. J. Manuppella, há uma obra ms. dele na Biblioteca de Évora.

A nobreza, em que tem maiores poderes o receio ou a esperança, como mais escrava da fortuna, não foi toda constante. Alguns grandes houve entre os grandes, uns que se passaram ao serviço de El-Rei 5 D. Filipe, outros que com maior ousadia o quiseram servir em Portugal; a uns e outros castigou o mesmo braço da Providência, a estes com a vida, àqueles com o desterro. Atégora não tiveram outro prémio, nem mereciam outro, porque Castela nem pode 10 ressuscitar os primeiros, nem quis pagar os segundos.

É fama que foi respondido à sua queixa que tinham feito o que deviam, mas ainda devem o que fizeram: cá perderam o que tinham, lá não ganharam o que esperavam; entre os Portugueses réus, 15 entre os Castelhanos portugueses, que também é culpa.

Isto é o que foram buscar a Castela todos os que lá se passaram — o desengano de seu discurso, o descrédito de sua resolução e o castigo de sua incredulidade; e ainda de lá nos mandam o exemplo de seu arrependimento. Levaram o que nos não faz falta, porque se levaram; e deixaram o que nos ajuda a defender, porque nos deixaram as suas rendas. A Portugal deixaram os despojos de suas casas, 20 aos vindouros a memória de sua infidelidade e ao Mundo pregão de sua covardia. Tal foi o merecimento, tal o prémio. Julgue agora Castela se terá esse interesse cobiçosos e este empenho imitadores.

Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal 25 em França (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação), que, no caso em que a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao Turco que a Castela. Era o embaixador ministro de letras, e como um grande senhor francês

lhe pedisse a razão deste seu dito, sendo católico e letrado, respondeu assim;

5 — Porque eu em Turquia, se defender a Fé, serei mártir; se renegar, far-me-ão baxá: e em Castela,

10 Monsieür, nem baxá nem mártir.

Foi muito celebrada a discrição da resposta, a que acrescentava galantaria a mesma pessoa do embaixador; porque era mui avultado de presença, e tão bem lhe podia estar na cabeça o turbante,

15 como na mão a palma.

Nada mais venturosamente lhe sucederam a Castela as indústrias estrangeiras que as domésticas; todas desarmou em armas contra si mesma. Em Roma, impediu o provimento das mitras; mas os bagos se converteram em lanças e o que haviam de comer os pastores das ovelhas, comem os que as defendem dos lobos. Em Holanda, comprou os estorvos da paz, mas esta se retardou sómente quando foi necessário para se recuperarem as Conquistas.

20 Caso grande e de providência admirável! Em Inglaterra, se empenhou por divertir o parentesco; em

16. O embaixador a quem Vieira se refere é o Marquês de Nisa, D. Vasco Luís da Gama, nosso embaixador em França, de 1642-1646 e de 1647-1649. Era, na verdade, gentil de corpo e culto de espírito.

14. Vieira refere-se ao facto de, por influência espanhola, desde 1640 a 1670 Roma se recusar a sagrar os prelados apresentados pelos reis de Portugal. *Bago* é a forma popular de *báculo*.

15-21. Refere-se Vieira a todo o empenho que a Espanha pôs, no sentido de impedir a paz entre Portugal e a Holanda, em litígio por virtude da concorrência no Ultramar; no sentido de impedir o casamento de D. Catarina, filha de D. João IV, com Carlos II, de Inglaterra; no sentido de evitar que a França nos enviasse socorros.

França, capitolou que não pudéssemos ser socorridos; mas teve uma e outra diligência tão contrários efeitos, que se vêem hoje em Portugal as suas quinas tão acompanhadas das cruzes de Inglaterra, como 5 assistida das lises de França. Unidas e complicadas estas três bandeiras, fazem um silogismo político, de tão segura como terrível consequência. Se só Portugal pôde resistir a Castela tantos anos, ajudado dos dois reinos mais poderosos da Europa, no mar e 10 na terra, como não resistirá? O maior contrário que tem Espanha é o seu próprio poder. Quando se quis levantar sobre todos, se sujeitou à emulação de todos. Estes terá por si Portugal, enquanto ela for poderosa; se o não for, não os há mister.

15 Os discursos da esperança (que é a última apelação de Castela) são os que mais lhe mentiram, porque os homens (quando assim lho concedamos) discorrem com a razão, e Deus obra sobre ela. Todos os que nas matérias de Portugal se governaram pelo 20 discurso, erraram e se perderam; e por aqui se perderam (ainda entre nós) os que na opinião dos homens eram de maior juízo. São obras e mistérios de Deus; quer Ele que se venerem com a fé e não se profanem com o discurso. Por isso todas as esperanças que se assentaram sobre esta fé foram certas 25 e todas as que se fundaram sobre o discurso, erradas.

É natureza isto, e não milagre da palavra e promessa divinas: ...*in verba tua super superavi* — dizia aquele grande político de Deus, que não só esperava, mas sobreesperava nas promessas de sua palavra divina; porque há-de esperar nas promessas da

28. Trad.: *esperei firmemente nas tuas palavras.*
Salmo CXVIII, 147.

palavra divina, sobre tudo o que promete a esperança do discurso humano. Assim o temos sempre visto em Portugal, com admirável crédito da fé e igual confusão da incredulidade.

5 No tempo em que Portugal estava sujeito a Castela, nunca as forças juntas de ambas as coroas puderam resistir a Holanda; e de aqui inferia e esperava o discurso que muito menos poderia prevalecer só Portugal contra Holanda e contra Castela.

10 Mas enganou-se o discurso. De Castela defendeu Portugal o Reino e de Holanda recuperou as Conquistas.

Aquele fatal Pernambuco, sobre que tantas armadas se perderam e se perderam tantos generais, por 15 não quererem aceitar a empresa sem competente exército, que discurso podia imaginar que, sem exército e sem armada, se restaurasse? E só com a vista fantástica de uma frota mercantil se rendeu Pernambuco em cinco dias, tendo-se conquistado pelos 20 Holandeses com tanto sangue em dez anos, e conservando-se vinte e quatro.

Menos esperava o discurso que se conquistasse Angola com tão desigual poder enviado a tão diferente fim; e conquistou-se contudo aquela tão importante parte de África contra todo o discurso e antes de toda a esperança. E porque se saiba mais distintamente quão grandes significações se contêm debaixo destes nomes tão pequenos — Pernambuco e 25 Angola — o que se recuperou em Angola foram duas cidades, dois reinos, sete fortalezas, três conquistas, a vassalagem de muitos reis e o riquíssimo comércio de África e América. Em Pernambuco recuperaram-se três cidades, oito vilas, catorze fortalezas, 30 quatro capitaniias, trezentas léguas de costa.

Desafogou-se o Brasil, franquearam-se seus portos e mares, libertaram-se seus comércios, seguraram-se seus tesouros. Ambas estas empresas se venceram e todas estas terras se conquistaram em menos 5 de nove dias, sendo necessário muitos meses só para se andarem.

Quem nestes dois sucessos não reconhecer a força do braço de Deus, duvidar-se pode se o conhece. Assim assiste a Portugal dentro e fora, ao perto e 10 ao longe, aquele supremo Senhor que está em toda a parte e que em todas as do Mundo o plantou e quer conservar. Bendita seja para sempre sua omnipotência e bondade!

Também esperava o discurso de Castela que os 15 ânimos dos Portugueses, com a continuação da guerra e experiência de suas moléstias, se enfatiassem e suspirassem pela antiga e amada paz, cujo nome é tão doce e natural, e mais à vista de seu contrário; que as contribuições forçosas para o subsídio dos soldados e a licença e opressão dos mesmos soldados fossem carga intolerável aos povos; que os 20 povos, depois de apagados aqueles primeiros ferves que traz consigo o desejo e alvoroço da novidade, com o tempo e seus acidentes se fossem entibiando, até se esfriarem de todo; que os pais se 25 cansassem de dar os filhos e que a guerra detestada das mães (como lhe chamou o Lírico) fosse também detestada e aborrecida das Portuguesas, que, entre as outras mães, o costumam ser mais que 30 todas no amor e na saudade. Mas também aqui mantiu a esperança e se enganou o discurso, porque os

27.bella que matribus
Detestata... Horácio, Ode I.

âimos se acham hoje mais alentados, os fervores mais vivos, os corações mais resolutos, o amor ao rei, à Pátria e à Liberdade mais forte, mais firme e mais constante, e maior que todos os outros 5 afectos da fazenda, dos filhos, da vida.

Lembram-se os pais que davam os filhos para as guerras de Flandres, de Itália, de Catalunha e navegação das Índias de Castela, onde os perdiam para sempre; e querem antes dá-los para as fronteiras de 10 Portugal, onde os vêem, os assistem e os têm consigo; onde recebem a glória de ouvir celebrar as acções de seu valor e feitos galhardos, e vêem estampados seus nomes e estendida por todo o Mundo sua fama, honrando-se (como é razão) de serem pais de 15 tais filhos; e que, se morrem na guerra, têm rei que lhes pague as vidas com larga remuneração de mercês e aumento de suas casas, sendo tão generosas as mães (nas quais este afecto é superior a toda a natureza), que com igual alegria os choram e sepultam 20 mortos gloriosamente na guerra, do que os parem e criam para ela.

Os povos não se cansam com os subsídios e contribuições; porque sabem quanto maiores e mais pesadas são as que se pagam em Castela para os 25 conquistar, do que eles em Portugal para se defenderem. Vêem o fruto de seus trabalhos e suores, e que concorrem com ele para o estabelecimento e honra de sua Pátria, e não para a cobiça de ministros e exactores estranhos.

30 Têm na memória que também antigamente pagavam, e que então era tributo do cativeiro o que hoje

19-21. *Com igual alegria... do que os parem... Hoje escreveríamos: Com alegria igual àquela com que os parem...*

é preço da liberdade; sobretudo vêem a seu rei da sua Nação e da sua Língua, e que o têm consigo e junto a si para o requerimento da justiça, para o prémio do serviço, para o remédio da opressão, para
5 o alívio da queixa; rei que os vê e se deixa ver; que os ouve e lhes responde; que os entende e o entendem; que os conhece e lhes sabe o nome, sem a dura e insuportável pensão de o irem buscar a Madrid, não para o verem e lhe falarem, mas para
10 10 o verem por fé. Conhecem a grandeza desta estimável felicidade, e que logram aquele estado ditoso de que se lembravam e falavam seus avós com tanta saudade e por que suspiravam seus pais com tantas ânsias; e todo o preço para a conservação de tanto
15 15 bem lhes parece barato, todo o trabalho leve, toda a dificuldade suave, todo o perigo obrigação. Pelo contrário, todo o pensamento que não seja desta perpetuidade, horror; toda a conveniência, ruína; toda a promessa, traição; e toda a mudança impossível.
20

Isto é o que só tem Castela, e o que só pode esperar dos ânimos dos Portugueses. Finalmente, esperava o discurso que Portugal, como Reino menor e dividido em todas as partes do Mundo, com obrigação de alimentar aqueles membros tão distantes com sua própria substância, havendo de sustentar as guerras e oposição de seus inimigos em todos eles, natural e necessariamente se havia de atenuar e enfraquecer; que a gente, sendo toda da mesma
25 25 Nação, se havia lentamente de diminuir; que o dinheiro e cabedais, não tendo minas nem Potosis, se havia de esgotar; e que não era possível aturar por muitos anos as despesas excessivas de uma guerra interior, tão contínua, tão viva e tão multi-

plicada em tantas províncias, cercado dela por todas as partes, contra os combates de uma potência tão desigual e superior como era a do maior monarca do Mundo; que quando o valor dos Portugueses se 5 atrevesse sobre suas forças, seria como o de Eleázaro contra a grandeza e corpulência do elefante, que, ainda caindo, seria sobre ele, e ficaria oprimido e sepultado debaixo de seu próprio triunfo, sem mais diligência nem acção que o mesmo peso e grandeza 10 de tão imenso contrário.

Verdadeiramente este discurso, humana ou gentilmente considerado, e não entrando na conta desta aritmética o poder e assistência de Deus, tinha mui forçosa consequência, e antes da experiência 15 mui dificultosa solução. E por tal julgaram ainda aqueles políticos que sem ódio nem amor esperavam e prognosticavam o fim e mediam a desproporção de tão desigual empresa. Mas Deus (a quem não queremos roubar a glória) e a mesma experiência 20 natural e o concurso ordinário de suas causas, têm mostrado que só era sofístico e aparente, e em realidade falso, aquele discurso.

Porque as Conquistas (que era o primeiro reparo), membros tão remotos e tão vastos deste corpo político de Portugal, ainda que do Reino, como do coração, recebem os espíritos de que se animam, é tanta a cópia de alimento, e tão abundante, que eles mesmos com suas riquezas lhe subministram, que 25 não só tem suficiente matéria para formar os espíritos que com os membros mais distantes reparte, mas lhe sobeja com que se sustentar a si e a todo 30

10. Vid. Santo Ambrósio, *De officiis*, Liv. I, Cap. X.

o corpo. E a verdade desta experiência se tem provado com mais sensíveis efeitos depois da paz universal das mesmas Conquistas, as quais com igual liberalidade e interesse remetem hoje ao Reino 5 toda aquela substância que o calor da guerra própria lhes consumia; com que se acha Portugal mais rico e abundante que nunca das utilíssimas drogas de seus comércios. E ou seja esta a causa natural, ou 10 outra mais oculta e superior, o certo é que as rendas e cabedais do Reino, assim próprios como particulares, com o tempo e continuação da guerra, não têm padecido a quebra e diminuição que o discurso lhes prognosticava; antes se prova com evidente e 15 milagrosa demonstração da experiência, que a substância do Reino está hoje mais grossa, mais florente e opulenta que no princípio da guerra; pois, crescendo mais os empenhos sempre, e despesas dela, ao mesmo passo parece que ou crescem ou se manifestam novos tesouros, com que se sustentaram 20 até agora, e se sustentam todos os anos, sempre mais e maiores exércitos, tão notáveis por seu nome e grandeza, como bizarros por seu luzimento.

Nenhum ano se pôs em campo exército tão grande, que no seguinte se não pusesse outro maior; nenhum 25 ano tão bizarro e tão luzido, que no seguinte se não excedesse na bizarria e nas galas. O ano passado, que foi o último, quando a Primavera se acabou nos campos, se renovou outra vez no nosso exército, tanta era a variedade das cores com que os terços se 30 matizavam e distinguiam, para que pela divisa se

6. Vid. I Vol. das *Obras várias* desta colecção, p. 67.

conhecessem os soldados e ostentassem a competência de seu valor. O menor gasto nos vestidos é o que se veste; mais se gasta em cobrir os vestidos que em cobrir os corpos. A vulgaridade do ouro e prata 5 só se estima pelo invento e pelo artífice, e não pelo preço; a pompa, riqueza e galhardia dos cabos mostra bem que vão às batalhas como a festas, e que se vestem mais para triunfar que para vencer.

10 Não me atrevera a falar com tanta largueza, se não pudera alegar por testemunhas os mesmos que podiam ser partes. Diga agora o algarismo de seu discurso, se pode haver falta no necessário, onde sobeja e se dispende tanto com o supérfluo? Mais 15 temo eu a Portugal os perigos da opulência, que os danos da necessidade.

O mesmo que se vê na política bélica das campanhas, se admira na pacífica das cidades. Com a guerra, que tudo quebranta e diminui, cresceu e se aumentou tudo em Portugal. Nunca tanto se gastou 20 no primor e preço das galas; nunca tanto no asseio e ornamento das casas; nunca tanto na abundância e regalo das mesas; nunca tantos criados, tantos cavalos, tanto aparato, tanta família; nunca tão grandes salários, nunca tão grandes dotes, nunca tão 25 grandes soldos, nunca tão grandes mercês, nunca tantas fábricas, nunca tantos e tão magníficos edifícios, nunca tantas, tão reais e tão sumptuosas festas.

30 Passo em silêncio os imensos gastos do serviço e majestade do culto divino, porque só o silêncio os pode explicar, não encarecer. Que templo, que capela, que altar, que santuário, que neste mesmo

11. Entenda-se: *Digam agora os números em sua eloquência...*

tempo se não renovasse, desfazendo-se e arruinando-se (com lástima) obras antigas e de grande arte e preço, só para se lavrarem outras de novo, mais ricas, mais preciosas e de mais polido artifício?
5 Tudo isto do que sobeja da guerra. Mas por isso sobeja. As usuras de Deus são cento por um, e estas são as minas do nosso Reino, estes os Potosis de Portugal. Destes comércios lhe vêm as riquezas com que pode pagar e premiar seus exércitos e com que
10 os prémios e as pagas sejam verdadeiras, e não falsificadas, sem injúria dos soldados, sem adultério dos metais e sem hipocrisia da moeda.

Bem sabem os doutos que o nome grego *hipocrisia* se deriva do fingimento do melhor metal, e parece que foi posto em nossos tempos mais para declarar o vício da moeda, que a mentira da virtude. Quem pudera nunca imaginar que chegasse a tal estado uma monarquia, que é a senhora da prata e de quem a recebe o resto do Mundo? Cuidou Castela
20 que a Portugal havia de faltar o dinheiro, e vê em si o que cuidou de nós; e assim como o seu discurso errou as contas ao dinheiro, também as errou à gente. Com verdade se podia dizer de Portugal o que dos Romanos disse o seu poeta:

25 *Per damna, per cœdes ab ipso,
Dicit opes, animumque ferro.*

13. *Hipocrisia* é palavra composta de *hipo* (*por baixo*) e *krites* (palavra relacionada com *crítica*, e tem o significado de *responder, julgar*), sendo assim *hipócrita* o *actor que falava sob a máscara*. Vieira relaciona erradamente o segundo elemento da composição com *crysos* = *ouro*.

25-26. Trad.: *Através de danos e mortandades conduziu as forças por si próprio e o ânimo pelo ferro*. Horácio, *Odes*, livro IV, *Ode* IV.

Ou tenha Portugal a qualidade da hidra ou a natureza das plantas, por cada cabeça que corta a guerra em uma campanha, aparecem na seguinte duas; e por cada ramo que faltou no Outono, brotam 5 dois na Primavera. Assim se foram dobrando e crescendo sempre os nossos presídios, assim os nossos exércitos: exército no Minho, exército em Trás-os-Montes, exército e dois exércitos na Beira, exército e florentíssimo exército, e sempre mais 10 numeroso e florente em Alentejo. Assim se converte e se multiplica em nova substância tudo o que come a guerra. E se Castela quer conhecer as causas naturais desta filosofia, sem serem os Portugueses dentes de Cadmo, saiba que a sua reparação foi o 15 primeiro princípio deste aumento. Todos os Portugueses que povoavam suas Índias, que mareavam suas frotas, que lavravam seus campos, que frequentavam seus portos, que trafegavam seus comércios, que inteiravam seus presídios, que militavam seus 20 exércitos, ficam hoje dentro em Portugal, e o habitam e o enchem e o multiplicam, e assim se vêem hoje mais povoados seus lugares, mais frequentadas suas estradas, mais lavrados seus campos, e até as serras, brenhas, lagos e terras, onde nunca entrou 25 ferro, nem arado, abertas e cultivadas. As Conquistas com a paz não levam, nem hão mister socorros, antes delas os recebe o Reino com muitos e valentes soldados e experimentados capitães, que, ou vêm requerer o prémio de seus antigos serviços, 30 ou servir e merecer de novo, e justificar com os olhos do rei e do Reino as certidões mais seguras de seu valor.

Foi lei, e lei prudentíssima, no princípio da guerra, que não se alistassem nela senão mancebos livres.

A sombra desta imunidade, muitos filhos por indústria dos pais se acolhiam na menoridade ao sagrado do matrimónio, com que as famílias se multiplicavam infinitamente, e os mesmos que então se retiravam da guerra, têm hoje muitos filhos com que a sustentam e os sustentam com ela.

Desta maneira se acha Portugal cada dia mais fornecido de muitos e valentes soldados, nascidos e criados entre o mesmo estrondo das armas, em que o pelejar e o morrer não é acidente senão natureza, todos dentro em si e nas mesmas províncias e climas, onde nada lhes é estranho, e não trazidos por força de Sicília, de Nápoles, de Milão e de Alemanha, comprados e conduzidos com imensas despesas e perigos, sendo muitos os que se alistam e pagam, e poucos os que chegam, uns para se passarem logo, como passam, a Portugal, outros para pelejarem sem amor e com valor vendido, como quem defende o alheio e conquista o que não há-de ser seu.

Os Portugueses, pelo contrário, com grande vantagem de coração pelejam pelo rei, pela Pátria, pela honra, pela vida, pela liberdade, e cada um por sua própria casa e fazenda, sendo a maior comodidade da guerra e multiplicação da gente a mesma estreiteza do Reino (que o discurso mal avaliava), por benefício da qual os exércitos e províncias se podem dar as mãos umas a outras, pelejando os mesmos soldados quase no mesmo tempo em diversos lugares, e multiplicando-se por este modo um soldado em muitos soldados, e aparecendo em toda a parte (como alma de Dido) aos Caste-

31. *Dido* é personagem da *Eneida*, acima citada. No Liv. VI do poema o herói vê-a errando na imensa floresta dos Infernos.

lhanos com novo horror e assombro. Desta maneira não teme o valor português que lhe suceda como a Eleázaro com o elefante, ficando oprimido com a sua própria vitória; mas está certo que lhe há-de 5 suceder como a David com o gigante, logrando vivo a glória de seu triunfo.

CAPÍTULO VIII

Continua a mesma matéria

Desenganado por estas evidências o poder, a indústria, o discurso e esperança espanhola, bem pudera eu esperar do juízo mais político de nossos 10 competidores e seus conselheiros, acabassem de desistir de tão infrutuosa porfia. Mas deixados à parte os argumentos da razão e experiência, subamos um ponto mais alto, e se atégora me ouviram como homem a racionais, ouçam-me agora como cristão 15 a católicos.

Não duvido, nem alguém pode duvidar da fé, religião e piedade espanhola, que, se o seu católico príncipe e seus maiores conselhos se acabassem de

3. Conta o I *Liv. dos Macabeus*, VI, 43, que Eleázaro morreu sob o peso do elefante que ele próprio tinha morto.

5. Refere-se Vieira à luta de David com o gigante Golias, a quem degolou, levando a cabeça do morto ao rei Saul, como o refere o I *Liv. dos Reis*, XVII, 34, 49.

6. A leitura das últimas páginas deste capítulo é vantajoso se siga a releitura de *Papel forte* (I vol. da pág. 69 em diante), onde Vieira ajuizou das mesmas circunstâncias *segundo o discurso*, tirando conclusões, por isso mesmo, segundo o seu juízo de agora, desmentidas pela realidade.

11. *Porfia* é a lição do Ms. do Arq. Nac. Nas 1.ª e 2.ª eds. ocorre *profecia*.

persuadir que Deus tinha decretada a conservação e perpetuidade de Portugal, obedeceriam com suma reverência aos divinos decretos; abateriam a Deus, ainda que tremulassem vitoriosas suas católicas bandeiras; tocariam a recolher seus capitães e exércitos e confessariam, na mais levantada fortuna, a desigualdade de sua maior potência contra os acenos da divina.

Isto é o que eu agora lhes quero persuadir e demonstrar, e um dos fins principais por que escrevo esta *História*, para que, pelo conhecimento de nossos futuros, possam emendar o engano de suas esperanças presentes.

Sempre são falsas e enganosas as esperanças humanas, mas nunca mais certamente falsas, que quando se opõem e encontram com as promessas divinas. Veja e saiba Castela o que Deus tem prometido a Portugal, e logo advertirá a vaidade do que suas esperanças lhe prometem. Oh quantas guerras, oh quanto sangue, ou quantos tesouros baldados poderiam poupar os reis, se no meio de seus conselhos pudesse pôr um espelho em que se vissem os futuros! Tal é este livro, ó Espanha, que também a ti dedico e ofereço. Aqui verás os futuros de Portugal, e tudo o que podes esperar dele em sua conquista.

Levantou Deus no Mundo a Jeremias por seu ministro, e a comissão e ofício que lhe deu foi esta: *Ecce constitui te hodie super gentes et super regna, ut evellas, et destruas, et dissipes, et ædifices, et plantes*: «Hoje te ponho e constituo sobre as gentes e sobre os reinos, para que arranques, destruas e

29-31. Vid. *Jeremias*, I, 10.

dissipes a uns; plantes e edifiques a outros.» Não quer dizer Deus que Jeremias há-de arruinar ou edificar reinos com a espada; mas que os há-de arruinar ou edificar com as suas profecias, profetizando a uns sua exaltação e a outros sua destruição e ruína. Se as profecias resolutamente dizem que os reinos se hão-de perder ou arruinar, aparelhem-se sem remédio para sua ruína; e se dizem que se hão-de estabelecer e exaltar, creiam sem dúvida sua conservação e aumento: *Ecce constitui te super gentes et super regna.*

Estão os profetas e as profecias sobre as gentes e sobre os reinos, ou como astros benignos que influem e prometem suas felicidades, ou como cometas tristes e funestos, que influem e ameaçam suas ruínas. Levantem pois os reis e os reinos os olhos, olhem para estes sinais do céu, e se os virem estrelas, esperem; se os virem cometas, temam. Mas porque muitos reis esperam de onde deviam temer, por isso erram, e se despenham, e se perdem, e perecem muitos. Se Acab, rei de Israel, temera, como devia temer, a profecia de Miqueas, desistira da conquista de Ramoth Galaad, em que tão teimosamente insistia; mas porque quis antes esperar, como não devera, 25 nas promessas e lisonjas vãs de seus aduladores, em um dia perdeu a batalha, a conquista, a coroa, a vida. Não podem as armas dar a vitória a Acab, quando nas profecias está segura Ramoth.

Clamava a profecia de Jeremias ao rei e príncipes 30 de Jerusalém que se acomodassem com Nabucodo-

21-27. Vid. III *Liv. dos Reis*, XXII.

29-30. Vid. *Jeremias*, XXI, XXII e XXXIV.

nosor, contra o qual não podiam prevalecer; mas porque El-Rei Sedecias, fiado na potência de suas armas, quis antes experimentar a fortuna da guerra que vir a honestos partidos com os Assírios, prevaleceram estes enfim, como o profeta tinha prometido, e o rei conheceu tarde a temeridade de seu conselho.

Que diferente foi o de Ciro, prudente e famoso rei de Babilónia! Entendeu este mesmo excelente príncipe, pela mesma profecia que Jeremias e pelas 10 de outros profetas, que o cativeiro e sujeição dos Israelitas que ele tinha debaixo de seu império não queria Deus que durasse mais de sessenta anos. E tanto que estes se acabaram (sendo gentio idólatra), sem partido, sem interesse, sem obrigação nem 15 reconhecimento, os restituiu todos livres à sua pátria.

Contentou-se o gentio com o que Deus se contentava, e não quis perpetuar a servidão, quando Deus tinha limitado anos ao castigo. Creu as profecias sem serem suas ou de seus oráculos, senão dos mesmos Israelitas, porque, tendo-as experimentado verdadeiras na sentença do cativeiro, fora cobiça e não razão tê-las por falsas na promessa da liberdade.

Oh que caso tão parecido ao nosso caso! Oh que acção tão digna de se santificar e fazer cristã, passando-a de um rei gentio a um rei católico! Quis Deus por seus altos juízos que Portugal perdesse a soberania de seus antigos reis, e que sua coroa, ajuntando-se às outras de Espanha, estivesse sujeita a rei estranho; mas esta sujeição e este castigo, não 30 quis o mesmo Deus que fosse perpétuo, senão por

8. Vid. *Esdras*, I.

12. Vid. *Jeremias*, XXIX, 10.

tempo determinado e limitado, e que este termo e limite fosse o espaço só de sessenta anos. Assim o diziam as profecias, e assim o provou com admirável consonância o cumprimento delas.

5 Só faltou para total semelhança do caso de Babilónia e para imortal glória do Ciro de Espanha que a acção fosse voluntária e não violenta; sua, e não dos Portugueses. Mas vamos às profecias do cativéiro e ao termo dos sessenta anos dele.

10 S. Frei Gil, religioso português da ordem de S. Domingos, (de cujo espírito profético se dará notícia em seu lugar) diz assim: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet; sed propitius tibi Deus, insperate ab insperato redimet*: «Portugal por orfandade do sangue de seus reis, gemitá por muito tempo; mas Deus lhe será propício e, não esperadamente, será remido por um não esperado.»

15 Gemeu Portugal muito tempo, porque gemeu por espaço de sessenta anos debaixo da sujeição de Castela; e foi ocasião desta sujeição e destes gemidos ficar o Reino órfão de seus reis, porque os dois últimos — D. Sebastião e D. Henrique — faltaram sem deixar sucessão; mas foi-lhe Deus propício, porque dispôs com tão notáveis sucessos a execução de sua 20 liberdade e foi remido não esperadamente, porque muitos não esperavam, antes desesperavam desta redenção; e remido por um não esperado, porque o redentor, pelo qual geralmente se esperava, era outro e não el-rei D. João o IV.

10-17. Vid. Gregório de Almeida [pseudónimo do P.^o João de Vasconcelos] e o Sermão do I de Janeiro de 1641, de P.^o António Vieira. (Nota do mesmo Vieira).

No juramento autêntico de El-Rei D. Afonso Henriques, em que se conta o miraculoso aparecimento de Cristo, quando por sua própria pessoa quis fundar o Reino de Portugal, são bem notórias aquelas palavras, mandadas anunciar ao rei pelo mesmo Senhor, com o recado de que lhe queria aparecer: *Domine, bono animo esto: vinces, vinces, et non vinceris. Dilectus es Domino, posuit enim super te et super semen tuum post te oculos misericordiae suæ usque in decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet et videbit*: «Senhor, estai de bom ânimo: vencereis, vencereis e não sereis vencido; sois amado de Deus, porque pôs sobre vós e sobre vossa descendência os olhos de sua misericórdia até a décima sexta geração, na qual se atenuará a mesma descendência, mas nela atenuada tornará a pôr seus olhos.»

Até aqui a divina promessa, cujo cumprimento é tão manifesto, que quase não necessita de explicação. A décima sexta geração de El-Rei D. Afonso Henriques (contando as gerações, como se devem contar, de rei a rei e de coroa a coroa) foi o Cardeal D. Henrique, como se vê pelo catálogo seguinte:

- 1.^o — El-Rei D. Sancho I;
- 2.^o — El-Rei D. Afonso II;
- 3.^o — El-Rei D. Sancho II;
- 4.^o — El-Rei D. Afonso III;
- 5.^o — El-Rei D. Dinis;
- 6.^o — El-Rei D. Afonso IV;
- 7.^o — El-Rei D. Pedro I;
- 8.^o — El-Rei D. Fernando;
- 9.^o — El-Rei D. João I;
- 10.^o — El-Rei D. Duarte;

11.^o — El-Rei D. Afonso V;
12.^o — El-Rei D. João II;
13.^o — El-Rei D. Manuel;
14.^o — El-Rei D. João III;
5 15.^o — El-Rei D. Sebastião;
16.^o — El-Rei D. Henrique.

Neste último rei se atenuou a descendência, porque ainda que não quebrou de todo, ficou por um fio, e fio tão delgado e atenuado como era a única casa de Bragança, descendente do infante D. Duarte, irmão menor de D. Henrique. Mas neste fio único e tão delgado se veio a verificar que, depois da descendência de El-Rei D. Afonso Henriques, atenuada no décimo sexto rei, tornaria Deus a pôr seus olhos 10 nela, porque nela se restituíu a coroa que Cristo então lhe dava, sendo restituída (como foi) ao Duque D. João, o II de Bragança, Rei D. João, o IV de Portugal e décimo sétimo dos reis portugueses descendentes do primeiro Afonso. Por outros modos 15 20 também verdadeiros se faz esta mesma conta; mas este temos por mais natural, mais fácil e mais conforme à mente da profecia e às circunstâncias em que naquela ocasião se falava.

S. Bernardo, em uma carta escrita a El-Rei 25 D. Afonso Henriques, com quem tinha particular e íntima amizade e correspondência, a respeito das cousas presentes e futuras do Reino, profetizou com admirável clareza o termo dos sessenta anos de castigo e a continuação e sucessão de reis portugueses, antes e depois dela. A carta é a que se segue, conservada em muitos arquivos deste Reino e divulgada fora dele muitos anos antes da nossa restauração: «*Dou as graças a Vossa Senhoria pela mercê e es-*

5 mola que nos fez do sítio e terras de Alcobaça para os frades fazerem mosteiro em que sirvam a Deus, o qual em recompensação desta, que no Céu lhe pagará, me disse lhe certificasse eu da sua parte que a seu Reino de Portugal nunca faltariam reis portugueses, salvo se pela graveza de culpas por algum tempo o castigar; não será porém tão comprido o prazo deste castigo, que chegue a termos de sessenta anos. *De Claraval, 13 de Março de 1136. Bernardo».*

10 10 A condicional do castigo cumpriu-se por nossos pecados, que sem dúvida deviam ser muito grandes, mas também se cumpriu muito pontualmente que o castigo não chegaria a termo de sessenta anos, porque El-Rei D. Filipe o II foi jurado por rei de 15 15 Portugal, nas Cortes de Tomar, em 26 de Abril do ano de 1581, El-Rei D. João o IV, nas cortes de Lisboa, em 13 de Dezembro de 640, que fazem 59 anos e cinco meses menos alguns dias, ou sessenta anos não completos, como S. Bernardo tinha profetizado. Outra carta temos do mesmo santo escrita ao mesmo rei, em que dá outro sinal manifesto (e também já cumprido), do tempo em que havia de faltar a coroa, que adiante poremos.

20

Finalmente, muitas pessoas (de cujo espírito, a 25 respeito dos sucessos futuros de Portugal, trataremos larga e particularmente no cap. IX deste livro) não só predisseram a sujeição do Reino a Castela, e sua liberdade, mas que o fim de uma e princípio de outra havia de ser sinaladamente no ano de quarenta, e que naquele ano seria levantado novo rei

30 9. «Fr. Francisco de Foyos, no seu sermão impresso da introdução do *Lausperene* em Alcobaça.» (Nota de Vieira).

de Portugal e que este se chamaria D. João, com todas as outras circunstâncias tão miúdas e particulares, como se verá no mesmo lugar.

De maneira que por todas estas profecias consta 5 claramente que ao Reino de Portugal haviam de faltar os reis portugueses e que esta falta havia de suceder no décimo sexto rei descendente de El-Rei D. Afonso Henriques, e que havia o Reino de gemit debaixo da sujeição estranha, e que esta sujeição 10 havia de ser a Castela, e que não havia de durar mais que sessenta anos não completos, e que o termo destes sessenta anos havia de ser no ano de quarenta, e que neste seria levantado pelos Portugueses 15 rei novo, e que se havia de chamar D. João: as profecias o disseram e os olhos o viram.

Pois se Deus não quis que a sujeição de Portugal a Castela fosse perpétua, porque hão-de querer e porfiar os homens em que o seja? Se Deus limitou 20 esta sujeição ao termo de sessenta anos, porque se não hão-de conformar os homens com seus soberanos decretos? E porque se não hão-de contentar com o que Deus se contentou? Porque se não verá no católico Ciro de Espanha um acto de tanta justiça e generosidade, e de tanto rendimento e obediência 25 a Deus, como se viu no Ciro de Babilónia? Se Deus lhe deu o usufruto de Portugal por prazo sómente de sessenta anos, e estes são acabados, porque se há-de querer chamar ao domínio e prescrever contra

3. Vid. *D. João de Castro e o memorial que deu ao Papa Inocêncio X Pantaleão Rodrigues Pacheco, bispo nomeado de Elvas.* (Nota de Vieira). Este D. J. de Castro, neto, por bastardia, do herói da Índia, é considerado o S. Paulo da fé sebastianista, sobre que deixou vasta obra, boa parte por publicar. Sobre a diferença entre esta lição e a do apógrafo do A. N. vide Prefácio.

o Céu? Se lhe parece cousa dura arrancar de sua coroa uma jóia tão preciosa como o Reino de Portugal, reparem seus prudentes e católicos conselheiros que o não era menos naquele tempo, nem menos 5 conhecido e celebrado no Mundo o reino de Judá, e que Ciro, rei ambicioso, arrogante e gentio, nem duvidou de o demitir de seu império. Quanto mais que por este acto de consciência, religião e cristandade, e por este Reino que Castela restituir ou 10 sentir a Deus (pois Ele tem já restituído), lhe pode Deus dar outros maiores e mais dilatados, com que enriqueça e sublime sua coroa e amplifique o império de sua monarquia, como sucedeu ao mesmo Ciro. Por aquele acto de generosidade e desinteresse, 15 foi Ciro tão amado de Deus, que lhe chamava *o meu rei, o meu ungido, o meu Cristo, o meu Ciro;* e pelo merecimento deste obséquio e rendimento à vontade divina lhe deu Deus em um dia o império dos Assírios, que era a primeira monarquia e universal do Mundo, como o mesmo Ciro reconhece havê-lo 20 recebido da sua mão. Tão liberal é Deus com os príncipes que não regateiam reinos nem estados com Ele; e por um reino de tão poucas léguas de terra, qual era o de Judeia (igual com pouca diferença 25 ao de Portugal), dá em prémio e recompensa a monarquia de todo o Mundo!

Tais são os interesses (quando houvera algum maior que o de obedecer a Deus), que Espanha podia esperar do desinteresse deste acto, podendo de 30 outra maneira (para que não calemos esta verdade), temer justíssimamente que à resolução e porfia contrária sucedam efeitos também contrários. Se por um acto de justiça, desinteresse e obediência dá Deus uma monarquia, por um acto de justiça, am-

bição e desobediência também poderia tirar outra. E já a ordem das cousas naturais as teve menos dispostas a uma grande ruína.

Quero pôr aqui as palavras do Texto Sagrado, em que Ciro faz desistência do reino de Judeia e deixou aquele povo em sua liberdade, por serem mui dignas de toda a ponderação, imitação e memória. Dizem assim no *I Livro de Esdras*, cap. I, e são o exórdio de sua história: *In anno primo Cyri, regis Persarum, 5 ut compleretur verbum Domini ex ore Jeremiae, suscitavit Dominus spiritum Cyri, regis Persarum, et traduxit vocem in omni regno suo, etiam per scripturam, 10 dicens: Hæc dicit Cyrus, rex Persarum: omnia regna terræ dedit mihi Dominus, Deus Cæli, et ipse 15 præcepit mihi ut ædificarem ei domum in Jerusalem, quæ est in Judæa. Quis est in vobis de universo populo ejus? Sit Deus illius cùm ipso; ascendat in Jerusalem...*

Lástima é que semelhante escritura não fosse de rei católico; e maior lástima será ainda que, posto algum rei católico na mesma ocasião, não queira imortalizar seu nome e religião com outro decreto semelhante.

«No ano primeiro de Ciro, rei dos Persas (quem assim começou a reinar não podia deixar de ter tão felizes progressos), para se dar cumprimento à palavra divina declarada nas profecias de Jeremias, levantou Deus o espírito de Ciro, rei dos Persas (que só podia fazer uma acção tamanha e tão real um rei de espírito e espíritos mui levantados por

9-18. Este trecho vem traduzido por Vieira no último parágrafo da página.

Deus), e mandou apregoar em todos seus reinos por escrito firmado de sua mão este decreto: «Ciro, rei dos Persas, diz: O Rei do Céu me deu e fez senhor de todos os reinos do Mundo, e ele me mandou que lhe edificasse casa em Jerusalém, cabeça de Judeia; pelo que toda a pessoa que houver em meus estados pertencente àquele povo e reino, o mesmo Deus seja com ela, e se pode tornar livremente para Jerusalém, etc.».

10 Leiam este decreto os reis e monarcas do Mundo, aqueles principalmente que, sendo reis e possuindo os reinos, como dizem em suas provisões *por graça de Deus*, com tão pouco respeito ao mesmo Deus e à mesma graça armam seus exércitos contra os alheios. Se Deus deu tantos reinos a Ciro, porque não dará Ciro um reino a Deus, ainda quando fosse seu indubitavelmente?

20 Mas o que eu só quero ponderar, e peço por reverência do mesmo Deus aos Reis Católicos, a seus conselhos e a seus letrados ponderem, é o que Ciro, rei não católico, chama *preceito de Deus* neste seu edicto. Não teve Ciro outro preceito ou mandado particular de Deus (como notam todos os expo-
25 sitores) mais que as profecias em que estava anunciado que, no fim de sessenta anos, havia de ser o reino e povo hebreu libertado do cativeiro de Babilónia e restituído à sua Pátria, coroa e liberdade; e a estas profecias chama o rei sem fé *preceito de Deus*; a este género de preceito assim escrito, posto que não
30 intimado com outra autoridade ou solenidade, julgou que tinha obrigação de obedecer, e obedeceu com efeito, e observou em matéria tão grave e de tanto peso e interesse de sua coroa, como era demitir de si um povo e um reino tão notável, de que ele já

era o terceiro possuidor, porque o primeiro foi Nabucodonosor, o segundo Baltasar e o terceiro Ciro.

Não sei que possa haver mais claro espelho do

nosso caso. Se Espanha se quiser ver e compor a ele,

5 leia as profecias que neste livro vão escritas e já

cumpridas; veja quão legitimamente está restituído

por elas, conforme o decreto ou preceito divino, o

rei e reino de Portugal, e não me creia a mim, senão

10 a seus próprios doutores e aos que mais duramente

têm impugnado em nossos dias esta parte e defendido a contrária. Siga-se a sua doutrina e não a minha advertência.

D. João de Palafoz e Mendonça, bispo de la Puebla de los Angeles, do conselho supremo de Aragão,

15 na sua *História Real Sagrada*, escrita, como se vê

em tantos lugares, mais para contradizer o novo

Reino de Portugal, que para historiar o de Saul,

impugnando a eleição de El-Rei D. João o IV, cujo

nome se dissimula, e ponderando augusta e doutamente

20 os sinais com que se havia de justificar para

ser legítima e de Deus, com maior elegância que

decência, porque o afecto lhe fez corromper a pureza

de seu estilo, diz assim:

«Hazia-se una mudança tan grande en Israel,

25 como acabarse el gobierno de los Juezes, que havia

durado quinientos años, y comenzar el de los Reyes;

escogiase para principe un hombre, que ayer era

subdito y labrador; el que antes era companero,

avian de venerarlo por rey. Pues para cosa tan

30 grande, de tan rara y de tales y tan graves dependencias, vayanse a sus casas los Israelitas, duerman

y piensem sobre ello; buelva otra vez Samuel a la oracion, digale el Señor a que hora vendrá el dia

siguiente, el destinado al imperio; suceda la pro-

fecia; buelva-se otra vez decir que aquel es el hombre; llevele a su casa, conozcale y reconozcale; unjale, y ungido, justifique su vocacion con algunas profecias y señales de lo que le ha de succeder despues de ungido, con que el Profeta quede con quietud y sossiego de que aquello le mandò el Señor; y elegido justifique la jurisdiccion, y se tenga por principe legitimo y llamado de Dios al gobierno.»

Três cousas requer Palafoz, ou três circunstâncias
10 em uma, para que a vocação do rei se justifique ser
de Deus e para que os ministros que o ungiram
(como Samuel e Saul) fiquem com quietação e
sossego de ser aquele o que Deus mandou ungir, e
para que o mesmo rei ungido e eleito justifique sua
15 jurisdição e se tenha por princípio legítimo e cha-
mado por Deus ao governo. E quais são estas três
cousas ou circunstâncias?

As mesmas que intervieram e sucederam na eleição e unção de Saul: Primeira, haver profecia de ser
20 Saul o destinado por Deus ao império; segunda, que
a profecia não seja só uma, senão algumas; terceira,
que essas profecias sucedam, assim como estavam
preditas e profetizadas.

Verdadeiramente estas palavras do bispo Palafoz:
25 *Cum esset pontifex anni illius*, me parecem ditadas
por algum espírito e intento superior, para que,
sendo ditas como as de Caifaz, com tão diverso e
contrário intento, fossem verificadas no mesmo princípio
30 e no mesmo Reino que ele queria impugnar e
destruir, e sua mesma acusação seja um testemunho

8. Vid. *Lib. II*, p. 88 da ed. de 1655.

25. Trad.: *Como fosse o pontífice daquele ano.*

público e mais qualificado da justiça e justificação de nossa causa.

Se Palafoz pede profecias, damos a Palafoz profecias, e não profecias daquele dia, como as de 5 Samuel, senão de cento, de trezentos e de quinhentos anos antes, que são as mais qualificadas e livres de suspeita, e que só podem ser ditadas e inspiradas por aquela sabedoria eterna a quem os futuros são presentes. E tais são as que pouco antes alegámos, 10 porque as últimas havia cem anos que estavam escritas, as de S. Frei Gil, trezentos anos e as de S. Bernardo e de El-Rei D. Afonso Henriques mais de quinhentos, e todas públicas, autênticas e justificadas com o testemunho universal do Mundo, que 15 as tinha visto e lido.

Se Palafoz pede que a profecia não seja só uma, senão algumas, como as de Samuel foram três, não só damos a Palafoz três profecias, senão trinta profecias, e três vezes trinta, as quais se poderão ver 20 no cap. VI deste anteprimeiro livro, porque tantas são (se bem se distinguirem e contarem) as cousas diversas e profetizadas que ali se referem todas, não só futuras, mas de futuros livres e contingentes, que nenhum entendimento humano, diabólico ou an- 25 gélico, podia tantos anos prever nem conhecer sem revelação de Deus, que são as condições que pròpriamente se requerem para a verdadeira, rigorosa e provada profecia, como é sentença comum dos teólogos e se provará larga e demonstrativamente em 30 seu lugar.

Finalmente, se Palafoz pede que as mesmas profecias sejam provadas e confirmadas com o sucesso, assim antes como depois de o rei ser eleito e ungido, no alegado cap. VI se verão as mesmas profecias

declaradas e ajustadas com o sucesso; algumas delas cumpridas antes da restituição e coroação de El-Rei D. João o IV, outras no mesmo caso e circunstâncias de sua restituição, e as demais desde aquele tempo até o ano de 663, além de muitas outras que estão ainda por cumprir, que se lerão no discurso desta *História*, com cujo efeito, de que se não deve duvidar (como também provaremos), se irá cada dia confirmado mais e mais a mesma verdade, bastando e sobejando a décima parte das profecias já cumpridas, para se justificar superabundantemente, conforme a doutrina de Palafoz, com grande quietação e sossego dos ânimos, que a vocação daquele rei foi de Deus mandada e ordenada por ele e que a sua jurisdição é verdadeira e legítima, como de príncipe notoriamente chamado e destinado pelo mesmo Deus ao império. Tal foi a eleição de Saul; tal a de El-Rei D. Afonso Henriques, fundador do Reino de Portugal; e tal a de El-Rei D. João, seu restaurador.

Não deixarei também de lembrar aqui que não são tão novas e desconhecidas em Castela as profecias ou esperanças de Portugal, que não façam menção delas seus autores, aplicando-as à primeira parte deste mesmo caso nosso, e não duvidando que dele falavam e dele se haviam de entender.

D. João de Horosco e Covarruvias, arcediago de Cuellar na igreja de Segóvia, no seu *Tratado de la verdadeira y falsa profecia*, Liv. I, cap. IV, diz assim: — «...desta manera tuvo yo noticia de [un

28. A obra citada de Covarruvias foi publicada em 1588 em Segóvia, e é do seu Lib. I, cap. XIV, que Vieira extrai o trecho presente.

çapatero en Portugal que fue tenido por propheta, y
 era aver leydo en] algunas prophecias como las de
 S. Isidoro, y [...] tengo notada una, en que a mi
 parecer se dixo mucho ha, el aver de juntar-se aquel
 5 reyno de Portugal con el nuestro, con harta parti-
 cularidad.»

Até aqui no corpo do livro; e comentando à mar-
 gem o seu mesmo texto, põe as trovas seguintes:

10 *Vejo, vejo, do Rey vejo*
 (*Vejo, o estoy soñando?*)
 Simiente de rey Fernando
 Hazer un forte despejo,
 E seguir con gran desejo,
 Y dexar acá sua viña
 15 *Y dezir, esta casa es miña,*
 En que aora acá me vejo.

A tradução não é muito limada, mas a explicação
 é muito própria, muito acomodada e muito bem de-
 duzida; porque, sendo o intento e o assunto ou tema
 20 daquela profecia predizer os sucessos futuros de Por-
 tugal depois de sua restauração, como se tem visto,
 foi princípio muito conveniente à ordem dos mesmos
 sucessos começar pela sujeição do mesmo Reino a
 Castela, e pela entrada dos reis castelhanos em Por-
 25 tugal. E se o verdadeiro profeta e primeiro autor
 desta profecia é Santo Isidoro, e não outro, tanto
 melhor, porque temos mais qualificado autor e mais
 autorizado profeta.

Mas vejamos de caminho que é o que diz Santo
 30 Isidoro, e como avalia esta acção do rei, semente de
 El-Rei D. Fernando, que foi seu neto Filipe II.

O nome que dá a esta acção Santo Isidoro é cha-

mar-lhe *despejo*, que em tom castelhano quer dizer *desverguenza*; e chamar-lhe *despejo forte*, porque foi despejo armado de poder e de exércitos, e não (como devera ser) de justiça; ou lhe chama também 5 *forte*, porque às cousas feitas sem razão chamamos *forte causa*, como se dissera: Forte causa é, e despejo grande, que estando em Portugal a senhora Dona Catarina, neta legítima de El-Rei D. Manuel e filha herdeira do Infante D. Duarte, e devendo 10 preceder a todos os pretendentes da coroa, assim pelo direito comum da representação, como pela leis particulares do Reino, que não admitem à sucessão príncipe estrangeiro, um rei que era descendente de Fernando, por antonomásia chamado o *Rei Católico*, se viesse por força introduzir na casa alheia, sem mais razão nem justiça que meter-se nela e dizer: «Esta casa é minha, em que agora cá me vejo».

Basta, Rei católico e descendente de católico, que porque vos vedes metido na casa alheia, por isso 20 haveis de dizer: «Esta casa é minha»?!

Não debalde o santo arcebispo se espanta tanto de uma tal acção, que, depois de a estar vendo com espírito profético, ainda duvida se era visão ou sonho: *Vejo, vejo, do rei vejo, vejo, ou estou sonhando?* Mas o efeito mostrou que não era sonho, senão visão verdadeira, posto que visão de um caso tão dificultoso de crer. E pois o meterem-se os Castelhanos em Portugal foi despejo, razão foi também que os fizessem despejar. Mas não é este o meu intento, nem esta ilação a que eu quero inferir.

Diz o Doutor Horosco e Covarruvias que nesta profecia está profetizado *con harta particularidad, haver de juntar-se aquel reino de Portugal con el nuestro*. Bem dito. Mas se este mesmo autor, e este

mesmo texto, e este mesmo Santo Isidoro diz que o Reino se há-de restituir outra vez, e com muito maior particularidade, no ano de quarenta, e que o seu rei se há-de chamar D. João; se isto, digo, está bem profetizado, e profetizado no mesmo livro e no mesmo tempo, e alegado o mesmo doutor; porque não hão-de crer os Horoscos e Covarruvias castelhanos nesta segunda parte da mesma profecia, assim como crearam na primeira? De maneira que, quando as profecias de Portugal profetizam que Portugal se há-de ajuntar a Castela, são profecias; e quando profetizam que Portugal se há-de tornar a separar de Castela e se há-de restituir à sua liberdade, não são profecias?!

15 Não o havia de julgar o mesmo Horosco e o mesmo Covarruvias, nem o julgou assim o mesmo Santo Isidoro. Forte despejo foi aquele, mas ainda esta consequência é mais forte. Ora, Senhores, acabemos de crer a Deus, que nem Ele pode mentir, nem nós 20 o podemos enganar. Sei eu e sabe Portugal, e Castela também o sabe, quanto cuidado lá davam antes deste tempo e quanto temor se tinha de nossas profecias; e não entendo agora como, depois delas cumpridas e qualificadas com tão maravilhosos efeitos, 25 se lhes tem perdido a reverência. Em seu lugar, como tenho prometido, se verá tão demonstrada a sua verdade, que nenhum ódio nem interesse possa negar que são de Deus; e que, em consequência, será indigno de todo o juízo porfiar ainda contra elas, 30 depois de tão conhecidas.

Conhecia Herodes a verdade das profecias; inquiriu por elas o tempo, o lugar do nascimento do Rei profetizado, e logo armou contra Ele a crueldade de seus exércitos. Até aqui podia chegar a loucura e a

cegueira de um mal aconselhado príncipe: crer a verdade das profecias, e esperar prevalecer contra elas por força de armas. Mas que efeito tiveram ou que façanhas obraram os exércitos de Herodes? 5 Contra o rei e contra o reino que pretendia estorvar, nenhuma cousa. Só se afogou Belém em sangue e nadou em lágrimas; só se ouviram em Ramá e no Céu as queixas e lamentações de Raquel. Este é o fim sem outro fruto de tão desesperadas resoluções: 10 sangue inocente derramado, lágrimas, queixas, lamentações, clamores, e não dos outros, senão dos próprios vassalos.

Vassalos eram do mesmo Herodes todos os que morreram em Belém: cobriu de luto o reino próprio, 15 e não pôde atalhar com tantos rios de sangue os progressos do que procurava impedir, porque estava destinado por Deus ao domínio de seu verdadeiro Senhor e firmado com sua palavra.

Considera Castela contra quem peleja, e conhece 20 cerá quão impossível é a empresa a que aspira; acabe de entender que não peleja contra Portugal, senão contra a firmeza da palavra e promessas divinas. Talar as nossas campanhas, vencer em batalha os nossos exércitos, sitiaria as nossas cidades, 25 bater, minar, escalar e arruinar as nossas muralhas, bem pode ser; mas fazer brecha na firmeza da palavra divina é impossível. Não há muro tão gastado da Antiguidade e tão fraco em Portugal, em cujas pedras não esteja escrito com letras de bronze: 30 *Verbum Domini manet in eternum.*

29-30. Trad.: *O verbo do Senhor permanecerá eternamente.*

Reparem os famosos capitães de Castela, e considerem seus prudentíssimos e experimentados conseilheiros, apartando os olhos por um pouco de Portugal, se se acham seus exércitos com forças e poder bastante para conquistar Europa, para sujeitar todas as quatro partes do Mundo e ainda para escalar, como filhos do Sol, o Céu, e tirar dele a Júpiter; pois saibam que mais fácil será conquistar Europa, o Mundo e o mesmo Céu empíreo, do que vencer 10 e sujeitar Portugal, defendido e armado como está com as promessas divinas: *Cœlum et terra transibunt, verba autem mea non p̄reteribunt.* Pelejem primeiro contra a firmeza da palavra de Deus, batam, abalem, derribem, desfaçam este castelo, e 15 depois dele rendido, então poderão conquistar Portugal. Perguntem a El-Rei José e a El-Rei Acab, com as forças de dois tão poderosos reinos unidos, porque não conquistaram a Ramoth? Perguntem a Benedad, rei de Síria, e aos trinta e dois reis que o 20 acompanhavam, porque uma e outra vez não conquistaram Samaria, sendo tanto o número de seus soldados, que com um punhado de terra que cada um lançasse sobre ela (como eles diziam) a podiam sepultar? Perguntem ao soberbíssimo Senaquerib, 25 vencedor de tantas nações, com todo o estrondo de tantos mil carros de guerra e tão inumeráveis exércitos de pé e de cavalo, porque não chegou a meter uma seta dentro dos muros de Jerusalém?

Porque Ramoth estava defendida com uma pro-

11-12. Trad.: *O céu e a terra passarão, mas não hão-de passar as minhas palavras.*

29. Vid. III Liv. dos Reis, XII; IV Liv. dos Reis; Isaías, Cap. XXXI.

fecia de Miqueas; Samaria com uma profecia de Eliseu; Jerusalém com uma profecia de Isaías.

Mas deixados exemplos das Escrituras e profecias canónicas, ouçam também as nossas, que, sendo de inferior autoridade, também foram ditadas, como depois se verá, pelo mesmo espírito.

Porque puderam romper os Portugueses os claustros impenetráveis do Oceano, e conquistaram nas outras três partes do Mundo, sendo um Reino tão pequeno, tantas, tão novas e tão poderosas nações, senão porque estava escrito? Porque, estando sujeitos a Castela e debaixo de seus presídios, sacudiram tão feliz e animosamente o jugo, e em um dia restauraram sua liberdade, em Portugal, na África, na Ásia e na América, senão porque estava escrito? Porque ontem, na memorável batalha do Cano, com partido tão desigual, romperam um tão luzido e poderoso exército, formado mais de capitães que de soldados, e escalaram com tanta facilidade aquelas montanhas ou muralhas da natureza, a que o seu general chamou castelos de Milão, senão porque estava escrito? Pois se a conservação, a liberdade e perpetuidade, as vitórias e outros maiores triunfos de Portugal estão também escritos com as mesmas letras e ditados pelo mesmo espírito, que esperança ou desesperação é pretender conquistar a Portugal? Oh, acabe de entender Castela quem defende Portugal e contra quem peleja! Com mui desigual inimigo se toma, quem quer guerrear contra Deus!

Não é nem pode ser nossa intenção diminuir as forças de Espanha, nem escurecer a grandeza de sua potência, tão conhecida do Mundo todo e tão temida e reverenciada de seus inimigos e invejada de seus émulos. Mas é força que ela e nós confessemos

que são maiores os poderes de Deus, e que, assistida deles, a desigualdade de Portugal pode resistir e prevalecer contra Espanha, como lhe tem resistido e prevalecido em tantos anos.

5 Dizem as fábulas, com significação não fabulosa mas verdadeira, que quando Páris houve de ferir mortalmente o impenetrável corpo de Aquiles, uniu o deus Apolo a mão de Páris com a sua e ambas juntas dispararam a seta fatal. Comparado o braço de
10 Páris com o de Aquiles, mão por mão e braço por braço, mais forte é o de Aquiles; mas comparado o de Aquiles com o de Páris, acompanhado de Apolo, mais forte é o de Páris. Não foi só a espada de Gedeão a que com tão poucos soldados venceu os exér-
15 citos dos Madianitas, mas a espada de Gedeão maneada pelo seu braço e pelo de Deus, juntamente: *Gladius Domini et Gedeonis*. Contra a espada de Gedeão naturalmente parece que haviam de prevalecer os exércitos madianitas; mas contra a espada
20 de Gedeão e de Deus, nenhum poder humano pode prevalecer. Não peleja Castela só contra os exércitos de Portugal, mas contra o Senhor dos exércitos.

No dia memorável da restituição de Portugal (ou fosse milagre ou mistério), é certo que a imagem de
25 Cristo crucificado despregou publicamente o braço às portas daquele santo português que tem por graça

6-11. Assim se conta nas narrativas posteriores aos poemas homéricos.

17. Trad.: *Gládio de Deus e Gedeão*, Liv. dos Juízes, VIII.

24-27. Vid. livro citado — *Restauração de Portugal prodigiosa*, pág. 272. O milagre deu-se junto da igreja de Santo António, à Sé.

própria sua recuperar o perdido. Contra o braço estendido de Deus, que força dá que possa prevalecer, nem ainda resistir? Este é aquele braço omnipotente, que tira os poderosos do trono e levanta a

5 ele os humildes ou os humilhados, como fez naquele dia. Grande glória é de Portugal ter em seu favor o braço de Deus; mas não foi menos honra e autoridade de Castela, que fosse necessário o braço de Deus a Portugal para se libertar da sua sujeição.

10 Menos que o braço e menos que toda a mão de Deus, bastou para livrar o povo de Israel do poder do grande rei Faraó o dedo de Deus. O dedo de Deus é este — lhe disseram os seus sábios: *Digitus Dei est hic*. E verdadeiramente foi grande dureza de entendimento imaginar Faraó que podiam prevalecer seus exércitos contra um dedo da mão de Deus, quanto mais contra toda a mão. Assim lho remoqueou Moisés, quando escreveu aquela história: *Induravit Dominus cor Pharaonis, regis Egypti, et persecutus est*

15 *filios Israel, at illi egressi erant in manu excelsa.*

20 Notem muito estas últimas palavras os reis e seus conselheiros: *At illi egressi erant in manu excelsa.* Se a mão do Altíssimo é a que assistiu aos libertados, quando eles saíram do cativeiro, em vão se cansa Faraó em tirar carruagens, cavalaria e exércitos contra eles, senão é que o juízo divino os leva ao Mar Vermelho e os chama lá alguma oculta fatalidade. Bem se viu neste caso, tão horrendo, quão

18-20. Trad.: *Endureceu Deus o coração de Faraó, rei do Egipto, e perseguiu os filhos de Israel, mas eles tinham saído sob a protecção de mão poderosa. Exodo, XIV, 8.*

gravemente se ofende Deus de que ninguém presuma cativar a quem ele liberta.

Desengano, Senhores meus; falemos e ouçamos como católicos. O que Deus faz, só Deus o pode des-

5 fazer; o que Ele levanta, só Ele o pode derribar.

Bem sabe Castela (sinal é que o sabe bem, pois chega a o confessar, e no mesmo ano em que Por-

10 tugal se havia de levantar, o estamparam assim seus escritos) bem sabe Castela (digo) que Portugal com

singularidade única entre todos os reinos do Mundo foi reino dado, feito e levantado por Deus, naqueles mesmos campos e naquela mesma província onde

15 todos os anos trabalham e batalham os homens pelo derribar, pelo desfazer e pelo tirar a quem foi dado.

15 Se Deus o deu, como o podem os homens tirar?

Se Deus o fez, como o podem os homens desfazer?

Se Deus o levantou, como o podem os homens der-
ribar? E se Deus prometeu que na décima sexta

20 geração atenuada poria os olhos nela para o resti-
tuir, como há quem tanto à vista dos olhos de Deus

queira triunfar sobre suas promessas e irritar seus decretos? Até a superstição dos Gentios conheceu a

25 consequência desta verdade, e que os reinos funda-
dos por um Deus, ainda quando houvesse muitos

deuses, só o mesmo Deus os podia arruinar. Esta

foi a teologia com que os dois príncipes dos poetas

no incêndio e destruição de Tróia introduziram ao

Deus Neptuno, batendo com o tridente os muros que

ele mesmo tinha fundado.

30 Naquela noite em que Cristo por sua própria

Pessoa fundou o Reino de Portugal, aparecendo e

26. Vid. Homero e Virgílio. (Nota de Vieira).

5 falando ao seu primeiro rei, disse: *Ego ædificator et dissipator regnum atque imperiorum sum. Volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteris nationes*: «Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e dos impérios, e quero em ti e em teus descendentes fundar um império para mim, pelo qual o meu nome seja levado às nações estrangeiras.»

10 Se Deus é o monarca supremo e universal, que funda e desfaz os reinos e os impérios e com tão especial solenidade fundou por sua própria Pessoa nos reis portugueses de Portugal, quem haverá, que não seja o mesmo Deus, que o possa desfazer e dissipar?

15 20 25 30 Ponderem-se muito aquelas três cláusulas — *in te mihi stabilire*. Se Deus o fundou em nós — *in te* — quem o poderá arrancar de nós? Se Deus o quis para si — *mihi* — como o poderá ser de outrem? E se Deus prometeu de o estabelecer — *stabilire* — como o podem os homens arruinar? Acabem de conhecer os que se prezam de conhecer a Deus, que são homens; e tenham-se por homens, por racionais e por conselheiros, os que seguirem os ditames deste conhecimento. Na prodigiosa batalha das Linhas de Elvas, quando o duque-general, primeiro ministro de Espanha, se viu tão inopinadamente de conquistador, conquistado, as trincheiras entradas, os esquadrões rotos, os fortes rendidos, o exército desbaratado, as palavras com que se retirou, como tão prudente e tão católico capitão, foram:

— *Contra Dios no valen manos.*

8. Vid. nota 10-22 da pág. 32 do presente volume.

25. Vieira refere-se a D. Luís de Haro, Primeiro Ministro de Espanha, durante a guerra com Portugal.

Se este ditame tão são, tão verdadeiro e tão evidente se seguiria desde aquele dia, quanto sangue que ao depois se derramou estivera guardado nas veias ou se tivera de uma e outra parte empregado 5 em serviço daquele grande Senhor, contra o qual não valem mãos nem validos? Contra a evidência e fé desta razão, que não tem resposta, costuma atravessar o Demónio aquela torpeza do Inferno, a que os homens com nome especioso e significação ver- 10 dadeira infernal chamaram reputação. Dizem que não convém à reputação do grande monarca das Espanhas desistir da empresa de Portugal, não pelo que ele é, mas pelo que dirá o Mundo. Como se não estivéramos no mesmo Mundo em que ontem o 15 mesmo monarca cedeu às Províncias Unidas dos Países-Baixos todos aqueles estados de que com tão diferentes direitos era herdeiro e legítimo senhor!

Mas para o nosso caso não são necessários exemplos, nem têm lugar, porque é diverso de todos e 20 de superior jerarquia. E quando concedêssemos aos políticos que, para vaidade fantástica da opinião, se deviam arrastar tanta respeito sólidos e verdadeiros, como eles falsamente ensinam, em nenhum caso da paz e recíproca desistência das armas esteve 25 mais segura e mais honrada a reputação de Espanha e de seu grande monarca, que no da guerra presente. Pelo mesmo fundamento e único em que se funda todo este discurso, em ceder, obedecer a Deus e não resistir à sua vontade conhecida, nunca se 30 perde nem pode perder reputação, antes se ganha a maior e mais qualificada de todas; porque, se a reputação consiste no juízo dos homens, nenhum juízo haverá no mundo católico, político, nem ainda gentílico, que não estime e venere uma tal acção pela

mais cristã, mais justa, mais prudente, mais generosa, mais heróica de quantas honraram a memória dos maiores príncipes.

5 Quando Moisés foi notificar da parte de Deus a El-Rei Faraó, que desse liberdade ao povo de Israel, que havia tantos anos tinha debaixo de seu domínio, o que respondeu foi:

— *Nescio Dominum et Israel non dimittam*: «Não conheço esse Deus, e não hei-de demitir a Israel.»

10 Não disse que não queria obedecer a Deus, senão que o não conhecia; porque o príncipe que conhece a Deus, ainda que seja tão bárbaro e arrogante como Faraó, e em matéria de tanto peso e interesse, como demitir de si o domínio de uma nação inteira e tão 15 populosa, não pode duvidar de obedecer e se sujeitar à sua vontade. E porque Faraó o não fez assim, ainda que gentio e sem conhecimento de Deus, a reputação que granjeou com aquela teimosa resolução é a que hoje tem no Mundo, e terá enquanto durarem os Livros Sagrados, de bárbaro, de néscio, de obstinado, de ímpio rei e de inimigo e destruidor (como foi por isso mesmo) de seu império.

20 25 Resistir a uma razão tão evidente como a que diz — assim o quer Deus —, é tão indigna e tão afrontosa resistência, que nenhuma razão de estado a pode justificar, ainda que se perdesse o mesmo estado.

30 Depois da morte de El-Rei Saul, o tribo de Judá seguiu as partes de David, e os outros onze tribos obedeceram e juraram por seu rei a Isbosheth, filho herdeiro do rei defunto.

8. Vid. *Exodo*, V, 2.

31. Vid. *II Liv. dos Reis*, II, 8-9.

Seguiram-se bravas guerras entre um e outro partido; duraram sete anos, e o fim notável em que vieram a parar foi que os onze tribos deixaram a Isboseth e voluntariamente se entregaram e sujeitaram todos a David; e a maior circunstância do caso é que, sendo ao parecer tão indignas as condições da paz, ela se ajustou em um dia sem o mediador Abner, sem haver em todos os doze tribos um só homem que falasse uma palavra em contrário, nem ainda o mesmo Isboseth, que ficara privado do reino de seu pai, passando todo a David, que ontem era seu vassalo.

Mas que razões tão fortes e de tanta eficácia foram as que representou Abner para persuadir e concluir tão breve e súbitamente um negócio tão grande, em que os interesses, a honra e a reputação de todos estava tão empenhada, e muito mais a do mesmo rei?

A razão foi uma só e esta que estou alegando:
20 ...quoniam locutus est Dominus.

Propôs Abner aos tribos que a vontade de Deus era que David fosse rei, como o tinha declarado o profeta Samuel; e contra esta proposta não houve rei, nem conselheiros, nem vassalos que repugnassem 25 ou respondessem, porque entenderam que o interesse de obedecer a esta razão era o maior de todos os interesses, e que debaixo dela, não só ficava salva a honra e a reputação, mas honrada a mesma honra. Assim como o vassalo nunca pode perder a honra e

12. *Ibid.*, todo o cap. III.

20. Trad.: ...por quanto o Senhor falou. *Ibid.*, *ibid.*, 18.

reputação, senão ganhá-la em obedecer ao rei, assim o rei nunca a pode perder em obedecer a Deus, senão ganhá-la, segurá-la e acrescentá-la muito.

E se buscarmos a raiz desta verdadeira razão,

5 achá-la-emos, sem muito cavar, no supremo domínio de Deus, que, como Senhor absoluto dos reinos e dos impérios, os pode dar e tirar inteiros quando lhe parecer, e também dividi-los e parti-los quando é servido. David, como acabamos de ver, começou 10 com parte do reino de Israel, e depois inteirou-lhe Deus o império e reinou sobre toda a Judeia. Seu filho Salomão logrou o mesmo império inteiro pacificamente. Seu neto Roboão entrou no império também inteiro, mas em seu reinado lho dividiu Deus, 15 e deu parte dele a Jeroboão.

O mesmo sucedeu ao império de Espanha nos últimos três reis dela. Filipe II começou a reinar com parte; e depois com a união e sujeição de Portugal, inteirou-lhe Deus o império de toda Espanha.

20 Seu filho Filipe III logrou o mesmo império inteiro pacificamente. Seu neto Filipe IV entrou no império também inteiro, mas em seu reinado lho dividiu Deus, e deu a Portugal a parte que lhe pertencia.

Antes do Reino de Israel se dividir entre Reboão 25 e Jeroboão, tomou o profeta Ahías a sua capa cortada em doze partes, e destas doze deu dez a Jeroboão, em sinal de que Deus o queria fazer rei de dez tribos de Israel.

Note-se aqui, e note-se muito, que os profetas são 30 os que dividem os reinos e os que os repartem: eles

28. Vid. III, *Liv. dos Reis*, XI, 29-31.

os dividem primeiro, profetizando, e depois Deus, executando. E se o profeta Ahías pôde partilhar a sua capa e dar parte dela a El-Rei Jeroboão, e parte a El-Rei Roboão, porque não poderá Deus partilhar também a sua, e da púrpura inteira que tinha dado ou emprestado a um rei, cortar um retalho para vestir e coroar outro?

Ah! se os reis e monarcas considerassem que as púrpuras que vestem lhes empresta Deus da sua guarda-roupa, para que representem o papel de reis enquanto ele for servido! E se o Roboão de Israel se contenta com que lhe tirem dez partes do Reino e lhe deixem uma (assim o diz expressamente o Texto Sagrado: *Porro una tribus remanebit ei*; porque o tribo de Benjamim, que ficou a Roboão juntamente com o de Judá, por sua pouquidade não fazia número — era outro Algarve em respeito de Portugal); e se o Roboão de Israel (como dizia) se contenta com que lhe tirem dez tribos e lhe deixem uma só parte, porque se não contentaria o Roboão de Espanha, quando lhe tire o mesmo Dono um reino, se lhe deixa dez?

Oh! como se pode temer que chame Deus ingratidão ao que os homens chamam reputação! A maior reputação de um príncipe que conhece a Deus e reconhece seu supremo domínio, é dizer como Héli, ainda quando se visse despojado de tudo: *Dominus est; quod bonum est; in oculis suis faciat.*

14. Trad.: *A ele, porém, ficará uma tribo.* *Ibid.*, *ibid.*, 32.

27-28. Trad.: *Ele é o Senhor: faça o que for agradável aos seus olhos.* *I Liv. dos Reis*, III, 18.

E se esta razão, ainda em termos tão apertados, é sempre verdadeira, quanto mais no caso presente, em que a grandeza de Espanha e sua potência, é o maior seguro de sua reputação!

5 Pedir paz quem se não pode defender da guerra, poderá ser menor crédito; mas dar a paz, não porque a há mister, senão porque a quer dar, quem pode fazer e apertar a guerra, sempre é generosidade, honra, reputação e glória. O grande poder é

10 muito confiado. Poder pôr em campo doze legiões de anjos, e mandar embainhar a espada a Pedro, foi a maior glória do poder supremo. Não pode dar mais a fortuna a um príncipe que poder o que quer; nem pode exceder um príncipe essa mesma fortuna

15 mais que não querendo o que pode; e não poder querer o que Deus não quer, ainda é um ponto mais alto sobre a grandeza. Mas se em toda a idade tem decência e decoro a gentileza desta resolução, nos maiores anos ainda é incomparavelmente maior.

20 Pelejaram os pastores de Abraão com os de Loth, os do tio com os do sobrinho. Abraão, que foi o que apartou a demanda, não quis pelejar sobre a terra, quando os anos o chamavam mais para o Céu.

25 O poderosíssimo monarca Filipe IV, o Grande!

30 Dai licença para que tenham entrada a vossos ouvidos os ecos destas últimas cláusulas, não de meu discurso, senão de meu desejo. As vozes de que eles se formam, sabe O que conhece os corações, que não se escrevem com outro fim mais que o de O agradar, e de que todo os príncipes católicos O agradem.

12. Vid. *Evang. de S. Mateus*, XXVI, 52-53.

23. Vid. *Génesis*, XIII, 7-8.

Que se não derrame sangue cristão, e sobre cristão espanhol, pois é aquele de que mais puramente se alimenta a Santa Madre Igreja e de que cabeça dela recebe os espíritos com que vivifica e anima seus mais distantes membros.

5 Ouvi, Senhor, a voz de um estrangeiro, desinteressado vassalo que foi já vosso por sujeição, e hoje é também vosso (posto que não vassalo) por afecto. Ouvi a voz de um homem que nem das felicidades de Portugal espera, nem das vossas teme; porque vive fora da jurisdição da fortuna, por estado muito abaixo da sua roda, e por coração muito acima dela. Com todo este desinteresse me atrevo, Senhor, a vos dizer de longe o que pode ser não tenhais ouvido de 10 mais perto.

15 A maior façanha de Carlos, vosso avô, com que coroou todas as suas, foi saber morrer. Merecestes na vida o título de Grande; maior sereis no fim dela, se ao de Grande acrescentardes o de Justo. Não se 20 pode pagar a Deus o que é de Deus, sem dar a César o que é de César. E seria grande desgraça perder o Reino eterno por um temporal já perdido.

25 Não duvido, Senhor, que tereis conselheiros de grandes letras, que segurem e justifiquem as causas de tão dilatada e cruel guerra; mas ponham os reis diante dos olhos as letras e as balanças de Baltasar e examinem eles se os seus maiores se governaram pelos pareceres dos letrados, ou os letrados pelos

16-17. Vieira refere-se a Carlos V, que renunciou ao império e viveu os últimos anos em magnífica residência perto do mosteiro de S. Yuste.

22. *Evang. de S. Lucas, XX, 25.*

interesses dos reis. Os textos são da justiça, as interpretações podem ser da lisonja. Com um texto santo mal interpretado quis o Demónio despenhar a Cristo, e depois deste texto e desta interpretação, 5 lhe ofereceu o reino que lhe não podia dar.

Grande sinal é de predestinação de um príncipe que faça Deus por ele as restituições que nem seus predecessores fizeram, nem ele havia de fazer.

Felicidade é levar já abatida das contas que se 10 hão-de dar a Deus uma partida tão grossa, como o Reino de Portugal e suas Conquistas: basta haver-se de dar a mesma conta de Ormuz, de Ceilão, de Malaca, do Brasil, perdidos pela desatenção dos ministros ou pela intenção (que será pior) dos políticos. O tratado de uma boa e justa paz podia ser 15 uma bula de composição geral, com que se levassem purgados todos estes encargos. Não queirais levar sobre vós e deixar sobre vossos filhos, por cima de tanto sangue derramado, o que ainda se pode der- 20 ramar.

Lembro-vos, Senhor, o signo debaixo de que nascestes — e seja este o último suspiro do meu afecto: nascestes no dia em que morreu o Rei dos reis e Monarca supremo do Mundo, para dar exemplo de 25 morrer a príncipes. Ponde os olhos neste soberano exemplar; firmai o título de rei com o de católico, pois sempre prezastes mais o de católico que o de rei; seja parte do sacrifício a repartição das vesti-

1. Vid. *Daniel*, V, 5 e 27.

6. Vid. *S. Mateus*, IV, 6.

8. Vid. *Ibid.*, *ibid.*, 8-9.

28. Vid. *S. João*, XIX, 23.

duras, e leve embora a túnica aquele a quem coube em sorte; e faça-se tudo diante de vossos olhos, antes que os fecheis. Se vos parece amargo este trago, gostai o fel e não o passeis da boca. Com esta 5 obra tão consumada, podeis entregar a alma segura nas mãos do Padre, que é Rei e Senhor, o que só importa. Com uma inclinação da cabeça podeis deixar pacificado o Mundo. Deixai a paz por herança a vossa esposa. Esta será a maior prenda do vosso 10 amor, este o troféu maior de vossas vitórias.

CAPÍTULO IX

Verdade desta **História**. Declara-se o modo com que se pode conhecer e saber os futuros

A primeira qualidade da história (quando não seja a sua essência) é a verdade; e porque esta parecerá muito dificultosa, e porventura impossível na *História do Futuro*, será razão que, antes que vamos 15 mais por diante, sosseguemos o escrúpulo ou receio (quando não seja o riso e o desprezo) dos que assim o podem imaginar. E pois pedimos aos leitores o assento da fé, justo é que lhes mostremos primeiro os motivos da credulidade; não duvidamos da pia 20 afeição de todos, pois a matéria é tanto para crer, e tão sua.

Confesso que entramos em um caos profundíssimo e escuríssimo, de que se pode dizer com toda a

10. Vid. *S. Mateus*, XXVII, 34.

razão: *Tenebræ erant super faciem abyssi*. Mas neste mesmo abismo de trevas, se o espírito do Senhor (como esperamos) nos não faltar com a sua assistência, como ali não faltou: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*, dirá Deus o que só Ele pode dizer, e far-se-á o que só Ele pode fazer: *Fiat lux, et facta est lux*. As maiores trevas que se viram no Mundo, ou com que o Mundo se não viu, foram aquelas do Egípto, das quais diz o Texto Sagrado:

5 *Factæ sunt tenebræ horribiles in universa terra Ægypti, nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco in quo erat*. Trevas que faziam horror, trevas com que nada se via e trevas com que se não podia dar passo. Tais são as trevas, e tal a escuridade

10 *15 do futuro. Contudo, o Apóstolo S. Pedro nos ensinou a entrar nestas trevas sem medo, e a dar passo, e muitos passos nelas, e a ver claramente e com maior certeza tudo o que elas encobrem: *Habemus firmiorrem propheticum sermonem, cui benefacitis atten-**

20 *dentes, quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco, donec dies elucescat*: «Temos — diz o Príncipe dos Apóstolos — as profecias e palavras certíssimas dos profetas, as quais devemos observar e atender, usando delas como de candeia luzente em lugar

25 escuro e caliginoso, até que amanheça o dia». Lugar

1. Trad.: *As trevas eram sobre a face do abismo.* Génesis, I, 2.

4-5 Trad.: *O espírito do Senhor era levado sobre as águas.* Ibid., ibid.

10-11. Trad.: *Tornaram-se horríveis as trevas em toda a terra do Egípto [...] ninguém viu o seu irmão nem se*

6-7. Trad.: *Faça-se a luz e a luz fez-se.* Ibid., 3.

moveu do lugar em que estava. Exodus, X, 22 e 23.

25. Vid. II Epistola de S. Pedro, II, 19.

escuro e caliginoso é o futuro; a candeia que alumia são as profecias; o sol que há-de amanhecer é o cumprimento delas. E enquanto este sol, que será muito formoso e alegre, não aparece, não coroa 5 os nossos montes, o que só agora podemos e devemos fazer é levar a candeia das profecias diante, e com a sua luz (ainda que luz pequena) entraremos no lugar caliginoso e escuríssimo dos futuros, e veremos o que neles se passa.

10 Por isso os Profetas na Sagrada Escritura se chamam por antonomásia *Videntes*, porque com o lume da profecia entravam nos lugares escuríssimos e secretíssimos dos futuros e viam neles claramente aquelas cousas para que todos os outros homens são 15 cegos, e ninguém as pode ver senão alumiado da mesma luz.

Eu conheço e confesso que a não tenho, nem basta estudo ou diligência alguma para a alcançar, porque só Deus a pode dar e a dá, quando e a quem é servido: *Non enim voluntate humana allata est aliquando prophetia, sed Spiritu Sancto inspirati locuti sunt sancti Dei homines* — diz S. Pedro: Mas ainda que a candeia esteja na mão de outrem, também se podem aproveitar da sua luz os que se chegarem a 20 25 ela e a forem seguindo. Nesta propriedade fala a Escritura, quando diz da profecia de Ageu: *...factum est verbum Domini in manu Aggæi prophetæ*. E da

20-22. Trad.: *Em verdade, não é pela vontade humana que a profecia é algumas vezes proferida, antes foi inspirada pelo Espírito Santos que falaram os santos homens de Deus.* II Epistola de S. Pedro, I, 21.

26-27. Trad.: *...foi dirigida a palavra do Senhor por mão do profeta Ageu...* Ageu, I, 1.

profecia de Malaquias: *Onus verbi Domini ad Israel in manu Malachiæ*. E geralmente das profecias de todos os profetas: *Sicut locutus es de manu puerorum tuorum prophetarum*. De maneira que pôs 5 Deus a profecia como candeia na mão dos profetas, para que, alumados e guiados da mesma luz os que não somos profetas, possamos entrar com eles no lugar escuro e caliginoso dos futuros e ver e conhecer com a luz não nossa, o que eles viram e conheceram com a sua.

Este é o modo com que, havendo a nossa *História* de caminhar por passos tão escuros e difíceis, saberá contudo onde há-de pôr os pés, e os porá mui seguros, seguindo sempre os raios deste farol 15 divino, e dizendo humilde a Deus com David: *Lucerna pedibus meis verbum tuum, et lumen semitiss meis*. Serão pois as primeiras fontes desta nossa *História*, e os primeiros e principais escritores a quem nela seguiremos todos ou quase todos os profetas 20 canónicos, desde Isaías até Miqueas; porque, excepto o profeta Jonas, cujo assunto foi um só, e particularmente determinado à história dos Ninivitas, todos os outros, mais ou menos, concorreram para a fábrica deste novo edifício.

25 Assim como os que escrevem anais ou histórias passadas e antiquíssimas, recorrem aos autores mais antigos, e estes são os que têm maior crédito e autoridade nas cousas daqueles tempos, assim nós que

1-2. Trad.: *Ónus da palavra do Senhor a Israel, por mão de Malaquias*. Malaquias, I, 1.

3-4. Trad.: ...Assim como falaste pela mão dos teus filhos profetas... Baruch, II, 20.

16-17. Trad.: *O teu verbo é candeia para os meus pés e luz para os meus caminhos*. Salmo CVIII, 105.

escrevemos do futuro, devemos recorrer e buscar a verdade e notícias da nossa *História* nos autores dos tempos futuros, que são sómente os Profetas, pois só eles os conheceram. E porque entre os outros Livros

5 Sagrados, também canónicos, há alguns que totalmente são proféticos, como os *Salmos*, os *Cantares* e o *Apocalipse*, e todos os outros, assim do *Velho* como do *Novo Testamento*, contêm ou muitas ou algumas cousas proféticas, ainda que sejam mera-
10 mente históricos, como o *Génesis*, *Josué*, *Josias*, *Reis*, *Paralipómenon*, *Esdras* e *Macabeus*; ou mera-
15 mente doutrinais, como *Provérbios*, *Sabedoria*, *Eclesiastes*, *Eclesiástico* e as *Epístolas* dos Apóstolos; ou juntamente doutrinais e históricos, como o *Levi-
tico*, *Números*, *Deuteronómio*, *Job* e os *Evangelhos*,
20 de todos estes nos ajudaremos também, quando ser-
virem ou puderem servir (que não será pouco) ao
conhecimento e inteligência dos tempos futuros.
Assim que podemos dizer em uma palavra que a pri-
25 meira e principal fonte e os primeiros e principais
fundamentos de toda esta nossa *História* é a *Escritura Sagrada*; com que vem a ser um só livro e um
só Autor o que nela principalmente seguiremos: o
livro, a *Escritura*; o Autor, Deus. Sobre estes fun-
30 damentos da primeira e suma Verdade entrará o
discurso como arquitecto de toda esta grande fábrica,
dispondo, ordenando, ajustando, combinando, infe-
rindo e acrescentando tudo aquilo que por conse-
quência e razão natural se segue e infere dos mesmos
princípios, no qual modo de fábrica se não perde a
primeira verdade dos fundamentos, mas vai cres-
cendo, dilatando-se e frutificando, não em diversos,
senão no mesmo corpo, como a árvore em suas
raízes.

Deste modo crescem e se aumentam todas as ciências, não só as naturais, senão as divinas, e por isso se chamam e são ciências. Assim como a filosofia, de princípios naturais evidentemente conhecidos 5 tira conclusões certas, evidentes e científicas, assim a teologia, de princípios sobrenaturais não evidentes, mas certíssimamente conhecidos, tira conclusões teológicas, também científicas e ainda mais certas, posto que não evidentes. Nem este modo de discor 10 rer sobre as profecias e revelações proféticas, para vir em conhecimento dos mistérios, segredos, sucessos e tempos futuros, que nelas não estejam imediatamente expressados, é alheio da reverência que se deve aos oráculos divinos, nem atrevimento do 15 entendimento e discurso humano, ou cousa nova e desusada na Igreja e escola de Cristo, antes estudo muito lícito, muito louvável e muito recomendado do mesmo Mestre Divino e seus sucessores.

Temos desta matéria um excelente texto do Apóstolo S. Pedro (primeira e infalível regra da Igreja), o qual, falando das mesmas profecias e profetas, diz assim no primeiro capítulo de sua primeira epístola: 20 *De qua salute exquisierunt atque scrutati sunt Prophetæ qui de futura in vobis gratia prophetaverunt, 25 scrutantes in quod vel quale tempus significaret in eis spiritus Christi prænuntians eas quæ Christo sunt, passiones et posteriores glorias.*

23-27. Trad.: *Da qual salvação os profetas que vaticinaram da graça que havia de vir a vós outros, inquiriram e indagaram muito, esquadrinhando em que tempo e em que conjuntura o espírito de Cristo, que lhes assistia, assinalava esta graça, anunciando antes os sofrimentos que se haviam de verificar em Cristo e as glórias que os seguiriam.* I Epístola de S. Pedro, I, 70 e 11.

Quer dizer S. Pedro que os Profetas antigos, depois de lhes serem revelados com lume sobrenatural e eles conhecerem e profetizarem mistérios futuros (como os da paixão e glórias de Cristo) sobre os 5 mesmos mistérios e sobre as mesmas suas profecias, inquiriam e especulavam de novo com o lume natural do discurso muitas circunstâncias que lhes não foram expressamente reveladas, como as do tempo e estado do Mundo em que os mesmos mistérios se 10 haviam de obrar e as suas mesmas profecias haviam de suceder.

Desta maneira, no sentido em que o digo, vinham a inferir e alcançar pelo estudo e especulação natural e própria o que Deus lhes não tinha manifestado 15 pela revelação sobrenatural e divina. Isto é o que literal e genuinamente significam aquelas palavras: «*Exquisierunt et scrutati sunt.*» *Exquisitio et scrutatio* (diz Lorino) ...*proprie indicant... curam et studium et industriam naturalem vel meditationis, vel 20 lectionis, vel disputationis.*

De sorte que, ajuntando o lume natural do discurso ao lume sobrenatural da profecia, com o cuidado, estudo e indústria própria, lendo, disputando e meditando, vinham a estender e adiantar muito as 25 mesmas profecias, conhecendo delas e por elas muitas cousas que nelas imediatamente não estavam reveladas. Bem assim como o sol ou candela (que era a nossa comparação) não só alumia com a luz que está ao lume ou fogo que nela se sustenta, senão 30 também, e muito mais, com a luz que dela se vai

17-20. Trad.: *Inquirição e indagação* — diz Lorino — *indicam propriamente o cuidado e o estudo e a natural actividade da meditação, da lição ou da disputa.* Vid. *Commentaria in duas B. Petri Epistolas, Cap. I, 179.*

produzindo, multiplicando e difundindo por todas as partes vizinhas e ainda distantes, conforme a sua menor ou maior esfera, assim o lume natural do discurso se vai propagando, difundindo e estendendo

5 a muitas cousas, tempos, sucessos e circunstâncias que nelas estavam ocultas e pela conferência e consequência do mesmo discurso se vão entendendo e descobrindo de novo. Isso quer dizer: *In quod vel quale tempus.* A palavra, *em que tempo* significa a

10 determinação do tempo certo em que as cousas hão-de suceder; e a palavra *no qual tempo* significa as qualidades e circunstâncias do mesmo tempo, isto é, o estado dos reinos, das repúblicas, das nações, e os acontecimentos particulares da paz, da guerra, do

15 cativeiro, da liberdade e outros semelhantes que no mesmo tempo, ou mais vizinho ou mais distante, se hão-de ver e suceder no Mundo: *Deprehendebant Prophetæ instinctu spiritus Messiæ ejusdem Messiæ adventum et gratiæ dona, quæ allaturus erat, nec*

20 *tamen, salten omnes, definite sciebant quo tempore veniret et quali, quam brevi, an belli, aut pacis, captivitatis, aut libertatis; quo statu Reipublicæ Hebræorum. Eplicabant quæ Messias primum passurus, quam postea gloriam consecuturus et collaturus etiam esset; at ignorabant circumstantiam temporis, et ratiocinando, atque conjecturando disquerabant.* Atèqui Lorino.

17-27. Trad.: *Depreendiam os profetas por intuição os espíritos do Messias, o advento do mesmo Messias e os dons da graça que Ele havia de trazer. Não sabiam, contudo, ao menos todos, de modo preciso, em que espaço ou espécie de tempo havia de vir: se em breve, se em tempo de guerra, se de paz, de cativeiro ou liberdade, e em que*

O mesmo diz Salmeirão, ambos doutíssimos expo-
sidores deste lugar, e ambos trazem em confirmação
o exemplo da Virgem Maria, nossa Senhora, da qual
diz o Evangelho: *Maria autem conservabat omnia
verba hæc, conferens in corde suo.* Conferia a Se-
nhora, com ser alumada sobre todas as criaturas,
as palavras que os pastores referiam ter ouvido aos
anjos, as que ouviu a Simeão, a Ana a profetiza, e
ao mesmo Cristo Menino, quando o achou entre os
doutores; e delas, por discurso natural, inferia e des-
cobria outros mistérios ocultos e profundíssimos, que
nas mesmas palavras não estavam expressamente
declarados. Isto mesmo é o que se diz no cap. XV
dos *Actos dos Apóstolos* faziam os mais doutos
cristãos da primitiva Igreja, e o que Cristo mandou
a todos que fizessem, dizendo por S. João no
cap. L: *Scrutamini Scripturas.* É isto o que nós faze-
mos e devemos fazer, pois de nós e para nós falam
os Profetas, como diz o mesmo texto de S. Pedro
nas palavras citadas: *...qui de futura in vobis gratia
prophetaverunt;* e mais abaixo: *Quibus revelatum*

*estado da República dos Hebreus. Expunham o que o
Messias havia de sofrer e que glória depois havia de con-
seguir e conferir, mas ignoravam a circunstância do tempo
e inquiriam, raciocinando e conjecturando.* Ibid., p. 180.

4-5. Trad.: *Maria, porém, conservava todas estas pa-
lavras, que umas com as outras comparava, no íntimo do
seu coração.* S. Lucas, II, 19.

17. Trad.: *Examinai as Escrituras.* S. João, V, 39.

20-21. Trad.: *...que vaticinaram sobre a futura graça
em vós [...] aos quais foi revelado que não para si pró-
prios, mas para vós outros administravam.* I Ep. de S. Pe-
dro, I, 1 e 10.

est, quia non sibimetipsis, vobis autem ministrabant,
onde a versão siríaca tem: *Nostra nobis vaticinabantur.*

E pois os Profetas profetizavam para nós e as 5 cousas nossas, razão é que nós como nossas as entendamos. Mas porque as profecias por sua natural escuridade não são fáceis de entender, e assim como se há mister necessariamente a sua luz para conhecer os futuros, é também necessária outra segunda 10 e nova luz para as entender a elas. Esta segunda luz serão aqueles a quem Cristo chamou *luz do Mundo*: *Vox estis lux Mundi*, e, por outras palavras, *candeia acesa*: *Neque enim accendunt lucernam et ponunt eam sub modio*, que são em primeiro 15 lugar os Apóstolos sagrados, e em segundo os Padres Doutores da Igreja e expositores das Escrituras divinas, os quais seguiremos e alegaremos em tudo o que dissermos com estas duas luzes ou candeias: uma dos Doutores sagrados, com que alumiamos 20 as profecias, e outra as mesmas profecias, com que alumaremos e descobriremos os futuros; poderemos entrar neste labirinto com todo o aparato e prevenção de instrumentos com que se entrava seguramente no de Creta.

25 Era aquele labirinto por uma parte muito escuro e por outra mui intricado; e para vencer e facilitar estas duas dificuldades se inventou entrar nele, não

2-3. Trad.: *As nossas coisas eram-vos vaticinadas.*
Versão siríaca, *apud* A Lápide, *Comment. in I Epist. S. Petri*, Cap. I, p. 43.

12-14. Trad.: *Vós sois a luz do Mundo. [...] E nem com efeito acendem uma lucerna e a põem sob o alqueire.*
S. Mateus, V, 14 e 15.

só com tocha, mas também com fio: as tochas para ver o escuro dos caminhos e o fio para entrar e sair pelo intrincado deles. Por este modo entraremos também nós pelo escuro e intrincado labirinto dos futuros. As profecias e os Doutores nos servirão de tochas; o entendimento e o discurso de fio. Isto é quanto às profecias e Profetas canónicos.

E porque o Espírito Santo, depois de fechado o número dos livros e os escritores sagrados (o qual se 10 cerrou no *Apocalipse* de S. João), não deixou de ilustrar e ornar sua esposa a Igreja com o lume e dom da profecia; e depois daqueles seus primitivos anos houve sempre novos profetas, alumados com o mesmo espírito, que por palavra e escrito predis- 15 seram muitas cousas futuras, assim dos seus, como dos seguintes tempos, também estes darão matéria à nossa *História*. Não meteremos porém nesta conta senão aquelas profecias sómente que, ou pela santidade de seus autores, aprovados e canonizados pela 20 Igreja, ou por outros fundamentos sólidos da razão, experiência e opinião do Mundo, tenham, na forma possível, merecido no juízo dos prudentes o nome e veneração de profecias ou predições verdadeiras.

A este fim empregarei grande parte deste presente 25 livro na qualificação do espírito profético que tiveram todos os autores do futuro que na *História* se hão-de alegar, por ser este não só o principal, mas o único fundamento de toda a sua verdade, e sem o qual vã e não merecidamente lhe devemos prometer 30 o crédito que de todos os que a lerem esperamos.

Por esta causa se não acharão porventura neste nosso discurso menos algumas que em nome de profecias andam entre o vulgo, sem certeza de autor e muito menos do espírito com que foram escritas;

e não só provaremos quanto for necessário o espírito da profecia destes autores, mas diremos o tempo em que escreveram as obras proféticas que deles existam; a inteireza ou corrupção com que se têm conservado, com uma breve relação também das mesmas pessoas (quando não forem geralmente muito conhecidas) pelo muito que importam todas estas notícias não só para a fé e crédito, senão ainda, e muito mais, para a inteligência e combinação das mesmas profecias, que grandemente depende do tempo e de outras semelhantes circunstâncias.

Procurámos quanto nos foi possível que fosse muito exacta esta diligência, e não só falaremos nos autores e Profetas modernos e não canónicos, senão igualmente nos antigos e sagrados, pelas mesmas causas. Também excitaremos a este fim e resolveremos várias questões muito importantes ao conhecimento das profecias, pela ordem que a necessidade ou ocasião o for pedindo, e esta será a própria matéria de todo este livro, a que por isso chamamos *Anteprimeiro*, e é como alicerce de todo o edifício. E posto que todo este tão largo *Prolegómeno* em rigor não seja *História do Futuro*, senão preparação ou aparato para ela, à imitação de Barónio e de outros autores, que com menos necessidade o fizeram em suas histórias, esperamos que a matéria, por sua grande variedade e diligente erudição de cousas curiosas, e pela maior parte atègora não tratadas, não será injucunda aos que a lerem, e que possa sem enfado entreter a expectação e desejo da

24. Barónio Sorano é o autor dos *Annales Ecclesiastici*.

mesma *História*, enquanto não sai a luz, que será, como em Deus esperamos, muito brevemente.

De tudo o que fica dito ou prometido se colhe facilmente quanta será a verdade desta *História*; 5 porque as cousas que expressa e imediatamente se predizem nas profecias canónicas, de cuja inteligência por sua clareza se não pode duvidar, ou por estarem explicadas por escritores também canónicos, por concílios, por tradições, ou pelo consenso 10 comum dos Padres, é certo que têm toda aquela certeza infalível e de fé, que as outras verdades sagradas que se contêm nas Escrituras. As outras cousas, que destas verdades assim profetizadas e conhecidas, por natural consequência, se deduzirem, 15 ainda que intervenha no discurso algum meio ou proposição científica, são verdades segundas que participam a mesma certeza também infalível, qual é a das conclusões teológicas que, não sendo totalmente fé, nem sómente ciência, por esta parte têm 20 evidência, e por ambas tal certeza, que não é sujeita a erro ou falsidade, nem perigo de poderem não ser.

As profecias não canónicas podem ser tão evidentemente provadas por seus efeitos, como veremos, que tenham toda a certeza moral, que é a que depois 25 da fé e da ciência têm no juízo humano o maior assento; e a mesma participarão, na forma que pouco antes dissemos, todas as outras conclusões, que por natural e evidente consequência delas se deduzirem, pois são filhas e herdeiras da mesma 30 Verdade de que tiveram seu nascimento.

Restam sómente aquelas profecias que, ou por não averiguadas com tão evidente certeza (posto que sempre estabelecidas com bons e racionais fundamentos) ou por sua interpretação não ser tão

manifesta ou recebida que não desfaça moralmente toda a razão de dúvida, ficam dentro dos limites da probabilidade opinativa; e nestas, assim o que imediatamente predizem, como as consequências que 5 delas por formal ilação se deduzirem, terão sómente certeza provável naquele sentido em que dizemos provavelmente certas aquelas cousas de que há fundamentos prováveis para o serem.

Estes quatro géneros de verdade são os de que 10 repartidamente se comporá toda a *História do Futuro*, merecendo, segundo todas suas partes, o nome de *história verdadeira*, posto que não em todas com igual grau de certeza. Nas do primeiro género, verdadeira com certeza de fé; nas do segundo, verdadeira com certeza teológica; nas do terceiro, verdadeira com certeza moral; nas do quarto, verdadeira com certeza provável, pelo modo já explicado; sendo a excelência singular desta *História* que toda ela, ou 15 provável, ou moral, ou teológica, ou canonicamente, 20 será fundada na primeira e suma Verdade, que é o mesmo Deus.

Daqui inferimos sem injúria nem agravo de quantas histórias até hoje estão escritas no Mundo, que esta *História do Futuro* é mais certa e mais verdadeira que todas elas (exceptas sómente as Histórias Sagradas); e ainda esta excepção se não deve entender em todo, senão em parte; a *História do Futuro* igualará na verdade e na certeza, ou, por melhor dizer, se não distinguirá delas, por ir toda (como 25 vai) não só fundada nos mesmos textos e sentenças da Escritura divina, mas formada e como tecida deles.

E digo que sem injúria nem agravo de todas as outras histórias humanas, porque, como bem terão

advertido os mais lidos e versados, assim nas antigas como nas modernas, todas elas estão cheias, não só de cousas incertas e improváveis, mas alheias e encontradas com a verdade, e conhecidamente supostas e falsas, ou por culpas ou sem culpa dos mesmos historiadores.

Que historiador há ou pode haver, por mais diligente investigador que seja dos sucessos presentes ou passados, que não escreva por informações? E que informações há de homens, que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorância, ou da malícia? Que historiador há de tão limpo coração e tão inteiro amador da verdade, que o não incline só o respeito, a lisonja, a vingança, o ódio, o amor, ou da sua, ou da alheia nação, ou do seu ou de estranho príncipe? Todas as penas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever misturam as cores do seu afecto.

Prova Tácito a verdade da sua história, com ter longe as causas do ódio e amor; mas de aí se convence contra ele, que também tinha longe as informações da verdade. O certo é que só tinha perto a ambição de seu próprio juízo, com que formava os processos para as sentenças, e não as sentenças sobre

29. Na 1.^a como na 2.^a edição desta obra a lição é: *e sobre os processos não as sentenças*. A nossa é a do apógrafo do Arquivo Nacional, muito mais natural de expressão e lógica de sentido. O que V. quer dizer é que Tácito não formulava as suas sentenças sobre a realidade moral tal qual se lhe apresentava, antes a esta dava o arranjo que lhe permitisse as sentenças que era sua intenção formular.

os processos. Por isso Tertuliano lhe chamou com razão *mendaciorum loquacissimum*.

Não aponto erros em particular das histórias mais vizinhas a nossos tempos por reverência deles, e por-

5 que fora matéria infinita. Das dos Gregos e Romanos disse S. Jerónimo, por ocasião do milagre da serpente: *Cedant huic veritati, tam græco quam romano stylo mendacis ficta miracula*. E Cícero, que é mais, no livro primeiro das Leis: *Apud Hero-10 dotum patrem Historiæ et apud Theopompum sunt innumerabiles fabulae*. Estes foram os pais da História humana, e desta é filha legítima a sua verdade, sobre a qual batalham tantas vezes os mesmos historiadores, mas nunca com conhecida vitória.

15 Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores, e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso, sendo infalível que um só pode dizer a verdade e certo que

20 nenhum a diz. Mas isto mesmo se conhece, ainda com maior evidência, daquelas histórias de que temos verdadeira relação nas Escrituras Sagradas, como são as de Noé, do Dilúvio, da divisão das primeiras gentes; as dos Assírios, Persas, Medos, 25 Romanos, Egípcios, Gregos, e principalmente a dos Hebreus, com os quais cotejado, como em pedra de toque, o que escreveram os Berosos, os Heródotos,

2. Trad.: o mais loquaz dos mentirosos.

7-8. Trad.: cedam perante esta verdade os milagres fingidos pelo mentiroso em estilo grego ou romano.

9-11. Trad.: São inumeráveis as fábulas em Heródoto, pai da História, e em Teopompo. *De Legibus*, I, 3.

os Diodoros, os Trogos, os Cúrcios, os Lívios, e todos os outros historiadores daquelas nações e tempos, apenas se acha cousa que não seja contradição da verdade; e desta mesma experiência e razões dela se qualifica claramente ser a nossa *História do Futuro* mais verdadeira que todas as do passado, porque elas em grande parte foram tiradas da fonte da mentira, que é a ignorância e malícia humana, e a nossa tirada do lume da profecia e acrescentada pelo lume da razão, que são as duas fontes da verdade humana e divina.

CAPÍTULO X

Resposta a uma objecção: mostra-se que o melhor comentador das profecias é o tempo.

Assentámos com o Apóstolo S. Pedro, no capítulo antecedente, que com a candeia da profecia se podia entrar pela escuridão dos futuros e descobrir e 15 conhecer o que neles está encoberto e enterrado. Mas sobre esta resolução se pode dizer e arguir contra nós, que esta mesma candeia e luz das profecias há muitos centos de anos que está acesa, e não *sub modio*, senão *supra candelabrum*, e que ninguém 20 contudo se atreveu atégora a entrar com ela por estes abismos e escuridades do futuro, como nós prometemos fazer, empresa e ousadia, que mais merece

1. V. alude a Pompeu Trogos, historiador latino.

18-19. Trad.: *Debaixo do alqueire*. É expressão da frase de Cristo: «Nem os que acendem uma lucerna a metem debaixo do alqueire.» *S. Mateus*, 4, 15.

nome de temeridade que de confiança; aos quais (que sempre serão mais de um) responderemos facilmente com o seu mesmo argumento. Os futuros, quanto mais vão correndo, tanto mais se vão chegando para nós, e nós para eles; e como há tantos centos de anos que estão escritas estas profecias, também há outros centos de anos que os futuros se vão chegando para elas, e elas para os futuros; e por isso nós nos atrevemos a fazer hoje o que os Antigos 5 não fizeram, ainda que tivessem acesa a mesma candeia; porque a candeia de mais perto alumia melhor. Para ver com uma candeia, não basta só que a candeia esteja acesa, é necessário que a distância seja proporcionada: *Ut luceat omnibus qui 10 in domo sunt*, disse Cristo. Com uma candeia na mão pode-se ver o que há em uma casa, mas não se pode ver o que há em uma cidade. O grande precursor de Cristo ... *erat lucerna lucens et ardens*, e ainda que todos os outros Profetas anunciararam a 15 Cristo, o Baptista o mostrou melhor, porque era candeia de mais perto; os outros diziam: — Há-de vir; e ele disse: — Este é.

As visões e revelações de Deus vêm-se melhor ao perto que ao longe: de longe viu Moisés a visão 20 da sarça; e que disse? — *Vadam et videbo visionem hanc magnam*: «Irei e verei esta grande visão». Estava vendo a visão, e disse que a iria ver, porque vai muita diferença de ver as visões de Deus ao

14-15. Trad.: ... para que alumie a todos os que estão na casa. *Ibid.*, *ibid.*

18. Trad.: ... era uma lâmpada que ardia e alumiaava. *S. João*, V, 35.

26. Vid. *Exodo*, III, 5.

longe, ou vê-las ao perto. Ao longe, viu só Moisés a sarça e o fogo; ao perto, entendeu o que aquelas figuras significavam. A mesma luz e a mesma candela ao longe vê-se, e ao perto alumia.

5 Esta é a diferença que não nós, senão os nossos tempos, fazem aos antigos: nos antigos reconhecemos a vantagem da sabedoria, nos nossos a fortuna da vizinhança. Se estamos mais perto dos futuros com igual luz (ainda que não seja com igual 10 vista), porque os não veremos melhor? Assim o confessou Santo Agostinho com ter os olhos de águia, o qual, achando-se às escuras em muitos lugares das profecias, reservou a verdadeira inteligência delas para os vindouros.

15 Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele. Pigmeus nos conhecemos em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas Escrituras. Eles sem nós viram muito mais do que nós podemos ver sem eles; mas nós, como vivemos depois deles, e sobre eles por benefício do tempo, vemos hoje o que eles viram, e um pouco mais. O último degrau da escada não é maior que os outros, antes pode ser menor; mas basta ser o 20 último, e estar em cima dos mais, para que dele se possa alcançar o que de outros se não alcança.

25 Entre a multidão dos que acompanhavam e rodeavam a Cristo, o mais pequeno de todos era Zaqueu, que por si mesmo, e com os pés no chão, não podia alcançar a ver o que os outros viam; mas subido 30 em cima da árvore, viu melhor e mais claramente que todos.

27. Vid. S. Lucas, XIX, 3 e 4.

Mui bem medimos a nossa estatura, e conhecemos quão pequena, quão desigual, quão inferior é, comparada com aqueles cedros do Líbano e com aquelas torres altíssimas, que tanto ornato, tanta grandeza e majestade acrescentaram ao edifício da Igreja; mas subidos por merecimento seu e fortuna do tempo a tanta altura, não é muito que alcancemos e descubramos um pouco mais do que eles descobriram e alcançaram.

10 Causa maravilhosa é, e que apenas se pode entender, como os cavadores da vinha que vieram na última hora, puderam ser avantajados aos demais. Mas estes são os privilégios da última hora: *Hi novissimi una hora fecerunt*. Fizeram na última hora o 15 que os outros não fizeram todo o dia; porque eles com outros acabaram a obra que os outros sem eles não puderam nem podiam acabar: *Sic erunt novissimi primi*. Este é o modo com que os últimos podem vir a ser os primeiros. *Non ergo undecima hora in 20 vineam Domini ad operandum conductis nobis invidendum est* — disse Lipomano na prefação de seus Comentários, aplicando a parábola de Cristo ao estudo da Sagrada Escritura.

Os que estudamos e trabalhamos na inteligência

10-11. *Apenas se pode entender* significa, em conformidade com o sentido etimológico de *a penas*, que ainda se mantém na forma *à peine*, da língua francesa — *com dificuldade se pode entender*.

13-14. Trad.: *Estes que vieram últimos trabalharam apenas uma hora... S. Mateus, XX, 12.*

17-18. Trad.: *Assim serão os últimos os primeiros.* *Ibid., 16.*

19-21. Trad.: *Não é pois para nos ser invejado o ser trazidos na undécima hora à vinha para nela trabalhar.*

da Sagrada Escritura, mais ou menos todos cavamos, e pode suceder que os que vêm na última hora, por felicidade da mesma hora acabem, descubram com poucas enxadadas o que muitos em muito tempo e com muito trabalho, cavando muito mais, não descobriram.

5 Aquele tesouro escondido de que falou Cristo no cap. XIII de S. Mateus, diz Ruperto, Tertuliano, S. João Crisóstomo, que é a Escritura Sagrada; e

10 S. Jerónimo com mais estrita propriedade o entende particularmente das escrituras proféticas. Quantas vezes os que trabalham no descobrimento de algum tesouro, cavam por muitos dias, meses e anos, sem acharem o que buscam, e depois de estes cansados e desesperados, sucede vir um mais venturoso que, descendo sem trabalho ao profundo da mesma cova, e cavando alguma cousa de novo, descobre a poucas enxadadas o tesouro, e logra o fruto dos trabalhos e suores dos primeiros?

15 20 Assim aconteceu no tesouro das profecias: cavaram uns e cavaram outros, e cansaram todos, e no cabo descobre o tesouro quase sem trabalho aquele último para quem estava guardada tamanha ventura, a qual sempre é do último.

25 Eis aqui como pode acontecer que descubram o tesouro os que cavam menos: *Sæpe absensus quisquam, et vilius invenit, quod magnus et sapiens vir præterit*, disse verdadeira e judiciosamente S. Cri-

11. Vid. A Lápide, *Coment. in Matheum, cap. XIII, vers. 44, § Ad litteram...*

26-28. Trad.: *Com frequência um homem limitado e insignificante encontra o que o grande e sábio passou sem ver.* S. João Crisóstomo. (Não encontrei o passo citado).

sóstomo. O último dos Apóstolos foi S. Paulo, e, confessando-se por mínimo de todos, confessa ter recebido a graça de descobrir aos mesmos anjos do Céu os tesouros que lhes estavam escondidos: *Mihi omnium sanctorum* (diz ele na *Epistola aos Efésios*) *minimo data est gratia hœc, in gentibus evangelizare investigabiles divitias Christi, et illuminare omnes, quæ sit dispensatio sacramenti absconditi a sæculis in Deo, qui omnia creavit, ut innotescat principatibus et potestatibus in cœlestibus per Ecclesiam, multiformis sapientia Dei, secundum præfinitionem sæculorum.* Nas quais palavras se devem ponderar muito quatro cousas: Que é o que se descobriu; quem o descobriu; a quem se descobriu; e quando se descobriu.

O que se descobriu é um segredo escondido a todos os séculos passados: *Sacramenti absconditi a sæculis in Deo*; porque costuma Deus ter algumas cousas encobertas e escondidas por muitos séculos, conforme a ordem e disposição de sua Providência. Quem o descobriu foi o último de todos os apóstolos e discípulos de Cristo, que já o não alcançou, nem viu, nem ouviu neste Mundo como os demais, e se confessa por mínimo de todos: *Mihi omnium sanctorum minimo*; porque bem pode o último e o mínimo

4-12. Trad.: *A mim que sou o mínimo de todos os santos me foi dada esta graça de anunciar entre os Gentios as incompreensíveis riquezas de Cristo e manifestar a todos qual seja a comunicação de sacramento, desde séculos escondido em Deus que tudo criou, a fim de que a multiforme sabedoria de Deus seja patenteada pela Igreja aos principados e potestades nos céus, conforme a determinação dos séculos. Epistola aos Efésios, III, 8, 9 e 11.*

alcançar e descobrir os segredos que os primeiros e maiores não alcançaram. A quem se descobriu foi não menos que aos espíritos angélicos das mais superiores jerarquias do Céu: *Ut innotescat principatis bus et potestatibus in cælestibus*; porque não bastam as forças da sabedoria e entendimento criado, ainda que seja de um anjo e de muitos anjos, para conhecer e penetrar os segredos altíssimos de Deus, enquanto ele quer que estejam encobertos e escondidos. Finalmente, quando se descobriu, foi no século que Deus tinha predefinido e determinado: *Secundum præfinitionem sæculorum*; porque, quando chega o tempo determinado e predefinido por Deus para que seus segredos se conheçam e descubram no Mundo, só então, e de nenhum modo antes, se podem manifestar e entender.

Assim que bem pode um homem menor que todos descobrir e alcançar o que os grandes e eminentíssimos não descobriram, porque esta ventura não é privilégio dos entendimentos, senão prerrogativa dos tempos.

Desde que Túbal começou a povoar Espanha, que foi no ano da criação do Mundo 1801, até o de Cristo, 1428, em que se passaram mais de 3600 anos, era o termo da navegação do mar Oceano junto sómente à costa de África, o cabo chamado de Não, sendo os mares que depois dele se seguiam, tão

22. Segundo a fantástica historiografia do tempo, Túbal, filho de Noé, desembarcando em Setúbal, que dele recebeu o nome, trouxe à Península seus primeiros habitadores. Sendo a criação do Mundo, segundo a cronologia de então, em 3962, descontados de 1801 (data da vinda de Túbal), teremos 2161, que juntos a 1428 somam 3589, número aproximado do de Vieira. Na 1.^a e 2.^a eds. ocorre 2600 em vez de 3600. É do apógrafo do B. N. o número que se adopta.

temorosos aos navegantes, que era provérbio entre eles (como escreve o nosso João de Barros): *quem passar o cabo de Não, ou tornará ou não*. Aparecia ao longe deste o cabo chamado Bojador, pelo muito que se metia dentro no mar, cuja passagem, tanto por fama e horror comum, como pelo desengano de muitas experiências, se reputava entre todos por empresa tão arriscada e impossível à indústria e poder humano, como se pode ver no IV capítulo da primeira *Década*. Mas quem ler o capítulo seguinte, verá também como um homem português não de muito nome, chamado Gil Eanes, foi o primeiro que, dispondo-se ousadamente ao rompimento de uma tamanha aventura, venceu felizmente o cabo em uma barca, quebrou aquele antiquíssimo encantamento e mostrou com estranho desengano à Espanha, ao Mundo e ao mesmo Oceano que também o não navegado era navegável; o qual feito ponderando o nosso grande historiador com seu costumado juízo, diz breve e sentenciosamente: «E a este seu propósito se ajuntou a boa fortuna, ou, por melhor dizer, a hora em que Deus tinha limitado o curso de tanto receio, como todos tinham, de passar aquele cabo Bojador...».

25 E verdadeiramente é assim: enquanto não chega a hora determinada por Deus, nem os Aníbales de Cartago, nem os Cipões e Júlios de Roma, nem os Bacos, Lusos, Gedeões e Hércules de Espanha se atrevem a imaginar, que pode o Bojador ser ven-

24. *Década I, Liv. I, cap. IV.*

28. Bacos, Lusos, Gedeões e Hércules, na mesma imaginosa história de B. de Brito e outros, haviam sido reis da Península, nos tempos pré-históricos — para eles perfeitamente historiáveis.

cido, e param suas empresas e ainda seus pensamentos no cabo de Não. Mas quando chega a hora precisa do limite que Deus tem posto às cousas humanas, basta Gil Eanes em uma barca para 5 vencer todas essas dificuldades, para atalhar todos esses receios, para pisar todos esses impossíveis e para navegar segura e venturosamente os mares nunca de antes navegados. Ali donde chega o presente e 10 começa o futuro, era atègora o cabo de Não; não havia historiador que dali passasse um ponto com a narração dos sucessos da sua história; não havia cronológico que de ali adiantasse um momento a conta de seus anos e dias. Não havia pensamento que 15 ainda com a imaginação (que a tudo se atreve) desse um passo seguro mais adiante naquele tão desusado caminho; o que confusamente se representava adiante ao longe deste cabo, era a carranca medonha, o temerosíssimo Bojador do futuro, coberto todo de névoas, de sombras, de nuvens espessas, de escuridade, de cegueira, de medos, de 20 horrores, de impossíveis. Mas se agora virmos desfeitas estas névoas, desvanecido este escuro, facilitada esta passagem, dobrado este cabo, sondado este fundo e navegável e navegada a imensidão de mares que 25 depois dele se seguem, e isto por um piloto de tão pouco nome e em uma tão pequena barquinha como a do seu limitado talento, dêmos os louvores a Deus e às disposições de sua Providência, e entendamos que se passou o cabo, porque chegou a hora. 30 É admirável a este propósito um lugar do profeta Daniel, com que demonstrativa e indubitavelmente se persuade e convence esta verdade nos próprios termos da inteligência das profecias em que falamos. No cap. XII de Daniel, depois de um anjo lhe ter

declarado grandes mistérios dos tempos futuros, mandou-lhe que fechase e selasse o livro em que estavam escritas e lhe disse estas notáveis palavras: *Tu autem, Daniel, clauderis sermones et signa librum, 5 usque ad tempus statutum, plurimi pertransibunt et multiplex erit scientia:* «Tu, Daniel, fecharás e selarás o livro (em que escreveres estas cousas que tenho dito), para que estejam fechadas e seladas até o tempo determinado por Deus; entretanto passarão 10 muitos por elas, e haverá sobre a inteligência de seus mistérios grande variedade de ciências e opiniões.»

Este é o sentido literal e verdadeiro destas palavras do anjo, como se pode ver em todos os comentadores de Daniel, posto que elas são tão claras e expressas 15 que não necessitam de comentador. De maneira que, nas escrituras dos profetas, há cousas de tal modo fechadas e seladas, que ninguém as pode entender nem declarar, até que chegue o tempo determinado pela Providência divina, o qual é o que só tem poder 20 para romper os sigilos e abrir e fazer patentes as escrituras fechadas e declarar os mistérios futuros, que nelas estavam ocultos e encerrados. E enquanto este tempo não chega, por mais doutos, sábios e santos que sejam os expositores daquelas profecias, 25 dirão cousas muito discretas, muito doutes, muito santas e muito várias, mas o certo e verdadeiro sentido delas sempre ficará oculto e escondido, porque passarão todos por ele sem entenderem nem penetrarem. Isto quer dizer: *Plurimi pertransibunt, et 30 multiplex erit scientia.*

47. Vid. *Daniel*, XII, 4.

Onde se deve advertir e notar que muitos homens, ainda que sejam de grandes letras, cuidam que passam os livros, e passam por eles: *Plurimi perturbantur*. Por quantos lugares passaram os Origenes, os Clementes, os Tertulianos, que depois entenderam os Agostinhos, os Basílios, os Jerónimos? Por quantos passaram os Hugos, os Ricardos, os Rupertos, os Teodoretos, que depois entenderam os Montanos, os Sanches, os Cornélios, os Riberas? E por quantos passaram também estes, que depois entenderam melhor os que lhes foram sucedendo, não porque os últimos sejam mais doutos ou de mais aguda vista, mas porque lêem e estudam à luz da candeia, ajudados e ensinados do tempo, que é o mais certo intérprete das profecias, e para o qual reservou Deus a abertura dos seus sigilos? *Signa librum usque ad tempus constitutum.*

No *Apocalipse* (cujas profecias são próprias deste tempo), em que a Igreja de Cristo se vai continuando mais claramente que em nenhum outro lugar das Escrituras, temos relatado este segredo da Providência divina, com que dispôs e tem decretado que as profecias se vão descobrindo e entendendo ordenada e sucessivamente aos mesmos passos, ou mais vagarosos ou mais apressados, com que vão seguindo e variando os tempos. Entre as cousas muito misteriosas que viu S. João, ou a mais misteriosa de todas, foi um livro fechado e selado com sete selos, o qual era o seu mesmo *Apocalipse*; foram-se rompendo estes selos e abrindo-se o livro, mas não todo juntamente, senão por passos e espaços: um selo primeiro e outros depois, e com grande aparato de cerimónias e efeitos admiráveis no céu e na terra; e o mistério destas pausas e intervalos era porque se

haviam ir descobrindo as profecias que estavam escritas no livro, e assim se haviam ir entendendo, não juntamente, senão em diferentes tempos, e não apartadas de seus efeitos, senão igualmente com eles. De 5 maneira que nas profecias estão encobertos os tempos e os efeitos, e nos tempos e nos efeitos estarão descobertas as profecias; e por isso naquele misterioso livro, assim como eram diversas as profecias e diversos os efeitos e sucessos da Igreja e do Mundo, 10 que nelas estavam profetizadas, assim também eram diversos os selos com que estavam fechados e diversos os tempos em que se haviam de abrir e manifestar, sendo o mesmo tempo e os mesmos sucessos os que as abrissem e manifestassem, ou depois de che- 15 garem, ou quando já forem chegando. Bem assim como antes de se acabar de todo a noite, pelos resplendores da aurora se conhece a vizinhança do Sol, antes que ele se veja descoberto nos horizontes.

E se quisermos especular a razão desta providência, acharemos que não é outra senão a majestade da sabedoria e omnipotência divina, sempre admirável em todas suas obras.

É este mundo um teatro; os homens as figuras que nele representam, e a história verdadeira de seus 25 sucessos uma comédia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas ideias de sua Providência. E assim como o primor e subtileza da arte cómica consiste principalmente naquela suspensão de entendimento e doce enleio dos sentidos, com que o en- 30 redo os vai levando apôs si, pendentes sempre de um sucesso para outro sucesso, encobrindo-se de indústria o fim da história, sem que se possa entender onde irá parar, senão quando já vai chegando e se descobre sùbitamente entre a expectação e o aplauso,

assim Deus, soberano Autor e Governador do Mundo e perfeitíssimo exemplar de toda a natureza e arte, para manifestação de sua glória e admiração de sua sabedoria, de tal maneira nos encobre as cousas futuras, ainda quando as manda escrever primeiro pelos profetas, que nos não deixa compreender nem alcançar os segredos de seus intentos, senão quando já têm chegado ou vêm chegando os fins deles, para nos ter sempre suspensos na expectação e pendentes de sua providência. E é esta regra (com pouca exceção de casos) tão comum em Deus e seus decretos, que, ainda quando as profecias são muito claras, costuma atravessar entre elas e os nossos olhos umas certas nuvens, com que sua mesma clareza se nos faz escura. Eu o não crera, se o não vira escrito para maior admiração em um dos maiores profetas, que assim o confessa, não de outrem, senão de si: *In anno primo Darii, filii Assueri, de semine Medorum, qui imperavit super regnum Chaldeorum, anno uno regni ejus, ego, Daniel, intellexi in libris numerum annorum, de quo factus est sermo Domini ad Jeremiam prophetam, ut complerentur desolationis Hierusalem septuaginta anni:* «No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, descendente dos Medos, que teve o império dos Caldeus: Eu, Daniel, diz ele, entendi nos livros o número de setenta anos, que Deus tinha revelado ao profeta Jeremias havia de durar a assolação de Jerusalém» e cativeiro dos Judeus em Babilónia.

30 Agora entra o caso e a admiração: Esta profecia de Jeremias, que Daniel afirma que entendeu no

18-23. Vid. *Daniel*, IX, 1 e 2.

primeiro ano do império de Dario, é do cap. XXV daquele profeta, e diz assim: *Et erit universa terra hæc in solitudinem et in stuporem, et servient omnes gentes istæ regi Babylonis septuaginta annis*: «Toda 5 esta terra (diz Jeremias, estando em Jerusalém) será assolada, com pasmo e assombro do mundo, e todas as gentes que a habitam, servirão ao rei de Babilónia por espaço de setenta anos.»

Estes setenta anos, como consta da exacta crono- 10 logia que se pode ver largamente provada em Péreiro e nos comentadores da profecia de Daniel, se acabaram de cumprir no primeiro ano do império de Dario. Pois se o termo de setenta anos estava profetizado com palavras tão claras e expressas 15 como são aquelas de Jeremias: *Et servient omnes gentes istæ regi Babylonis septuaginta annis*, como diz Daniel, que não entendeu o número destes setenta anos, senão no primeiro ano de Dario, que foi o último dos mesmos setenta? Podia haver conta 20 mais clara? Podia haver palavras mais expressas? Não. Mas como é regra ordinária da Providência divina, que as profecias se não entendam senão quando já tem chegado ou vai chegando o fim de- 25 las, por isso, sendo a profecia tão clara e o número dos setenta anos tão expresso, não quis Deus que o mesmo Daniel, sendo Daniel, o entendesse senão no último ano.

O tempo foi o que interpretou a profecia, e não Daniel, sendo Daniel um tão grande profeta. E esta

13. Vid. A Lápide, *Comment. in Danielem*, cap. IX, vers. 1.º. Nota (p. 1006).

parece a energia daquela sua palavra: *Ego, Daniel, intellexi*: Eu, Daniel, sendo Daniel, não entendi a profecia tão clara de Jeremias, senão no último ano dos setenta, em que ela se cumpria; mas assim havia 5 de ser, porque assim o profetizou e o repete o mesmo Jeremias em dois lugares, onde, falando de suas profecias, diz que se não entenderão senão nos últimos tempos do cumprimento delas: No cap. XXIII: *Non revertetur furor Domini usque dum faciat et* 10 *usque dum compleat cogitationem cordis sui: in novissimis diebus intelligetis consilium ejus*. E no cap. XXX, quase pelas mesmas palavras: *Non avertet iram indignationis Dominus, donec faciat et compleat cogitationem cordis sui: in novissimo die- 15 rum intelligetis ea.*

E que fez Deus, ou pode fazer, para que umas palavras tão expressas e uma profecia tão clara possa parecer escura? Atravessa uma nuvem (como dizíamos) entre a profecia e os olhos, e com este 20 véu, ou sobre os olhos ou sobre a profecia, o claro, por claríssimo que seja, fica escuro.

Quando queremos encarecer uma cousa de muito clara, dizemos que é clara como a água, porque não há cousa mais clara; e contudo essa mesma água 25 (como discretamente advertiu David), com uma

9-11. Trad.: *Não se acalmará a ira do Senhor, enquanto não execute e não cumpra o pensamento do seu coração; em dias futuros compreenderás o seu pensamento.* Jeremias, XXIII, 20.

12-15. Trad.: *Não desviará o Senhor a ira da sua indignação, enquanto não executar e cumprir o pensamento do seu coração.* Ibid. XXX, 24.

nuvem diante, é escúra: ...*tenebrosa aqua in nubibus aeris*. Em havendo nuvem em meio, até a água é escura, e tais são as profecias, por claras e claríssimas que sejam. Por isso pedia o mesmo David a 5 Deus que lhe tirasse o véu dos olhos, para que pudesse conhecer as maravilhas dos seus mistérios: *Revela oculos meos, et considerabo mirabilia de lege tua*. Oh quantas profecias muito claras se não entendem, ou se não querem entender, porque as que 10 remos ver por entre nuvens, e com véu sobre os olhos! Peço e protesto a todos os que lerem esta *História*, ou que tirem primeiro o véu de sobre os olhos, ou que a não leiam.

Como se hão-de entender as revelações com os 15 entendimentos e olhos vendados? Não basta só que Deus tenha revelado os futuros, é necessário que revele também os olhos: *Revela oculos meos*. Se os olhos estão cobertos e escurecidos com o véu do afecto ou com a nuvem da paixão; se os cega o 20 amor ou ódio, a inveja ou a lisonja, a vingança ou o interesse, a esperança ou o temor, como se pode entender a verdade da profecia, por muito clara que nela esteja, quando o primeiro intento é negá-la ou quando menos escurecê-la? As nuvens que Deus põe 25 sobre a profecia, o tempo as gasta e as desfaz; mas os véus que os homens lançam sobre os próprios olhos, só eles os podem tirar, porque eles são os que querem ser cegos.

1-2. Trad.: ...áqua tenebrosa nas nûvens do ar. *Salmos*, XVII, 12.

7-8. Trad.: Tira o véu dos meus olhos e eu considerarei as maravilhas da tua lei. *Ibid.*, CXVIII, 18.

Que profecias mais claras que as da vinda de Cristo ao Mundo? E muito mais claras ainda depois de manifestas e provadas com os mesmos efeitos. E contudo estas são as que mais obstinadamente 5 nega a cegueira judaica, porque têm os olhos cobertos com aquele antigo véu de Moisés, como lhes lançou em rosto o grande Paulo Judeu e semente de Abraão, como eles, do tribo de Benjamim: *Usque in hodiernum diem, cum legitur Moyses, velamen 10 positum est super cor eorum; cum autem conversus fuerit ad Dominum, auferetur velamen.* Tirem o véu de sobre os olhos, e verão a luz das profecias: ainda que a profecia seja candeia acesa, como se há-de ver com os olhos cobertos? Tire-se o impedimento 15 à luz, e logo se verão a candeia e mais o que ela alumia. A mulher que buscava a dracma perdida, não só acendeu a candeia, mas varreu a casa: ...*accendit lucernam, et (...) everrit domum.* A candeia está acesa e muito clara, mas a casa não está varrida; varra-se e alimpe-se a casa, tirem-se os estorvos e impedimentos à luz, e logo verão os olhos 20 o que há nela, e se achará o que se busca; mas nem se busca, nem se quer achar.

De maneira que, resumindo toda a resposta da 25 objecção, digo que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor, porque vemos mais perto; e que trabalhamos menos,

8-II. Trad.: *Até o dia de hoje, quando leiem a Moisés, está um véu posto sobre o seu coração; mas quando se converter ao Senhor, será o véu tirado.* II Epístola aos Coríntios, III, 15-16.

18. Trad.: ...*acende a candeia, varre a casa...* S. Lucas, XV, 8.

porque achamos os impedimentos tirados. Olhamos de mais alto, porque vemos sobre os passados; vemos de mais perto, porque estamos mais chegados aos futuros; e achamos os impedimentos tirados,
5 porque todos os que cavaram neste tesouro e varreram esta casa, foram tirando impedimentos à vista, e tudo isto por benefício do tempo, ou, para o dizer melhor, por providência do Senhor dos tempos.

CAPÍTULO XI

Declara-se qual seja a novidade desta **História**,
e que as cousas novas, por novas, não
desmerecem o crédito de sua verdade

10 Quando no princípio deste livro prometemos cou-
sas novas aos curiosos, bem advertimos que metí-
mos as armas nas mãos aos críticos; mas são estas
armas já tão velhas e ferrugentas, que não há muito
que temer seus golpes, ainda que a novidade da
15 nossa *História* fora qual se supõe, e não é, contanto
que não tenha, como por graça de Deus não tem,
cousa alguma que encontre a Fé ou doutrina da
Igreja. O reparo da novidade não é crime de que
ela tema ser acusada, e pelo qual, quando o seja,
20 ponha em risco o crédito da sua verdade, se por si
mesma lhe for devida.

Pensão é muito antiga das cousas boas e grandes
serem acusadas de novas. A primeira instituição da
vida monástica, sendo o estado mais santo da Igreja
25 Católica, que acusações não padeceu antigamente
(e padece ainda hoje) dos hereges, pela novidade

do hábito e modo de vida! Digam-no as apologias de S. João Crisóstomo, S. Gregório, S. Bernardo, Santo Tomás, S. Boaventura, para que não falemos nos Waldenses, nos Platins, nos Soares, nos Barónios, nos Belarminos. A mesma Lei de Cristo chamada por sua novidade evangélica, em quantos livros e tribunais de Gentios e Judeus foi terminada pela glória deste título! Acusação foi de que a defendeu Tertuliano, Lactâncio, Arnóbio, Prudêncio, e todos os outros padres que antes e depois destes escreveram contra Gentios. Mas o maior exemplo de todos neste caso é o daquela divina obra de S. Jerónimo na versão da Sagrada Bíblia, que hoje adotamos por canónica, tão estranhada quando nova, não por Gentios ou hereges, nem só por quaisquer católicos, senão pela maior luz da Igreja, Santo Agostinho. Quero pôr aqui as palavras deste grande e santíssimo doutor, escritas não a outrem, senão ao mesmo S. Jerónimo: *De vertendis autem in lati-
nam linguam sanctis litteris laborare te nollem [...] aut obscura sunt, aut manifesta. Si enim obscura sunt, te quoque in eis falli potuisse creditur; si manifesta, superfluum est te voluisse explanare, quod illis latere non potuit:* «Quanto à versão

3. Refere-se V. a Tomás Waldense, autor do livro *Doctrinale Antiquitatum Fidei Catholicæ*, 1575; B. Platino, autor da *Historia de Vitis Pontificum Romanorum*, 1561, e Francisco Suarez, que escreveu, entre outras obras, *Opus de virtute et statu religioso*, 1624.

23. O texto da ed. de 1689 é: *si manifesta, illos in eis falli potuisse non creditur* (p. 46).

24. Vid. S. Agostinho. *Epistola ad Hieronimum* (XXVIII).

das Escrituras Sagradas na língua latina, obra é — diz o santo — em que eu não quisera que vós empregásseis o vosso trabalho, porque ou elas são escuras ou manifestas. Se escuras, com razão 5 se crê que também vos podeis enganar na sua interpretação, como os outros escritores; e se manifestas, supérflua diligência é quererdes vós explicar o que os outros não podem deixar de ter entendido».

Até aqui zelosa, elegante e engenhosamente Santo 10 Agostinho, ao qual respondeu S. Jerónimo com igual engenho, zelo e elegância, e verdadeiramente com vitória, por estas palavras: *Porro quod dicis non debuisse me interpretari post veteres, et novo uteris syllogismo [...] tuo tibi sermone respondeo: omnes veteres tractatores, qui nos in Domino præcesserunt et qui Scripturas Sanctas interpretati sunt, aut obscura interpretati sunt, aut manifesta. Si obscura, quomodo tu post eos ausus es disserere, quod illi explanare non potuerunt? Si manifesta, superfluum 20 est te voluisse disserere, quod illis latere non potuit [...] respondeat mihi prudentia tua, quare tu post tantos ac tales scriptores et interpretes in explanatione Psalmorum diversa senseris? Si enim obscuri sunt Psalmi, te quoque in eis falli potuisse credendum 25 est; si manifesti, illos in eis falli potuisse non creditur, ac per hoc utroque modo superflua erit interpretatio tua, et hac lege post priores nullus loqui audebit, et quodcumque alius occupaverit, alius de eo scribendi non habebit licentiam.*

12-29. Vid. Santo Agostinho, *Epistola ad Augustinum* (LXXV).

«Quanto ao que me dizeis — diz S. Jerónimo a S. Agostinho — que eu me não devia cansar em interpretar as Escrituras depois dos antigos intérpretes delas, e para isso usais daquele novo silogismo, respondo com as mesmas vossas palavras: Todos os expositores dos Livros Sagrados, que nos precederam no Senhor, ou interpretaram o que era escuro, ou o que era manifesto. Se o que era escuro, como vos atreveis também a declarar o que eles não 5 puderam? Se o que era manifesto, supérfluo trabalho é cansar-vos em querer fazer entender o que eles não podiam deixar de ter entendido. Responda-me logo vossa prudência: com razão, depois de tantos e tais intérpretes, vos atrevestes na exposição dos *Salmos* a sentir diversamente do que eles 10 sentiam? Porque, se os *Salmos* são escuros, também se deve entender que vós vos podeis enganar na sua inteligência; e se são claros e manifestos, supérflua é e não necessária a vossa interpretação. E segundo 15 esta lei, ninguém poderá falar depois dos primeiros, e tanto que um se adiantar à exposição de algum Livro Sagrado, logo nenhum outro terá licença para escrever sobre ele.»

Isto dizia Santo Agostinho a S. Jerónimo sobre a 20 novidade de sua versão, a qual hoje é de fé; e isto S. Jerónimo a S. Agostinho sobre a novidade da sua exposição dos *Salmos*, que hoje é antiquíssima e mui venerada, e depois dela se escreveram infinitas outras mais novas, e ainda os *Salmos* não estão 25 bastante interpretados. Assim que os reparos da novidade são pensão (como dizia) das cousas boas e grandes, e não só entre os inimigos e impugnadores da verdade, senão entre os maiores zeladores e defensores dela.

Mas destes mesmos exemplos se convence claramente quão frívolas são e pouco eficazes as acusações do que se estranha por novo. Não é o tempo, senão a razão, a que dá o crédito e autoridade aos escritores; nem se deve perguntar o *quando*, senão o *como* se escreveram. A antiguidade das obras é um acidente extrínseco que nem tira nem acrescenta validade, e só porque põe os autores delas mais longe dos olhos da inveja, lhes granjeia a triste fortuna de serem mais venerados ou melhor conhecidos depois da morte, que vivos. As trevas foram mais antigas que o Sol e os animais que o homem. O Testamento Velho não é mais perfeito que o Novo, por ser mais antigo, nem o Novo perde a perfeição e excelência que tem sobre o Velho, por ser mais novo. Que cousa há hoje tão antiga, que não fosse nova em algum tempo? Diz Salomão que não há cousa nova debaixo do Sol; e ainda é mais universalmente certo, que não há cousa debaixo do Sol que não fosse nova.

A mais nova entre todas as do Mundo foi o mesmo Mundo. Se a nossa religião é nova, argumentava Arnóbio contra os Gentios, tempo virá em que seja velha; e se a vossa superstição é velha, tempo houve em que também foi nova. Dizeis que a religião cristã é nova, porque ainda não tem quatrocentos anos, e há menos de dois mil que os deuses que vós adoráveis ainda não tinham cento. Com a mesma

17. Vid. *Ecclesiastes*, I, 10.

22. Arnóbio, retórico africano do III século da nossa era, escreveu o livro *Adversus gentes*, e é no livro IV dessa apologia do Cristianismo que emprega o argumento citado.

energia disse o imperador Cláudio ao senado: *Omnia, Patres conscripti, quæ nunc vetustissima creduntur, nova fuere: plebei magistratus post patricios, latini post plebeios, ceterarum Italæ gentium post latinos; 5 inveterescet hoc quoque, et quod hodie exemplis tuemur, inter exempla erit.* E verdadeiramente é assim: quantas cousas são hoje exemplos que começaram sem exemplo? Todas as opiniões ou verdades que se escreveram, tiveram princípio, e aquele que as come-
10 çou sem autor, foi o primeiro que lhes deu a autoridade.

Acudia S. Jerónimo à queixa da sua nova versão, e diz assim contra Rufino: *Periculoso opus certe, et obtrectarorum meorum latratis patens, qui me 15 asserunt in septuaginta interpretum sugillatione, nova pro veteribus cedere; ita ingenium quasi vinum probantes.* Discretamente; porque antepor o velho ao novo só pelos anos, escolha parece mais de cela viná-
ria, que do trono ou cadeira de Salomão. E notem os
20 leitores que são estas palavras de uma das apologias que S. Jerónimo escreveu em defensa daquela nova

1-6. Trad.: *Padres conscritos, as coisas agora consideradas muito velhas foram novas: o acesso à magistratura dos Plebeus depois dos Patrícios, dos Latinos depois dos Plebeus, dos restantes povos da Itália depois dos Latinos; tudo isto também envelhecerá e o que hoje apoiamos com exemplos, figurará entre os exemplos.* Tácito, *Annales*, Lib. XI, cap. 24.

13-17. Trad.: *É certamente obra perigosa e exposta aos latidos dos meus detractores que me atribuem, em afronta dos Setenta Intérpretes, dar relevo às cousas novas e não às antigas. Assim provam o engenho como se fosse vinho.* S. Jerónimo, *Præfatio Pentateuchi, ad Desiderium.*

versão da Sagrada Escritura, que hoje se chama *Vulgata*, e é de fé católica; para que se veja quais são os juízos dos homens e quão impugnadas que costumam ser as obras de que Deus se quer servir.

5 Não tinha esta de S. Jerónimo outro reparo mais que a glória de ser sua e nova; mas sobre esta lhe arguia Rufino e outros homens doutos tais calúnias, que a queriam fazer não menos que herética, como se só os antigos fossem católicos e a verdade sem 10 cãs não fosse verdade. Uns o faziam por zelo, outros por inveja, muitos por malícia, todos por ignorância.

E verdadeiramente que, se bem apontamos os fundamentos destes impugnadores da novidade e as razões daquela dura lei com que forçosamente querem 15 que sigamos em tudo os antigos e adoremos as suas pisadas, ou é porque têm para si que já se não podem dizer cousas novas, ou que não há capacidade nos modernos para as poderem descobrir e dizer. Se o primeiro, grande injúria fazem à verdade 20 e às ciências; se o segundo, grande afronta aos homens e à nossa idade. Mas não me ouçam a mim, ouçam aos mesmos antigos. E começando pelos Gentios, alumiados só pelo lume da razão, Séneca, na epist. LXIV, escreve ou ensina a Lucilo desta maneira: *Multum adhuc restat operis, multumque restabit; nec ulli nato, post mille sæcula, præcludetur occasio aliqua adhuc adjiciendi. [...] Multum egerunt, qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt.* E na

25-28. Trad.: *Muito resta ainda a fazer e muito há-de restar; nem a quem quer que seja, depois de mil séculos, é negada a ocasião de ainda acrescentar alguma coisa [...]. Muito fizeram aqueles que antes de nós existiram, mas não acabaram [...] ...e os que tinham vindo antes não me parece que tenham levado consigo as coisas que tinham*

epist. LXXIX: *Et qui præcesserant, non præripuisse mihi videntur quæ dici poterant, sed aperuisse; sed multum interest, utrum ad consumptam materiam, an ad subactam accedas: crescit in dies, et inventum inventa non obstant.* E Marco Túlio, formando um

5 perfeito orador no livro *Orator*: *Nec vero Aristotelem in philosophia deterruit a scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia et copia cæterorum studia restrinxit.*

10 Até aqui estes dois gentios, em que era ainda maior a soberba e presunção que a ciência. E se estes, sendo ambos eminentíssimos nas suas artes, não duvidaram confessar que havia ainda muito mais que andar, que inventar, que descobrir e saber 15 nelas, porque havemos nós de esperar e afrontar tanto a nossa idade e os homens dela, que cuidemos que já não podem adiantar as ciências, nem dizer e acrescentar sobre elas cousa de novo?

20 Séneca floresceu nos tempos de Nero, que vem a ser, por boas contas, dezasseis séculos antes deste nosso; e se ele conheceu que os que nascessem de ali a mil séculos, ainda teriam muito que dizer na mesma filosofia moral em que ele tanto e tão subtilmente disse, que muito é que se atreva a dizer al-

podido dizer-se, antes para elas abriram caminho. Mas é muito diferente internarmo-nos por matéria esgotada ou por matéria apenas tratada. Ela cresce dia a dia e o que foi descoberto não obsta ao que o possa vir a ser. A. Sénecæ *Philosophi Opera*.

6-9. Trad.: *Nem, porém, a amplitude de Platão impedi Aristóteles de escrever sobre assuntos filosóficos, nem o próprio Aristóteles, com sua ciência de admirável abundância, restringiu o estudo dos outros.* Cícero, *De claris oratoribus, Liber qui dicitur Brutus. cap. I, 5.*

guma cousa nova a nossa idade, se ainda lhe restam por sua confissão novecentos e oitenta e quatro séculos (se tantos durar o Mundo) para dizer e inventar muito de novo sobre o mesmo Séneca? Se depois do divino Platão (como pondera Túlio) não acovardaram os seus escritos a Aristóteles para que não escrevesse, nem a admirável sabedoria e cópia do mesmo Aristóteles pôde apagar os fogosos espíritos de tantos filósofos que depois dele e sobre ele escreveram, sendo por comum aprovação do Mundo um dos maiores engenhos que produziu a Grécia e a mesma natureza, porque havemos de querer abreviar as mãos do Autor dela e cuidarmos que já não podem falar de novo os homens presentes, e só lhes damos licença para decorarem e repetirem o que disseram os passados? Se assim fora, debalde nos deu Deus o entendimento, pois nos bastava a memória. Porque, como bem disse o mesmo Séneca, saber só o que os Antigos souberam, não é saber, é lembrar-se: *Aliud est meminisse, aliud scire. Meminisse est rem commissam memoriae custodire; at contra scire, est et sua facere quemque, nec ab exemplari pendere, et toties ad magistratum respicere.*

Estes tais haviam de ter a testa virada para as costas, como dizem os Italianos dos Alemães, que todos se ocupam na erudição do passado, sem descobrir nem inventar cousa nova. Muito alcançaram os Antigos, e se lhes deve o primeiro louvor; mas

23-30 Trad.: Uma coisa é lembrar, outra cousa é saber. Lembrar é guardar uma coisa confiada à memória; saber é ser apto a fazer as coisas, sem necessidade de exemplos e sem a cada passo recorrer aos mestres. Séneca, Epístola XXXIII.

ainda nos deixaram seus grandes talentos, em que exercitar os nossos.

E se isto é assim nas ciências humanas, que será naquele pego imenso e profundíssimo das divinas?

5 Mas ouçamos também aos antigos delas.

David, que veio ao mundo 3000 anos depois de sua criação, dizia confiadamente, que soubera e entendera mais que todos os velhos: *Super senes intellexi*; e estes velhos eram aqueles varões veneráveis da primeira antiguidade — Seth, Enoch, Mathusalem, Noé, Abraão, Isaac, Jacob, José, Moisés, Josué, Melquisedech, Samuel e tantos outros de igual sabedoria e nome. Desde a criação do Mundo até a reparação dele, em que se contaram quatro mil anos, sempre os homens se foram excedendo na sabedoria divina, ainda que fossem diminuindo na idade. Não é consideração minha, senão doutrina de S. Gregório, Papa: *Per incrementa temporum crevit scientia spiritualium Patrum; plus namque Moyses quam Abraham, plus Prophetæ, quam Moyses, plus Apostoli, quam Prophetæ in Omnipotentis Dei scientia eruditæ sunt*: «Ao passo que iam procedendo os tempos — diz S. Gregório — ia juntamente crescendo a sabedoria dos antigos Padres, conhecendo sempre mais de Deus os segundos que os primeiros. Moysés soube mais das cousas divinas que Abraão; os Profetas mais que Moysés; os Apóstolos mais que os Profetas». E o mesmo que tinha sucedido naquela

8-9. Trad.: *Entendi mais do que os velhos. Salmo CXVIII, 100.*

18-22. Vid. S. Gregório, Lib. II, *Super Ezechielem Homilia*, XVI.

primeira e antiga Igreja, se experimenta depois na segunda, nova e mais perfeita em que hoje estamos, de que ela tinha sido figura, porque, passados os tempos de Cristo e de sua vida, em que a sabedoria eterna viveu humanada no Mundo entre os homens (que foi um parêntesis excessivo e infinito de luz, com o qual nenhum outro estado da Igreja se pode comparar), nos séculos que depois foram sucedendo, dos Padres e Doutores sagrados, sempre foram também crescendo, com novos e maiores resplandores, as ciências divinas, acrescentando, ilustrando e escrevendo muitas cousas de novo os que vinham depois, sobre o que tinham sabido e ensinado os mais antigos.

15 Lactâncio Firmiano, Padre dos primeiros séculos da Igreja, a quem tinham precedido os Dionísios Areopagitas, os Hieroteus, os Inácios, os Policarpos, os Ireneus, os Justinos, os Orígenes, os Tertulianos, os Clementes Alexandrinos, no *II Divinarum Institutionum*, diz assim: *Nec qui nos illis temporibus antecesserunt, sapientia quoque antecesserunt; quae si hominibus æqualiter datur, occupari ab antecedentibus non potest.* S. Jerónimo, que floresceu muito depois do mesmo Lactâncio e a quem precederam os Hipólitos, os Ciprianos, os Taumaturgos, os Arnóbios, os Atanásios, os Basílios, os Teófilos, os Cirilos, os Epifânius, aumentou e adiantou tanto

19-23. Trad.: *Nem aqueles que nos antecederam no tempo igualmente nos antecederam na sabedoria. Esta, se com igualdade é dada ao homem, não pode ser monopolizada pelos antecessores.* Lactâncio, *Lib. II, Divinarum Institutionum*, VIII.

o estudo das divinas letras, que mereceu na eminência delas, por consenso e pregão universal da Igreja, o renome de *doutor Máximo*, na *Apologia* acima citada, contra Rufino, escreve o santo Doutor com 5 a modéstia com que costumam falar os homens maiores, estas palavras: *Quid igitur? Damnamus veteres? Minime; sed post priorum studia in domo Domini, quod possumus, laboramus.* E convertendo-se no fim contra os vituperadores dos inventos 10 novos, estranha muito que, sendo o apetite ou gula humana tão ambiciosa de novos e esquisitos sabores, só nas ciências, que são o sabor dos entendimentos, se contentam os homens com a vulgaridade ou velhice dos manjares usados: *Nam cum nova semper 15 expectant voluntates, et gulæ earum vicina maria non sufficient, cur in solo studio scripturarum veteri sapore contenti sunt?*

São Gregório Magno, que veio ao Mundo para lhe dar melhor cabeça do que seu juízo e errados juízos 20 merecem, depois dos outros dois Gregórios, Nazianzeno e Niceno, e do mesmo Jerónimo; depois dos Clímacos, dos Procópios, dos Boécios, dos Cassianos, dos Teodoretos; depois dos Euquérios, dos Pascásios, dos Máximos, dos Paulinos, dos Cassio-

6-8. Trad.: *Condenamos então os antigos? De modo nenhum; apenas trabalhamos na casa do Senhor, depois dos estudos dos que nos precederam.* S. Jerónimo, *in-Præfatio Pentateuchi, ad Desiderium*, e não na *Apologia contra Rufino*, como diz o texto.

19-22. Trad.: *Na verdade, se permanentemente os apetites ambicionam as novidades e os mares vizinhos não satisfazem a sua guloseima, por que razão só no estudo das Escrituras nos contentamos com o que tenha valor antigo?*

5 doros; depois dos Hesíquios, dos Crisólogos, dos Leões, dos Atanásios, dos Fulgêncios, e, o que é mais que tudo, depois de um Crisóstomo, de um Ambrósio e de um Agostinho, penetrou tão altamente o espírito interior da Teologia Mística e Ascética, que por aplauso comum do Concílio oitavo toletano foi preferido a todos os Doutores na doutrina ética e moral, com aquele famoso elogio: *In ethicis assertionibus præcunctis merito præferendus.*

10 Mas nem por isso depois de tantos e tão esclarecidos lumes da Igreja deixaram de espalhar nela, em todos os séculos seguintes, novos raios de novas luzes os três ilustríssimos espanhóis — Isidoro, Eugénio e Ildefonso; os Sofrónios, os Elísios, os Bedas,

15 20 25 os Damascenos, os Anselmos, os Teofilatos, os Eutímios, os Rupertos, um Bernardo, nome singular, e muitos outros; entre os quais Ricardo Vitorino, defendendo modestamente alguma novidade que se acharia em seus livros, diz assim no prólogo de um deles: *Non est magnum, vel mirum, si in uno aliquo, aliquid addere possumus [...] hæc propter illos dicta sunt, qui nihil acceptant, nisi quod ab antiquissimis patribus acceperunt; sed sicut Deus produxit novos fructus ad recreationem hominis exterioris, non credunt scientias impertiri ad innovandos sensus hominis interioris:* «Não se tenha por cousa grande — diz Ricardo — nem merecedora de admiração, que

8-9. Trad.: *No que toca a conceitos éticos, deve com toda a razão a todos ser preferido.*

20-26. Vid. Ricardo de S. Víctor, *Opera-Expositio difficultatum... in Descriptione Tabernaculi Fæderis, in-Prólogo.*

em alguma matéria das que escrevemos, possamos acrescentar alguma cousa de novo; e digo isto por aqueles que nada admitem nem lhes é aceito, senão o que primeiro foi recebido pelos antiquíssimos Padres. 5 Mas se Deus, para sustento e gosto dos corpos, produz incessavelmente todos os anos tantos frutos novos, porque não cuidarão que também as ciências podem produzir cousas novas para alimento e recriação das almas?» .

10 Não se podia explicar com mais clara comparação nem provar-se com mais eficaz argumento, e desde aquele tempo, que foi pelos anos de mil e trezentos a esta parte, se tem confirmado pela grandeza e liberalidade de Deus em todos os séculos, com mais 15 repetidos exemplos que nos passados, porque não só alumiou a Divina Providência pouco depois o Mundo todo com aquelas duas tochas claríssimas e santíssimas de teologia — Santo Tomás e São Boaventura — mas antes e depois deles, para aumento ou competência de suas mesmas luzes, as cercou de tão luminosas e resplandecentes estrelas, que em outra 20 idade podiam ter nome de primeiros planetas, como foram um Alberto Magno, um Alexandre de Ales e o famosíssimo e subtilíssimo Scoto, não só luz, se-25 não fonte de luzes; as quais depois deste doutíssimo século se multiplicaram em tanto número, que se pode com razão dizer do Mundo o que Deus disse a Abraão do firmamento: *Numera stellas, si potes.*

28. Trad.: *Conta as estrelas, se és capaz.* Génesis, LI, 5.

E porque é matéria impossível e número sem conto, fiquem em silêncio (por mais que tão grande brado deram nas escolas) os Vasques, os Soares, os Molinas, os Valenças, os Belarminos, os Canísios, 5 os Toledo, os Lugos, os Caetanos, os Soutos, os Medinas, os Vitórias, em cujos felicíssimos e imensos escritos se vêem tão adiantadas as letras divinas, que mais parecem novas que renovadas.

Digam agora os reprovadores das que eles chamam novidades, se se pode ainda sobre os Antigos dizer alguma cousa de novo.

É porventura o saber e dizer património só da Antiguidade e morgado como o de Isaac, que, dada a bênção a Jacob, não fica outra para Esaú? São 15 os antigos como os cántaros da Sareftana (comparação de que usa Ruperto) que, depois de cheios eles, parou a fonte milagrosa, e não correu mais o óleo? Houve neste grande oceano de ciências alguma nau Vitória que desse volta a todo o mar? ou algum 20 Gama que, passado o cabo de Boa Esperança, a tirasse a todos os outros de novos descobrimentos? E se depois deste famoso círculo do Universo, ainda ficaram mares e terras incógnitas que prometem novas empresas e novos argonautas, que será na 25 esfera da sabedoria e da verdade, cuja imensa e infinita circunferência só a pode abraçar O que é imenso e compreender O que é infinito? Se depois dos antiquíssimos tiveram que descobrir os menos antigos, e depois dos que já não eram os primeiros,

14. Vid. *Génesis*, XXVII, 37.

15. Vid. *III Liv. dos Reis*, todo o cap. XVIII. Aí se fala na cidade de Sarepta ou Sareptā, a que o texto alude. Refere-se-lhe Ruperto, *in-III primi Comment. Libri V*, p. 298.

tiveram que inventar mais que os segundos, porque não quererão os adoradores ou aduladores da Antiguidade que, ainda depois de tanto dito, haja mais que dizer, e depois de tanto escrito, mais que escrever, e depois de tanto estudado e sabido, mais que estudar e saber?

Como temo que os que condenam as cousas novas, são aqueles que não podem dizer senão as muito velhas, e pode ser que muito remendadas! O avarento chama pródigo ao liberal. O covarde temerário ao valente. O distraído hipócrita ao modesto; e cada um condena o que não tem, por não confessar o que lhe falta. O grande P.^o Soares, que tanto tinha em si do que os Antigos souberam, dizia que daria de alvíssaras o que sabia, se lhe dessem o que ignorava, isto é, o que ficou aos vindouros para poderem saber e dizer de novo; mas querer precisamente que nos atemos em tudo aos passados, é querer atar os vivos aos mortos,残酷 que só se lê de Mezêncio.

Fechemos este discurso, ou adocemos a dureza deste rigor com o melífluo Bernardo, o qual, como sempre falou pela boca da Escritura, assegura firmemente aos vindouros que poderão ter maiores notícias das cousas, do que tiveram e alcançaram os Antigos, e o prova e refere em dois textos ou dois exemplos: um de David, que afirmou que soubera mais que os passados; outro de Daniel, que prome-

13. Refere-se ao Jesuíta Francisco Suarez, o granatense, professor de Filosofia em Coimbra, de celebridade mundial.

19. Mezêncio, mitológico rei da Etrúria, célebre pelas crueldades, entre as quais a referida.

teu saberiam mais os futuros: *David quoque super doctores suos et seniores donum sibi intelligentiae audacter præsumit, dicens: Super omnes docentes me intellexi. Sed et propheta Daniel: pertransibunt, 5 ait, plurimi, et multiplex erit scientia, ampliorem scilicet rerum notitiam promittens et ipse posteris.*

Até aqui São Bernardo, escrevendo a Hugo de São Vítor, que também lhe tinha escrito lastimado da mesma chaga. Todos os grandes engenhos tiveram sempre esta queixa, e todos se armaram destas 10 apologias, porque todos disseram cousas novas; e nenhum careceu de quem lhas impugnasse. Não há cousa boa sem contradição, nem grande sem inveja:

15 ...*Che come crebber l'arti,
Crebbe l'invidia; e col sapere insieme
Ne' cuori enflati i suoi veneni sparti.*

1-6. Trad.: Também David audazmente reivindica sobre os seus mestres e antecessores o dom da inteligência, dizendo: *Eu comprehendi mais do que quantos me ensinaram. Mas também o Profeta Daniel diz: Muitos hão-de passar e múltipla será a ciência, prometendo ele também mais ampla noticia das coisas aos vindouros.* S. Bernardo, *De Contemplatione et episot. ad Hugonem de S. Vict.*

14-17. Trad.:

...*que como cresceu a arte
Cresceu a inveja, e ao mesmo tempo que o saber,
Nos corações ensoberbecidos, os seus venenos esparsos.*

Petrarca, *Triunfo da Fama.*

Mas antes de Petrarca o tinha dito em Roma o nosso discreto espanhol:

*Esse quid hoc dicam, vivis quod fama negatur,
Et sua quod rarus tempora lector amat?*

5 *Hi sunt invidiæ nimirum, Régule, mores,
Præferat antiquos semper ut illa novis.*

*Sic veterem ingratii Pompeii querimus umbram;
Et laudant Catulli vilia templa senes,
Ennius et lectus salvo tibi, Roma, Marone;*

10 *Et sua riserunt sœcula Mæonidem.*

Os que mais queriam louvar a Cristo, diziam que era um dos Profetas antigos, sendo ele a luz de todos os Profetas, e Herodes se persuadia que não podia ser senão o Baptista ressuscitado, sendo 15 aquele a quem o Baptista não era digno de desatar a correia do sapato. Todas as cousas novas que se disserem nesta *História*, são aquelas que Deus tem prometido que há-de fazer, quando disse: *Ecce nova facio omnia*. Se acaso houver quem as impugne e

3-10. Trad.: *Como posso eu explicar que a fama seja negada aos vivos? E porque é raro o leitor que ama o seu tempo? Estes são, com efeito, ó Régulo, os costumes da inveja — preferir sempre os antigos aos modernos. Assim ingratos buscamos a velha sombra de Pompeu e louvam os velhos os tempos vis de Catulo. Ênio, além de Virgílio, é, Roma, o teu eleito. E Toscano foi metido a ridículo pelos seus contemporâneos. — Marcial, Livro V, epig. ad Regulum.*

11. Vid. S. Mateus, XVI, 14.

13. Vid. S. Marcos, I, I, 7 e S. João, I, 27.

18-19. Trad.: *Eis que faço novas todas as coisas. Apocalipse, XXI, 5.*

contradiga, é porque nem Deus pode fazer cousa de novo, sem contradição dos mesmos para quem as faz. A cousa mais nova que Deus fez no Mundo, foi aquela de que disse o Profeta: *Creavit Dominus novum super terram: fæmina circumdabit virum.* 5 E esta novidade foi o alvo das maiores contradições, como tabém predisse outro profeta: ...*signum cui contradicetur.*

Mas para que não pareça que defendo as cousas 10 novas, por não ser necessário este escudo à minha *História*, respondendo à objecção da novidade dela, digo que em toda essa novidade, com ser tão grande, nenhuma cousa direi de novo. Propriedade é dos futuros serem sempre novos todos, por isso os 15 últimos e mais distantes se chamam novíssimos; mas ainda que esta *História* seja toda de cousas tão novas, nem por isso ela será nova. É uma *História* nova sem nenhuma novidade, e uma perpétua novidade sem nenhuma cousa de novo; como isto possa 20 ser, explicarei por alguns exemplos.

Quando os Romanos a primeira vez bateram os muros de Cartago com o aríete ou carneiro militar, ficaram os Cartagineses assombrados com a novidade daquela máquina, e não era novidade, senão 25 esquecimento; porque os primeiros inventores daquele bravo instrumento tinham sido os mesmos Cartagineses; mas como havia muitos anos que gozavam da altíssima paz, esquecia-se Cartago do que

4-5. Trad.: *Criou o Senhor uma coisa nova sobre a terra: uma mulher cercará um varão.* Jeremias, XXXI, 2.

7-8. Trad.: ...*o alvo a que se atire a contradição.* S. Lucas, II, 34.

inventara Cartago, e sendo cousa antiga e sua, a tinha por novidade.

Quero dizê-lo com palavras do grande Tertuliano, cuja foi esta advertência: ...arietem [...] nemini umquam adhuc libratum, illa dicitur Cartago studiis asperrima belli, prima omnium armasse in oscillum penduli impetus [...] cum autem ultimarent tempora patriæ, et aries jam romanus in muros quondam suos auderet, stupuere illico Cartago thaginienses, ut novum extraneum ingenium. Tantum ævi longinqua valet mutare vetustas. De maneira que o aríete, de que Cartago tinha sido a primeira inventora, parecia instrumento novo aos mesmos Cartagineses, não por novo, senão por esquecido; não por novo, senão por muito antigo.

Muitas novidades se verão nesta nossa *História*, não novas por novas, senão novas por antiquíssimas. As pirâmides e obeliscos que assombraram com tão nova e desusada grandeza o foro romano (com boa vénia dos Padres Conscritos), depois de serem velhice no Egipto, foram novidade em Roma. Serão novas neste nosso livro cousas que foram primeiro que as que hoje se têm por antigas. A nova opinião dos céus fluidos, também recebida em nossos

4-II. Trad.: Lembro que o aríete, nunca antes disparado, se diz que a mesma Cartago com sua antiga rudeza guerreira, foi a primeira a armá-lo para o ataque com seu impeto pendular. Quando, porém, tinha a nação os dias contados e já o aríete romano ousava atacar-lhe os muros, espantaram-se os Cartagineses como perante um novo e estranho engenho. Tanto uma longa antiguidade pode alterar... — Tertuliano, *De Pallio*, Cap. I.

dias, primeiro foi que a antiga de Aristóteles, que com tão continuado aplauso do Mundo os fez sólidos e incorruptíveis.

Nas ciências nascem poucas verdades; as mais 5 delas ressuscitam. Se no Mundo, como pouco há dizia Salomão, não há cousa nova, como se vêem cada dia tantas novidades no Mundo? São novidades de cousas não novas, e tais serão as desta *História*.

10 Quando Adão saiu flamante das mãos de Deus, abriu os olhos, e viu tanta cousa nova, e todas eram mais antigas que ele. Nem eram elas as novas; ele era o novo. A novidade da nossa *História* há-de ser mais dos leitores que dela. Para aquele cego de 15 seu nascimento, a quem Cristo abriu os olhos, ainda que não eram novas as quantidades, porque as apalpava, foram novas as cores, porque as não via; já havia cores e luz, mas não havia olhos. Ao terceiro dia da criação produziu a terra todas as árvores 20 carregadas dos seus frutos. Se não fora assim, não tivera ocasião o preceito, nem tentação o pecado. Todos os frutos nasceram igualmente naquele dia, as peras, os figos, as uvas e também as frutas novas; mas estas tiveram este nome, porque chegaram 25 mais tarde à nossa terra.

Porventura aquela metade do Mundo a que chamavam quarta parte, não foi criada juntamente com Ásia, com África e com Europa? E contudo, porque a América esteve tanto tempo oculta, é chamada 30 Mundo Novo; novo para nós, que somos os sábios; mas para aqueles bárbaros, velho e muito antigo. Assim que, recolhendo todos estes exemplos, umas cousas faz novas o esquecimento, porque se não lembram; outras a escuridade, porque se não vêem;

outras a ignorância, porque se não sabem; outras a distância, porque se não alcançam; outras a negligência, porque se não buscam; e de todas estas novidades sem novidade, haverá muito nesta nossa 5 *História*. Lembraremos nela muitas cousas esquecidas, alumaremos muitas escuras, descobriremos muitas ocultas, poremos à vista muitas distantes e procuraremos saber muitas ignoradas.

E por não deixarmos sem juízo a controvérsia 10 disputada entre as cousas novas e as velhas, certamente entre umas e outras não se pode dar regra certa. O tempo umas cousas melhora e outras corrompe: ouro velho, vinho velho, amigo velho; casa nova, navio novo, vestido novo. A velhice no 15 ouro é preço, no vinho madureza, no amigo constância, no vestido pobreza, no navio e na casa perigo; absolutamente nas cousas que se consomem com o tempo, melhores são as novas.

Mais defendida está Roma com os muros de 20 Urbano, que com os de Belisário; uns se conservam pelo que foram, outros pelo que são; em uns se admira a antiguidade, em outros se logra a fortaleza. A verdade e as ciências, em que não tem jurisdição o tempo, imprópriamente se chamam novas ou velhas, porque sempre são, sempre foram e sempre hão-de ser as mesmas, posto que nem sempre se conhecem igualmente. De Deus, que por 25 essência é sabedoria e verdade, disse Tertuliano judiciosamente que nem é velho nem novo, mas verdadeiro: ...germana divinitas nec de novitate nec de vetustate, sed de sua veritate censemur. E como a

30-31. Trad.: *A verdadeira divindade não se julga pela modernidade ou pela antiguidade, senão pela verdade.* Vid. *Adversus Marcionem*, Lib. I, in princip.

verdade da nossa *História* toda (como vimos) tenha o seu princípio em Deus, pedimos aos que a lerem que, assim no certo como no provável, nem se atenda se é velho, nem se repare se é novo, mas só 5 se considere se é ou pode ser verdade: *Nec de novitate, nec de vetustate, sed de sua veritate censeatur.* E quanto ao louvor que renunciamos facilmente, ainda que o merecêramos, digo com indiferença o que ensinou Cristo: ...*scriba doctus [...] profert de 10 thesauro suo nova et vetera:* «Os doutos quando escrevem, tiram do seu tesouro as cousas novas e mais as velhas. Saber as velhas e inventar as novas, isto parece que é ser douto. Mas notou Santo Agostinho que não disse Cristo *as velhas e as novas,* 15 senão *as novas e as velhas*, dando o primeiro lugar às novas, porque as avaliou a suma justiça pelo merecimento e não pelo tempo: *Non dixit vetera et nova, quod utique dixisset, nisi maluisset meritorum ordinem servare, quam temporum.* As cou- 20 sas velhas são do tempo, as novas do merecimento; porque as velhas são alheias, as novas nossas.

Todos dizem que os Antigos merecem maior louvor, e é assim; mas este louvor, se bem se considera, não é elogio da antiguidade, senão da novidade. Merecem maior louvor os Antigos, porque foram os primeiros inventores das cousas; logo da novidade é o louvor, pois o mereceram, quando as descobriram de novo. Se fora outro o autor desta

9-10. Vid. S. Mateus, XIII, 51-52.

17-19. Trad.: *Não disse as velhas e as novas, o que certamente teria dito, se não preferisse manter a ordem dos méritos, a observar a dos tempos.* Santo Agostinho, *Quæsito XVI, in Matheum.* (Há engano na citação. Este passo não ocorre no lugar indicado).

História, folgara eu que se pudera dizer dele com Vincêncio Lirinense: *Per te posteritas gratulatur intellectum, quod ante vetustas non intellectum venerabatur.*

CAPÍTULO XII

Dá-se a razão por que em algumas partes desta **História** se não alegaram padres e seguiram exposições dos escritores modernos

5 Ainda que o nosso intento é seguir em quanto nos for possível as pisadas dos antigos Padres, como Padres e lumes da Igreja, depois dos Apóstolos (os quais não entram nesta controvérsia, porque em tudo o que escreveram foram alumeados pelo Espí-
10 rito Santo, e segui-los como havemos de seguir em tudo, não é só obséquio e piedade, senão obrigação e respeito); e posto que o nosso desejo fora levar sempre diante dos olhos esta segunda tocha, para alumiar e penetrar com sua luz, como dizíamos, o
15 escuro das profecias; contudo, porque não é nem será possível seguir em algumas cousas das que dizemos ou dissemos este nosso intento e desejo, pede a razão e ordem da mesma Escritura que, antes de passar mais adiante, desfaçamos este reparo, para
20 que os menos doutos ou mais escrupulosos não topem nele e levem desde logo entendidas as causas

2-4. Trad.: *Por ti a posteridade agradece à inteligência, porque antes a antiguidade a não venerava.* In-*Commonitorium*, XXII.

do que fizermos e os fundamentos, licença ou autoridade com que o fazemos. Ver-se-á em algumas partes desta *História*, que ou não alegamos Padres antigos, ou nos desviamos da explicação que deram 5 a alguns lugares da Escritura, o que não fazemos senão com grandes razões, sem ofensa da reverência que lhes devemos nem da verdade que seguimos, antes para maior segurança e fundamento dela, a qual é o nosso intento e obrigação buscar e descobrir 10 adonde quer que se ache, antepondo este respeito a qualquer outro, pois à verdade se deve o maior de todos.

As razões que nos movem e obrigam são três: a primeira, porque os Doutores antigos não disseram tudo; segunda, porque não acertaram em tudo; terceira, porque não concordam em tudo. E com qualquer destes casos nos pode ser, não só lícito e conveniente, senão ainda necessário seguir o que se julgar por mais verdadeiro; porque nas 20 cousas que não disseram, é forçoso falar sem eles; nas cousas em que não acertaram, é obrigação apartar deles; e nas cousas em que não concordaram, é livre seguir a qualquer deles; e também será livre e lícito deixar a todos, se assim parecer, como logo 25 explicaremos.

PROVA-SE A PRIMEIRA RAZÃO

Primeiramente é certo que os Padres antigos não disseram tudo, e se prova claramente com a experiência e lição de seus próprios livros, nos quais se não acha memória de muitas cousas grandes e doutras, achadas e acrescentadas depois, não só nas outras ciências divinas, mas na inteligência das mes-

mas Escrituras Sagradas, e particularmente nas dos profetas, que nos tempos mais chegados a nós se descobriram, disputaram e entenderam como se lêem nos escritores modernos; e posto que para os 5 versados na lição de uns e outros bastava esta suposição sómente apontada, porei aqui para os demais as palavras de dois grandes doutores, Castro e Caní-
sio, ambos do século antecedente a este nosso, e ambos diligentíssimos investigadores da antiguidade 10 e doutíssimos na erudição da Escritura, Concílios e Padres, os quais expressamente afirmam que muitas cousas se sabem e entendem hoje que foram ignoradas dos Padres antigos, como fala Castro, ou incógnitas a eles, como mais certamente diz Ca-
15 nísio.

As palavras deste segundo, no livro primeiro *De Beata Virgine*, cap. VII, são as seguintes: *Demum habuerint Patres suorum temporum rationem, quibus multa vel prorsus incognita erant, vel obscura, neque satis evoluta, quae posteris diligentius excutienda, et clarius illustranda, explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur...* E Castro, no Liv. I *Adversus hæreses*, cap. II, depois de provar o mesmo com o lugar do cap. VI dos *Cantares*, que

17-22. Trad.: Finalmente, terão tido os Padres o quinhão dos seus tempos, aos quais muitas coisas ou eram de todo desconhecidas, ou obscuras e não suficientemente evoluídas. E assim eram legadas aos vindouros, não sem certo conselho divino, para mais diligentemente serem examinadas e claramente ilustradas e explicadas. In-*De Maria Deipara Virgine*, Lib. I, Cap. VII, p. 50, ed. 1583.

abaixo citaremos, conclui assim: *Quo sit, ut multa nunc sciamus, quæ a primis Patribus aut dubitata, aut prorsus ignorata fuerunt.* A qual diferença se não conheceu só com a comprida experiência dos 5 nossos tempos, senão já nos mesmos Padres se conhecia, como muitos deles escreveram, e particularmente entre os da primeira idade, Tertuliano, e entre os da última Ricardo Vitorino, cujas palavras de ambos referiremos neste mesmo capítulo.

10 A razão de muitas cousas que hoje se sabem serem incógnitas aos Padres antigos, se pode considerar, ou da parte de Deus, ou da parte das mesmas cousas. Da parte das mesmas cousas, nos não devemos admirar que lhes fossem incógnitas, por serem muitas delas difíltas, escuras e mui recônditas nas Escrituras Sagradas e enigmas dos profetas, as quais se não podiam entender e penetrar só com a agudeza dos entendimentos, por sublimes e sublimíssimos que fossem, em quanto não 15 estavam assistidos de outras notícias e circunstâncias, que só se descobrem com o tempo e adquirem 20 com larga experiência.

Excelente exemplo é nesta matéria o das ciências e artes, ainda naturais, as quais em seus princípios 25 e rudimentos foram imperfeitas, e com os anos, experiência e exercício se vêem hoje sublimadas a tão eminente perfeição, como a náutica, a bélica, a música, a arquitectura, a geografia, a hidrografia e todas as outras matemáticas, e muito em parti-

1-3. Trad.: *Pelo que acontece sabermos agora muitas coisas que pelos primeiros Padres ou foram postas em dúvida ou de todo ignoradas.* Op. cit. de Afonso de Castro, fól. 3 v., da ed. de 1565.

cular a cronologia, de que neste mesmo capítulo falaremos. E assim como estas mesmas ciências e artes cresceram e se apuraram muito com o socorro e aparelho de esquisitos instrumentos, que nelas se inventaram, como foi na náutica o astrolábio, a agulha e o admirável segredo da pedra de cevar; e na bélica o terribilíssimo e subtilíssimo invento da pólvora, que deu alma e ser a tantos e tão notáveis instrumentos de guerra, assim também puderam crescer e aumentar-se muito as ciências divinas e chegar à perfeição e eminência em que hoje se vêem com os instrumentos próprios delas, que é a multidão de livros espalhados e facilitados por todo o Mundo pelo benefício da impressão, com que a doutrina e ciência particular dos homens insignes se faz comum a todos em tão distantes lugares, não sendo menor a comodidade dos mestres, que são instrumentos vivos das ciências, no concurso de tantas e tão diversas universidades, teatros e ofícios públicos de toda a sabedoria; comodidade de que no tempo dos Padres se carecia, sendo necessário ao Doutor Máximo, São Jerónimo, como ele mesmo escreve, copiar com imenso trabalho os livros por sua própria mão e peregrinar à Grécia, à Palestina, ao Egipto e às Gálias para recolher os escritos de S. Hilário, ouvir a S. Gregório Nazianzeno, a Dídimos e aos mestres mais peritos na língua hebraica; inconvenientes que só podia vencer e contrastar um tão alentado espírito e zelo de servir à Igreja, como do grande Jerónimo, digno tanto de imortal louvor pela eminência de sua sabedoria,

6. *Pedra de cevar* é o mesmo que *pedra íman*.

como pelos gloriosos trabalhos e suores com que a adquiriu e conquistou.

Da parte dos mesmos Padres se deve igualmente considerar, que deixaram de especular e dizer muitas cousas de grande importância que depois se souberam e escreveram, porque se acomodaram à necessidade dos tempos em que viviam. Todo o intento dos Padres antigos era provar a verdade da encarnação do Filho de Deus e o mistério de sua cruz, a qual na cegueira dos Judeus (como diz S. Paulo) se reputava por escândalo e na ignorância dos Gentios por estultícia. E como esta era a guerra e a conquista daqueles tempos, todas as armas da Sagrada Escritura se forjavam e acostavam contra esta resistência, e por isso os primeiros Padres e seus sucessores nenhuma cousa buscavam nos Livros Sagrados, não só proféticos, senão ainda nos históricos, mais que os mistérios de Cristo. É bom testemunho desta verdade o que diz Ruperto a Tristérico, arcebispo coloniense, no prólogo dos seus *Commentários sobre os Profetas menores*: *Scito me, Pater mi, sicut in cæteris Scripturis, ita et in volumine duodecim Prophetarum operam dedisse, ad quaerendum Christum.* E como isto é o que só buscavam para escrever, isto é o que só achavam ou o que só escreviam, seguindo os sentidos alegóricos e místicos e deixando ou insistindo menos nos literais, como se vê ordinariamente em todas as

2. Vid. S. Jerónimo, *Epistola*, XXI e XL-6.

11. Vid. S. Paulo, I *Epistola aos Coríntios*, I, 23.

21-24. Trad.: *Sabei, meu Padre, que, tal como nas restantes Escrituras, assim no volume dureo dos Doze Profetas eu me consagrei a inquirir sobre Cristo.* Ruperto, in-Prólogo dos *Commentaria super Prophetas minores*.

exposições dos Padres, que todas se empregam na alegoria, tocando muitas vezes só leve e superficialmente a letra, e talvez não sem alguma impropriedade e violência.

5 Assim o notaram entre os mesmos Padres alguns mais modernos que antigos e outros menos antigos que antiquíssimos: dos primeiros, é Ricardo de São Vítor, contemporâneo de S. Bernardo, no *Prólogo* sobre o Profeta Ezequiel, onde confessa que se 10 aparta de São Gregório, por se não chegar ao sentido literal do texto; dos segundos, é o mesmo São Gregório, Padre do sexto século depois de Cristo, no *Proémio* sobre o *Livro dos Reis*, onde diz que lhe foi necessário em algumas partes não seguir os Padres mais antigos, por não faltar ao fio, consequência e verdadeira interpretação da história.

As palavras de São Gregório não refiro aqui, porque terão seu lugar mais abaixo; as de Ricardo, depois de referir como os antigos Padres ocupavam 20 seu estudo principal na alegoria, são estas: *Hinc contigisse arbitror, ut litteræ expositionem in obscurioribus quibusdam locis antiqui Patres tacite preterirent, vel paulo negligentius tracterent; qui si plenius insisterent, multo perfectius procul dubio, 25 quam aliqui ex modernis, id potuissent.* Quer dizer que os Padres antigos, por aplicarem toda a sua indústria e engenho no sentido alegórico das Escrituras, ou passaram totalmente em silêncio, ou trataram menos diligentemente alguns lugares mais escuros delas, sendo certo, segundo eram dotados de altíssimos engenhos e enriquecidos de muita ciência

25. Vid. Ricardo de S. Victor, *Opera Omnia, in-Prologues in Visionem Ezechielis.*

e erudição, que, se insistissem no sentido genuíno e literal do texto, o poderiam conseguir mais perfeitamente que qualquer dos modernos.

De maneira que, segundo a verdade desta adver-
5 tência, vem a ser a diferença entre os Padres anti-
gos e os comentadores modernos das Escrituras, a
mesma que houve naqueles dois homens do Evan-
gelho, ambos ricos e venturosos: um que achou o
10 tesouro e deu quanto tinha por comprar o campo
em que ele estava; outro que, buscando só margaritas e achando uma preciosíssima, empregou tam-
bém nela quanto tinha. Os Padres antigos, que bus-
cavam só nas Escrituras a Cristo e nesta preciosís-
15 ma margarita empregavam todo o cabedal do seu
estudo; os modernos, que se não determinam no te-
souro das Escrituras a um só género de riquezas,
acham, além da mesma margarita, muitas outras pe-
dras também preciosas, e tiram daquele tesouro
20 (como dizia Cristo) *nova et vetera*, riquezas novas e
velhas: as velhas, que são as notícias das verdades
já passadas; as novas, que são o conhecimento das
outras futuras.

Finalmente se deve considerar este silêncio das
25 cousas que não disseram os Padres, da parte de
Deus, o qual com particular providência não quis
que eles por então as soubessem e escrevessem, para
que a Igreja, nossa mãe, se parecesse com seu
Esposo, e, conforme os anos e idade, fosse também
30 crescendo em luz e sabedoria. Assim o notou, além
de muitos outros teólogos, o mesmo Canísio, con-

12. Vid. S. Mateus, XIII, 44 e 46.

tinuando o lugar acima citado: *Quæ posteris diligentius excutienda et clarius illustranda explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur, non vero homini tantum, sed etiam Ecclesiæ Christi 5 tempus auget sapientiam, et Spiritus Sanctus alias, atque alias doctrinæ lucem patefacit.*

No cap. VI dos *Cantares*, onde o Esposo é Cristo e a Esposa a Igreja, estão profetizados os progressos que ela havia de ter, e se compararam com extremada 10 propriedade à luz da aurora: *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora consurgens?* Porque assim como a aurora nasce das trevas da noite e começa na primeira luz, e nela vai sempre crescendo de menor para maior claridade, assim a Igreja, nascida 15 nas trevas da ignorância e infidelidade, começou em menos luz de sabedoria e vai sempre crescendo e aumentando-se mais e mais de resplendor em resplendor, de claridade em claridade, que são os termos de que usa S. Paulo na *Segunda epistola aos 20 Coríntios*: *Nos vero omnes, revelata facie, gloriā Domini speculantes, in eamdem imaginem transformamur a claritate in claritatem.* Fala o Apóstolo do véu da infidelidade com que os Judeus têm cobertos os olhos para não ver a Cristo, e diz que 25 nós, os Cristãos, que somos os membros de que se

I. Vid. pág. 180.

10-11. Trad.: *Quem é esta que vai caminhando e se ergue como a aurora?*

20-22. Trad.: *Todos nós, pois, observando, sem venda na cara, a glória do Senhor, somos, de claridade em claridade, transformados na mesma imagem.* II *Epistola aos Coríntios*, III, 18.

compõe a Igreja, tirado pela Fé aquele véu, com os olhos abertos e desempedidos por meio da própria especulação e estudo, imos crescendo de claridade em claridade, não já passando das trevas à luz, se 5 não de uma luz para outra, sempre maior e mais clara, transformando-se por este modo a Igreja na imagem do seu mesmo Esposo, Cristo. Porque, assim como Cristo, posto que sua sabedoria foi sempre igual e a mesma (em quanto Deus infinita e em 10 quanto homem consumadíssima), contudo, nos actos exteriores e manifestação dela ao Mundo, a não mostrou toda junta, senão que a foi dispensando por partes, crescendo sempre nela ao passo que ia crescendo nos anos, como diz o evangelista São 15 Lucas: *Proficiebat sapientia et aetate*; assim a Igreja, que é o corpo místico do mesmo Cristo, transformando-se na sua imagem e retratando-se nele e por ele, vai sempre crescendo mais e mais na luz e na sabedoria, à medida que cresce nos anos e 20 na idade: *Crescat igitur oportet, et multum vehe- menterque proficiat, tam singulorum quam om- nium, tam unius hominis quam totius Ecclesiae, aet- atum ac saeculorum gradibus intelligentia, scientia, sapientia* — disse doutamente Vincêncio Lirinense. 25 De sorte que vai crescendo a inteligência, a ciência e a sabedoria pelos mesmos graus do tempo com

15. Trad.: *Crescia em sabedoria e idade.* S. Lucas, II, 52.

20-24. Trad.: *Importa, pois, que cresça, e muito, e com toda a força se adiantem a inteligência, a ciência e o saber, de cada um como de todos, de cada homem como de toda a Igreja, no decorrer das idades e séculos.* Op. cit., XXIII.

que vão passando os anos, os séculos e a idade; e isto não só na Igreja universal e em comum, senão nos homens e doutores particulares, que são os membros de que o seu corpo e os raios de que a sua 5 luz se compõe. Donde se deve reparar e advertir (cousa que devera já estar mui notada e advertida) que os Doutores antigos e mais velhos, própria e rigorosamente falando, não são os passados, senão os presentes; nem aqueles que vulgarmente são chamados os antigos, senão os que hoje e nos tempos 10 mais chegados a nós se chamam modernos. Porque, assim como nos anos de Cristo houve infância, puerícia e adolescência, e depois idade perfeita, assim nos anos e duração da Igreja há a mesma distinção 15 e sucessão de idades, com que o corpo místico dela vai crescendo e aumentando-se sempre mais, até chegar a encher a perfeição ou medida da mesma idade de Cristo, como expressamente disse São Paulo, falando dos mesmos Doutores: ...*alios autem* 20 *pastores et doctores, ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in ædificationem corporis Christi: donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionis Filii Dei, in virum perfectum, in mensuram ætatis plenitudinis Christi.* Donde se segue que os 25 Doutores da infância, da puerícia e da adolescência

19-24. Trad.: ...*a outros, porém, pastores e doutores, para a consumação dos santos em ordem à obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da Fé e conhecimento do Filho de Deus, a estado de varão perfeito, segundo a medida da idade completa de Cristo.* Epístola aos Efésios, IV, 11-13.

da Igreja foram os modernos e da ciência moderna; e os Doutores da idade maior e mais provecta da Igreja são os mais velhos e mais antigos, e da ciência mais antiga, porque a Igreja não se compõe das 5 paredes mortas, senão dos membros vivos; nem foi crescendo dos nossos anos para os primeiros, senão dos primeiros para os nossos. E seria não só contra a ordem da natureza, senão contra a decência da mesma idade, que não fosse mais sábia a Igreja 10 nos maiores anos, do que tinha sido nos menores.

Dizem contra isto os hereges (como notou Bañes) que a Igreja não está hoje mais alumada, senão cada vez menos; e do mesmo Sol tiram o argumento desta sua cegueira. Dizem que Cristo é 15 o Sol da Igreja e aquela primeira verdadeira luz: *...quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*, e que, quanto mais se vão apartando os nossos tempos do tempo em que Cristo viveu entre os homens, tanto os raios da sua luz são mais 20 ténues, mais escassos e menos intensos; bem assim como a luz do Sol material, e qualquer outra, alumia e aquenta mais aos que lhe ficam mais vizinhos e menos aos que estão mais remotos e mais distantes.

Mas a aparência desta razão é tão falsa como 25 todas as de seus autores; porque, ainda que Cristo corporalmente se apartou dos homens, espiritualmente e por particular e invisível assistência, sempre ficou com eles e os assistirá (dentro porém da

II. Vid. Fr. Domingos Bañes — *De Fide, Spe et Charitate, Questio I, Art. VII.*

16-17. Trad.: *...que ilumina todo o homem que vem a este mundo.* S. João, I, 9.

sua Igreja) até o fim do Mundo, como prometeu a todos os verdadeiros discípulos de sua doutrina, quando lhes disse: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.*

5 Também deixou em seu lugar, por segundo mestre de sua escola, ao Espírito Santo, igualmente Deus como ele, o qual, com a mesma e não diferente luz, não só alumia a Igreja com os mesmos resplendores da verdade, mas, segundo a disposição de sua
 10 providência, os vai descobrindo maiores a seu tempo, ensinando e declarando aquelas ocultas e altíssimas verdades, que por menos capacidade dos discípulos deixou Cristo de lhas dizer, quando por si mesmo os ensinava; dizendo-lhes porém, (para que
 15 o Judeu não duvide da assistência do Espírito Santo à Igreja e cabeça dela), que o Espírito lhas ensinaria: *Adhuc multa habeo vobis dicere: sed non potestis portare modo. Cum autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem.*

20 E porque a perfídia herética se nos não queira acolher por pés, (como imprudentemente fazem ainda em lugares igualmente claros de outras Escrituras) fugindo para os tempos antigos, em que eles confessam que a Igreja esteve verdadeiramente

3-4. Trad.: *Eis que sou convosco até à consumação dos séculos.* S. Mateus, XXVIII, 20.

17-19. Trad.: *Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas não podeis, por enquanto, suportá-las. Quando, porém, vier aquele Espírito de verdade, ele vos ensinará todas as verdades.* S. João, XVI, 12 e 13.

alumiada, ouçam ao antiquíssimo Tertuliano: *Regula quidem fidei una omnino est, sola immobilis et irreformabilis [...] Hac lege fidei manente, cætera jam disciplinæ et conversationis admittunt novitatem correctionis, operante scilicet et proficiente usque in finem gratia Dei. Quale est enim ut diabolo semper operante et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, opus Dei aut cessaverit, aut proficere destiterit, cum propterea Paracletum miserit Dominus,*

5 *ut quoniam humana mediocritas omnia semel capere non poterat, paulatim dirigeretur, et ordinaretur, et ad perfectum produceretur disciplina, ab illo Vicario Domini Spiritu Sancto [...] Quæ est ergo Paracleti administratio nisi hæc, quod disciplina dirigitur, quod Scripturæ revelantur, quod intellectus reformatur, quod ad meliora proficitur?*

1-16. Trad.: Com efeito, é apenas uma a regra da Fé, imóvel e irreformável. Mantida esta lei da Fé, já as restantes disciplinas e discursos admitem a novidade da correção, uma vez que não falte até o fim a assistência da graça de Deus. E por isso mesmo, quando pela incessante acção com que o Diabo acrescenta todos os dias as astúcias da iniquidade, a obra de Deus ou tenha cessado ou desistido de prosseguir, mandou o Senhor o Paraclet, para que a pobre humanidade, incapaz de tudo apreender de uma vez, a pouco e pouco fosse digerindo e ordenando, e uma disciplina no sentido da perfeição fosse produzida por aquele Espírito Santo, vigário do Senhor. Qual é, portanto, a função do Paraclet, senão que a disciplina seja dirigida, as Escrituras reveladas, o intelecto reformado e tudo enfim se melhore? Tertuliano, *De Velandis Virginibus, in princípio.*

Não me detenho em romancear as palavras, porque são em suma tudo o que até agora temos dito; só peço se pondere aquela nova e bem achada razão de Tertuliano: *Quale est enim ut diabolo semper operante, et adjiciente quotidie ad iniquitatis inge-
nia, etc.*

Se o Demónio sempre obra e não desiste de acrescentar cada dia novos erros e novos enganos com que impugnar, e novas trevas com que diminuir e escurecer a luz da verdade e resplendor da Igreja, como havia o Espírito Santo de cessar em acrescentar sempre nela novas luzes contra essas trevas, novas verdades contra esses erros, nova claridade contra esses enganos e novas vitórias contra esse inimigo e seus sequazes? Em sua mesma cegueira tem o herege a prova da maior luz da Igreja; por isso disse São Paulo: *Oportet hereses esse, e esse é o bem que tira de tão grande mal aquela sapien-
tíssima Providência, que, como doutamente disse
Santo Agostinho, teve por maior glória de sua grandeza fazer dos males bens, que não permitir os males.*

Assim que os que quiserem reconhecer os aumentos da sabedoria, em que sempre mais vai crescendo a Igreja com os anos, não devem tomar a semelhança do Sol e da luz, senão a da fonte e do rio, a que o mesmo Cristo comparou sua doutrina,

1. Romancear as palavras significa traduzi-las em romance ou vernáculo.

17. Trad.: Importa que haja hereges. S. Paulo, Epis-
tola aos Coríntios, XI, 19.

quando disse: *Si quis sitit, veniat ad me et bibat. Qui credit in me, sicut dicit Scriptura, flumina de ventre ejus fluent aquæ vivæ. Hoc autem dixit de spiritu, quem accepturi erant credentes in eum.*

5 A luz que sai do Sol, quanto mais distante, mais se vai enfraquecendo e diminuindo; mas o rio que nasce da fonte, quanto mais caminha e mais se aparta de seu princípio, tanto mais se engrossa, porque vai recebendo novas correntes e novas águas,
10 com que se faz mais largo, mais profundo, mais caudaloso.

Tal é a sabedoria da Igreja, entrando sempre nela as puríssimas correntes da doutrina de tantos Doutrinadores católicos e sapientíssimos, que cada dia a aumentam com novos e tão excelentes escritos em uma e outra teologia, de que o nosso século tem sido mais fecundo e abundante que todos até hoje.

A sabedoria da Igreja no alumiar é luz e no correr é rio; rio daquela mesma fonte e luz daquele mesmo Sol que é Cristo, conservando juntamente as luzes e claridades das águas, e as águas os resplendores das luzes naquela milagrosa metamorfose que se conta no cap. X de *Ester*: *Parvus fons, qui crevit in fluvium, et in lucem solemque conversus est, et in aquas plurimas redundavit.* Cristo, sol

1-4. Trad.: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba. O que crê em mim, como diz a Escritura, de seu ventre brotarão rios de águas-vivas. Isto, porém, disse Ele do espírito que haviam de ter os que nele acreditassem.* S. João VII, 37-32.

23-25. Trad.: *Pequena fonte que cresceu em rio e em luz e se converteu em sol e redundou em plúrimas águas.* Ester, X, 6.

com propriedade de fonte, a Igreja luz com propriedade de rio, e por isso sempre mais alumada, sempre mais vestida de resplendores.

E como, por esta providência particular de Deus, 5 e pela dificuldade e escuridade de muitos lugares da Escritura, e pela aplicação dos Padres, a confirmação de outras verdades e a resistência de outras batalhas próprias daqueles tempos, deixaram de escrever algumas cousas com que a Igreja depois se foi 10 alumando e ilustrando, não é muito que nestas que eles não disseram, falemos e hajamos de falar sem eles. Nem isto se nos deve imputar a menos veneração dos mesmos Padres doutíssimos e santíssimos; porque não querer descobrir nem saber o que eles 15 não disseram, antes é vício da ociosidade que virtude da reverência, como bem conclui o mesmo Ricardo Vitorino acima alegado: *Sed nec illud tacite prætereo, quod quidam quasi ob reverentiam Patrum nollunt ab illis omissa attentare, nec videantur 20 aliquid ultra maiores præsumere. Sed inertiae suæ hujusmodi velamen habentes, otio torpēt, et aliorum industriam in veritatis investigatione et inventione derident, subsanant et exsufflant, sed qui habitat in cælis, irridebit eos et Dominus subsanabit eos.*

17-25. Trad.: *Mas não quero deixar de notar que não querem alguns por sentimento de reverência para com os Padres, atentar nas coisas que eles omitiram, para que não pareça tentarem ultrapassar os maiores; mas os que com este disfarce cobrem a sua inércia, entorpecem no ócio e riem do empenho dos outros na investigação e descoberta da verdade, motejam e maldizem; mas Aquele que habita nos Céus há-de rir deles... — Vid. o mesmo Ricardo de S. Victor, ibid., ibid.*

Leiam e temam esta sentença os que culpam os que não querem ser culpados nela, e advirtam que também é um dos Padres o que isto disse.

SEGUNDA RAZÃO

Discorre-se sobre as cousas que no tempo dos Padres houve para alguns lugares dos Profetas não poderem ser entendidos inteiramente.

Em segundo lugar, dizíamos que os Padres não acertaram em tudo; e posto que pudéramos provar a verdade deste fundamento com a demonstração das cousas em que não acertaram, lembrados porém da reverência que os filhos devem aos pais e da bênção que mereceram aqueles dois honrados filhos, Sem e Jafet, quando voltaram as costas e apartaram os olhos do que em seu pai, Noé, podia ser menos decente, nós também lançaremos a capa sobre esta matéria, deixando tão indigno assunto a Lutero, Calvino, Bèze e Wiclef, e outros legítimos herdeiros do ímpio e irreverente Cam.

Não negamos, contudo, que houve muitos autores católicos e pios, em cujos livros se podem ver por junto estes exemplos, os quais eles escreveram não por menos reverência que tivessem aos antigos Padres, por sua sabedoria e santidade, e igualmente merecedores da eterna veneração, mas por zelo da verdade, necessidade de doutrina e cautela dos mesmos doutos que lessem as suas obras; bem assim

11. Vid. *Génesis*, IX, 23.

14. Teodoro de Bèze (†1605), como João Wiclef (†1384) são, como Lutero e Calvino, reformadores do Cristianismo.

como os que pintam cartas de marear sinalam no vastíssimo e profundíssimo Oceano os baixos (poucos e raríssimos, se se compararem com a imensidão de suas águas) para maior vigilância e segurança dos que as navegam.

Escreveram neste género doutíssimamente Sixto Senense em todo o V e VI livro de sua *Biblioteca Santa*; Ferdinando Vellocillo, bispo de Luca, nas *Advertências Teológicas* sobre cinco Padres da Igreja; Afonso de Castro, *Adversus hæreses*; António Possevino, no *Aparato Sacro*; o Cardeal César Barónio, em muitos lugares de seus *Anais*; Melchior Cano, *De Locis Theologicis*, e outros. Este último no Liv. VII cap. III, diz assim: *Auctores canonici, ut superni, cælestes, divini, stabilem perpetuamque constantiam servant; reliqui vero scriptores sancti, inferiores et humani sunt, deficiuntque interdum, ac monstrum quandoque pariunt propter convenientem ordinem, institutumque naturæ.*

Mas entre estes exemplos naturais da fragilidade humana, podemos ler em prova deles outros dos mesmos Padres, em que, confessando com alta humildade e modéstia que podiam errar como os homens, nos ensinam no conhecimento que tinham de si e nós devemos ter de nós, quão verdadeiramente eram santos, e por isso mesmo sapientíssimos. Porei aqui as palavras de dois maiores Doutores,

14-19. Trad.: *Os autores canónicos, tais como as entidades celestes e divinas conservam uma constância estável e perpétua; os restantes escritores sagrados, porém, são inferiores e humanos, com frequência se enganam e algumas vezes dão à luz um monstro, por causa da sua mesma condição e constituição natural.* Vid. n.º 7 do cap. indicado.

um de teologia escolástica e outro da positiva — Santo Agostinho e S. Jerónimo — Santo Agostinho, na epístola III, escrevendo a Fortunaciano desta maneira: *Neque enim quorumlibet disputationes quam vis catholicorum et laudatorum hominum, velut scripturas canonicas laudare debemus, ut nobis non liceat (salva honorificentia, quæ illis debetur) aliquid in eorum scriptis improbare, atque respuere (si forte invenerimus, quod aliter senserint quam veritas habet, divino adjutorio vel ab aliis intellecta, vel a nobis); talis ego sum in scriptis aliorum, tales volo esse intellectores meorum: «As ciências e regulações dos autores, posto que sejam católicos, mui louvados e estimados por sua ciência e doutrina, não as devemos ler como escrituras canónicas, de tal sorte que nos não seja lícito (salva a reverência de suas pessoas), reprovar e não seguir algumas cousas das que disseram, quando acharmos por outra via a verdade, ou melhor entendida por outros, ou também por nós. Este é o modo (diz Santo Agostinho) com que eu leio os escritos dos outros e com que quero que sejam lidos os meus.»*

O mesmo sentia S. Jerónimo, assim dos escritos alheios como dos próprios, cujas palavras na

4-12. Trad.: *Nem na verdade devemos louvar como escrituras canónicas as disputationes de quaisquer autores posto que católicos e muito louvados, de tal modo que não nos seja lícito (salva a veneração que lhes é devida) reprovar e repelir seja o que for em seus escritos, se acaso reconhecermos que tenham sentido diferentemente da verdade, com divino auxílio entendida ou de outrem ou de nós mesmos); tal como eu procedo com os escritos alheios, assim quero que façam os leitores dos meus. Santo Agostinho, Commonitorium, seu Epistola CXLVIII.*

Epistola a Teófilo, contra os erros de S. João Hierosolimitano são estas: *Scio me aliter habere Apostolos, aliter reliquos tractores: illos semper vera dicere: istos in quibusdam ut homines aberrare*.

5 «Só os Apóstolos, como alumados por Deus, disseram a verdade em tudo; os outros homens, como homens erram e podem errar» — diz o Doutor Máximo.

E se o fundamento dos erros humanos é o efeito natural de serem os homens homens, bem se segue que nenhum homem se pode livrar desta pensão da humanidade, por douto e sapientíssimo que seja. Exemplo seja o prodigioso livro *Das Retractações*, de Santo Agostinho, mais digno de veneração por 15 aquela obra que por todas as outras suas; o qual, prosseguindo a mesma sentença de Santo Agostinho no liv. II *De Baptismo*, contra os Donatistas, cap. V, diz assim com admirável piedade e juízo: *Homines enim sumus, unde aliquid aliter sapere, quam se res 20 habet, humana tentatio est: nimis autem amando sententiam suam, vel invidendo melioribus, usque ad prescidendæ communionis et condendi schismatis vel hæresis sacrilegium pervenire, diabolica præsumptio est. In nullo autem aliter sapere, quam res 25 se habet, angelica perfectio est.*

2-4. Trad.: Reconheço que não considero os apóstolos como considero os tradutores. Os primeiros dizem sempre a verdade; estes em algumas coisas erram, como homens que são. S. Jerónimo, *Epistola LXII*.

18-25. Trad.: Somos homens, na verdade, de onde a humana tentação de sentir a coisa diferentemente do que ela própria é; mas amar excessivamente a própria opinião, ou opor-se aos melhores até chegar ao sacrilégio de pres-

De maneira que, seguindo Santo Agostinho, «errar em alguma cousa é fraqueza de homens; acertar em tudo, é perfeição de anjo, e querer defender seu parecer até romper a caridade e união da Igreja, 5 é presunção de demónios»; e como os Santos Padres fossem obedientíssimos filhos da Igreja Católica, a cujo supremo juízo sujeitaram sempre todos os seus escritos, se em alguma cousa desacertaram, como dissemos ou supomos, é argumento só de que foram 10 homens, e não eram anjos.

Mas para que se veja a ocasião ou ocasiões que tiveram para não acertar com a verdadeira inteligência de algumas escrituras, principalmente as dos Profetas, que é o fim para que isto supomos, direi 15 agora o que da ponderação das mesmas escrituras proféticas e das exposições dos Padres sobre elas, e das opiniões, que eram comuns e recebidas entre os doutos, quando eles escreveram, tenho colhido. E ponho aqui (tanto de melhor vontade) esta minha 20 advertência, em que não acabei de cair de todo, senão depois de muitos anos de estudo e lição dos mesmos Padres, quanto dela se pode colher facilmente; e sem menos louvor de sua grandeza e sabedoria, quão impossível cousa lhes era acertarem na- 25 quele tempo, em aquelas suposições, com o verdadeiro entendimento de alguns lugares dos Profetas, que eles interpretaram em alheio e diferente sentido.

cindir da comunhão e de originar o cisma ou a heresia, é presunção diabólica; em nenhuma coisa, porém, ter outro saber do que o que ela mesma encerra, é perfeição angélica.» Op. cit., mas não de S. Jerónimo, como dizem as ed. anteriores, senão de Santo Agostinho.

A primeira ocasião que os Padres tiveram para não poderem entender em seu tempo o sentido literal e histórico daqueles textos proféticos, era a falta que então havia no Mundo da verdadeira e exacta 5 cosmografia, e a errada opinião, ou de que o globo da Terra não era perfeitamente esférico, ou de que as partes opostas às que naquele tempo se conheciam, eram não só desertas, senão ainda inabitáveis. Este sentimento, que foi de muitos filósofos antigos, 10 se tinha entre os Padres por verdade muito certa e averiguada, negando geralmente a opinião, ou fama, de haver os que então já se chamavam antípodas. Posto que os princípios por que os Padres os negavam, não eram entre todos as mesmas razões filo- 15 sóficas, em que alguns se afundavam, que então (antes da experiência) tinham nome de razões, e hoje depois delas nos parecem ridículas.

Descreve Lactâncio Firmiano, que era um dos Padres, e muito douto daquele tempo, e zombando 20 elegantíssimamente dos que tinham a opinião contrária, discorre assim: *Quid illi, qui esse contrarios vestigiis nostris antipodas putant? Num aliquid loquuntur? Aut est quisquam tam ineptus, qui credat esse homines quorum vestigia sint superiora quam capita? Aut ibi quae apud nos jacent inversa pendere? Fruges et arbores deorsum versas crescere? Pluvias et nives, et grandinem sursum versus cadere in terram? Et miratur aliquis in hortos pensiles, inter septem mira narrari, cum philosophi, et agros, 25 et maria, et urbes, et montes pensiles faciant? Hujus quoque erroris aperienda nobis origo est [...] Quae igitur illos ad antipodas ratio perduxit? Videbant siderum cursus in occasum meantium. Solem atque Lunam in eamdem partem semper occidere, atque*

oriri semper ab eadem. Cum autem non prospicerent quæ machinatio cursus eorum temperaret, nec quomodo ab occasu ad Orientem remearent, cœlum autem ipsum in omnes partes putarent esse deve-
 5 xum; quod sic videri propter immensam latitudinem necesse est; existimaverunt rotundum esse Mundum sicut pilam: et ex motu siderum opinati sunt cœlum volvi. Sic astra, Solemque, cum occiderint, volubilitate ipsa Mundi ad ortum referri; itaque et
 10 æreos orbes fabricati sunt quasi ad figuram Mundi, eosque cœlarunt portentosis quibusdam simulacris, quæ astra esse dicerent. Hanc igitur Cœli rotunditatem illud sequebatur; ut Terra in medio sinu ejus esset inclusa; quod si ita esset, etiam ipsam terram
 15 globo similem; neque enim fieri posset ut non esset rotundum, quod rotundo conclusum teneretur. Si autem rotunda etiam Terra esset, necesse esse, ut in omnes Cœli partes eamdem faciem gerat, id est, montes erigat, campos tendat, maria consternat.
 20 Quod si esset, etiam sequebatur illud extreum, ut nulla sit pars Terræ, quæ non ab hominibus, cœterisque animalibus incolatur: sic pendulos istos antipodas Cœli rotunditas adinvenit. Quod si quæras ab is, qui hæc portenta defendunt, quomodo ergo
 25 non cadunt omnia in inferiorem illam cœli partem, hanc respondent rerum esse naturam, ut pondera in medium ferantur, et ad medium connexa sint omnia sicut radios videmus in rota; quæ autem levia sunt, ut nebula, fumus, ignis, a medio defen-
 30 rantur ut cœlum petant. Quid dicam de iis? Nescio; qui cum semel aberraverint, constanter in stultitia perseverant, et vana vanis defendunt, nisi quod eos interdum puto, aut joci causa philosophari, aut prudentes et scios mendacia defendenda suscipere,

quasi ut ingenia sua in malis rebus exerceant vel ostentent.

Até aqui Lactâncio, não se rindo menos dos que naquele tempo tinham esta opinião, do que nós hoje 5 nos podemos rir dele. Por isso não duvidei de copiar esta página de latim, que para os que bem o entendem sei de certo não será larga, por sua matéria e elegância; e muito menos para os que o não entendem, porque o passarão mais brevemente. O mesmo 10 peço eu que façam os que não têm necessidade de ver a tradução dela, que agora se segue, para que não fiquem com o sentimento de quão mal se pode transladar à nossa língua a elegância da latina:

«Que direi daqueles — diz Lactâncio — os quais 15 tiveram para si que há no Mundo outros homens que andam com os pés virados para nós, a que chamam *antípodas*? Porventura dizem estes alguma cousa que tenha fundamento, ou pode haver homem de tão pouco juízo que se lhe meta na cabeça que há 20 homens que andem com a cabeça para baixo, e que todas as cousas que aqui estão em pé, e direitas, lá estejam dependuradas? Que as árvores cresçam para a parte inferior? Que a chuva caia para cima? E que os que hão-de colher os frutos, hajam de descer aos 25 ramos, e não subir? E espantamo-nos que os hortos pênsiles se contêm entre as Sete Maravilhas do Mundo, quando há filósofos que fazem campos pênsiles, mares pênsiles e cidades pênsiles, em que as torres e os telhados estão pendurados para baixo! 30 Mas será bem que digamos a origem donde teve princípio este erro e que razão moveu ou levou estes

2. Vid. Lactâncio, *De falsa sapientia*, Liv. III, cap. XXIV.

homens a uma cousa tão irracional, como haver antípodas. Viam que o Sol, a Lua e estrelas, saíam sempre do Oriente e entravam pelo Ocaso; viam, ou cuidavam que viam, que este céu que nos cobre, 5 tem figura de uma abóbada (sendo que esta representação não a faz a figura do céu, senão o termo e fraqueza de nossa vista); e não entendendo o modo por que esta máquina se governa, vieram a imaginar que o Mundo era redondo como uma bola, 10 e assim fingiam que havia no céu vários orbes de matéria sólida como bronze, em que estavam esculpidas essas imagens e corpos portentosos, a que chamamos estrelas e planetas. Desta redondeza ou rotundidade do céu inferiam e assentavam que tam- 15 bém a Terra era redonda; e, acomodando-se naturalmente a figura do corpo exterior e maior, dentro do qual estava metida, e torneada desta maneira, e feita redonda a Terra, tiravam por segunda consequência que também havia de estar povoada de 20 homens e de animais, em todas as partes, como está nesta em que vivemos; assim que a imaginada rotundidade do céu foi a inventora destes antípodas pendurados. E se perguntarmos aos defensores deste portento como pode ser que os homens que 25 fingem com os pés para cima, se lhes não despeguem da terra, e como não caem por esses ares abaixo, respondem que é o peso natural da Terra, que de todas as partes inclina para o centro, assim como os raios de uma roda todos vão parar ao eixo; 30 e que, assim como do mesmo eixo saem os raios para a roda, assim as cousas pesadas vão buscar o meio; as cousas leves, como o fogo, os fumos, as névoas, sobem direitas para as diversas partes do Céu, de que a Terra está cercada.

O que se haja de dizer de tais homens e de tais entendimentos, não o sei; só digo que, depois de terem caído no primeiro erro, perseveram constantemente na sua ignorância, defendendo umas cousas
 5 vãs com outras tão vãs como elas; sendo que algumas vezes cuido que não dizem nem escrevem isto de siso, senão por jogo e zombaria, e que sabendo muito bem que tudo o que dizem são fábulas e mentiras, as defendem contudo para ostentar habilidade
 10 e engenho, empregando tão bons entendimentos em tão más cousas.»

Este é o discurso de Lactâncio, e foi bem que o deixasse tão miudamente escrito, para que soubéssemos o que naquele tempo se sabia do Mundo
 15 e para que saiba o mesmo Mundo quanto deve aos Portugueses, primeiros descobridores de seus antípodas.

Santo Agostinho também teve a mesma opinião de Lactâncio, posto que lhe não contentaram os
 20 seus fundamentos, os quais impugna no livro das suas *Categorias*; mas no liv. XVI *De Civitate Dei*, resolve que se não deve crer que há antípodas, com palavras de tanta segurança como as seguintes: *Quod vero et antipodas esse fabulantur, id est, homines a contraria parte Terræ, ubi Sol oritur quando occidit nobis, adversa pedibus nostris calcare vestigia, nulla ratione credendum est. Neque hoc ulla historia cognitione didicisse se affirmant; sed quasi ratiocinando conjectant*: «E quanto à fábula dos
 25 que fingem que há antípodas — diz Santo Agostinho —, isto é, homens da outra parte do Mundo, onde o Sol lhes nasce a eles, quando se põe a nós, e que pisam a terra com os pés voltados para os nossos, como nós para os seus, é cousa que de ne-

nhum modo se há-de crer, nem seus autores o provam com alguma história que tal afirme, e só o conjecturam por discursos.»

Não dissera isto o sapientíssimo Doutor, se já naquele tempo estiveram escritas as histórias dos Portugueses; mas este é o maior louvor da nossa Nação (como disse um orador dela), que chegaram os Portugueses com a espada onde Santo Agostinho não chegou com o entendimento.

10 A razão de Santo Agostinho com que negou os antípodas, ainda encarece mais este louvor nosso, porque o argumento em que se funda é este: Todos os homens que se propagaram e estenderam pelo Mundo, são descendentes de Adão, como consta da Escritura; logo, segue-se que não há nem pode haver antípodas, porque, se os houvera, haviam de ter passado à outra parte do Mundo, por cima da imensidão do mar Oceano; e é grande absurdo dizer que os homens pudessem fazer tal navegação.

20 Esta é a razão de Santo Agostinho e este o famoso elogio que, sem saber de quem falava, disse o famoso e ilustríssimo africano dos Portugueses conquistadores depois de sua pátria: *Nimisque absurdum est* (são palavras suas no mesmo lugar) *ut dicatur aliquos homines ex hac in illam partem Oceani immensitate trajecta, navigare ac pervenire potuisse, ut etiam illic ex uno illo primo homine genus institueretur humanum.*

23. Trad.: *É por demais absurdo dizer que alguns homens tenham podido navegar desta para aquela parte do Mundo, e lá chegar, atravessando a imensidão do Oceano, para que daquele primeiro e único homem fosse gerado o género humano.* Santo Agostinho. O grande santo era bispo de Hipona, na Argélia (N. de África). De aí a

Esta mesma opinião foi comum entre os outros Padres da Igreja, e assim a lemos expressa, ainda antes de Lactâncio, em S. Justino, e antes de Santo Agostinho, em Santo Hilário, em S. João Crisóstomo, S. Basílio e Santo Ambrósio, e muitos anos e séculos depois em Procópio, Teofilato, Eutímio e outros, uns fundando-se nas razões já referidas e todos naquela tão celebrada dos filósofos, historiadores e poetas, que não só faziam inabitável a zona tórrida, mas supunham tão grande incêndio nela, pela vizinhança do Sol, que de nenhum modo se podia passar: *Media vero terrarum —* diz Plínio — *qua Solis orbita est, exusta flammis et cremata, cominus vapore torretur. Circa duæ tantum inter exustam et rigentes, temperantur: eæque ipsæ inter se non perviæ propter incendium sideris.*

Este incêndio da zona tórrida ainda em tempos tão chegados aos nossos, era um dos mais forçosos argumentos, com que os reprovadores da empresa do Infante Dom Henrique a impugnavam, e tinham por impossível aquele descobrimento, como referem as nossas histórias. A estas razões propriamente filosóficas e a este discurso, acrescentavam os Padres outras teológicas e alguns textos da Escritura Sagrada, que antes da experiência parecia afirmarem ou definirem claramente que debaixo da terra não

referência das linhas 22-23. Vid. op. cit. Lib. XVI, cap. IX.

12-16. Trad.: *A parte média da Terra, como é a órbita do Sol, queimada e abrasada de chamas, é toda um incêndio em baforadas. Ao longo dela, entre a parte abrasada e as regeladas, duas outras existem, temperadas, e estas também entre si não têm comunicação, por causa daquele incêndio.* Plínio, *Historia Naturalis*, Lib. II, cap. LXVIII.

havia outra cousa mais que a água. Assim o argumentava Procópio sobre o primeiro capítulo do Génesis, dizendo: *Quod autem universa Terra in aquis subsistat, nec ulla sit pars ejus, quæ infra nos sita sit, aquis vacua et denudata hominibus, notum reor, nam sic docet Scriptura: «Quid expandit terram super aquis»; et iterum: «quia ipse super maria fundavit eum.»* O primeiro lugar é do Salmo CXXXV e o segundo do Salmo XXIII. E verdadeiramente que as palavras de um e outro são tão claras, que se a vista dos olhos não tivera ensinado o contrário, parece se deviam entender assim; e que Deus, que tudo pode, para mostrar sua omnipotência tinha fundado a terra sobre a água.

15 Assim o cuidou Tales Milézio, um dos sete sábios de Grécia, com muitos outros filósofos, os quais referiam os tremores da Terra à inconstância deste fundamento de sua natureza tão pouco sólido; mas depois que a experiência nos mostrou que debaixo 20 ou da parte oposta a esta Terra há outros habitadores, que são os antípodas, a emenda deste engano

3-8. Trad.: Considero como coisa certa que toda a terra está assente sobre água e nenhuma parte dela existe que esteja situada por debaixo da que habitamos, esvaziada de água e despojada de homens. E assim o ensina a Escritura: «Que estende a terra sobre as águas»; e ainda: «Porque ele próprio o fundou sobre as águas.» Procópio, in *Genesim*, citado por Sixto Senense, *Liv. V, Anotatio 12.*

9. Vid. Salmo CXXXV, 6; XXIII, 2.

15. Tales Milézio ou Tales de Mileto. Vid. Aristóteles — *De Cælo*, Lib. II, Cap. XIII, § 78; e Séneca — *Quæstiones Naturales*, Lib. III, Cap. XIII.

nos ensinou também a entender aqueles textos de David, cujo verdadeiro sentido é este:

Quando Deus criou o Mundo, no princípio estava o elemento da terra coberto com o elemento da água, e a água sobre a terra, conforme o lugar que se devia à sua dignidade e nobreza, como elemento que é mais nobre; mas como por esta causa ficasse a terra vazia e inabitável, como notou o texto: *Terra autem erat inanis et vacua*, o que fez a Providência Divina foi apartar a água de cima da terra e dar-lhe outro lugar, que é o que hoje tem o mar, para que ficasse a terra superior a ele e pudesse produzir e ser habitada: *Et dixit Deus: Congregentur aquæ [...] in locum unum, et appareat arida*. E porque a terra por este modo ficou superior à água, por isso diz David que a terra está sobre ela, isto é, superior a ela, e não inferior e debaixo como de antes estava, e por sua natureza devia estar. Repito o texto todo, para que da consequência dele se veja melhor a verdade e clareza desta exposição: *Domini est terra et plenitudo ejus; orbis terrarum et universi qui habitant in eo: quia ipse super maria fundavit eum, et super fluvia præparavit eum*.

Deus é o Senhor da Terra e de todos seus habitadores. E porque é Senhor da Terra? Porque a fun-

8-9. Trad.: *A Terra, porém, era vã e vazia.* Génesis, I, 2.

13-14. Trad.: *E disse Deus: Juntem-se as águas [...] num único lugar e apareça o elemento árido.* Génesis, I, 9.

20-23. Trad.: *Do Senhor é a Terra e tudo o que a enche, a redondeza das terras e todos os seus habitadores; porque Ele a fundou sobre os mares e a estabeleceu sobre os rios.* Salmo XXIII, 1 e 2.

dou; e é Senhor de seus habitadores, porque, fazendo que fosse superior ao mar e aos rios, a fez habitável; e essa é a energia da palavra *præparavit*; porque, fazendo a terra superior à água, a 5 preparou e acomodou a que se pudesse habitar: *Ratio cur Dominus Terræ, omniumque in ea rerum [...] sit Deus* (diz Lorino), *quoniam terram ipse fecit, et supereminere aquis fecit, ut habitari posset...* E não é muito que Lorino entendesse melhor este texto da terra e do mar que Procópio; porque Procópio não sabia que havia mar e terra habitada dos antípodas, e Lorino sim; mas vamos a outros lugares mais impossíveis de entender, antes do conhecimento dos antípodas.

Referem-se vários lugares dos Profetas que os expositores modernos entendem dos antípodas e conquistas de Portugal.

15 Começando pelo mesmo David, aquele verso do Salmo LXVII: *Regna terræ, cantate Deo, psallite Domino, psallite Deo, qui ascendit super Cœlum Cœli ad Orientem; ecce dabit voci suæ vocem virtutis*, diz Genebrardo, Viegas, Mendonça e outros

6-9. Trad.: *A razão por que Deus é o Senhor da Terra e tudo quanto nela existe é que Ele próprio a fez e a fez sobranceira às águas, para poder ser habitada.* João Lorino, *Commentar. in librum Psalmorum*, Tom. I, p. 417.

16-19. Trad.: *Reinos da terra, cantai a Deus, dizei salmos ao Senhor, dizei salmos a Deus, que subiu sobre todos os Céus para a parte do Oriente; eis que dará à sua voz voz de virtude.* Salmo, LXVII, 33 e 34.

autores, que fala da conversão dos reinos e terras do Oriente, convertidas à Fé por meio da pregação dos Portugueses e descobertas por eles. Donde notou advertidamente Viegas, que no mesmo Salmo tinha dito David: *Cantate Deo, psalmum dicite nomini ejus; iter facite ei, qui ascendit super Occasum; Dominus nomen illi*, para mostrar que a Fé e conhecimento de Deus primeiro havia de vir às terras mais ocidentais, que são as que habitamos, e depois havia de passar às do Oriente, que são aquelas que descobrimos, conquistámos, alumíámos com a luz do Evangelho; e esta é a virtude que Deus deu às vozes da sua voz, isto é, às vozes dos seus pregadores: *Ecce dabit voci suæ vocem virtutis.*

15 Todo o Salmo LXIV explica Basílio Ponce da nova conversão das Índias, assim Orientais como Ocidentais, e são tão próprios desta explicação muitos lugares dele, que, ainda os que não tiveram tal pensamento, não puderam deixar de dizer o mesmo. 20 Lorino, comentando o verso IX: *Turbabuntur gentes, et timebunt qui habitant terminos a signis tuis; exitus matutini et vespere delectabis*, entende pelos habitadores dos termos da terra as gentes orientais.

5-7. Trad.: *Cantai a Deus, dizei um salmo ao seu nome; aparelhai o caminho àquele que sobe sobre o Ocidente; o Senhor é o seu nome.* Salmo LXVII, 5.

14. Trad.: *Eis que dará à sua voz a voz da virtude.*

20-23. Trad.: *Perturbar-se-ão as gentes, e os que habitam os confins da Terra temerão pelos teus prodígios; darás alegria aos crepúsculos da manhã e da tarde.* Salmo, LXIV, 9.

tais e ocidentais, e assim explica as palavras: «*Exi-
tus matutini et vespero* pro hominibus qui habi-
tant ubi exit dies et ubi exit nox, hoc est, pro
Orientalibus et Occidentalibus.

5 De maneira que os homens de quem aqui fala David, são aqueles que estão nos dois últimos fins e extremos da Terra, onde nasce o dia e onde nasce a noite. Uns nos fins do Oriente, que são os das Indias Orientais; e outros nos fins do Ocidente, que
 10 são os das Indias Ocidentais. Esta terra, uma e outra, diz o Profeta que visitaria Deus, e que a regaria como regou com a água do baptismo: *Visitasti
terram et inebriasti eam*. E acrescenta com grande energia que multiplicaria o Senhor o enriquecê-la:
 15 *Multiplicasti locupletare eam*; porque, tendo-lhe já dado as maiores riquezas temporais, que são as minas do ouro e prata, os diamantes, os rubis, as pérolas e outros tantos tesouros, sobre estes lhe havia de dar também as riquezas espirituais e a
 20 graça, com que ficasse cada uma não só rica, mas multiplicadamente rica: *Multiplicasti etc.* E porque para isto era necessário que o bravíssimo e indómito Oceano se sujeitasse aos homens e se deixasse arar de seus lenhos, o que até aquele tempo não con-
 25 sentia, também dizia David que fazia Deus esta

1-4. Trad.: «*Crepúsculos da manhã e da tarde*», por homens que habitam as terras onde surge o dia e onde se fecha a noite, isto é, os Orientais e os Ocidentais... J. Lorrini, *Commentariorum in Librum Psalmorum*, Tom. II, p. 222.

12-13. Trad.: *Visitaste a terra e embriagaste-a; enrique-
ceste-a de muitas maneiras*. Salmo LXIV, 10.

mudança em suas ondas: ...qui conturbas profundum maris, sonum fluctuum ejus. Ou, como lê S. Jerónimo e Teodósio: compescens, sedans, mulcens sonitum, cavitatem, latitudinem aut profunditatem maris.

5 Finalmente, porque não duvidássemos que mares eram estes, declara o Profeta que não haviam de ser aqueles que lavam as terras e praias vizinhas a nós, senão os mares de muito longe e de terras e gentes 10 muito remotas: ...spes omnium finium terræ, et in mari longe, ou como tem o hebreu: *Maris remotorum*. E não carece de mistério, e grande mistério, o próemio com que David introduziu tudo o que até aqui temos dito, que foi com estas palavras: 15 ...sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.

Como se dissera: antes de se pregar o Evangelho a estas terras ou a estes mundos do Oriente e do Ocidente, parece que vós, Senhor, e vossa Igreja não guardáveis igualdade com os homens, pois 20 havendo tantos anos e tantos séculos que alumiasteis a uns com a luz da Fé, permitistes até agora, por vossos ocultos juízos, que os outros estivessem às escuras (argumento que puseram os Japões a

1-2. Trad.: ...que revolves o fundo do mar, o estrondo das suas ondas. *Ibid.*, 8.

3-5. Trad.: ...reprimindo, aplacando, suavizando o estrondo, a cavidade, a latitude e a profundidade do mar. S. Jerónimo e Teodósio, citados por J. de Lorino, nos seus *Commentaria in Psalms*, II, p. 220.

10-12. Trad.: ...esperança de todos os limites da terra e no longínquo mar. ...do mar dos [países] remotos. *Salmo, LXIV*, 6.

15. Trad.: ...santo é o teu templo, maravilhoso na equidade. *Ibid.*, 5.

S. Francisco Xavier). Porém, depois que a Fé e o Evangelho, e o conhecimento e culto do verdadeiro Deus têm passado os mares, chegado às mais remotas nações do Oriente, agora sim, que podemos dizer 5 que a vossa Igreja é admirável na igualdade, porque trata igualmente a todos: *sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.*

Salomão, que sucedeu a David, não só na coroa, mas também no espírito de profecia, em muitos 10 lugares dos seus *Cânticos* deixou também profetizadas estas maravilhas da nossa idade: neste sentido explicam alguns modernos aquelas palavras no cap. IV: *Surge, Aquilo, et veni, Auster, et perfla hortum meum, et fluent aromata illius.* Como se 15 dissesse Cristo, falando do seu jardim, que é a Igreja: que saísse dele o Norte e viesse o Sul; isto é, que saíssem da Igreja as orações do Norte, como se saíram nestes tempos por meio da heresia, e que entrassem na mesma Igreja as orações do Sul (que 20 são as do Novo Mundo), como entraram por meio da Fé. Ao qual sentido, que é mui próprio e verdadeiro, podemos aplicar as palavras de Honório: *Siquidem inauditam hæresim per malignos homines Draco mentibus fidelium infudit, qua totum or- 25 tum Ecclesiæ, quasi quadam lepre vitiavit; sed Rex gloriæ Christus suis auxilium præbuit, dum univer-*

13-14. Trad.: *Levanta-te, Aquilão, e vem tu, vento do Meio-Dia, assopra de todos os lados no meu jardim, e espalhem-se os seus aromas.* Cântico dos Cânticos, IV, 16.

23-26. Trad.: *Assim o Drago (Diabo) por intermédio de homens malignos infundiu nas mentes dos fiéis uma inau-*

5 *... sam hæresim per sapientes destruxit, et de horto suo flagellis anathematis expulit; expulso autem Aquilone, Auster intravit... Segue-se logo no texto: et fluent aromata illius.* As quais palavras, entendidas assim como soam, que outra cousa dizem senão os interesses temporais que trazem as naus da Índia, por estes espirituais que levam quando vêm carregadas dos aromas e espécies aromáticas daquelas partes?

10 Assim o tinha dito o mesmo Salomão no verso antecedente, com admirável propriedade e energia. Fala das missões que fazem àquelas partes os pregadores da Fé, e diz: *Emissiones tuæ paradisus malorum punicorum cum pomorum fructibus.* As vos-
 15 sas missões são um paraíso de que se não colhem frutos de árvores, senão frutos de frutos: *Cum pomorum fructibus.* Porque pelo fruto espiritual que vão fazer os missionários, vêm de lá os frutos temporais com que Portugal se enriquece. E se vão faltando os segundos frutos, é porque também vão faltando os primeiros, de que eles nascem.

dita heresia, pela qual perturbou todo o horto da Igreja, como se o viciasse com uma espécie de lepra; mas Cristo, Rei da Glória, prestou auxílio aos seus, destruindo toda a heresia por intermédio de homens sábios e expulsou-a do seu horto pelo flagelo do anátema; expulso, porém, o Aquilão, entrou o vento Sul... e espargem-se os seus aromas. Vid. Honório de Autun, *Expositio in Canticum Canticorum, II Tract., cap. IV.*

13-14. Trad.: *As tuas produções são um paraíso de romãs com frutos de maceiras. Cântico dos Cânticos, IV, 13.*

Mas que frutos são estes? Disse o mesmo Salomão: *Cypri cum nardo, nardus et crocus, fistula et cinnamomum cum universis lignis Libati, myrrha, et aloe cum omnibus primis unguentis*: A canela, a canafistola, o sândalo, o benjoim, as áquилас, os calambucos, e todo o outro género de espécies odoríferas e aromáticas, que são as mesmas que vêm da India.

No cap. VII diz assim o mesmo Salomão, ou a Esposa, que é a Igreja, falando com seu Esposo Cristo: *Mandragoræ dederunt odorem. In portis nostris omnia poma: nova et vetera servavi tibi*. As mandrágoras são os pregadores da Fé, como diz S. Gregório: *Quid per mandragoram, herbam scilicet medicinalem et odoriferam, nisi virtus perfectorum intelligitur? Qui, dum imperfectorum infirmitatibus medentur in fide quam prædicant, id est, in portis Ecclesiæ veri medici esse comprobantur.*

Com o cheiro destas mandrágoras e com a doutrina destes pregadores, [diz a Esposa] que ajuntou para seu Esposo os frutos novos aos velhos. Assim

2-4. Trad.: Os cipros com nardo; o nardo e o açafrão; a cana aromática e o cinamomo com todas as árvores do Líbano; a mirra e o áloe com todos os unguedtos da primeira estimação. *Ibid.*, IV, 13 e 14.

11-12. Trad.: As mandrágoras deram o seu cheiro. Temos às nossas portas toda a casta de pomos; guardei para ti os novos e os velhos. *Ibid.*, VII, 13.

14-18. Trad.: Que se entende por mandrágora, erva medicinal e odorífera, a não ser a virtude dos perfeitos? Os quais, sempre que curam as enfermidades dos imperfeitos na Fé que pregam às nossas portas, verdadeiramente se afirmam como médicos da Igreja. S. Gregório, citado por A Lápide, *Commentaria in Cântico dos Cânticos*, Cap. VII, 13.

o interpretam os Setenta: *Nova et vetera servavi tibi*; porque aos cristãos antigos, que eram os da Europa, ajuntou a Igreja estes novos, que são os da nova gente que se descobriu no Oriente e no Ocidente, que são as portas de que fala a Esposa: *In portis nostris*. Uma porta por onde o Sol sai ao nosso hemisfério, que é a do Oriente, e outra por onde entra aos antípodas, que é a do Ocidente. Assim entendem este lugar alguns autores que refere Cornélio, resumindo todo o sentido dele nestas palavras: *Nonnulli per nova opinantur hic notari novi orbis inventionem et conversionem ad Christum. Novus enim hic orbis continet Peruanos, Mexicanos, Brasilios, Chilenses etc. est dimidium totius orbis, ut patet ex globo cosmográfico [...] jam per religiosos S. Dominici, S. Francisci et Societatis Jesus totus pene subjet Ecclesiæ Sic in India Orientali, hoc saeculo et præcedenti mire per eosdem propagatur Fides apud Japones, ubi plurimi pro Fide certant usque ad martyria lensorum ignium apud Sinenses, Molucenses et Ceilanos*. De maneira que

11-21. Tradução: *Por nova opinam alguns são aqui designados o descobrimento e a conversão a Cristo do Novo Mundo. Com efeito este Novo Mundo contém os Peruanos, os Mexicanos, os Brasileiros e os Chilenos: é a metade de toda aquela parte do Mundo, como se pode verificar no globo cosmográfico; e pela acção dos religiosos de S. Domingos, de S. Francisco e da Companhia de Jesus, já quase todo está sujeito à Igreja. Assim na India Oriental neste século, como no precedente, é pelos mesmos admiravelmente propagada a Fé entre os Japoneses, onde muitos se batem pela Fé até o martírio do fogo lento, entre os Chineses, Malucos e Ceilões. A Lápis, ibid., p. 498.*

os frutos novos que a Igreja, por meio do cheiro destas mandrágoras medicinais e odoríferas, ajuntou aos velhos e antigos, são os do Peru e México, do Brasil e Chile, e os do Japão e China, das Malucas 5 e Ceilão; uns nas portas do Oriente, outros nas do Ocidente: *Mandragoræ dederunt odorem suum*. Parece que estavam esquecidos, mas não estavam senão guardados para este tempo: *servavi*.

Em quase todo o cap. VIII repete Salomão a 10 mesma conversão das Índias, e particularmente naquelas palavras: *Soror nostra parva, et ubera non habet; quid faciemus sorori nostræ in die quando alloquenda est? Si murus est, ædificemus super eum propugnacula argentea; si ostium est, compingamus illud tabulis cedrinis*. Até agora foi escuríssimo este 15 lugar, mas são admiráveis os mistérios e mais admiráveis ainda as propriedades dele. Ludovico Legionense, nos comentários sobre este livro, entende por esta irmã mais moça da Esposa a Igreja da Gentilidade 20 dade novamente convertida à Fé: ...sub persona hujus sororis natu minoris, et parum forma præstantis, cuius de collocatione sponsa solicitari dicitur, multi significantur populi atque gentes longe a nostro orbe remotæ, ad Christum adducendæ nova quadam

11-15. Trad.: A nossa irmã é pequena, e não tem peitos. Que faremos à nossa irmã, no dia em que se lhe dirijam? Se ela é um muro, edifiquemos sobre ele baluartes de prata; se é uma porta, guarneçamo-la com tábuas de cedro. Cântico dos Cânticos, VIII, 8 e 9.

20-24. Trad.: Na pessoa desta irmã mais nova e de formas modestas, sobre cujo casamento se diz a esposa é solicitada, são representados muitos povos e raças afastados do nosso hemisfério, que devem ser trazidos para Cristo por nova via de pregação evangélica; quer dizer, é signifi-

Evangelii tradendi ratione; hoc est, significatur Hispanorum navigationibus reperti orbis, ejusque incolarum ad Christi fidem nuper facta conversio.

Ainda que a Igreja toda seja uma, como a des-
5 tas novas gentilidades veio ao conhecimento de Cristo tanto depois, que não foram menos que mil e quinhentos anos, por isso lhe chama Salomão *irmã menor e pequena — Soror nostra parva est* — não pela grandeza das terras e número das gentes, em
10 que é maior ou, quando menos, igual a toda a Igreja antiga, mas pela menoridade do tempo e da idade em que se converteu. E diz com muita propriedade que não tem peitos: *Et ubera non habet*; porque todos estes anos esteve falta do leite da verdadeira dou-
15 trina. E porque haver-se de desposar com Cristo esta nova Igreja era um negócio cheio de tantas dificuldades, assim pela distância de tão remotas terras e navegação de tão desconhecidos mares, como principalmente pela resistência de suas nações, umas bár-
20 baras, outras políticas e todas feras, armadas e belicosas, e tão superiores no número e multidão aos que lhes haviam de levar e introduzir a Fé, estas dificuldades representa a Igreja antiga a seu Esposo, Cristo, com aquelas palavras: *Quid faciemus sorori nostrae in die quando alloquenda est?* «Que faremos, Senhor, quando chegar o tempo em que se há-de desposar convosco esta minha irmã menor?» Ao que responde Cristo com o antiquíssimo conselho de sua

cada a conversão à Fé cristã, há pouco realizada do hemisfério descoberto pelas navegações dos Hispanos e dos seus habitadores. Luysius Legionensis (Fr. Luís de León), Divinorum librorum... explanationum... Tomus Primus, in Capit. VIII, Tertia explanatio.

providência, dizendo: *Si murus est, ædificemus super eum propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis.*

Quem não admirará nesta resposta os altíssimos 5 conselhos da sabedoria e providência divina? Dispôs Deus desde a criação do Mundo que estas terras, assim por fora como por dentro, fossem enriquecidas de coisas preciosíssimas, para que o interesse dos homens facilitasse as dificuldades, que sem ele criam 10 impossíveis de vencer. Como se dissera o Senhor: Ainda que a conquista da Fé tem muros que dificultem sua entrada nessas terras, também tem portas por onde poderá entrar; esses muros facilitá-los-emos com prata; essas portas abri-las-emos com cedros: 15 *Si murus, ædificemus propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis.* Pela prata se entendem as minas e pelos cedros odoríferos as plantas preciosas; e as minas que essas terras têm em suas entradas, e as plantas odoríferas e preciosas 20 que nelas nascem, são os meios e incentivos que obrigaram o interesse humano a que se disponha a vencer todas essas dificuldades e abrir e franquear essas portas. E assim foi porque a prata, o oiro, os rubis, os diamantes, as esmeraldas, que aquelas terras 25 criam e escondem em suas entradas; as áquилас, os calambucos, o pau-brasil, o violeta, o ébano, a canela, o cravo e a pimenta, que nelas nascem, foram os incentivos do interesse tão poderoso com os homens, que grandemente facilitaram os perigos e 30 os trabalhos da navegação e conquista de umas e outras Indias. Sendo certo que, se Deus com suma

26. O violeta é uma planta aromática brasileira.

providência não enriquecera de todos estes tesouros aquelas terras, não bastaria só o zelo e amor da religião para introduzir nelas a Fé.

O profeta Isaías, como profeta singularmente escolhido para historiar as maravilhas da lei evangélica, foi o que mais falou de nós e delas: no cap. XLIX diz assim: *Ecce isti de longe venient, et ecce illi ab aquilone et mari, et isti de terra australi. Laudate, cæli, et exulta, terra, jubilate, montes, laudem, quia consolatus est Dominus populum suum, et pauperum suorum miserebitur.* O qual lugar entende Cornélio à Lápide e Arias Montano da conversão da China, e o provam do original hebreu, o qual lêem *de terra Senim*, como verte S. Jerónimo, Símaco, Áquila, Teodósio, o Siro, o Arábio, e todos, e é o mesmo que de *terra Sinorum*, por ser este o modo de falar da língua hebreia, na qual os Galileus se chamam *Gelilim*, e os Judeus *Jehudim*, e os Assírios *Assurim*, e assim também os Chinas ou Sinas *Sinim*.

20 E se replicarmos a este sentido que a China não é terra austral, senão oriental, e que se não pode verificar dela o termo de *terra australi*, respondem os mesmos autores que aludiu o Espírito Santo, que governava a pena de S. Jerónimo, à navegação dos

25 Portugueses, os quais, quando vão para o Oriente,

7-II. Trad.: *Eis que estes virão de longe e aqueles de Aquilão e do mar, e estes outros da terra austral. Louvai, céus, e exulta, terra; clamai jubilosamente, ó montes, vossos louvores, porque o Senhor consolou o seu povo e se compadecerá dos seus pobres.* Isaías, XLIX, 12 e 13.

12. Vid. A Lápide, *Commentaria in Isaiam Prophetam*, Cap. XLIX, versículo 12, § *Et mare* (pág. 304, tom. VII).

fazem a sua viagem direita ao Austro, navegando ao cabo da Boa Esperança: *Sinæ enim* (dizem eles), *qui proprie hic significantur, licet sint ad Orientem, dici tamen possunt ad Austrum, quia Lusitani in 5 Sinas navigaturi, initio longo flexu, navigant ad Austrum, scilicet ex Lusitania usque ad promontorium Bonæ Spei, quod ultimum est in continente et directe oppositum Austro.*

De maneira que, como os Portugueses eram os 10 que haviam de levar a Fé à China, navegando ao Austro ou Sul, por isso o Espírito Santo chamou Austral à China, não pelo sítio, senão pelo rumo da navegação. Da mesma conversão dos Chinas faz outra vez menção Isaías no cap. XI, v. 14, o qual 15 explica larga e eruditamente Malvenda, seguindo a Foreiro, ambos varões mui doutos da família dominicana.

O mesmo Profeta Isaías no cap. LX: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant et quasi columbæ ad fe- 20 nestras suas? Me enim insulæ expectant, et naves maris in principio, ut adducam filios tuos de longe;*

2-8. Trad.: Os Chinas, com efeito, que propriamente aqui são significados, posto que estejam a Oriente, podem contudo ser tornados como ficando para o sul; porquanto os Portugueses, ao navegar em direcção à China, fazem de inicio sua rota para o sul, ou seja de Portugal ao cabo da Boa Esperança, último no continente e directamente em frente ao Pólo austral. A Lápis, *ibid.* e § Dices (p. 304).

14. Isaías, XI, 14. Apud A Lápis, *ibid.*, vers. 15, § Nota.

18-21. Trad.: Quem são estes que voam como nuvens e como pombas para as suas janelas? Porque as ilhas me estão esperando e as naus do mar desde o princípio, para eu trazer de longe os teus filhos; com eles a sua prata e o

argentum eorum et aurum eorum cum eis, nomini Domini Dei tui et Sancto Israel, quia glorificavit te. Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos, et reges eorum ministrabunt tibi.

5 Nestas palavras está profetizada admiravelmente a conversão das Índias Ocidentais; assim as explicam o mesmo Cornélio, Bózio, Aldrovando e outros, com bem notáveis propriedades. Chama o Profeta às Índias Ocidentais, ilhas: *Me enim insulæ expectant.*

10 Porque todas aquelas vastíssimas terras, em quanto se têm descoberto, estão rodeadas de mar, e bastava para se chamarem assim a imensidade de mares que as dividem do Mundo antigo; além de que estas terras no princípio eram chamadas com o nome de

15 Antilhas, como se lê na história de seu descobrimento. As nuvens que voam a estas terras para as fertilizar — *Qui sunt isti, qui ut nubes volant* — são os pregadores do Evangelho, levados do vento pelo mar como nuvens; e chamam-se também pombas: *Et sunt columbæ ad fenestras suas*; porque levam estas nuvens a água do baptismo sobre que desceu o Espírito Santo em figura de pomba, que são os dois termos que desde o princípio do Mundo andaram sempre juntos na significação do baptismo.

20

seu ouro (para ser consagrado) ao nome do Senhor teu Deus e ao Santo de Israel, porque te glorificou. E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros e os seus reis te servirão. Isaías, LX, 8-10.

8. Vide. A Lápide, *ibid.*, Bózio, Ulisses Aldrovando aí citados.

No I cap. do Génesis: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*, e no II de S. João: ...*nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto*. Mas o mesmo Bózio e Aldrovando, ainda advertiram no nome e semelhança de pomba outra propriedade mais aguda, tirada do descobrimento das mesmas Índias, de cujas terras e navegação foi o primeiro descobridor Cristóvão Colombo; e dizem que a isto aludiu o profeta, chamando *Columbas* ou *Columbos* a todos os que

5 seguem a mesma derrota e navegação das Índias: *Nomine columbæ alludit ad Christophorum Columbum, qui nobis iter ad illas oras primus aperuit.* Bem assim, ou muito melhor, e com mais verdade do que disseram os Gentios que os Argonautas,

10 15 quando foram conquistar o velo de ouro a Colcos, levaram por guia uma pomba:

*Et qui movistis duo littora, cum ruditis Argus
Dux erat, ignoto missa columba mari.*

Os Potosis e outras minas de prata e ouro, que juntamente com as almas para a Igreja haviam de

1-3. Trad.: *O espírito do Senhor era levado sobre as águas. Génesis, I, 2. A não ser aquele que tiver renascido da água e do Espírito Santo, S. João, III, 5.*

11-12. Trad.: *Pelo nome de «columba» alude a Cristóvão Colombo, o primeiro que nos abriu o caminho para aquelas terras. Vid. A Lápide, que cita Bózio e Aldrovando, in Comment. in Isaiam Proph., Cap. IX, p. 375.*

17-18. Trad.: ...*E que revolvestes (vós, ventos), dois litorais, quando o inexperiente Argus era o comandante, tendo-se enviado uma pomba ao mar ignoto. Propércio, Liv. II, Elegia 26.*

conquistar estes argonautas, também as não esqueceu o Profeta: *Et adducam filios tuos de longe, argentum eorum et aurum eorum cum eis.* Muito ouro, muita prata e muitos filhos para a Igreja, e 5 tudo de muito longe; e porque não ficassem em silêncio as frotas das Índias: *Et naves maris in principio;* ou como lê Foreiro do hebreu: *Et naves maris cum primaria, seu prætoria,* que faziam esta navegação muitas naus, não divididas, senão em frota, 10 com sua capitaina; finalmente, que homens peregrinos edificariam os muros da Igreja naquelas terras: *Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos;* e que os ministros de tudo isto seriam os mesmos reis, como fazem com tanta piedade os reis católicos: 15 *Et reges eorum ministrabunt tibi.*

É também ilustre lugar em Isaías aquele do cap. XLI: *Egeni et pauperes querunt aquas, et non sunt: lingua eorum siti aruit. Ego Dominus exaudiam eos [...] non derelinquam eos. Aperiam in supinis 20 collibus flumina, et in medio camporum fontes: ponam desertum in stagna aquarum, et terram inviam in rivos aquarum. Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum, et lignum olivæ; ponam in deserto abietem, ulmum et buxum simul; ut videant, 25 et sciant, et recogitent, et intelligant pariter, quia manus Domini fecit hoc...*

Quantos pobres e miseráveis estão morrendo à sede por falta de água, isto é, vivendo na gentilidade sem água do baptismo? Mas eu (diz Deus)

7-8. Trad.: *E os navios do mar com a almiranta...*

17-26. O trecho latino que termina nesta linha é parafaseado a seguir, pelo que dispensa tradução. É do cap. XLI, v. 17-20, de Isaías.

que também sou Senhor destes, os ouvirei e não me
esquecerei deles: *Ego Dominus exaudiam eos*. Nes-
tes seus montes e desertos secos e estéreis abrirei
fontes e rios mui copiosos; e por mais que essas terras
5 sejam sem caminho, eu abrirei caminho por onde a
elas cheguem as águas, de que tanto necessitam:
Et terram inviam in rivos aquarum; e de onde
atègora se não colheu fruto, eu farei que se colha
10 muito copioso e de todo o género: *Dabo in solitu-
dinem cedrum et spinam et myrtum*, etc. Para que
entenda e conheça o Mundo quão poderoso sou, e
que esta obra é de minha mão: *Ut videant et sciant
quia manus Domini fecit hoc*.

São Cirilo, São Jerónimo, Procópio e Teodoreto
15 entendem este texto da conversão das gentilidades,
que Deus havia de converter por meio da pregação
do Evangelho, mas não nos disseram que gentes
estas fossem ou houvessem de ser, porque as não
conheciam; porém os Doutores modernos nos dizem
20 quais elas são. O P.º Cornélio, depois do reveren-
díssimo Cláudio Aquaviva, geral da sua religião,
diz assim: *Hoc etiam hodie in Japone, Brasilia,
China, aliisque Indiarum provinciis impleri magna
lætitia conspicimus*: que se cumpriu e está cum-
25 prindo esta profecia no Japão, no Brasil, na China.

Atéqui andámos com Isaías pelas terras firmes;

13. Vid. A Lápide, *ibid.*, Coment. ao versíc. 19, da XLI, de Isaías, onde cita os autores a que Vieira se refere.

22-24. Trad.: *Também hoje no Japão, no Brasil e na China e outras províncias das Indias com grande alegria vemos que isto mesmo se está cumprindo*. P. Cornélio à Lápide, Commentário ao cap. XLI de Isaías, versíc. 19, p. 262.

vamos agora às ilhas, que são as primeiras por onde os nossos descobrimentos começaram.

No cap. LVIII fala Isaías das obras grandes que fará o homem misericordioso; e como a maior obra e a maior misericórdia de todas é tirar almas do Inferno, como se tiram as dos Gentios, quando por meio da luz da Fé se lhes mostra o caminho da salvação, diz umas palavras o Profeta, que, bem ponderadas, de nenhum outro homem se podem entender à letra senão do nosso Infante santo (*sic*)

10 D. Henrique, primeiro autor dos descobrimentos portugueses, cujo principal intento naquela empresa, como dizem todas as nossas histórias, foi o puro e piedoso zelo da dilatação da Fé e conversão da Gentilidade. As palavras de Isaías são estas: *Et aedificabuntur in te deserta sæculorum, fundamenta generationis, et generationis suscitabis, et vocaberis aedificator sepium, avertens semitas in quietem*: «Em vós se povoarão os desertos dos séculos; vós lançareis os fundamentos de uma e outra geração; vós sereis 20 chamado edificador das cercas e fareis que os que sempre andam, tenham assento.»

Tais foram em tudo as obras do Infante D. Henrique, continuadas depois pelos reis de Portugal, que levaram adiante o que ele começou. Primeiramente nele e por ele se povoaram os desertos dos séculos, porque muitas ilhas, que desde o princípio do Mundo, por tantos séculos estiveram desertas e incógnitas e despovoadas, como era a ilha da Madeira, as Terceiras ou dos Açores, ele as descobriu, 30 povoou e edificou, e de ilhas desertas que antigamente eram, estão hoje tão povoadas e populosas, e tão enobrecidas de famosas cidades e sumptuosos edifícios: *Ædificabuntur in te deserta sæculorum.*

E assim como nestas ilhas ermas e desertas lançou este glorioso príncipe os primeiros fundamentos da geração humana, fazendo que fossem povoadas de homens, assim em outras ilhas, que estavam povoadas de bárbaros, como eram as Canárias e de Cabo Verde, lançou também os fundamentos da geração divina, fazendo por meio da pregação e luz do Evangelho que esses bárbaros gentios conhecessem a Deus e fossem gerados em Cristo: *Fundamenta generationis et generationis suscitabis.*

O meio que para esta segunda e mais importante geração tomaram os religiosíssimos príncipes de Portugal, foi mandarem religiosos por todas as conquistas, de grande virtude e letras, fundando e edificando conventos de diversas ordens; e por isso diz o Profeta que seria chamado o primeiro autor desta obra, *edificador de cercas*, que são, como aqui notam alguns expositores, as cercas e claustros das religiões: *Et vocaberis ædificator sepium.*

Finalmente, não cala o Profeta o fruto que desta santa indústria se seguiu em todas estas gentilidades de bárbaros, e foi que, andando de antes vagamente pelas brenhas, como animais silvestres, se aquietassem e tomassem assento, e vivessem como homens, que isso quer dizer — *Avertens semitas in quietem.* Neste sentido tão próprio e literal explica Bózio este texto de Isaías; mas antes que escreva as suas palavras, quero pôr aqui as do nosso João de Barros, referindo o que desta empresa do Infante

19. Trad.: *E serás chamado o edificador de cercas.*
Vid. A Lápide, *Comment. in Isaiam*, cap. LVIII, § *Multo magis...* e § *Tales ædificatores...* (pág. 362).

sentiam e murmuravam os que lhes parecia inútil e infrutuosa:

«...os reis passados deste Reino (diziam eles) sempre dos reinos alheios para o seu trouxeram gente a este a fazer novas povoações, e ele quer levar os naturais portugueses a povoar terras ermas por tantos perigos do mar, de fome e sedes, como vemos que passam os que lá vão. Certo que outro exemplo lhe deu seu padre poucos dias há, dando os maninhos de Lavre, junto a Caruche, a Lambert de Orches, alemão, que os rompesse e povoasse, com obrigação de trazer a ele moradores estrangeiros de Alemanha, e não mandou seus vassalos passar além-mar, romper terras, que Deus deu por pasto dos brutos. E bem se viu quanto mais naturais são para eles que para nós, pois em tão poucos dias, uma coelha multiplicou tanto, que os lançou fora da primeira ilha, quase como admoestação de Deus, que há por bem ser aquela terra pastada de alimárias, e não habitada por nós. E quando quer que nestas terras de Guiné se achasse tanta gente como o Infante diz, não sabemos que gente é, nem o modo de sua peleja; e quando fosse tão bárbara, como sabemos que é a das Canárias, a qual anda de penedo em penedo como cabras às pedradas contra quem os quer ofender, nós que proveito podemos ter de terra tão estéril e áspera, e cativar gente tão mesquinha? Certo nós não sabemos outro, senão virem eles encarregar o mantimento da terra e comerem nossos trabalhos; e por cobrarmos um comedor destes, perdemos os amigos e parentes!»

3-31. Vid. João de Barros, *Asia*, Década I, Liv. I, Cap. IV.

Isto é o que filosofavam e diziam os prudentes e políticos daquele tempo, que sempre são os instrumentos mais aparelhados que o Mundo e o Demónio têm para impedir as obras de Deus; mas estas terras 5 ermas foram as que pelo zelo e constância daquele princípio se vêem hoje tão povoadas, cultivadas e ricas. E estes bárbaros, que como animais andavam saltando de penedo em penedo, são os que hoje vivem com tanto assento, humanidade, ordem e política cristã, e não só eles, senão infinitos outros.

As palavras prometidas de Bózio são as que se seguem: ...*idem perfectum videmus in insulis quas Tertieras vocant, Hispaniæ in Oceano adjacentibus Occidentem versus; similiter in Canariis, quas nomine Promontorii Viridis appellant, Sancti Laurentii, Ascensionis, et omnibus quæ Africæ littora respi- ciunt: amplius cunctis quas Oceanus aluit, latissimis etiam regionibus Indiarum, sive orientem, sive 15 occidentem Solem, vel Austrum, Boream vel spec- tantibus idem contingit. Neque finis illus hucusque 20 appet. Oppida innumera et civitates pulcherrimæ passim conduntur, in quibus constituuntur cætus*

12-22. Trad.: *O mesmo vemos realizado nas ilhas que chamam Terceiras, no Oceano, adjacentes à Hispânia, para oeste; semelhantemente nas Canárias, naquelas que se chamam de Cabo Verde, S. Lourenço, Ascensão; e o mesmo acontece noutras que estão ao longo da costa africana, e mais amplamente em todas as dilatadíssimas regiões das Índias banhadas pelo Oceano, quer sejam as que olham o Sol oriental ou ocidental, quer os que o vêm para o Sul ou para o Norte. E isto prossegue: a cada passo são construídas fortalezas e cidades formosíssimas, nas*

hominum, excitantur fundamenta generationis, et generationis eorum, qui bestiarum modo prius incertis sedibus vagabantur, et in stabulis ipsis habi- tabant.

5 Atéqui este autor doutíssimo, o qual no mesmo liv. II cap. III explica muitos outros lugares de Isaías, das ilhas que os Portugueses conquistaram para Cristo, e nomeadamente de Ceilão, Maldivas, Socotorá, Japão, Java, Malucas e outras. Chama a 10 estas ilhas o Profeta, *ilhas de longe*, como no cap. XLIX: *Audite, insulæ, et attendite, populi de longe*, e no cap. LXVI: *...ad insulas longe ad illos, qui non audierunt de me*; pelas quais ilhas entendiam todos antigamente Itália e Espanha, por estarem quase cercadas uma do Mediterrâneo, outra do 15 Oceano; mas verdadeiramente nem são ilhas, senão terra firme; nem se podem chamar de *Longe* em comparação das que depois decobrimos, e com toda a propriedade são ilhas, e ilhas de muito longe.

20 Ponhamos fim a Isaías com um celebradíssimo texto do cap. XVIII, o qual foi sempre julgado por um dos mais difíceis e escuros de todos os Pro-

quais se constituem agrupamentos humanos, se activam as fundamentais condições da multiplicação daqueles que anteriormente divagavam sem pouso certo, ou habitavam nos próprios estâbulos. Tomás Bózio, *De Signis Ecclesiæ Dei*, Lib. XX, cap. VII, *Signum*, LXXVIII.

11-13. Trad.: *Ouvi, ilhas, e escutai, povos longínquos.* Isaías, XLIX, 1. *...às ilhas situadas a grande distância, aquelas que não ouviram falar de mim...* Ibid. LXVI, 19. Vid. ainda S. Jerónimo, *ibid.* A Lápide, § *Italianam...* pág. 411.

5 fetas, e é este: *Væ terræ cymbalo alarum, quæ est trans flumina Æthiopiæ, quæ mittit in mare legatos, et in vasis papyri super aquas! Ite, angeli veloces, ad gentem convulsam et dilaceratam; ad populum terribilem, post quem non est aliis; ad gentem expectantem et conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram ejus.*

10 Trabalharam sempre muito os intérpretes antigos por acharem a verdadeira explicação e aplicação
15 deste texto; mas nem atinaram nem podiam atinar com ela, porque não tiveram notícia nem da terra, nem das gentes de que falava o Profeta. Os comentadores modernos acertaram em comum com o entendimento da profecia, dizendo que se entende da
20 nova conversão à Fé daquelas terras e gentes também novas, que ultimamente se conheceram no mundo com o descobrimento dos antípodas; e notaram alguns com agudeza e propriedade, que isso quer dizer a energia da palavra: *Ad gentem conculcatam*: gente pisada dos pés, porque os antípodas, que ficaram debaixo de nós, parece que os trazemos debaixo dos pés e que os pisamos; mas chegando mais de perto à gente e terra ou província de que se entende a profecia, também os modernos não

1-7. Trad.: *Ai da terra címbalo de asas que está além dos rios da Etiópia, que manda embaixadores por mar e em vasos de junco sobre as águas! Ide, anjos velozes, a uma gente revolvida e dilacerada; a um povo terrível, depois do qual não há outro; a uma gente que está esperando e é pisada e a quem os rios arrebataram a terra.* Isaías, XVIII, 2.

19. Vid. Legionense e Arias Montano, in *Abdiam*, in fine; Foreiro ibid., Vatablo e Bózio, tomo II, *De signis Ecclesiæ*, Lib. XX, sig. 4.

acertaram atègora com o sentido próprio, germano e natural dela, e este é o que nós havemos de descobrir ou escrever aqui, pelo havermos recebido de pessoa doura e versada nas Escrituras, que, havendo visto as gentes, pisado as terras e navegado as águas de que fala este texto, acabou de o entender, e verdadeiramente o entendeu, como veremos e verão melhor os que tiverem lido as exposições antigas e modernas dele.

10 Cornélio teve para si que fala o profeta de Etiópia e do Preste João; mas Etiópia não está além de Etiópia, como diz o texto. Malvenda, com os outros que cita, entende dos Chinas e Japões, e aplica à navegação dos Portugueses o parafraste caldeu, por estas palavras: *Chaldeus interpres hæc verba Isaiae in hunc modum reddidit: «Væ terræ, ad quam veniunt cum navibus a terra longinqua, et vela sua extendunt, ut aquila, volans alis suis.» Apposite in Indiam, quæ quondam remotarum gentium frequentibus navigationibus petebatur, et nunc ab extremo Occidente Lusitanorum vetricibus classibus aditum; quæ etiam ipsas sinarum oras prætervectæ Japoniorum insulas tenent.*

10. Vid. Cornélio à Lápide, cap. XVIII, *ibid.*

15-23. Trad.: *O intérprete caldeu traduziu do seguinte modo estas palavras de Isaías: «Ai da terra, à qual vêm (os estrangeiros) em navios de terra longinqua, e estendem as suas velas, como num voo de águia.» Refere-se à India, que antigamente fora procurada em frequentes navegações por povos remotos, e agora é visitada desde o extremo Ocidente pelas vitoriosas armadas por Portugueses, que, levadas para além das próprias costas chinesas, dominam as ilhas do Japão. Malvenda, De Antichristo, Lib. III, cap. XII.*

Mas esta exposição e a de Mendonça e Rebelo (que entendem o texto geralmente da Índia Oriental), têm contra si tudo o que logo diremos. José da Costa, tão versado nas Escrituras como na geografia 5 e na história natural das Índias Ocidentais, Lúdovico Legionense, Tomás Bózio, Arias Montano, Frederico Lúmnio, Martim del Rio e outros dizem (e bem), que falou Isaías da América e Novo Mundo, e se prova fácil e claramente. Porque esta 10 terra que descreve o Profeta está além da Etiópia: *trans flumina Æthiopiæ*; e é terra depois da qual não há outra: *ad populum post quem non est aliis*. Estes dois sinais tão manifestos só se podem verificar da América, que é a terra que fica da outra 15 banda da Etiópia, e que não tem depois de si outra terra senão o vastíssimo mar do Sul. Mas porque Isaías nesta sua descrição põe tantos sinais particulares e tantas diferenças individuantes, que claramente estão mostrando que não fala de toda a 20 América ou Mundo Novo em comum, senão de alguma província particular dele; e os autores alegados nos não dizem que província esta seja, será necessário que nós o digamos, e isto é o que agora hei-de mostrar.

25 Digo primeiramente, que o texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil é a terra que direitamente está além e da outra banda da Etiópia,

9. Todos são citados pelo P. del Rio, *Adagialia Sacra*, Adágio 723. Igualmente A Lápide, *Comment. in Isaiam*, XVIII, § Vœ...

como diz o Profeta: *quæ est trans flumina Æthiopiæ*, ou como verte e comenta Vatablo: *terra, quæ est sita ultra Æthiopiam (quæ Æthiopia scatet fluminibus)* e o hebreu ao pé da letra tem *de trans* 5 *flumina Æthiopiæ*. A qual palavra — *de trans* — como notou Malvenda, é hebraísmo, semelhante ao da nossa língua. Os Hebreus dizem — *de trans* — e nós dizemos, *detrás*; e assim é na geografia destas terras, que em respeito de Jerusalém, considerado 10 o círculo que faz o globo terrestre, o Brasil fica imediatamente detrás de Etiópia.

Diz mais o Profeta que a gente desta terra é terrível: *ad populum terribilem*; e não pode haver gente mais terrível entre todas as que têm figura 15 humana, que aquela (quais são os Brasis) que não só matam seus inimigos, mas depois de mortos os despedaçam e os comem e os assam, e os cozem a este fim, sendo as próprias mulheres as que guisam e convidam hóspedes a se regalarem com estas inumanas iguarias; e assim se viu muitas vezes naquelas 20 guerras, que estando cercados os Bárbaros, subiam as mulheres às trincheiras ou paliçadas, de que fazem os seus muros, e mostravam aos nossos as panelas em que os haviam de cozinhar. Fazem depois 25 suas frutas dos mesmos ossos humanos, que tangem e trazem na boca, sem nenhum horror, e é estilo e nobreza entre eles não poderem tomar nome senão depois de quebraram a cabeça a algum inimigo, ainda que seja a alguma caveira desenterrada, 30 com outras cerimónias cruéis, bárbaras e verdadei-

1-4. Trad.: *A terra que está situada além da Etiópia, a qual Etiópia abunda em rios.* Vatablo in-Bíblia Sacra, Scholia in cap. XVIII.

ramente terríveis. Em lugar de *gentem conculcatam*,
 lê o Sírio — *gentem depilatam*: gente sem pelo; e tais
 são também os Brasis, que pela maior parte não têm
 barba, e no peito e pelo corpo têm a pele liza e sem
 5 cabelo, com grande diferença dos Europeus.

Estes são os sinais comuns que nos aponta o
 Profeta daquela terra e gente; mas porque assinala
 miudamente outros mais particulares e que não con-
 vêm a toda a gente e terra do Brasil, é outra vez
 10 necessário que nós também declaremos a província
 e gente em que eles todos se verificam; e esta gente
 e esta província mostraremos agora que é a que com
 toda a propriedade chamamos *Maranhão*, que por
 ser tão pouco conhecida e menos nomeada nos escri-
 15 tores, não é muito que a falta de suas notícias lhe
 tivesse até agora escurecido e divertido a honra deste
 famoso oráculo do mais ilustre profeta, que tão
 expressamente tinha falado nesta gente.

Diz pois o Profeta, que são estes homens uma
 20 gente a quem os rios lhe roubaram a sua terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus*. E é admis-
 rável a propriedade desta diferença, porque em toda
 aquela terra, em que os rios são infinitos e os maio-
 res e mais caudalosos do Mundo, quase todos os
 25 campos estão alagados e cobertos de água doce, não
 se vendo em muitas jornadas mais que bosques, pal-
 mares e arvoredos altíssimos, todos com as raízes e
 troncos metidos na água, sendo raríssimos os luga-
 res por espaço de cento, duzentas e mais léguas, em
 30 que se possa tomar porto, navegando-se sempre por
 entre árvores espessíssimas de uma e outra parte,
 por ruas, travessas e praças de água, que a natureza

2. Vid. A Lápide ibid. cap. XVIII, § 4 *gentem...*
 (pág. 152).

deixou descobertas e desempedidas do arvoredo; e posto que estes alagadiços sejam ordinários em toda aquela costa, vê-se este destroço e roubo que os rios fizeram à terra, muito mais particularmente naquele 5 vastíssimo arquipélago do rio chamado Orelhana, e agora das Amazonas, cujas terras estão todas senhoreadas e afogadas das águas, sendo muito contados e muito estreitos os sítios mais altos que eles, e muito distantes uns dos outros, em que os Índios 10 possam assentar suas povoações, vivendo por esta causa não imediatamente sobre a terra, senão em casas levantadas sobre esteios a que chamam *juraus*, para que nas maiores enchentes passem as águas por baixo; bem assim como as mesmas árvores, que, 15 tendo as raízes e troncos escondidos na água, por cima dela se conservam e aparecem, diferindo só as árvores das casas em que umas são de ramos verdes, outras de palmas secas.

Desta sorte vivem os Nheengaíbas, Goianás, Maianás e outras antigamente populosas gentes, de quem 20 se diz com propriedade que andam mais com as mãos que com os pés, porque apenas dão passo que não seja com o remo na mão, restituindo-lhes os rios a terra que lhes roubaram, nos frutos agrestes das 25 árvores de que se sustentam, cuja colheita é muito limpa, porque caem todos na água; e em muita quantidade de tartarugas e peixes-bois, que são os gados que pastam naqueles campos, além de outro pescado menor, e alguma caça de aves e montaria 30 de porcos, que nos mesmos lugares sobre-aguados, entre os lodos e raízes das árvores, se ceva nos frutos delas. E nota o Profeta que não é rio, senão rios, os que isto fazem; porque, ainda que o rio das Amazonas tenha fama de tão enorme grandeza, toda esta

se compõe do concurso de muitos outros rios, que todos desembocam nele, ou juntamente com ele, comunicando e confundindo em si as águas e como unindo e conjurando as forças para este roubo que 5 fizeram àquela terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.*

Continua Isaías a sua descrição, e diz que os habitadores desta província são gente arrancada e despedaçada; e só o Espírito Santo poderá recopilar em 10 duas palavras a história e última fortuna daquela gente.

Quando os Portugueses conquistaram as terras de Pernambuco, desenganados os Índios (que eram mui valentes e resistiram por muitos anos) que 15 não podiam prevalecer contra as nossas armas, uns deles se sujeitaram, ficando em suas próprias terras; outros, com mais generosa resolução e determinados a não servir, se meteram pelo sertão, onde ficaram muitos; outros, caindo para a parte do mar, vieram 20 sair às terras do Maranhão, e ali como soldados tão exercitados com o mais poderoso inimigo, fizeram facilmente a seus habitadores o que nós lhes tínhamos feito a eles.

Desta peregrinação e desta guerra se seguiram 25 naquela gente os dois efeitos que sinala Isaías, ficando uma e outra gente arrancada e despedaçada: os vencedores arrancados, porque os tinham lançado de suas terras os Portugueses; e também despedaçados, assim porque foram ficando a pedaços em vários sítios, como porque depois da vitória lhes foi necessário, para conservarem o violento domínio, dividirem-se em colónias mui distantes uns 30 dos outros; os vencidos também ficaram arrancados, porque os *Tupinambás*, (que assim se chamavam os

Pernambucanos) os arrancaram de suas pátrias; e também e com muito maior razão despedaçados, porque, não podendo resistir, muitos deles fugiram em magotes pelos matos e pelos rios, tomando diferentes caminhos, onde fizeram assento, não sem novos inimigos que ainda mais os despedaçaram; assim que uns e outros ficaram gente arrancada, e uns e outros gente despedaçada: *gentem conculcatam et dilaceratam.*

10 Conhecidos já pela fortuna os descreve o Profeta, e muito particularmente pelo exercício e arte da navegação, em que eram e são os Maranhões mui sinalados entre os Índios, por serem eles, ou os primeiros inventores da sua náutica, como gente nascida e mais criada na água que na terra, ou certamente porque com sua indústria adiantaram muito a rudeza das embarcações bárbaras, de que os primeiros usavam. Tanto assim que a principal nação daquela terra, tomando o nome da mesma arte de 20 navegar e das mesmas embarcações em que lá navegavam, se chamam *Igaruanas*, porque as suas embarcações, que são as canoas, se chamam na sua língua *igara*, e deste nome *igara* derivaram a denominação de *Igaruanas*, como se dissésemos os *náuticos*, os *artífices* ou os *senhores das naus*.

25 Diz pois Isaías que esta gente de que fala é um povo: *Quæ mittit in mare legatos et in vasis papyri super aquas*: «Que manda de uma parte para outra seus negociantes em vasos de cascas de árvores sobre as águas.»

30 As palavras do Profeta todas têm mistério e todas declaram muito a propriedade da gente de que fala. Diz que *as manda o povo*, com quem concorda o relativo *quæ*, porque é gente que não tem reis, mas

o mesmo povo e a mesma nação é a que elege aqueles que lhes parecem de melhor talento, assim para os negócios da paz, como para os da guerra, que tudo isso quer dizer a palavra *legatos*, como se pode 5 ver nos autores da língua latina. Diz mais que *vão sobre as águas em vasos de cascas de árvores*, porque esta era a matéria e fábrica de suas embarcações. Depois que tiveram uso do ferro, cavam os troncos das árvores e fazem de um só madeiro muito 10 grandes canoas, de que o autor desta explicação viu alguma que tinha dezassete palmos de boca e cento de comprimento; mas antes de terem ferro despiam estes mesmos madeiros, cujos troncos são muito altos e direitos, e, tirando-lhes as cascas assim inteiras, 15 delas formavam as suas embarcações. E não faz dúvida dizer o profeta que estas embarcações *iam ao mar*: *Qui mittit in mare*; porque, além de entrarem com elas pelo mar Oceano, o mesmo arquipélago que dizemos, de água doce, se chama na sua língua, 20 por sua grandeza, *mar*, e de aqui veio o nome que os Portugueses lhe puseram de *Grão-Pará* ou *Maranhão*, o que tudo quer dizer *mar grande*, porque *Pará* significa *mar*.

Do que temos dito até aqui ficará mais fácil de 25 entender aquele grande enigma do Profeta, que está nas primeiras palavras deste texto: *Væ terræ cymbalo alarum*; o qual foi sempre o que maior trabalho deu aos intérpretes e os obrigou a dizerem cousas mui violentas e impróprias, como aqueles 30 que falavam a adivinhar, e não adivinhavam nem podiam. Os Setenta Intérpretes, em lugar de *terræ cymbalo alarum*, leram *terræ navium alis*; e uma

32. Vid. A Lápide, *ibid.*, cap. XVIII, § *Tertio...*
(pág. 150).

e outra cousa significam as palavras de Isaías; porque os nomes hebreus de que estas versões foram tiradas, têm ambas as significações e querem dizer: *Ai da terra que tem navios com asas*; ou, *ai da terra que tem sinos com asas*. Se são sinos, como são navios? e se são navios, como são sinos?

5 Esta dificuldade foi atègora o torcedor de todos os entendimentos dos expositores sagrados, de 1600 anos a esta parte; mas como podia ser que entendessem o enigma da terra, senão tinham as notícias, nem a língua dela? Para inteligência do verdadeiro entendimento deste texto ou enigma, se há-de supor que a palavra latina *cymbalum*, com que significamos os nossos sinos de metal, significa também qualquer instrumento com que se faz som e estrondo; 10 e tais eram os címbalos de que usavam antigamente os Gentios, que se chamavam por nomes particulares *sistros crotalos*, ou *crepitáculos*, e por nome geral *címbalos*. Assim o explicou eruditamente Carpenteio, 15 vertendo em verso este mesmo lugar de Isaías:

*Væ tibi, quæ reducem sistris crepitantibus apim
Concelebras, crotalos et inania cymbala pulsas...*

Também se há-de supor que os Maranhões usavam de uns instrumentos a que chamavam *maracás*, 20 não de metal, porque o não tinham, senão de cabaços ou cocos grandes, dentro dos quais metiam seixos ou caroços de várias frutas, duros e acomodados a fazer muito estrondo e ruído, servindo-se

21-22. Trad.: *Ai de ti, que celebras com pandeiros crepitantes a abelha que regressa feliz e pulsas os crótalos e os címbalos vãos.* Vid. À Lápis, ibid. ibid., pág. 150.

dos menores nas festas e nos bailes e dos maiores nas guerras. Estes *maracás* eram propriamente os seus címbalos ou sinos, tanto assim que, depois que viram os sinos de que nós usamos, lhes chamam *5 itamaracás*, que quer dizer, *maracás* ou sinos de metal.

Isto suposto, o expositor que mais foi rastejando o sentido verdadeiro que podia ter este enigma, foi Gabriel Palácio, o qual, no comentário literal deste *10* lugar de Isaías, diz assim: *Fortasse indicus usus non minis cymbali antiquitas inolevit apud Hebreos tempore Isaiae*: «Porventura — diz ele — que no tempo de Isaías as embarcações dos Índios se chamariam entre os Hebreus sinos.» E porque não seria *15* antes, digo eu, que se chamassem *sinos*, ou tomassem nome de *sinos* as embarcações dos Índios, de que Isaías falava, não porque este nome fosse usado entre os Hebreus, senão entre os mesmos Índios? Assim era e assim é, e deste modo fica decifrado e *20* entendido o antiquíssimo e escuríssimo lugar e enigma de Isaías.

As maiores embarcações dos Maranhões chamam-se *maracatim*, derivado o nome da palavra *maracá*, que, como dissemos, significa entre eles *sino*; e a *25* razão de darem este nome às suas maiores embarcações era porque, quando iam às batalhas navais, quais eram ordinariamente as suas, punham na proa um destes *maracás* muito grandes, atados aos gorupezes ou páus compridos; e bolindo de indústria *30* com eles, além do movimento natural das canoas e dos remeiros, faziam um estrondo bárbaramente bélico e horrível; e porque a proa da canoa se chama *tim*, tirada a metáfora do nariz dos homens ou do bico das aves, que têm o mesmo nome, e juntando

a palavra *tim* com a palavra *maracá*, chamavam àquelas canoas ou embarcações maiores *maracatim*; e este nome usam ainda hoje, e com ele nomeiam os nossos navios.

5 Nem mais nem menos que os Romanos às suas galés de guerra deram nomes de *rostratas*, pelas pontas de ferro agudas que levavam nas proas, tirado também o nome ou metáfora dos bicos das aves, que chamam *rostros*. Assim que vem a dizer 10 Isaías que a terra de que fala é terra que usa embarcações que têm nomes de sinos; e estas são pontualmente os maracatins dos Maranhões.

Mas não está ainda explicada toda a dificuldade ou propriedade do enigma, porque diz o Profeta que 15 estas embarcações ou estes sinos eram sinos e embarcações com asas: *cymbalo alarum, navium alis*. Os expositores todos dizem que estas asas eram as velas das embarcações e que são as asas dos navios, conforme o poeta: *Velorum pandimus alas*. A qual 20 explicação pudera ser bem admitida, se não tivera a própria e verdadeira; sendo certo que o Profeta não havia de dar por sinal e divisa daquelas embarcações uma cousa tão comum e universal em todas.

Digo pois que fala o texto de verdadeiras asas de 25 aves. Como aqueles gentios não tecem, nem têm panos, é grande entre eles o uso das penas pela formosura das cores com que a natureza vestiu os pássaros, e particularmente o chamado *guardas*, de que há infinita quantidade, grandes e todos ver- 30 melhos, sem mistura de outra cor; destas penas se enfeitam quando se querem pôr bizarros, e principalmente quando vão à guerra, ornando com elas

19. Trad.: *Desfraldemos as asas das velas.*

todo o género de armas, porque não só levam empenadas as setas, senão também os arcos e rodelas, e as partazanas de pau e pedra que chamam *fangan-
-penas*; e quando a guerra era naval, empaveza-
5 vam-se as canoas com asas vermelhas dos guarás,
e as mesmas levavam penduradas dos gorupezes e
maracás das proas; e por isso o Profeta diz que todas
estas cousas via e notava como tão novas: chamou
10 as lanças sinos e sinos com asas: *Navium alis, cym-
balo alarum.*

E porque não faltasse a esta terra a demarcação
ou arrumação, como dizem os geógrafos, da sua
altura, onde a Vulgata leu *gentem expectantem*
15 *expectantem*, a propriedade da letra hebreia, como
diz Foreiro, Pagnino, Vatablo, Sanchez e outros
muitos tão geralmente, é *gentem lineæ lineæ*, gente
da linha de linha; porque os Maranhões são aque-
les que, além da Etiópia, ficam pontual e perpen-
dicularmente bem debaixo da Linha Equinocial,
20 que é propriedade por todos os títulos admirável;
e assim como a palavra *lineæ* se repete, está também
repetida no mesmo texto a palavra *expectantem*;
com que vem a concluir o Profeta o seu principal e
total intento, que é exortar os pregadores evangé-
25 licos a que vão ser anjos da guarda daquela triste
gente, que tanto há mister quem a encaminhe como
quem a defenda: *Ite, angeli veloces, ad gentem*
expectantem, expectantem: gente que está esperan-
do, esperando. Porque entre todas as gentes do Bra-
30 sil os Maranhões foram os últimos a quem chegaram
as novas do Evangelho e o conhecimento do ver-
dadeiro Deus, esperando por este bem, que tanto

14. Vid. A Lápide, ibid. § *Ad gentem tem...*

tardou a todos os Americanos, mais que todos eles. No Brasil se começou a pregar a Fé no ano de 1550, em que o descobriu Pedro Álvares Cabral; e no Maranhão no ano de 1615, em que o conquistou 5 Alexandre de Moura, esperando mais que todos os outros Brasis sessenta e cinco anos. Mas hoje estão ainda em pior fortuna, padecendo aquele *væ* do Profeta: *Væ terræ cymbalo alarum*; porque o estado da esperança se lhes tem trocado no de desesperação. 10 E esperam de se salvar os que de tantos danos e danos são causa?

Muito largos temos sido na exposição deste texto, mas foi assim necessário por sua dificuldade e por não estar até hoje entendido. Deixo muitos outros 15 lugares do Profeta Isaías, o qual verdadeiramente se pode contar entre os cronistas de Portugal, segundo fala muitas vezes nas espirituais conquistas dos Portugueses e nas gentes e nações que por seus pregadores se converteram à Fé; que o primeiro e 20 principal intento que neles tiveram nossos piedosíssimos reis, como se pode ver do que de El-Rei Dom Manuel, de El-Rei Dom João o II, do Infante Dom Henrique, de El-Rei Dom João o III e de El-Rei Dom Sebastião escrevem seus historiadores.

25 O Profeta Abdias em um só capítulo que escreveu também falou das conquistas de Portugal: *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est, possidebit civitates Austri*. A palavra hebreia *Sepharad*, de que São Jerónimo verteu *Bosphoro*, significa 30 *termo, limite e fim*. Esta mesma palavra *Sepharad*

26-28. Trad.: *E o cativeiro de Jerusalém, que está no Bósforo, posuirá as cidades do Meio-Dia.* Abdias, 20.

29. Vid. S. Jerónimo, *ibid.* Apud A Lápide, § *Et transmigratis.*

é nome com que os Hebreus chamam a Espanha; porque em Espanha está o estreito que divide a Europa de África e Espanha era o *termo, limite e fim* que os Antigos conheciam no Mundo, como 5 testemunham de uma parte as Colunas de Hércules e de outra o cabo de *Finis Terræ*, que são as duas balizas que têm no meio a Portugal. Toda a expli-
10 cação é comum e certa entre todos os autores mais peritos da língua hebraica — Vatablo, Pagnino, Bur-
15 gense, Árias, Lirano, Isidoro Clário e os demais. Diz agora o profeta Abdias que a transmigração de Jerusalém, que passou a Espanha, viria tempo em que possuísse as cidades do Austra.

Mas sobre a transmigração de Jerusalém de que 15 Abdias fala, há duas opiniões entre os autores. Árias Montano, Frei Luís de Leon, Malvenda e outros têm para si que fala da transmigração de Nabucodonosor, o qual, tendo conquistado a Jerusalém e passado seus habitadores para Babilónia, de ali mandou parte 20 deles para Espanha, por ser parte desta província conquista sua, como refere Josefo, Estrabo e outros graves autores, e que veio o mesmo Nabuco em pessoa a fazer esta guerra. Destes hebreus, ou des-
25 terrados ou trazidos por Nabuco, ficaram muitos em Espanha, pela qual fortuna (como notou Santo Agostinho na morte dos infantes de Belém) não tiveram parte na morte de Cristo e conservaram sua

10. À Lápide, *Comment. in Abdiam*, p. 287. § *Porro Heb. e § Porro Sepharad.*

21. Josefo (37-95) é citado na pág. 55. Estrabo ou Estrabão é geógrafo da antiga Grécia, que viveu no 1.º século da nossa era.

23. Vid. Josefo, *De Antiquitate Judæorum*, Lib. XI, cap. XI.

26. Vid. Santo Agostinho, Sermão I, *De Innocentia.*

antiga nobreza, e deles, como escrevem muitas histórias de Espanha, foi fundação a insigne cidade de Toledo, Maqueda, Escalona e outras. Assim querem também que de Nabuco traga seu apelido a ilustre 5 família dos Osórios. Desta transmigração pois (diz Montano e os mais acima alegados) se há-de entender o texto de Abdias; e como o Profeta própria e literalmente falava neste lugar do mesmo cativeiro de Babilónia, é consequência muito ajustada que 10 da profecia do desterro passou, para consolação dos mesmos desterrados, a uma felicidade tão estranha, que delas havia de ter princípio, qual é a que logo diremos.

Nicolau de Lira, Vatablo, Fevardêncio e outros entendem por esta transmigração de Jerusalém a que fez Cristo, mandando daquela cidade e espalhando por todo o Mundo seus Apóstolos, entre os quais coube Espanha a Sant'Iago, e ele por meio de seus discípulos a converteu toda à Fé e desterrou 20 dela a Gentilidade: *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est* (diz Lirano) *in hebreo habetur in Cepharad, id est in Hispania, ubi dicit Rabbi Sa... quod fuit impletum per Jacobum apostolum, et ejus discípulos, ibi fidem Christi primitus prædicantes, et colla gentium subjugantes*, etc. E cum- 25 prida em Sant'Iago a transmigração de Jerusalém, que é a primeira parte da profecia, em seus discí-

3. Vid. *Historia del Patrocinio da le Virgem...*

20-25. Trad.: «E a transmigração de Jerusalém, que está no Bósforo» — em hebreu ocorre Cepharad, isto é — «em Espanha», onde diz Rabi Sa., o que foi realizado pelo Apóstolo Sant'Iago e seus discípulos, nela pregando, de inicio, a Fé cristã e subjugado os povos. N. de Lira, *Biblia Latina cum postillis*, IV Parte, *Comment. in Abdiam*.

pulos, que são os que em Espanha receberam e conservaram sempre a Fé que ele lhes tinha pregado, se cumpriu a segunda parte dela; sendo estes os que depois de tantos séculos vieram a dominar e 5 possuir as regiões do Austro: *Possidebunt civitates Austri*. Assim o entendem também, seguindo esta segunda exposição, Cornélio, José da Costa, António Caracciolo e outros. De maneira que todos estes autores concordam em que a profecia da conquista 10 das regiões do Austro se entende de Espanha; e discordam só na inteligência da transmigração de Jerusalém, entendendo uns que é a de Nabuco pelos Judeus passados à Espanha, e outros que é a de Cristo pelos Apóstolos, quando vieram pregar a ela; 15 mas eu, conciliando facilmente estas duas opiniões e mostrando que a profecia se entende mais particularmente de Portugal, digo que falou o Profeta de uma e outra transmigração, porque de ambas as transmigrações foram os primeiros ministros da Fé 20 que a plantaram em Portugal, de onde ela depois tão felizmente se transplantou às regiões do Austro.

O fundamento que tenho para assim o dizer, porei aqui com as palavras do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, o qual, na primeira parte da *Historia Ecclesiastica Bracharensis*, falando do Apóstolo Sant'Iago, diz desta maneira:

Entrou em Braga o santo Apóstolo, e para entrar com estrondo de trovão (cujo filho o chamara Cristo, Nossa Senhor, se foi a Úa sepultura célebre, onde 25 jazia enterrado de seiscentos anos um santo profeta, judeu de nação, e que ali viera dar com outros cativos mandados de Babilónia por Nabucodonosor,

6. Vid. Cornélio a Lápide, *Comment. in Abdiam*, § *Mysticæ...* pág. 287.

Cristo caminho pelo mar à sua cavalaria, para que pisasse as ondas, e que a guerra que com esta cavalaria havia de fazer, não era para matar os homens, senão para os salvar, e salvando-os, triunfar deles:

5 *Equitatio tua salus; hoc est, evangelistæ tui portabunt te*, diz Santo Agostinho, e verdadeiramente não se podia dizer cousa mais apropriada aos Portugueses.

Os Portugueses foram aqueles cavaleiros a quem

10 Cristo abriu o primeiro caminho pelo mar: *Viam fecisti in mari equis tuis*. Os Portugueses, aqueles cavaleiros que pisaram as ondas do mar, como os cavalos pisam o lodo da terra: *In luto aquarum multarum*; e as naus dos Portugueses, aquelas

15 carroças que levavam pelo mar a Fé, a salvação: *Et quadrigæ tuæ salvatio*. E a primeira empresa e vitória desta cavalaria de Cristo foi a sujeição do mesmo mar bravo, soberbo, furioso e indignado, que ou Cristo lhe sujeitou a eles, ou eles o sujeitaram também a Cristo, para que o reconhecesse e adorasse. O mesmo Profeta o disse assim: *Numquid in mari indignatio tua?* «Porventura, ó Senhor,

20 há-de ser eterna a vossa indignação no mar?» E responde a esta sua pergunta, que o mar submeteria

25 suas ondas: *Gurges aquarum transiit*: que os abismos confessariam a potência de Cristo a vozes:

5-6. Trad.: *A cavalaria é a tua salvação, isto é, os teus Evangelistas te hão-de conduzir*. Santo Agostinho. *De Civitate Dei*, Lib. XVIII, cap. XXXII.

13-14. Trad.: *No lodo das grandes águas*.

16. Trad.: *E as tuas carroças a salvação*.

23. Vid. *Habacuc*, III, 8.

25. Trad.: *O tragadoiro das águas passou*. *Ibid.*, *ibid.*, 10.

Dedit abyssus vocem suam; (Ibid.) e que as suas alturas ou profundidades, com as mãos levantadas o adorariam e reconheceriam por Senhor: *Altitudo manus suas levavit;* e esta foi a primeira vitória de 5 Cristo, e este da sua cavalaria o primeiro triunfo. Mas para que se veja o grande mistério desta metáfora de cavalaria de Cristo, de que usou o Profeta (deixando à parte haver sido esta empresa dos primeiros descobrimentos e conquistas dos Portugueses), por si mesma e na opinião do Mundo tem 10 [esta] cavalaria [tanto valimento,] que não só os mesmos Portugueses, senão ainda os estrangeiros, faziam grande apreço de se armarem nela cavaleiros, como lemos que o fizeram alguns de Alemanha 15 e Dinamarca.

Faz muito ao caso advertir o que escreve o nosso insigne historiador destas conquistas, que quero pôr aqui por suas próprias palavras): *Mas ainda foi acerca dele* (fala do Infante D. Henrique) *outra 20 cousa muito mais eficaz, que era a obrigação do cargo e administração que tinha de governador da Ordem da Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo, que El-Rei D. Dinis, seu tresavô, para esta guerra dos Infiéis ordenou e novamente constituiu.* E mais 25 abaixo no mesmo cap., que é o 2.^o do liv. 1.^o, Década 1.^a: *Assentou em mudar esta conquista para outras partes mais remotas de Espanha, do que eram os reinos de Fez e Marrocos, com que a despesa deste caso fosse própria dele e não taxada por*

1. Trad.: *O abismo fez ouvir a sua voz.* Ibid., ibid., ibid.

3-4. Trad.: *A profundidade levantou as suas mãos.* Ibid.

Cristo caminho pelo mar à sua cavalaria, para que pisasse as ondas, e que a guerra que com esta cavalaria havia de fazer, não era para matar os homens, senão para os salvar, e salvando-os, triunfar deles:

5 *Equitatio tua salus; hoc est, evangelista tui portabunt te*, diz Santo Agostinho, e verdadeiramente não se podia dizer cousa mais apropriada aos Portugueses.

Os Portugueses foram aqueles cavaleiros a quem
 10 Cristo abriu o primeiro caminho pelo mar: *Viam fecisti in mari equis tuis*. Os Portugueses, aqueles cavaleiros que pisaram as ondas do mar, como os cavalos pisam o lodo da terra: *In luto aquarum multarum*; e as naus dos Portugueses, aquelas
 15 carroças que levavam pelo mar a Fé, a salvação: *Et quadrigae tuæ salvatio*. E a primeira empresa e vitória desta cavalaria de Cristo foi a sujeição do mesmo mar bravo, soberbo, furioso e indignado, que ou Cristo lhe sujeitou a eles, ou eles o sujeitaram também a Cristo, para que o reconhecesse e adorasse. O mesmo Profeta o disse assim: *Numquid in mari indignatio tua?* «Porventura, ó Senhor, há-de ser eterna a vossa indignação no mar?» E responde a esta sua pergunta, que o mar submeteria
 20 suas ondas: *Gurges aquarum transiit*: que os abismos confessariam a potência de Cristo a vozes:
 25

5-6. Trad.: *A cavalaria é a tua salvação, isto é, os teus Evangelistas te hão-de conduzir*. Santo Agostinho. *De Civitate Dei*, Lib. XVIII, cap. XXXII.

13-14. Trad.: *No lodo das grandes águas*.

16. Trad.: *E as tuas carroças a salvação*.

23. Vid. *Habacuc*, III, 8.

25. Trad.: *O tragadoiro das águas passou*. *Ibid.*, *ibid.*, 10.

Dedit abyssus vocem suam; (Ibid.) e que as suas alturas ou profundidades, com as mãos levantadas o adorariam e reconheceriam por Senhor: *Altitudo manus suas levavit;* e esta foi a primeira vitória de

5 Cristo, e este da sua cavalaria o primeiro triunfo.

Mas para que se veja o grande mistério desta metáfora de cavalaria de Cristo, de que usou o Profeta (deixando à parte haver sido esta empresa dos primeiros descobrimentos e conquistas dos Portugueses), por si mesma e na opinião do Mundo tem [esta] cavalaria [tanto valimento,] que não só os mesmos Portugueses, senão ainda os estrangeiros, faziam grande apreço de se armarem nela cavaleiros, como lemos que o fizeram alguns de Alemanha

15 e Dinamarca.

Faz muito ao caso advertir o que escreve o nosso insigne historiador destas conquistas, que quero pôr aqui por suas próprias palavras): *Mas ainda foi acerca dele* (fala do Infante D. Henrique) *outra 20 cousa muito mais eficaz, que era a obrigação do cargo e administração que tinha de governador da Ordem da Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo, que El-Rei D. Dinis, seu tresavô, para esta guerra dos Infiéis ordenou e novamente constituiu.* E mais

25 abaixo no mesmo cap., que é o 2.^o do liv. 1.^o, Década 1.^a: *Assentou em mudar esta conquista para outras partes mais remotas de Espanha, do que eram os reinos de Fez e Marrocos, com que a despesa deste caso fosse própria dele e não taxada por*

1. Trad.: *O abismo fez ouvir a sua voz.* Ibid., ibid., ibid.

3-4. Trad.: *A profundidade levantou as suas mãos.* Ibid.

outrem; e os méritos de seu trabalho ficassem metidos na Ordem e Cavalaria de Cristo que ele governava; de cujo tesouro podia pretender. De sorte que dizer o Profeta que Cristo havia de abrir 5 caminho no mar à sua cavalaria, e que a empresa havia de ser a salvação das almas, não só tem a formosura da metáfora, senão a propriedade do caso, e a verdade da história e cumprimento da profecia; pois verdadeiramente esta admirável em- 10 presa foi obra, não de outro príncipe, senão de um que era propriamente administrador e governador da Ordem da Cavalaria de Cristo, e feita, não com outras despesas, senão com as rendas e tesouros da mesma cavalaria e serviços e merecimentos pró- 15 prios dela.

E porque o maior ministro do Evangelho que se embarcou nas carroças desta cavalaria, para levar a salvação às terras e gentes que ela descobriu e conquistou, foi o grande Apóstolo da Índia S. Francisco Xavier, cujos primeiros trabalhos foram os da navegação da costa de África e pregação da Fé em Moçambique, é cousa memorável e muito digna de se referir neste lugar, que também ele foi cavaleiro da mesma Ordem.

25 Na *História* do P.^o Marcelo Mastrilli, a quem S. Francisco Xavier restituíu milagrosamente a vida, para que a fosse dar por Cristo no Japão, onde padeceu glorioso martírio, se conta uma visão em que o mesmo santo apóstolo apareceu vestido com 30 o manto branco da Ordem de Cristo e com cruz vermelha no peito, como insigne cavaleiro desta santa cavalaria, e que tanto adiantou em nossas Conquistas a glória de sua empresa. Singular prerrogativa, por certo, da Ordem dos Cavaleiros de

Cristo de Portugal, não havendo outra entre todas as da Cristandade, que se possa gloriar de ter tão ilustre cavaleiro, nem de que sobre os dotes da glória se vestisse o seu manto e a sua cruz; mas todo 5 este favor do Céu merece uma cavalaria que tanto mar, tanto mundo e tantas almas conquistou para o mesmo Céu.

Para confirmação de tudo isto, e para que os Portugueses conheçam quanto devem a Deus, pelos 10 escolher para instrumentos de obras tão admiráveis, e para que se não admirem quando lhes dissermos que os tem escolhido para outras maiores, não pode haver melhor testemunho que o proémio do mesmo Profeta, com que deu princípio a este cântico triunfal das vitórias de Cristo: *Domine*, (começa ele) *audivi auditionem tuam et timui. Domine, opus tuum in medio annorum vivifica illud. In medio annorum notum facies: cum iratus fueris, misericordiae recordaberis*. Quando Deus revelou ao Profeta e 15 quando ouviu de sua boca o que havia de fazer aos vindouros, diz que ficou cheio de temor e assombro (assim o interpretaram os Setenta, acrescentando por modo de glosa no mesmo texto: *Consideravi opera tua, et expavi*). Porque não houve obra de 20 Deus, depois do princípio e criação do Mundo, que mais assombrasse e fizesse pasmar aos homens que 25

15-19. Trad.: *Senhor, eu ouvi a tua voz, e tive medo. Senhor, pelo que toca à tua obra, vivifica-a no decorrer dos anos. No decorrer dos anos a farás notória. Quando estiveres irado, lembrar-te-ás da tua misericórdia.* Ibid., ibid., v. 1-2.

23-24. Trad.: *Considerei as tuas obras e fiquei assombrado.* Vid. A Lápide, ibid., v. 2, pág. 417.

o descobrimento do mesmo Mundo, que tantos mil anos tinha estado incógnito e ignorado; nem que maior nem mais justo temor deva causar aos que bem ponderarem esta obra, que a consideração dos 5 ocultos juízos de Deus, com que por tantos séculos permitiu que tão grande parte do Mundo, tantas gentes e tantas almas vivessem nas trevas da infidelidade, sem lhes amanhecerem as luzes da Fé; tão breve noite para os corpos e tão comprida noite 10 para as almas. Mas no meio desses compridíssimos anos, diz o Profeta que faria Deus que se descobrisse e conhecesse o que até então estava oculto: *In medio annorum notum facies*; e que tendo durado tantos séculos sua ira contra aquelas gentes 15 idólatras, em fim se lembraria de sua misericórdia: *Cum iratus fueris, misericordiæ recordaberis*; e que então tornaria o Senhor a vivificar e ressuscitar a sua obra: *Opus tuum, in medio annorum vivifica illud*.

20 Os Setenta, traduzindo juntamente e explicando, leram: *Cum appropinquaverint anni, cognosceris*: «Quando chegarem os anos determinados por vossa providência, então sereis conhecido.» E este novo conhecimento que Deus deu àquelas nações por 25 meio dos nossos apóstolos e pregadores da sua Fé, foi tornar a ressuscitar a mesma obra, que tinha começado pelos primeiros apóstolos que naquelas mesmas terras a pregaram, e com o tempo estava em algumas partes amortecida e em outras total-

21. Vid. Cornélio a Lápide, *ibid.* § *Tertio...* pág. 417.

mente morta. Isto quer dizer: *Opus tuum vivifica illud*: ou, como translada Símaco: *Reviviscere fac ipsum*. E o mesmo profeta mais abaixo se comenta a si mesmo, dizendo: *Suscitans suscitatis arcum tuum*. «Vós, Senhor, tornareis a ressuscitar o vosso arco» (que é a sua cruz), por meio de cuja pregação ressuscitaria também a Fé e as vitórias dela naque-las nações.

Assim o profetizou na Índia seu primeiro Apóstolo, S. Tomé, quando na cidade de Meliapor, então famosíssima, levantando uma cruz de pedra em lugar distante das praias, não menos que doze léguas, lhes disse e mandou esculpir no pé dela, que quando o mar ali chegassem, chegariam também de partes remotíssimas do Ocidente outros homens da sua cor, que pregassem a mesma Cruz, a mesma Fé e o mesmo Cristo que ele pregava.

Cumpriu-se pontualmente a profecia, porque o mar, comendo pouco a pouco a terra, chegou ao lugar sinalado, e no mesmo tempo chegaram a ele os Portugueses.

Igual glória (e não sei se maior de Portugal) a da Índia, que ainda tivesse a S. Tomé por seu apóstolo e Portugal por seu profeta. Ainda Portugal não era de todo cristão, e já os Apóstolos plantavam as balizas da Fé em seu nome e conheciam e pregavam que ele era o que havia de fazer cristão ao

2-3. Trad.: *Fá-la reviver...*

6. Vid. Habacuc, *ibid.* 9.

17. Vid. *Ásia Portuguesa*, de Faria e Sousa, Parte III, VII, § 11. Vieira parafraseia F. ed. 1.

Mundo. Lembre-se outra vez Portugal destas obrigações, e de quanto lhe merece Cristo.

O Profeta Sofonias, no cap. III, também falou mui particularmente neste glorioso assunto: *Ultra*

5 *flumina Æthiopiæ* (diz ele, ou por ele Deus) *inde supplices mei, filii dispersorum meorum deferent munus mihi.* As quais palavras entendem Árias, Vatablo, Castro e Cornélio das nações que estão além do Tigres e do Eufrates, isto é, dos Chinas, 10 Japões e outras gentes da Índia menos remotas, que por meio das pregações dos Portugueses se haviam de ajoelhar diante dos altares de Cristo e lhe haviam de levar e oferecer seus dons em testemunho de o reconhecerem por seu Deus; mas contra esta explicação parece que se opõem as primeiras palavras do texto, que verdadeiramente falam das gentes que estão *além do rio da Etiópia*: *Ultra flumina Æthiopiæ inde supplices mei.* Logo, segundo o que acima deixámos dito, não se pode entender este texto das gentes orientais. Por este argumento há outros autores que o entendem do Brasil e da América, e posto de um e outro modo, sempre o oráculo ou elogio deste Profeta nos fica em casa. Digo que de uma e outra terra, e de uma e outra 25 gente se pode entender.

E a razão é porque, segundo Estrabo, Eforo, Heródoto e outros, debaixo do mesmo nome de

4-7. Trad.: *De além dos rios da Etiópia virão os que me dirigem súplicas; virão os filhos dos meus que estão dispersos trazer-me os seus presentes.* Sofonias, III, 10. Vid. A Lápide, *Commentaria in Sophoniam*, § Tertio... pág. 455.

18. Vid. A Lápide, *ibid.*, § Secundo...

26. Estrab ou Estrabão. Vid. pág. 245. Eforo é historiador grego do século III A. de C.

Etiópia se comprehendiam antigamente duas Etiópias: uma oriental, que estava na Ásia além do Tigres e Eufrates, donde era a mulher de Moisés, chamada por isso Etiopissa; e outra ocidental, na 5 África, que são todas aquelas terras que cerca o mar Oceano, desde Guiné até o mar Roxo.

As palavras de Heródoto são estas: *Hi Æthiopes, qui sunt ab ortu Solis, sub Pharnarzatre, censebantur cum Indiis specie nihil admodum a cæteris differentes, sed sono vocis dumtaxat, atque capillatura.* Nam Æthiopes qui ab ortu Solis sunt, permixtos crines; qui ex Africa, crespissimos inter homines habent. De sorte que também havia Etiópes na Ásia, como são hoje os que se conservam com o mesmo 15 nome na África, e só se distinguiam uns dos outros no som da voz e no cabelo; porque os da Ásia tinham o cabelo solto e corredio e os da África crespo e retorcido; a qual distinção não só é necessária para o entendimento de muitos lugares das 20 Escrituras, senão ainda dos historiadores e poetas antigos, que de outro modo se não podem bem entender.

Nem faça dúvida a esta distinção a palavra *Chus*, de que usa indistintamente o original hebreu, donde

7-13. Trad.: *Estes Etiópes, que ficam nas partes onde o Sol nasce, no tempo de Farnazarte eram considerados apenas diferentes dos Índios, no som da voz e nos cabelos; porquanto os Etiópes das bandas do Nascente têm os cabelos soltos e misturados, enquanto os que habitam a África têm-nos encrespadíssimos.* Heródoto, Lib. VII, cap. LXX.

18. Vid. Cornélio A Lápide, *ibid.*, § *Ultra flumina e § Tertio e outros.* Pág. 455.

nós lemos *Æthiopæ*; porque Membrot, filho de *Chus* e neto de *Cham*, deu o nome de seu pai às terras orientais, onde habitou e povoou. Os descendentes deste mesmo Membrot e deste mesmo *Chus*, como 5 diz Eforo, referido por Estrabo, e os que depois passaram à África e a povoaram, levaram consigo o nome que tinham herdado de seu pai e de seu avô; e assim como uns e outros na língua latina se chamam *Æthiopes*, e a sua terra *Ethiopia*, assim uns 10 e outros na língua hebreia se chamam *Chuteos* e a sua terra *Chus*. Donde se segue que quando na Escritura se acha este nome sem outra diferença, (como neste lugar de Sofonias) se pode entender de qualquer das Etiópias; porém quando se ajuntam 15 na história ou narração algumas diferenças que o determinem, então se há-de entender determinadamente ou só da Etiópia Oriental ou só da Ocidental, como nós fizemos no texto de Isaías últimamente referido.

20 No cap. XVI, 12, do *Apocalipse*, diz S. João: *Et sextus angelus effudit phialam suam in flumen illud magnum Euphraten: et siccavit aquam ejus, ut præpararetur via regibus ab ortu Solis:* Que «o sexto anjo derramou sua redoma sobre aquele grande rio 25 Eufrates e que secou suas águas, para aparelhar o caminho aos reis do Oriente». O maior impedimento de água que tinham os reis do Oriente para passar a Jerusalém, era o rio Eufrates, por ser o mais profundo e mais caudaloso da Ásia; e este impedimento 30 diz S. João que se lhes havia tirar, de modo que se pudesse passar o Eufrates a pé enxuto. Mas debaixo das figuras deste enigma se significava outra melhor Jerusalém, que é Roma, cabeça da Igreja, e outro melhor Eufrates, que é o mar Oceano, pelo qual se

abriu caminho aos reis do Oriente, para que pudessem vir à Igreja.

Assim como o Profeta Jeremias chamou ao Eufrates *mar*, não é muito que S. João chamasse ao mar *5 Eufrates*, principalmente acompanhado daqueles dois epítetos de alusão a grandeza: *Illud magnum Euphatem*. E este grande *Eufrates* é aquele grande mar, pelo qual os Portugueses (maior façanha e ventura que a do outro Ciro) fizeram passagem a *10* pé enxuto nas suas grandes naus da Índia, para levarem nelas a Fé ao Oriente e trazerem tantos reis orientais à obediência e sujeição da Igreja. Não sou eu nem autor português (como quase todos os que até agora tenho alegado) o que isto digo, senão *15* o doutíssimo Genebrardo, insigne professor parisiense das Letras Sagradas, falando em geral dos Espanhóis e em particular dos Portugueses, a quem só pertence a conversão dos reis do Oriente, o diz assim sobre este mesmo lugar do *Apocalipse*.

20 O mesmo Evangelista Profeta S. João, no cap. X, diz que viu descer do Céu um anjo forte, cujas insígnias descreve largamente, que nós pode ser expliquemos em outro lugar. Neste basta dizer que tinha na mão um livro aberto: *Et habebat in manu sua libellum apertum*, e que pôs o pé esquerdo sobre a terra e o direito sobre o mar: *Et posuit pedem suum dextrum super mare et sinistrum super terram*.

Este anjo forte (diz Pedro Bulêngero) é Cristo; o livro, o Evangelho explicado; e os pés de seu corpo

28. Bulêngero. Não encontrei o passo citado, na única obra que do A. pude consultar.

místico, que é a Igreja, os pregadores apostólicos que levam pelo Mundo ao mesmo Cristo e seu Evangelho, entre os quais o pé esquerdo, que está sobre a terra, são aqueles que, sem saírem da terra firme, 5 pregaram nela; o pé direito, que está sobre o mar, os que, navegando às regiões apartadas e remotas do nosso hemisfério, levam a elas a Fé de Cristo e a luz de seu Evangelho; donde se segue que o pé direito que Cristo pôs sobre o mar para esta gloriosa 10 evangélica empresa, são, entre todas as nações do Mundo, por excelência os Portugueses. Não os nomeou por seu nome este autor, mas nomeou-os por suas obras, e é o mais honrado nome e de maior estimação que lhes podia dar, explicando-se com as 15 palavras seguintes: *Istud nostra memoria factum videmus, quæ quidem regna a nobis longe dissita et incognitæ regiones tæterrimo dæmonum cultui additæ sunt, opera patrum Societatis nominis Jesu ad Christi religionem traducta sunt. Sinenses enim, qui 20 populi ad veteres Indias expectant, et infideles sunt, (relicto dæmonum cultu, ad octo millia primum) et in his reges et principes, permultique proceres et optimates sub anno Domini 1564, Christi Jesu fidem suscepérunt; deinde multa Indorum insulæ et re- 25 giones christianam, catholicamque amplexerunt doctrinam, et integræ civitates sacro sunt ablutæ baptimate.*

«Em cumprimento desta profecia (diz Bulêngero, alegando a Súrio), vemos que os reinos e regiões

27. Vid. A Lápide, *Comment. in Apocalipsem, cap. X, vers. 2 §§ ...Aliam...* E ainda Alcazar, *Vestigatio arcani sensus in Apocalypsi*, sobre o mesmo texto.

29. Lourenço Súrio, em seu *Commentarius Brevis rerum in orbi gestarum* (1602) refere-se a esta conversão dos Chineses, no ano indicado. Pág. 598-99.

muito apartadas de nós, que adoravam nos ídolos aos demónios, pela indústria dos padres da Companhia de Jesus, se têm passado à verdadeira religião; porque os Chinas, que pertencem às antigas Índias, 5 e são infiéis e gentios, deixando o culto da idolatria no ano de 1564, receberam a Fé de Cristo em número de 8.000, em que entraram os príncipes e reis e muitos grandes senhores; e em outras muitas ilhas e terras, de tal maneira os Índios abraçaram a dou- 10 trina cristã e católica, que as cidades se baptizaram.» Tão facilmente triunfa Cristo pela voz e espada dos Portugueses, com o pé direito no mar e o livro na mão direita!

No capítulo seguinte se verão muitos lugares de 15 vários Profetas, explicados por autores que escreveram de cem anos a esta parte, depois que por meio da navegação do mar Oceano se quebrou o fabuloso encantamento dos negados antípodas e se descobriram tantas terras e gentes, não só incógnitas aos 20 Antigos, mas nem ainda presumidas ou imaginadas deles. Ali veremos as admiráveis propriedades e miudíssimas circunstâncias com que os mesmos Profetas falaram dos mares, das ilhas, das navegações, das terras, dos sítios, dos rios, das minas, das árvores, dos frutos, das gentes, dos costumes, da cegueira 25 e infelicidade em que viviam, e sobre tudo da Fé e luz do Evangelho, com que por meio dos pregadores de Cristo o haviam finalmente de conhecer, adorar e servir, como hoje, com tanta glória da Igreja, 30 conhecem, adoram e servem.

Agora só pergunto: Como era possível que aqueles antigos e antiquíssimos autores explicassem neste sentido aos Profetas? Ou como podiam entender nem perceber que destas gentes, e destas terras, e

destes mares, falavam os seus oráculos e profecias? Se criam tão firme e assentadamente que não havia nem podia haver antípodas, como podiam explicar as profecias dos antípodas? Se criam que a imensidão do mar Oceano não era navegável e tinham este pensamento por absurdo, como haviam de entender as profecias destas navegações e destes mares? Se queriam que a zona tórrida era um perpétuo incêndio, e totalmente abrasada e inabitável, 10 como haviam de interpretar as profecias dos habitadores da zona tórrida? Como haviam de cuidar, nem lhes havia de vir ao pensamento que os Profetas falavam dos Americanos, se não sabiam que havia América? Como dos Brasis, se não havia 15 Brasil? Como dos Peruanos e Chiles, se não sabiam que havia Peru nem Chile? Como haviam de interpretar os Profetas das ilhas desertas ou povoadas do Oceano, se não sabiam que havia no Mundo tais ilhas? Como dos Etiópes ocidentais, 20 se não sabiam que havia tal Etiópia? Como dos Japões, se não sabiam que havia Japões? Como dos Chinas, se não sabiam que havia China? Se os Profetas nas figuras enigmáticas dos seus oráculos se declararam pela natureza, propriedade, 25 costumes, exercícios e histórias das gentes e reinos de que falam, como haviam de vir em conhecimento dessas gentes e desses reinos os que não podiam saber sua natureza, suas propriedades, seus exercícios e seus costumes, nem suas histórias? Se declararam as terras pelos sítios, pelos rios, pelas árvores, 30 pelos frutos, pelas minas e seus metais, como podiam conhecer nem atinar com as terras os que não tinham notícia de tais sítios, de tais rios, de tais minas, de tais árvores, nem de tais frutos? E se

ainda hoje, depois de descobertas e conhecidas estas terras e estas gentes, e se terem escrito tantos livros de sua história natural e política, ainda por falta de notícias mais particulares e miúdas, se não acerta 5 mais que em comum e individualmente com algumas das terras e gentes de que os profetas falaram, que seriam na confusão escuríssima da Antiguidade, em que nenhuma destas cousas se sabia nem se imaginava, antes as contrárias delas se tinham por ave- 10 riguadas e certas?

Frei João de la Puente, naquele seu erudito livro da *Conveniência das duas monarquias, romana e espanhola*, trabalhando por explicar de Espanha certo lugar de Isaías, diz assim dos teólogos, sendo 15 ele mestre em Teologia: *La falta de Geographia y la de otras artes liberales es causa que los teólogos non atinem con el sentido de la divina Escritura*. E isto que se não pode dizer dos teólogos do nosso tempo, sem grande nota de sua ciência e 20 diligência, depois do Mundo estar tão descoberto e conhecido, é obrigação e força que digamos ou suponhamos dos teólogos antigos, por doutíssimos e sácientíssimos que fossem, como verdadeiramente eram, sem agravo, nem menos decoro de sua erudi- 25 ção e grande sabedoria, porque sabiam a geografia do seu mundo e não podiam saber nem adivinhar a do nosso. Só por nova revelação e luz sobrenatural podiam conhecer os autores daquele tempo o que nós tão fácil e naturalmente conhecemos hoje; 30 mas esta revelação, esta luz e posto que fossem va-

11. Frei João de la Puente. *Conveniencias de las dos Monarquias Catolicas, de la Inglesia Romana y del Imperio Español*, Liv. III, cap. 31.

rões santíssimos e tão favorecidos de Deus, não quis o mesmo Deus que eles então a tivessem, porque era disposição mui assentada da sua providência que estas cousas se não soubessem, e estivessem 5 ocultas até àqueles tempos medidos e taxados por ele, em que tinha decretado que se soubessem e descobrissem.

Diz o Apóstolo S. Paulo que acomodou Deus e repartiu os séculos conforme os decretos da sua pa- 10 lavra, para que cousas invisíveis se fizessem visíveis: *Fide intelligimus aptata esse sæcula verbo Dei, ut ex invisibilis, visibilia fiant*; por onde não é muito que tanta parte do Mundo, e as gentes que o habi- 15 tavam, estivessem ignoradas e invisíveis por tantos séculos, e que depois chegasse um século em que se descobrissem e fossem visíveis; e assim como, cor- 20 rida esta cortina, se descobriram e manifestaram as terras e gentes de que tinham falado os Profetas, assim se entenderam e descobriram também os se- gredos e mistérios de suas profecias.

Destas terras ultramarinas, encobertas e incógnitas, falava Isaías, quando disse no cap. XXIV: ...*in doctrinis glorificate Dominum; in insulis maris non men Domini, Dei Israel.* E logo acrescentou: *Secretum meum mihi, secretum meum mihi*: «Este se- 25 gredo é só para mim; este segredo é só para mim.» E se na mesma profecia estavam profetizadas as cousas, e mais o segredo delas, como podia ser que contra a verdade infalível da profecia soubessem os

11-12. Vid. *Epistola aos Hebreus*, XI, 3.

22-24. Trad.: ...*glorificai ao Senhor na doutrina, nas ilhas do mar ao nome do Senhor, Deus de Israel.* Isaías, XXIV, 15.

Antigos deste segredo, antes de chegar o tempo em que Deus tinha determinado de o revelar?

O cântico do profeta Habacuc, que também trata destes novos descobrimentos ou triunfos da Fé e 5 da conversão destas gentes, tem por título *Pro ignorantibus*. E se o conselho de Deus foi que o entendimento ou de todas ou de muitas cousas que ali contou o Profeta, se ignorasse; que agravos ou des-10 crédito é ou pode ser dos antigos sábios, que para eles fossem ocultas, incógnitas ou ignoradas? Podem os homens ocultar os seus segredos, e Deus não será senhor de reservar os seus, sendo logo certo que estes segredos da Providência Divina se não 15 podiam alcançar por ciência humana, e que a mesma Providência tinha decretado que se não soubessem por revelação?!

LAUS DEO

ÍNDICE

Pág.

CAPÍTULO I

Declara-se a primeira parte do título desta <i>História</i> e quão própria é da curiosidade humana a sua matéria	I
--	---

CAPÍTULO II

Segunda parte do título desta <i>História</i> ; convidam-se os Portugueses à lição dela	10
--	----

CAPÍTULO III

Terceira parte do título e divisão de toda a <i>História</i>	19
--	----

CAPÍTULO IV

Utilidades da <i>História do Futuro</i>	27
§ I	27
§ II — Primeira utilidade	29
Breve advertência aos incrédulos	37

CAPÍTULO V

Segunda utilidade	41
-------------------------	----

CAPÍTULO VI

Terceira utilidade	52
--------------------------	----

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Pág.

CAPÍTULO VII

Última utilidade	70
------------------------	----

CAPÍTULO VIII

Continua a mesma matéria	88
--------------------------------	----

CAPÍTULO IX

Virtude desta <i>História</i> . Declara-se o modo com que se pode conhecer e saber os futuros	122
---	-----

CAPÍTULO X

Resposta a uma objecção: mostra-se que o melhor comentador das profecias é o tempo	138
--	-----

CAPÍTULO XI

Declara-se qual seja a novidade desta <i>História</i> e que as cousas novas, por novas, não desmerecem o crédito de sua verdade	155
---	-----

CAPÍTULO XII

Dá-se a razão por que em algumas partes desta <i>História</i> se não alegaram Padres e seguiram exposições dos escritores modernos	178
Prova-se a primeira razão	179

SEGUNDA RAZÃO

Discorre-se sobre as cousas que no tempo dos Padres houve para alguns lugares dos Profetas não poderem ser entendidos inteiramente	195
Referem-se vários lugares dos Profetas que os expo- sidores modernos entendem dos antípodas e con- quistas de Portugal	209

CORREÇÕES E ADITAMENTOS

Pág. 17 linha 11-12 *prometeu o futuro... mostrou o presente* corrija-se para *prometeu-O futuro... mostrou-O presente*.

» 23 » 13 *suldit* corrija-se para *subdidit*. (Na nota correspondente, *submeteu-se... fechou*).

» 71 » 19 *ele* corrija-se para *ela*.

» 77 » 28 *super* *superavi* corrija-se para *super-speravi*.

» 92 » 13-14 *propitius tibi Deus...* *redimes* corrija-se para *propitius sit tibi Deus...* *redimeris*.

» 95 » 26 *IX* corrija-se para *LX*.

» 100 » 19 *augusta* corrija-se para *arguta*.

» 102 » 34 *VI* corrija-se para *LX*.

» 111 » 2 *dá* corrija-se para *há*.

» 119 » 240 *grande!* corrija-se para *ó grande Rei!*

» 138 nota *Trogos* corrija-se para *Trogo*.

» 144 nota *B. N.* corrija-se para *A. N.*

» 154 » 7 *Paulo Judeu* corrija-se para *Paulo, judeu*.

» 156 » 4 *Platins* corrija-se para *Platinos*.

» 184 » 23 *tracteret* corrija-se para *tractaret*.

Pág. 184 nota *Prologues* corrija-se para *Prologus*.
" 200 " 15 *afundavam* corrija-se para *fundavam*.
" 202 " 26 *contém* corrija-se para *contem*.
" 206 " 11 *cominus* corrija-se para *quominus*. (Na
 nota correspondente leia-se: *abrasada*
 de chamas por pouco se não funde ao
 calor.)

A nau *Vitória* (p. 169, linha 19) era uma das da esquadra de F. de Magalhães, e nela Sebastião del Cano completou a volta ao Mundo.